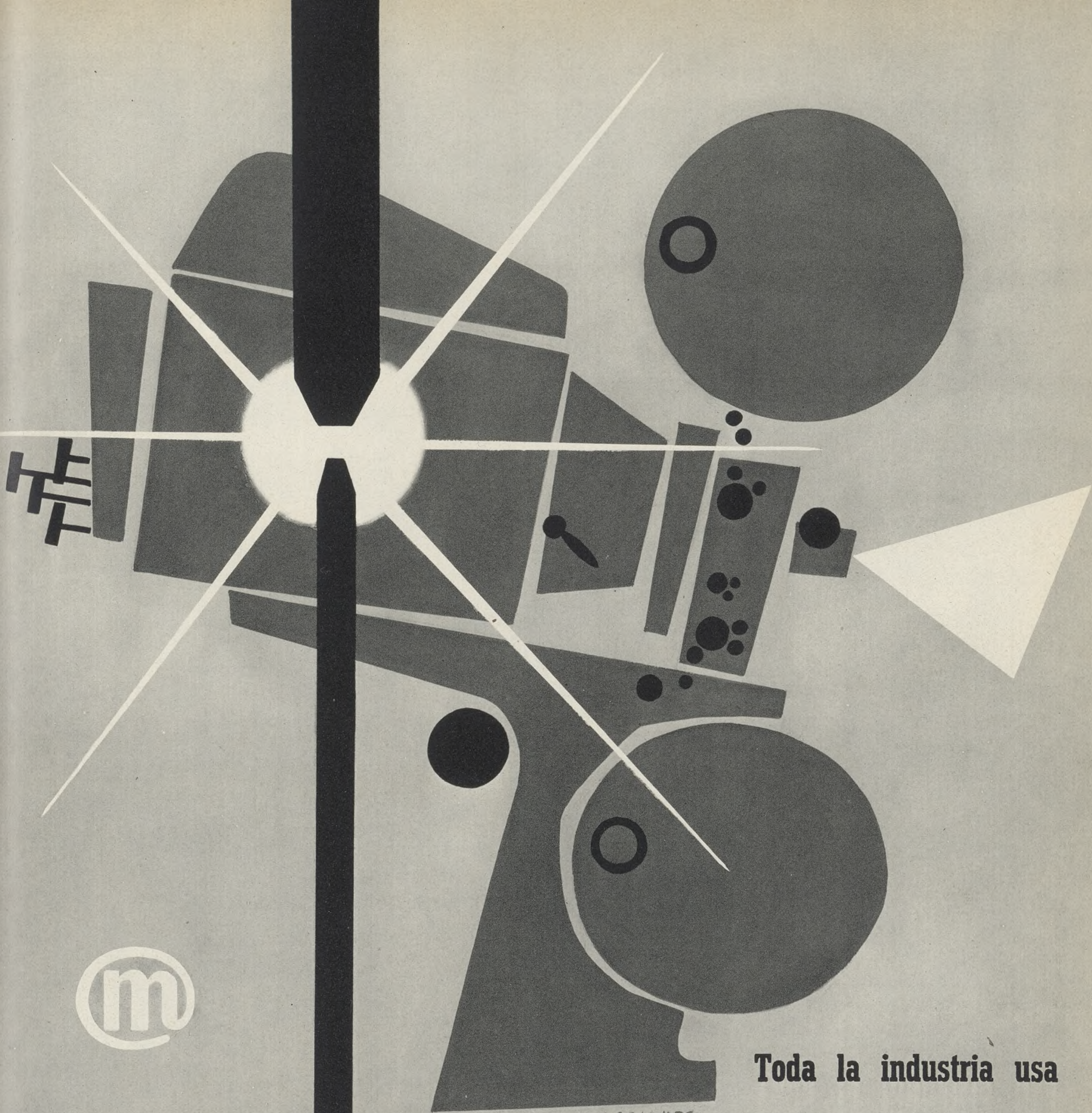

MUNDO
HISPANICO
NUMERO 129
25 PESETAS
ESPECIAL DEDICADO A
BRASIL



CARBONES ELECTRICOS **GELTER**

C. Móstoles s.a.

GELTER MARCAS REGISTRADAS

Fábrica:
MADRID
Antracita, 10 al 16

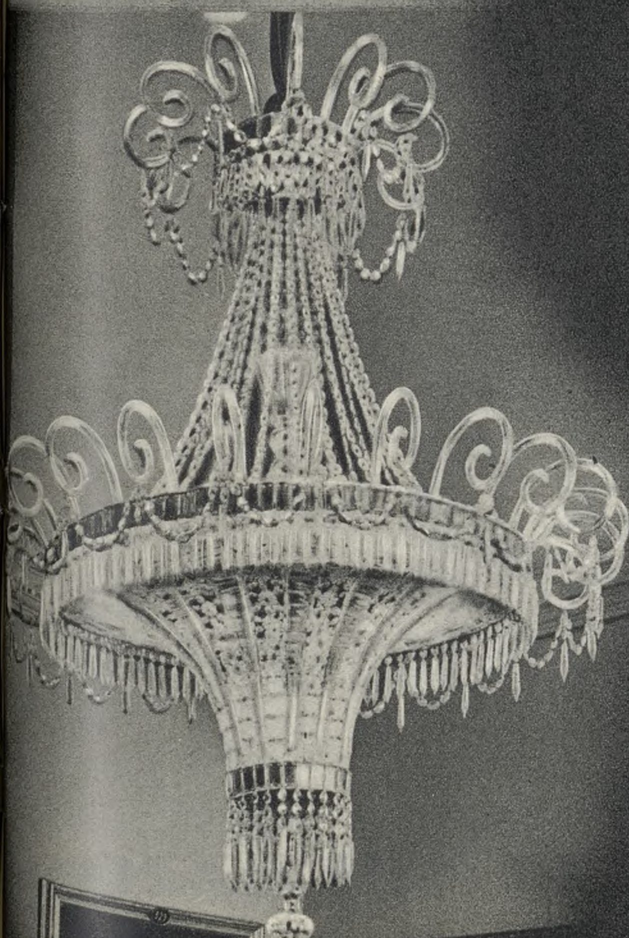
Fábrica:
BARCELONA
Esplugas del Llobregat


LA CASA PEDRO DOMECQ TIENE POR NORMA DESDE SU
FUNDACION EN 1730, NO CONCURRIR CON SUS PRODUCTOS
A NINGUNA EXPOSICION NACIONAL NI EXTRANJERA
FUNDADOR
FUNDADOR
1874
Pedro Domecq
CASA FUNDADA EN 1730
JEREZ DE LA FRONTERA

ARTIFICES DE LA ARTESANIA ESPAÑOLA









El cristal y el bronce son, sin duda, los materiales con los que el artista español ha conseguido realizar sus obras más primorosas y en los que ha dejado su más profunda huella de belleza. Los que llegan a nuestra patria se admiran ante la suntuosidad y buen gusto de las lámparas, candelabros y arañas de estilo de Pedro Tendero, acreditado fabricante, que ha contribuído con sus artículos más selectos y depurados al sólido prestigio de que actualmente goza en el mundo la artesanía española y que con su sello característico e inconfundible realzan notablemente el ornato de palacios, mansiones señoriales, salones de edificios públicos y centros oficiales.

Magnífico exponente de lo escrito sobre esta especialidad artística lo constituyen las fotografías que ilustran la página que hoy se complace en ofrecer a sus distinguidos clientes la firma Pedro Tendero, escogidas entre una extensa y bellísima colección de modelos de todas clases e instalaciones efectuados íntegramente por dicha casa, tan solicitados en el mercado nacional y en los de Europa y América.



SÃO Paulo é a capital do trabalho de todo o Brasil e uma das mais lindas metrópoles do continente. Apresentamos no cliché uma vista artística do afamado Viaduto do Chá, no centro da cidade. No fundo, a sede central da S/A INDUSTRIAS REUNIDAS F. MATARAZZO, a maior organização industrial da America latina, tendo filiais e agências em New York, Buenos Aires, Hamburgo, Genova, Milão, Londres, e em todas as outras principais cidades do Brasil e do extrangeiro.

"ITALIA"

SOCIETA DI NAVIGAZIONE



"CRISTOFORO COLOMBO"
33.000 Toneladas

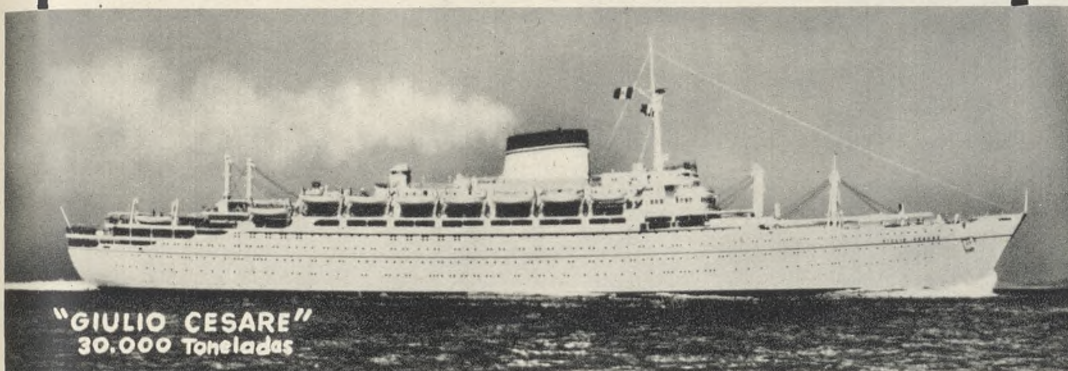
Su Flota:

- CRISTOFORO COLOMBO 33.000 Toneladas
- AUGUSTUS 30.000 »
- GIULIO CESARE 30.000 »
- VULCANIA 26.000 »
- SATURNIA 26.000 »
- CONTE GRANDE 26.000 »
- CONTE BIANCAMANO 26.000 »

● MARCO POLO ● AMERICO VESPUCCI ● A. USODIMARE ● A. PACINOTTI ● A. VOLTA ● G. FERRARIS ● TOSCANELLI ● ETNA ● NEREIDE ● VESUVIO ● TRITONE ● STROMBOLI

EN CONSTRUCCION: LEONARDO DA VINCI. 33.000 Toneladas

Total: 20 BUQUES



"GIULIO CESARE"
30.000 Toneladas

Lineas servidas por la Compañia "ITALIA"

NORTEAMERICA:

BARCELONA - GIBRALTAR
HALIFAX - NEW-YORK

SUDAMERICA:

BARCELONA - RIO JANEIRO
SANTOS - MONTEVIDEO - B. AIRES

CENTROAMERICA SUD PACIFICO:

BARCELONA - VENEZUELA
COLOMBIA - PANAMA - ECUADOR
PERU Y CHILE

CENTROAMERICA NORTE PACIFICO:

BARCELONA - VENEZUELA - PANAMA - EL SALVADOR - GUATEMALA
LOS ANGELES - SAN FRANCISCO
Y COLUMBIA BRITANICA

AGENCIA OFICIAL *Lineas Maritimas Italianas* G. AVVERSARI - MADRID
CALLE ALCALA, 54 - Teléf. 22 82 23 (3 líneas) Y AGENCIAS DE VIAJE

A Esquina da Sêda

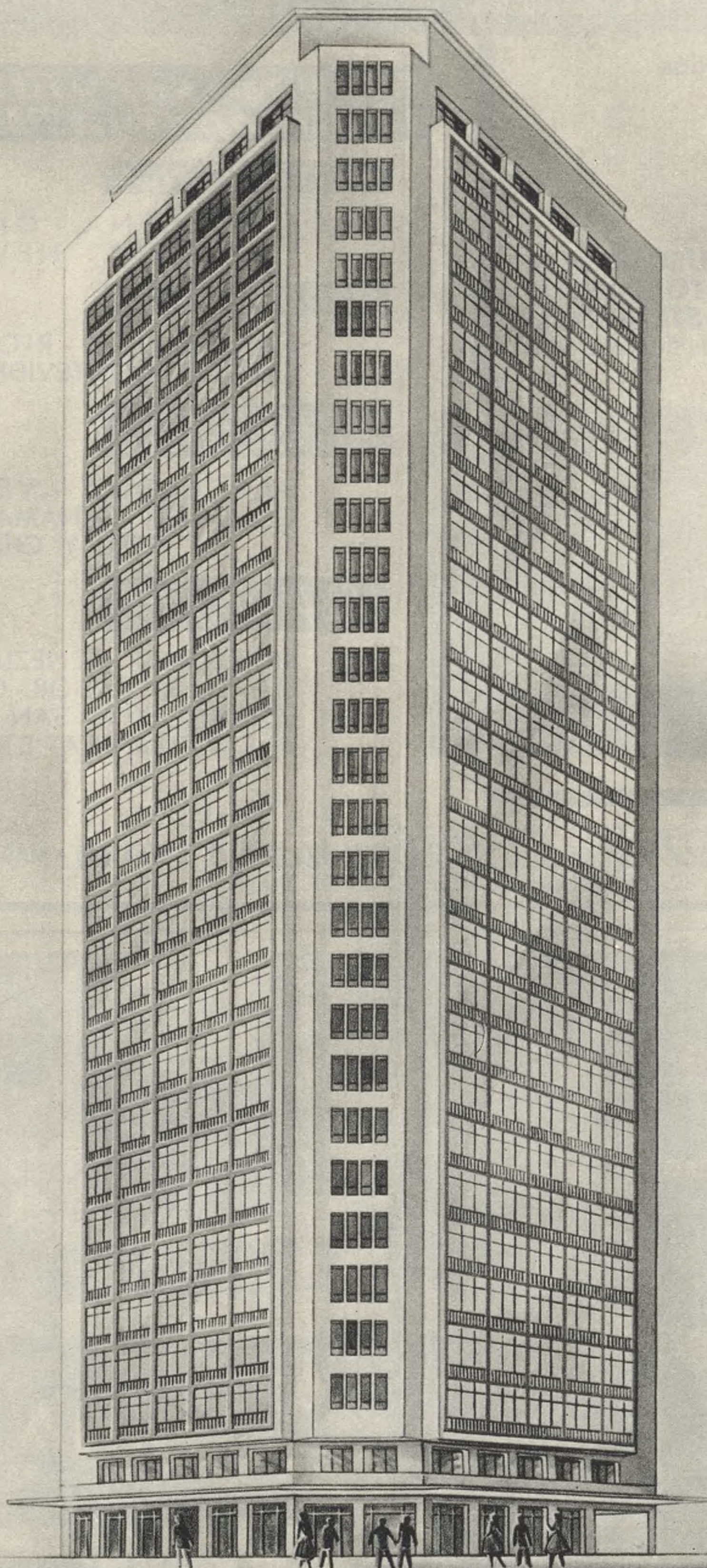
ARCOS & CIA. LTDA.

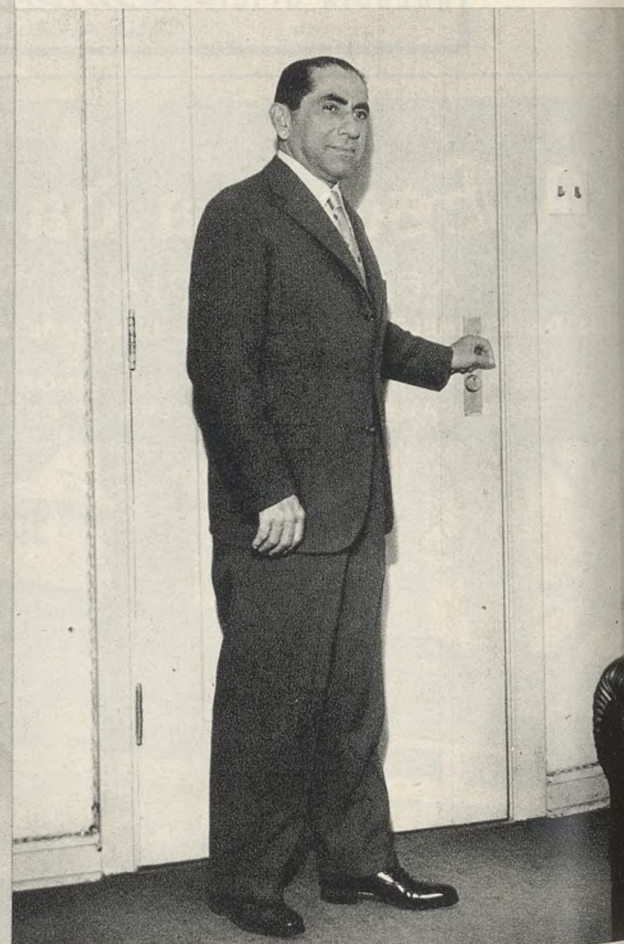
RUA DA ASSEMBLÉIA, 123 • TELEFONE 42 69 46 • RIO DE JANEIRO

SEDAS - LANAS - ALGODONES - LINOS - CASIMIRES
TROPICALES - NACIONALES Y EXTRANJEROS

Quince años sirviendo bien a su clientela. La calidad de nuestros artículos es base de confianza. A ESQUINA DA SEDA, la primera en presentar las últimas creaciones.

EDIFÍCIO ITÚ





SANTOS VAHLIS

VAMOS contar a historia de um corretor de imóveis que em pouco tempo se tornou um lider da industria e um dos homens mais conhecidos do Brasil. Seu nome é SANTOS VAHLIS, hoje cidadão brasileiro, porem venezuelano de nascimento. Ciudad Bolivar, em Venezuela, pequeno burgo do vale do Orinoco, foi seu berço.

Santos Vahlis começou vendendo apartamentos, à base de comissão, para um banco imobiliario, na capital do Brasil. Vendia ele as habitações desse banco com um financiamento de 70 % em 18 anos. Os 30 % iniciaes eram pagos no periodo de construção. Passou, depois, a trabalhar por conta propria, com financiamento do banco que alem de cobrar os juros do dinheiro que emprestava no financiamento, exigia comissão aparte, que nunca era inferior a 20 %. Santos Vahlis, vendo que os juros e a comissão cobrada pelo financiamento oneravam excessivamente os apartamentos, resolveu vende-los diretamente, sem o financiamento, sem a interferencia e sem a garantia do banco.

Era um passo arriscado e perigoso que poderia leva-lo ao fracaso, já que o publico habituado a negociar com garantia bancaria e a longo prazo, passaria a comprar pagando a prazo curto e apenas garantido pelo lider immobiliario. Era uma revolução no sistema de vendas imobiliarias. Para abrir caminho ao seu novo sistema, Santos Vahlis lançou, então, uma campanha publicitaria de grande envergadura, que traumatisou o publico tanto pela sua originalidade quanto pela franqueza e correção de suas mensagens. Santos Vahlis passou a vender apartamentos não às dezenas, mas às centenas. Em diversas ocasiões vendeu em 48 horas todos os apartamentos de um edificio de 28 andares, atingindo seu volume de vendas, em tempo recorde, somas fabulosas, não de milhões de cruzeiros, mas milhões de dólares. Vahlis havia conquistado a confiança do publico que atendia a seus escritorios em filas interminaveis para comprar o que lhe oferecia o lider imobiliario. Estava o Brasil no apogeu da era dos grandes empreendimentos imobiliarios. Todo mundo invertia seu capital em apartamentos. Santos Vahlis atraves de uma das maiores campanhas publicitarias que a capital brasileira conheceu, mostrou em livro aberto o custo dos apartamentos e seu ucro. Este foi seu segredo. Desta maneira ensinou ao povo a conhecer o preço dos terrenos e das construções. O povo passou a saber o quanto custava realmente um apartamento. Ensinando este segredo ganhou um pequeno exercito de inimigos, mas em compensação consolidou definitivamente a confiança que conquistara do publico. Passou a ser vitima de grandes infamias, que pretendiam atingi-lo, pessoalmente tanto quanto à sua firma. A firma de Santos Vahlis detinha em suas mãos a economia de milhares de pessoas que nele acreditavam e em seu alto poder de empreendimento honesto. Santos Vahlis entregava exatamente pelo preço contratual no inicio da compra, sem majoração ou reajustamento de qualquer especie, os milhares de apartamentos que vendia. A contrapropaganda lançada terminou por se voltar em propaganda a seu favor, isto porque ele entregava os apartamentos prontos pelo preço barato que vendia.

Santos Vahlis é hoje o homem-propaganda. É um dos nomes mais conhecidos do Brasil. Creador de um novo estilo de propaganda, inedito até então na historia da publicidade comercial de todo mundo. Em vez de anunciar imoveis, ocupa os jornaes com publicações em que debate os mais palpitantes e às vezes perigosos assuntos do país. Suas publicações têm mais força de divulgação que os editoriaes dos principaes jornaes do paiz, graças à sua substancia e grau de combatividade. Repetidas vezes essas publicações são transcritas nos anaes do Congresso Brasileiro e discutidas calorosamente nas duas casas do parlamento. Com uma unica publicação conseguiu deter uma corrida bancaria que se iniciou e se avolumava perigosamente, e que levaria fatalmente a garra diversos bancos, inclusive o que o financiou no inicio de sua carreira. O interresante na vida comercial de Santos Vahlis é sua declaração comprovada de que seu negocio não depende de bancos oficiaes ou privados. E porque Santos Vahlis não deve aos bancos ou depende deles? Porque os milhares de apartamentos são vendidos durante o periodo da construção. E como o dinheiro no Brasil é caro e os financiamentos a longo prazo exigem grandes comissões para consegui-los, seus apartamentos não levam a sobrecarga de tão onerosas despezas. Tornam-se consequentemente muito mais baratos.

Esse é o perfil do lider da industria imobiliaria no Brasil. Hoje Santos Vahlis diz que bom negocio é aquele em que todos ganham. Um cliente satisfeito volta sempre ao negocio. E assim se faz o circulo da prosperidade.



COMPANHIA ANTARCTICA PAULISTA.—Vista geral da matriz, em São Paulo (Brasil).

COMPANHIA ANTARCTICA PAULISTA

A Companhia ANTARCTICA Paulista — Indústria Brasileira de Bebidas e Conexos — tem sua sede na cidade de São Paulo, capital do Estado de São Paulo (Brasil). E é com a mais profunda sinceridade que ela dirige, por esta página de MUNDO HISPANICO, a sua saudação amiga ao grande povo da Espanha, e, por seu intermédio, a todos os povos de língua espanhola.

Manda a justiça da História, e sanciona o sentido de gratidão dos corações bem formados, que se reconheça e proclame o quanto tem sido preciosa, para a grandeza da nação brasileira, em todos os setores da atividade humana, a colaboração econômica, financeira e intelectual dos espanhóis. Dessa colaboração, rica em ensinamentos e em realizações, combinada, em proporções ora maiores, ora menores, com a de outros povos, e consolidada num corpo único pela prodigiosa capacidade de assimilação, de síntese e de individualização do povo brasileiro, resultou um progresso que é um dos fenômenos mais expressivos do Novo Mundo.

Dêsse progresso, a Companhia ANTARCTICA Paulista se orgulha de ser, ao mesmo tempo, fator e produto. Fator, porque ela tem contribuído, e não em pequena escala, para o surto e para a prosperidade de numerosas indústrias afins ou correlatas à sua, além de haver concorrido, e de prosseguir concorrendo, para uma inegável poupança de divisas, com o que se assegura, à nação Brasileira, uma possibilidade maior de movimentação dos seus recursos no exterior. Produto, porque, concomitantemente, ao mesmo tempo em que a Companhia foi cooperando no engradecimento do ambiente em que atua, êsse mesmo engrandecimento ambiental foi proporcionando, à Companhia, margens notáveis de expansão e de proficuidade.

Em sessenta-e-seis anos de existência — a contar de sua fundação, que ocorreu em 1891 —, a Companhia ANTARCTICA Paulista passou, do modesto capital de 3.000.000 de cruzeiros, para o expressivo nível atual de 1.600.000.000 de cruzeiros, além de reservas que somam 999.898.136 cruzeiros e 30 centavos.

No momento presente, a Companhia produz águas, refrigerantes, cervejas e licores, gozando de um prestígio que se expande por todo o território do país, e dispondo de um mercado preferencial que comprende todos os setores da nação e tôdas as camadas sociais dêsses setores.

No desenvolvimento de sua atividade, gigantesca e incessante, a Companhia vem consumindo matérias-primas de mais elevado padrão de qualidade. Embora dando sempre, como é natural, preferência às matérias-primas brasileiras, quando estas existem, a Companhia tem recorrido, normalmente, a mercados exteriores da mais firme reputação. Um dêstes mercados é, precisamente, a Espanha Ainda em 1956, a Companhia importou diretamente da Espanha, entre outras mercadorias básicas para a sua indústria, mais de 200 milhões de discos de cortiça, para uso em suas rôlhas metálicas; outros discos de cortiça, para o mesmo fim, em quantidade duas vêzes superior a essa, e de procedência espanhola, são adquiridos, através de outras firmas, pela Companhia. Outras importações diretas, da Espanha, ainda pela Companhia, se constituem de meio milhão de batoques para tampagem de seus barris de chope, e de mais de 150 toneladas de ácido tartárico.

Por esta forma, evidencia-se que as atividades industriais, econômicas e financeiras, da Companhia ANTARCTICA Paulista, assumem expressão interessante no quadro do intercâmbio comercial hispano-brasileiro, através de relações que datam de longos anos, e que se consubstanciam tanto em operações normais de comércio, como em vínculos tradicionais de amizade e simpatia.

COMPANHIA ANTARCTICA PAULISTA
Indústria Brasileira de Bebidas e Conexos.
São Paulo (Brasil).

FABRICA NACIONAL DE MOTORES



Vista aérea, vendo-se a área industrial e parte da área residencial.

A Fábrica Nacional de Motores é a pioneira da indústria automobilística no Brasil.

A sua história comprendre duas fases distintas. A primeira, desde a sua instalação, transformação em Sociedade Anônima e um período até meados de 1954, e a segunda, que vem desde aquela data até os nossos dias.

Criada com o objetivo de fabricar motores de avião, foi instalada com os requisitos técnicos necessários mas teve os seus passos embargados por dificuldades então insuperáveis. A falta de mão-de-obra especializada e de recursos financeiros obrigou a uma quase total paralisação nos anos que se seguiram até atingirmos o início do segundo período.

Ainda nessa primeira fase, malgrado tôda sorte de dificuldades, foi o programa industrial modificado, passando a Fábrica ao início da produção e nacionalização do caminhão F. N. M-ALFA ROMEO, mediante contrato firmado com aquela importante firma italiana. Foi abandonada a fabricação de motores de avião, fazendo a F. N. M., para utilização dêsse equipamento especializado, apenas a revisão de motores de avião.

No segundo período de sua história, houve uma transformação total, assaz animadora.

Dois motivos principais podem ser apresentados como responsáveis por essa transformação: de um lado, a ajuda financeira proporcionada pelo Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico; de outro, a reação favorável de todos os empregados da F. N. M., diante da política social moderna e objetiva, posta em prática, com o advento da nova Diretoria.

A ajuda financeira do Banco proporcionou a aquisição do ferramental necessário à 3.ª etapa nacionalização dos caminhões F. N. M.-ALFA ROMEO, bem como a antecipação de parte do capital de giro requerido à expanção do programa industrial da fábrica.

Com essa expansão, conseguiu a F. N. M. fabricar durante 1954 o total de 531 caminhões, sendo que 503 unidades pertenecem ao segundo semestre daquele ano. O melhor exercício anterior fôra o de 1953, que atingira a 373 unidades, incluindo-se veículos especiais, importados para revenda.

Durante o exercício de 1955, a produção atingiu a 2.426 unidades, o que representa quase 4 vêzes a produção do exercício anterior.

Com a crescente demanda dêsses veículos, tratou a F. N. M. de aumentar a sua produção mensal para 300 caminhões, o que se vem verificando no atual exercício.

Esse acréscimo, que representa 50 % a mais sôbre a produção planejada em maio de 1954, foi objeto de decisão, logo que cumpridos totalmente os objetivos do programa anterior: 200 veículos por mês.

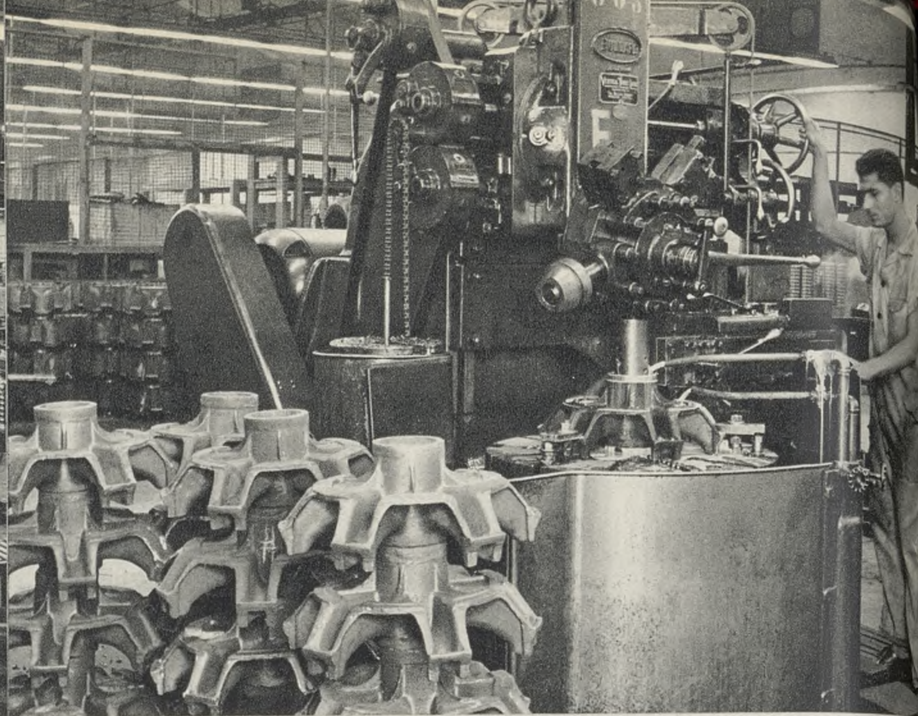
Entretanto, não pararam aí os esforços realizados para o aumento da produção de caminhões. Estão sendo concluídos estudos minuciosos visando uma produção anual de 7.000 unidades, totalmente nacionalizados, que deverá ser atingida até 1960.

Essa expansão implicará em investimentos da ordem de 6,5 milhões de dólares e cêrca de 300 milhões de cruzeiros.

É oportuno salientar que as necessidades



Pavilhão de máquinas, ala esquerda.



Usinagem de rodas do caminhão FNM.

do mercado brasileiro, com relação ao veículo do tipo FNM-AR, são estimados em cêrca de 8.000 por ano, cifra sujeita a ampliar-se, dado que se verifica sensível modificação na estrutura da demanda de caminhões, em favor dos que ofereçam maior capacidade de carga e custo mais baixo de operação.

Tendo em vista adaptar o veículo às condições de utilização nas estradas brasileiras, vários importantes melhoramentos foram introduzidos no modêlo 1954 do caminhão FNM-ALFA ROMEO, a saber: aperfeiçoamentos no «chassis» e no motor; adoção de freios a ar; refôrço do diferencial; aperfeiçoamento nos comandos da caixa de mudanças; robustecimento do quadro do «chassis», além de melhorias no funcionamento da bomba injetora.

Durante 1955, podem ser salientadas algumas modificações, destacando-se, entre elas, a inclusão de termostato e termômetro no sistema de arrefecimento do motor, além da mudança, no sistema de transmissão, de juntas elásticas por juntas universais (cardam).

Intimamente ligado ao aumento da produção estava o processo de nacionalização, que, ao fim de 1955, apresentava os seguintes índices:

57 % do valor (calculado à base do custo em dólar).
54 % do pêso.

As principais peças do caminhão já fabricadas no Brasil são as seguintes:

—Cabina completa, inclusive faróis;
—Pneus,
—Baterias,
—Feixes de molas,
—Chicotes e cabos elétricos,
—Tanques de combustível e ar,
—Tubulações,
—Silenciador e tubo de escapamento,
—Aparelho de suspensão do pneu sobressalente,
—Bôlsa de ferramentas, inclusive macaco;
—Radiador,
—Tambores de freio,
—Rodas,
—Sapatas,
—Sapatas dos freios,
—Suporte das sapatas,
—Eixo dianteiro (usinagem),
—Espiga das rodas (usinagem),
—Ponte do eixo trazeiro (usinagem),
—Curva cônica helicoidal (usinagem),
—Pinhão cônico,
—Coroa cilíndrica (usinagem),
—Pinhão cilíndrico,
—Caixa dos satélites,
—Engrenagens planetárias,
—Pinhões satélites,
—Caixa suporte do diferencial,
—Tampas, alavancas, buchas, espaçadores, suporte de rolamentos, vedadores, etc., do conjunto trazeiro;
—Montanheiras,
—Montagem do quadro do chassis, compreendendo furação, rebitagem e soldagem completa;
—Inúmeras peças de menor porte.

Do índice de nacionalização, expresso em valor, acima citado, a participação da F. N. M. e de indústrias nacionais nos semi-acabados, é a seguinte:

F. N. M.	40 %
Outras indústrias nacionais ...	17 %

No que se refere ao progresso da nacionalização, o ano de 1956 deverá permitir uma expressiva economia de divisas, calculada em cêrca de 8 milhões de dólares, para a produção anual de 3.600 veículos.

É importante ressaltar, ainda, que não se trata de simples previsões genéricas sôbre o avanço da nacionalização, pois que a autorização, para suprimir da importação as peças a serem fabricadas no Brasil, já foi transmitida ao fornecedor italiano.

Com relação aos conjuntos, cuja fabricação no Brasil está sendo completada em 1956, podem ser citados por sua importância, os seguintes:

Caixa de mudanças: parte interna completa.
Eixo trazeiro: exceção da estampagem da ponta do eixo.
Diferencial: exclusive forjado da coroa cilíndrica.
Chassis: completo.

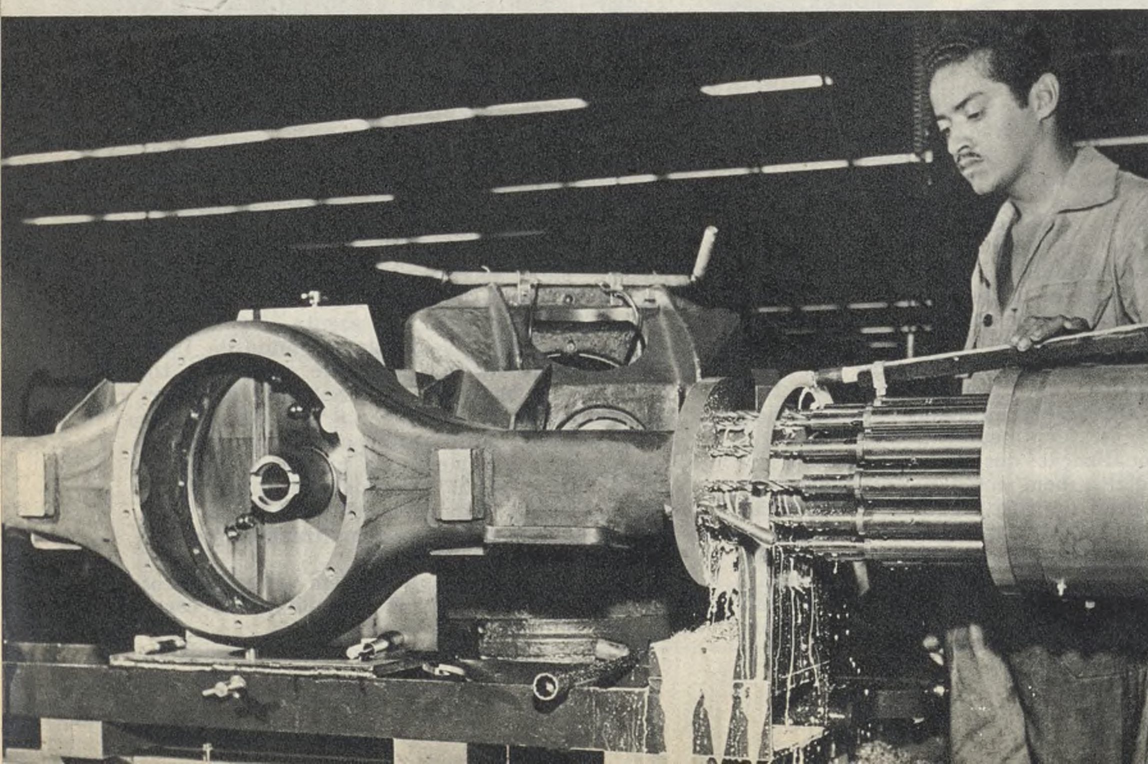
Os planos de fabricação do motor, ou seja a última etapa do programa de nacionalização do caminhão FNM-AR, já se acham em fase final.

O quadro a seguir permitirá avaliar os índices de nacionalização programados para 1956, em função do pêso e do valor do veículo:

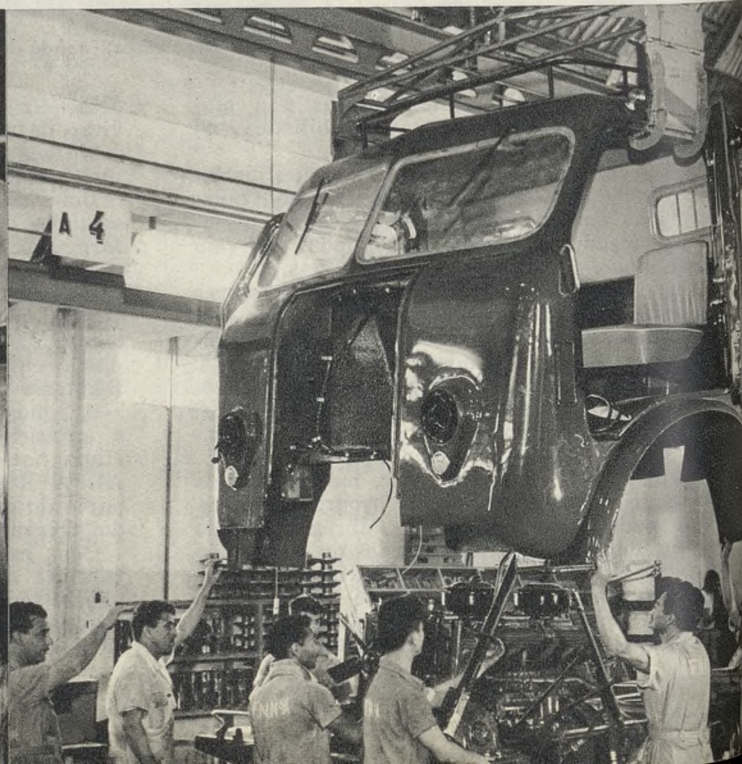
RESUMO DO PROGRAMA DE NACIONALIZAÇÃO

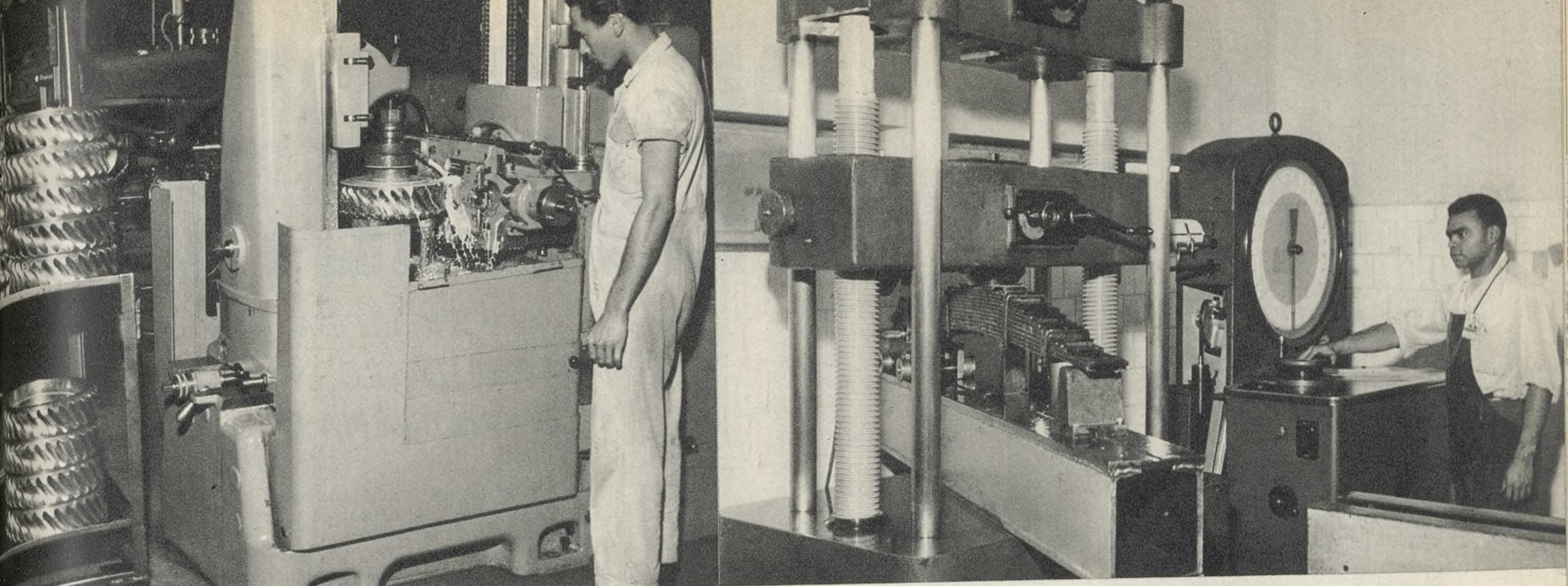
	% em Pêso	% em valor dólares
Situação verificada em 1955.	54,0	57,0
Do 4.901° ao 5.200° veículo...	—	1,0
Do 5.201° ao 5.500° » ...	2,0	2,4
Do 5.501° ao 5.800° » ...	8,7	5,6
Do 5.801° ao 6.100° » ...	0,1	0,4
Do 6.101° ao 6.400° » ...	5,9	2,0
A partir do 6.401° » ...	0,1	0,1
	70,8	68,5

Usinagem de ponte de eixo trazeiro, para o caminhão FNM.



Linha de montagem. Colocação da cabina.





Usinagem de coroas para ônibus ACLO.

Ensaio mecânico de um feixe de molas.

Outra linha de fabricação, cujo programa industrial foi iniciado em 1956, é do trator FNM-FIAT, que já está sendo produzido numa cadência de 100 unidades mensais. A F. N. M. vai construir uma fábrica, com capacidade para 4,400 unidades por ano, e que exigirá um investimento da orden de 5 milhões de dólares e cêrca de 400 milhões de cruzeiros. Está sendo objeto de especial atenção a mobilização dos recursos necessários para investimento e capital de giro, contando a atual diretoria da fábrica com o apôio do Sr. Presidente da República, Dr. Juscelino Kubitschek, que, em discurso pronunciado recentemente, quando de sua visita aos estabelecimentos industriais da F. N. M., assim se expressou: «Assentamos, agora, que, na ampliação dos planos desta fábrica, vamos iniciar a construção de tratores, tão indispensáveis aos trabalhos da lavoura, no Brasil, o que, esperamos, esteja cumprido no máximo, dentro do prazo de 2 anos, conforme compromisso assumido, agora, pelo seu diretor, desde que naturalmente, o Govêrno lhe forneça, como o vai fazer, os recursos necessários para ampliação de suas instalações.»

Todos os planos técnicos já estão em poder da fábrica, que vai se lançar a êste importante setor do seu programa de trabalho.

Conforme já foi dito, a procura dos caminhões F. N. M.-ALFA ROMEO tem aumentado sensìvelmente. Vem se verificando uma constante modificação na estrutura da demanda de auto-veículos, em favor das unidades de maior capacidade de carga e baixo custo de operação. Tais condições são amplamente satisfeitas pelo caminhão produzido pela F. N. M., pois dispõe de uma capacidade de carga para 22 toneladas líquidas (se associado um reboque para 14 toneladas), além de ser altamente econômico.

Afora as amplas possibilidades do mercado interno, onde o caminhão FNM-ALFA ROMEO já firmou decisivamente o seu conceito, algumas encomendas e consultas provieram de países latino-americanos, tais como a Bolívia, a Argentina e o Uruguai.

Não desejando ampliar o seu mercado, além fronteiras, antes de atender, prioritàriamente, às necessidades do país, foi a F. N. M., contudo, levada a realizar a venda de tais veículos à Bolívia, por motivos especiais que caracterizaram a operação, ou seja, o pagamento em petróleo, representando, assim, suplementar economia de divisas fortes.

Essa venda foi um dos maiores testes por que passaram os caminhões produzidos pela F. N. M., sendo o seu resultado excelente.

Existem, hoje, cêrca de 100 firmas incumbidas da venda e representação de veículos FNM-ALFA ROMEO, na grande maioria dos Estados brasileiros, de modo a satisfazer a forte demanda que se manifesta em tôda parte.

O número de veículos vendidos em 1955 atingiu a 2.415 unidades, representando cêrca de cinco vêzes o volume de vendas de 1954. Em consequência, a frota de caminhões FNM em circulação no país atingia a mais de 4.000 veículos ao fim de 1955.

Para se ter uma idéia da grandeza da Fábrica Nacional de Motores, no setor industrial do Brasil, basta dizer que o volume de ordens de fornecimento, colocados para aquisição de materiais, ultrapassou 500 milhões de cruzeiros. Entre as indústrias colaboradoras, contam-se, hoje em dia, mais de 100, algumas das quais trabalham quase exclusivamente para a F. N. M. O número de fornecedores inscritos já atinge 1.376 firmas e o volume de ítens de material, exigido para o abastecimento da fábrica, sem contar o programa trator, ultrapassa o montante de 20.000.

Esse programa industrial, pôsto em prática pela F. N. M., era executado por cêrca de 2.317 empregados, ao fim de 1955. Em 1954 existiam apenas 1.621 empregados, enquanto que, para os próximos anos, o efetivo deverá duplicar.

A questão de pessoal tem merecido uma atenção vigilante por parte da Diretoria, visando manter um regime de relações funcionais, modernas e eficientes, entre chefes e subordinados, com o objetivo de constituir uma equipe de trabalho unida e operosa, em benefício geral da emprêsa.

Várias providências foram postas em prática, para concretizar êsse objetivo. Inicialmente, uma modificação estatutária, instituiu, para todos os empregados, a participação nos lucros. Aumentos de salários e reclassificação de cargos foi outra medida adotada com reais benefícios para os que labutam e fazem cada vez maior a F. N. M.

As medidas de natureza geral são levadas permanentemente ao conhecimento dos empregados, interessando-os nos destinos da emprêsa.

Grandes «placards» de faturamento, em cada oficina mantêm o operariado a par do valor da produção mensal, em cruzeiros, síntese da conjugação de esforços de cada equipe de trabalho. Semelhante medida vem despertando o maior interêsse, pelos estímulos psicológicos que, evidentemente, provoca.

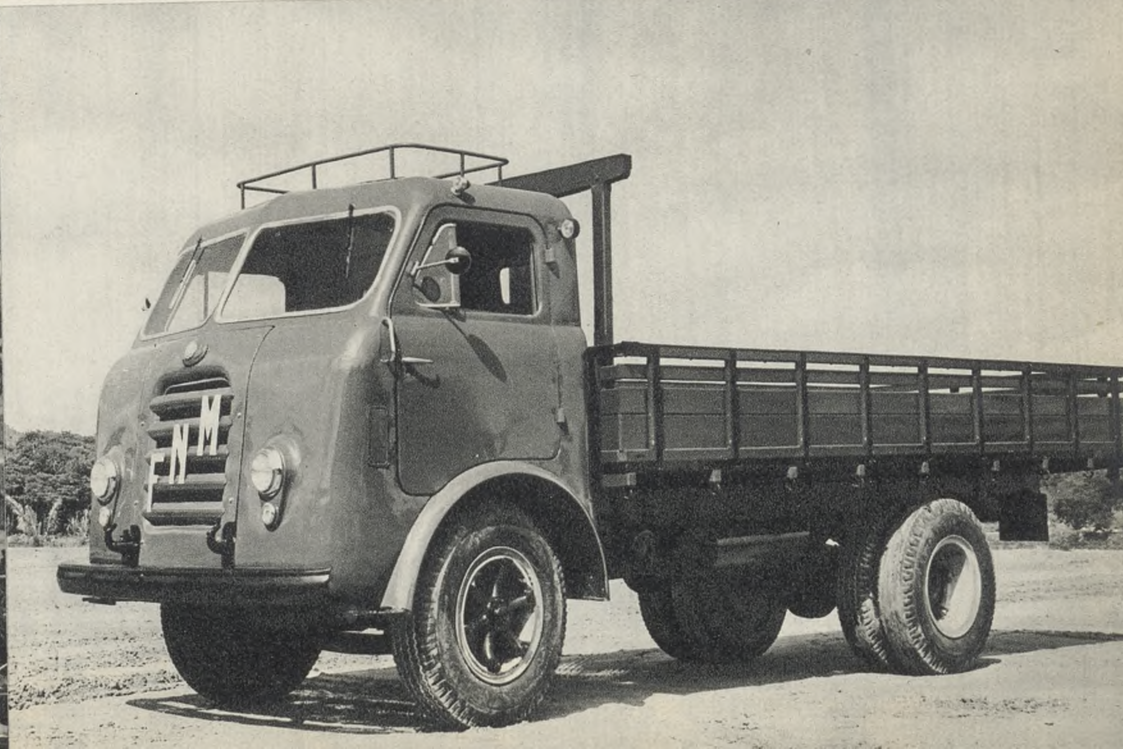
Como parte da política social posta em prática pode-se citar a construção de um cinema, com capacidade para 252 pessoas, que, além de constituir um justo divertimento para os empregados, em suas horas de lazer, proporciona um aprimoramento de formação profissional, mediante a exibição de filmes técnicos selecionados.

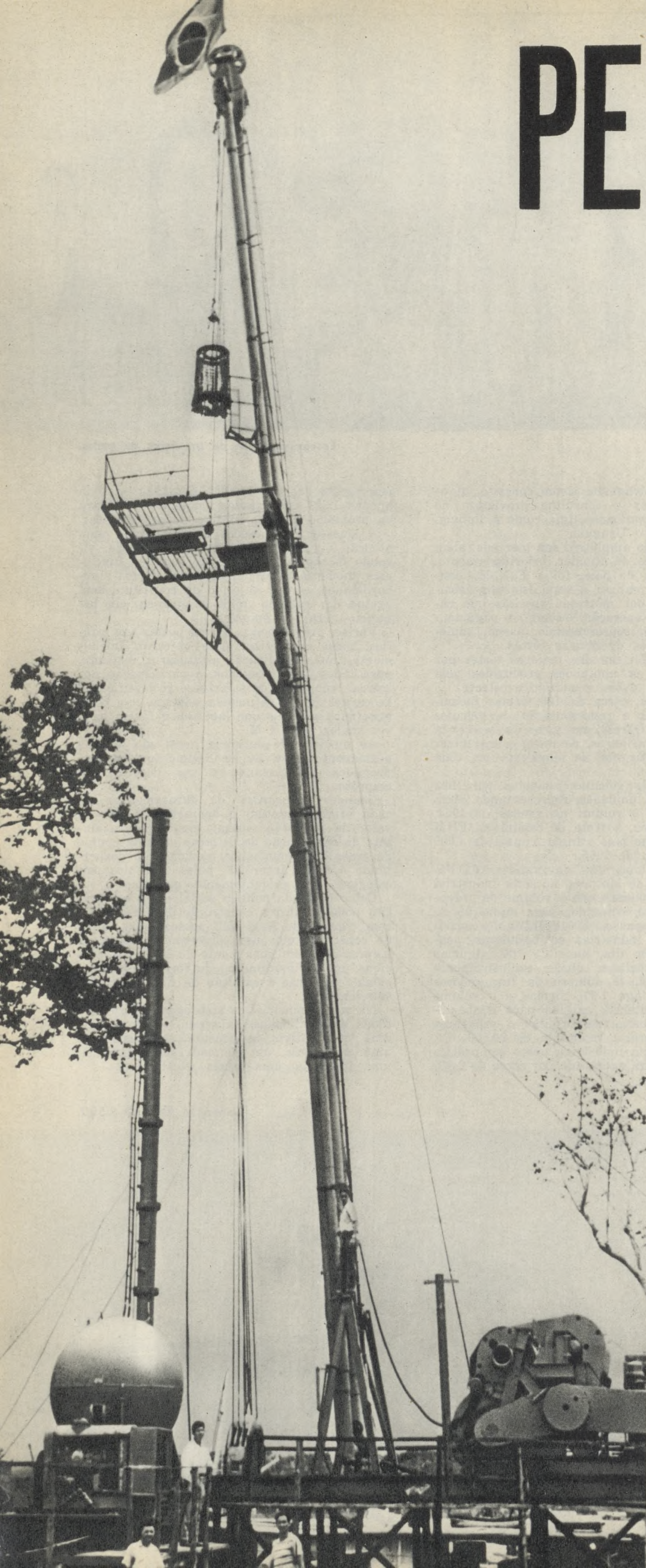
Na vila residencial os empregados gozam de tôdas as facilidades, existindo, entre muitos, uma cooperativa de consumo, um açougue, uma mercearia, um mercado, uma padaria, uma farmácia, uma escola, etc.

Linha de montagem.



Caminhão FNM.-D-9.500.





PETROBRÁS

ESPERANÇA DO POVO BRASILEIRO NA SOLUÇÃO DO PROBLEMA DO PETRÓLEO

A PETROBRÁS é uma sociedade por ações, de economia mista, cujo capital pertence, em sua maioria absoluta, ao govêrno brasileiro.

Criada, em outubro de 1953, para executar tôdas as atividades ligadas à exploração e industrialização do petróleo no Brasil, começou a funcionar em maio do ano seguinte, com um capital de 4 bilhões de cruzeiros, todo êle subscrito pelo govêrno federal. A maior parte dêsse capital foi realizada com a transferência à PETROBRÁS dos bens e serviços anteriormente a cargo do Conselho Nacional do Petróleo, num montante superior à 3 bilhões de cruzeiros.

Com pouco mais de dois anos de existência, pode a PETROBRÁS considerar-se o maior empreendimento industrial do Brasil. O seu capital atual é de 8 bilhões de cruzeiros, devendo elevar-se, até 1957, a un minimo de 10 bilhões.

A PETROBRÁS tem desenvolvido um apreciável volume de trabalho nos diferentes setores de suas atribuições. Com a descoberta de petróleo em Nova Olinda, na Amazônia, a 13 de março de 1955 — o seu primeiro grande cometimento —, a emprêsa intensificou as pesquisas geológicas e geofísicas naquela região, bem assim os trabalhos de perfuração pioneira. Cinco sondas operam hoje na bacia amazônica, onde têm chegado, últimamente, numerosas equipes de tecnicos especializados em exploração de petróleo. Além do poço pioneiro de Nova Olinda, a PETROBRÁS abriu mais dois na mesma região, um em Abacaxis e outro na margem do rio Madeira. Realiza ainda a emprêsa perfurações pioneiras em outros pontos do país: no Maranhão, no Rio Grande do Norte e no Paraná.

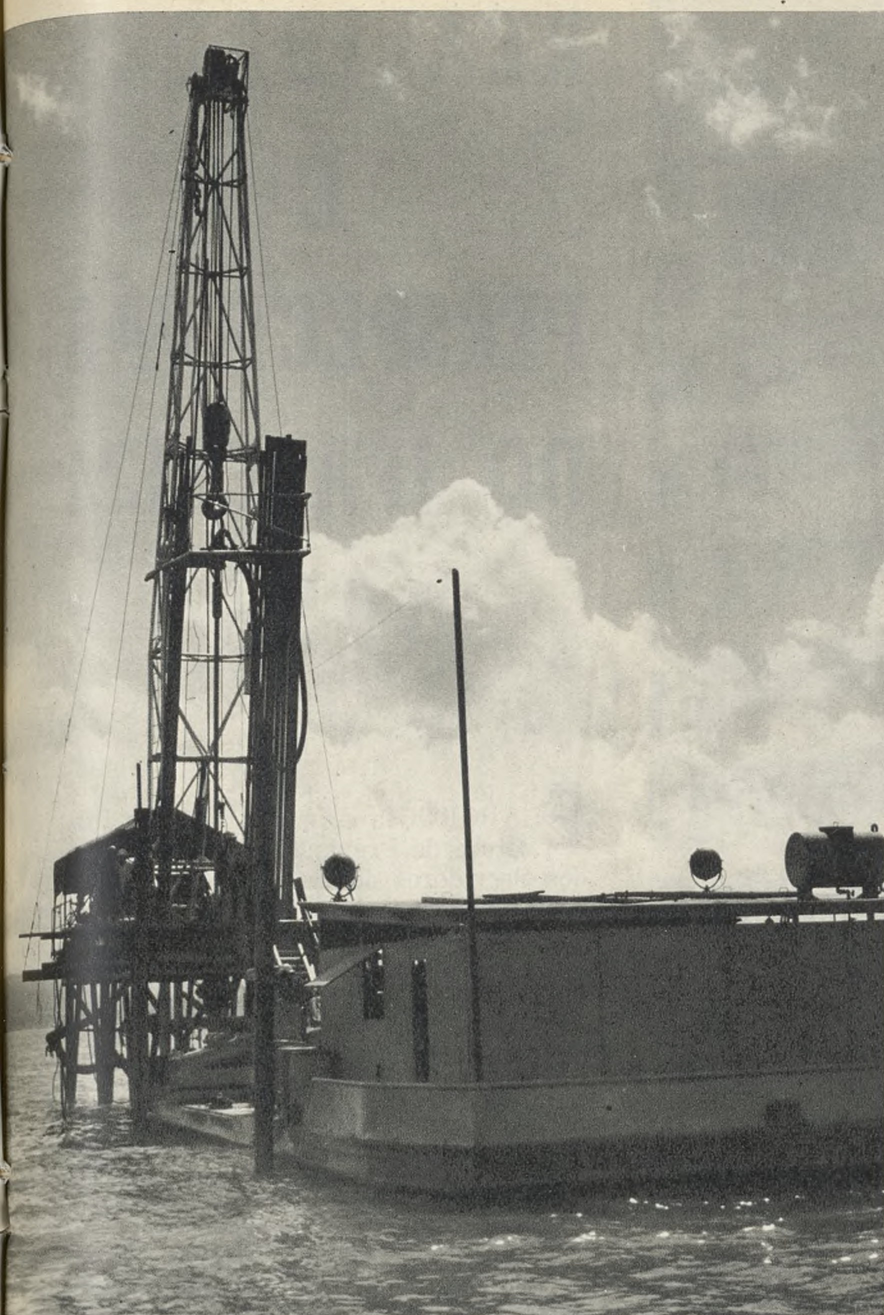
A ação da PETROBRÁS se tem feito sentir, de modo especial, no Estado da Bahia. Assim, em 1955, os campos petrolíferos do Rocôncavo Baiano ofereceram uma produção duas vezes maior que a do ano anterior, ou sejam, 2.021.900 barrís de óleo bruto. A estimativa para a produção de 1956 ultrapassa a casa de 5 milhões de barrís, o que importará numa economia de divisas de cêrca de 17 milhões de dólares. Com a entrada em funcionamento do oleoduto Catu-Mata-Candeias, há pouco inaugurado pelo Presidente Juscelino Kubitschek, a produção de óleo baiano aumentará consideràvelmente, permitindo mesmo um excedente exportável da ordem de 10 mil barrís diários, a ser aproveitado pelas refinarias do sul do país. A PETROBRÁS espera proporcionar ao Brasil, até 1960, uma produção de 40 mil barrís de óleo por dia, proveniente apenas dos campos do Recôncavo Baiano. As reservas recuperaveis de óleo dessa região totalizam hoje 255 milhões de barrís, quantidade que representa o quintuplo da avaliação realizada, há cinco anos, pelo Conselho Nacional de Petróleo. Ainda na Bahia, a PETROBRÁS realizou perfurações submarinas, contando hoje com 14 poços produtores sôbre água.

A Refinaria de Mataripe recebeu também os benéficos efeitos da ação da PETROBRÁS, com a projetada e já iniciada ampliação de suas instalações, o que lhe permitirá processar, dentro de dois anos, 37 mil barrís diários de óleo bruto. A referida obra inclúi a montagem de uma unidade de óleo lubrificante, cuja produção, estimada em 2.800 barrís diários, dará para atender às necessidades do mercado nacional. A economia de divisas proporcionada ao Brasil pela Refinaria de Mataripe, utilizando, exclusivamente, petróleo baiano, totalizou, em 1955, a cifra de 6 milhões e 800 mil dólares.

A Refinaria Presidente Bernardes, localizada em Cubatão, no Estado de São Paulo, pertence também à PETROBRÁS. É a maior e a mais bem aparelhada das que funcionam no Brasil. Sua produção atual é da ordem de 65 mil barrís diários de óleo. En 1955 proporcionou ao Brasil uma economia de divisas de 9 milhões e meio de dólares. Acha-se em estudo a ampliação, na medida adequada, da capacidade da Refinaria Presidente Bernardes. Ao mesmo tempo, a PETROBRÁS pensa construir, no Rio de Janeiro, uma refinaria de grande porte. Com a execução dêsse programa, incluidas as obras de Mataripe, o Brasil possuirá, em 1960, um parque de refinação superior a 200 mil barrís por dia de capacidade de processamento, com o que atenderá a, pelo menos, 70 por cento do consumo nacional de derivados de petróleo.

Outra realização importante da PETROBRÁS é a fábrica de asfalto, construida na área da Refinaria Presidente Bernardes, com capacidade para produzir 116 mil toneladas anuais, o que equivale a uma poupança de divisas superior a 7 milhões de dólares.

◀ O poço pioneiro de Nova Olinda, que revelou a existência de petróleo na Amazônia. A PETROBRÁS abriu mais dois poços naquela localidade.



A PETROBRÁS está realizando, com êxito, perfurações submarinas no Estado da Bahia. A foto mostra um dos numerosos poços abertos pela emprêsa em pleno mar, todos em franca produção.



Vista parcial da Refinaria Presidente Bernardes, em Cubatão (São Paulo). E' a maior e a mais completa de quantas existem no Brasil.



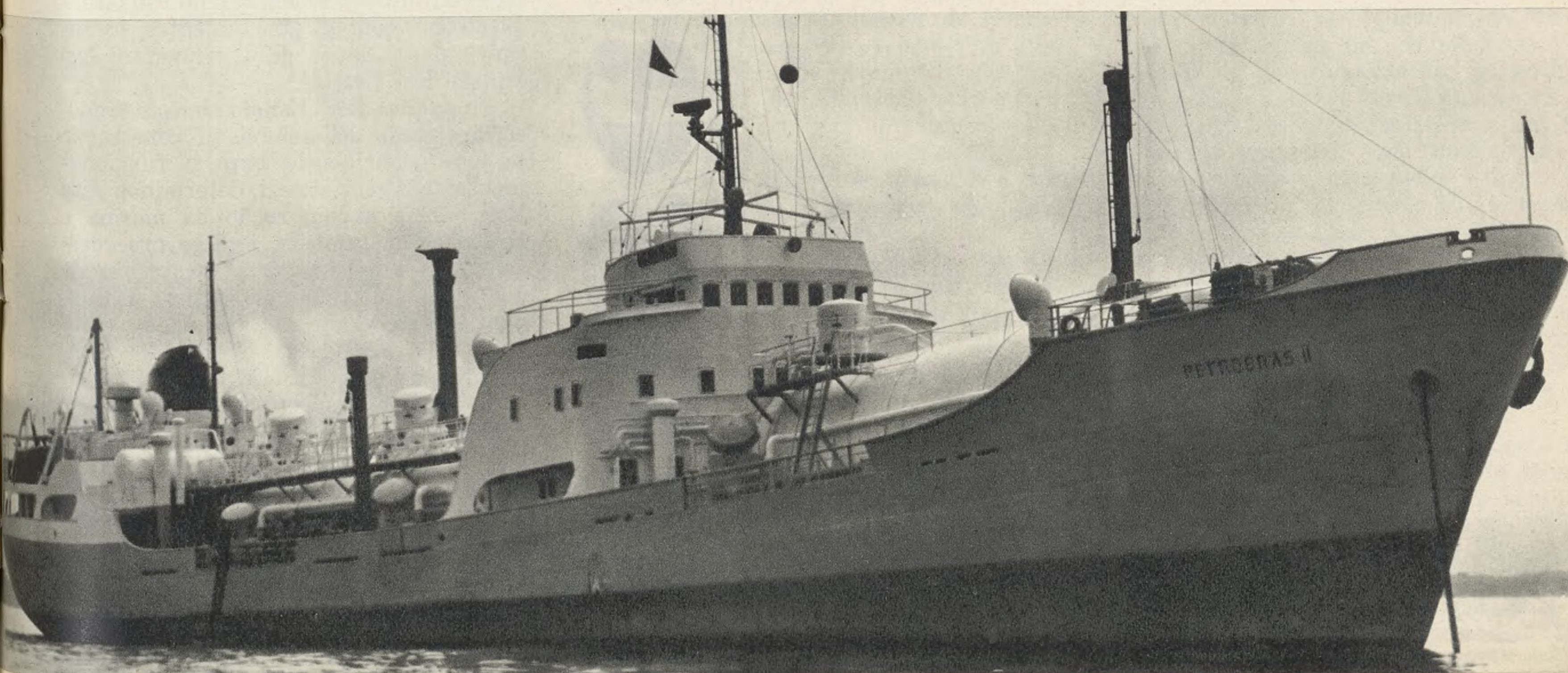
Armazenaments de gás liquefeito produzido pela Refinaria de Mataripe em escala capaz de atender às necessidades do consumo do Estado da Bahia e outras regiões do nordéste brasileiro.

Ainda em Cubatão, a PETROBRÁS tomou a iniciativa de construir uma fábrica de fertilizantes capaz de produzir, diàriamente, 340 toneladas de adubos nitrogenados, 34 toneladas de nitrato de amônio e 1 milhão de metros cúbicos de hidrogênio. A aludida fábrica deverá começar a funcionar, experimentalmente, em setembro do corrente ano.

A PETROBRÁS construirá ainda em Cubatão uma fábrica de eteno, matéria-prima básica de uma grande série de produtos petroquímicos. Sua capacidade de produção anual está estimada em 18.800 toneladas de eteno, 32.000 toneladas de etano e 5.000 toneladas da mistura propano-propeno.

A PETROBRÁS é servida por uma frota de petroleiros composta de 25 unidades, duas das quais especializadas no transporte de gás liquefeito, incluindo-se nêsse número o navio-tanque recentemente adquirido na Escócia, destinado especialmente ao carregamento de óleos lubrificantes. Os demais conduzem óleo cru e todos operam satisfatòriamente no transporte transociânico, servindo também na cabotagem.

O moderno navio-tanque «Petrobrás II», especializado no transporte de gás liquefeito. Juntamente com outro de idênticas características, foi incorporado, êste ano, à Frota Nacional de Petroleiros, do Brasil.





Ipase.—Rio.

REALIDADES E PERSPECTIVAS DO IPASE EM 1956

ipase

ELABOROU a Administração do Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado para o exercício financeiro de 1956 um orçamento com Receita estimada em cruzeiros 2.624.629.760,00 e Despesa prevista em Cr $ 2.475.096.278,00.

Dentro dêsse quadro financeiro, 807 milhões de cruzeiros estão sendo investidos em obras reprodutivas, destinando-se as importâncias de 291 milhões e 400 mil cruzeiros para empréstimos simples; 220 milhões para obras e construções e importância equivalente para empréstimos imobiliários.

Nã estão incluídos na Receita e Despensa os acréscimos decorrentes da Contribuição do Seguro Social, que resultaram do aumento de vencimentos dos servidores públicos federais e do funcionalismo da Autarquia.

A execução orçamentária vem se processando regularmente, preocupando-se esta Administração em dar continuidade a tôdas as obras em andamento no Distrito Federal e nos Estados, num total de 891 apartamentos e 26 casas, representando uma área construida de 9.392.653 metros quadrados.

Como realização foram inaugurados três conjuntos residenciais no Rio Grande do Sul, com 46 apartamentos, localizados nas cidades de Livramento, Pelotas e Rio Grande.

Ainda naquele Estado, encontrando-se projetada há tempos a construção de um edifício-sede para o funcionamento da Agência local, determinou esta Presidência a construção da mesma e recomendou, também, que se procedessem aos estudos para a construção de 1.500 casas do tipo popular para os funcionários federais ali residentes.

No Distrito Federal o vulto dos compromissos imobiliários exigiu um refôrço da dotação respectiva, que era de 102 milhões de cruzeiros, passando a consignar um total de 152 milhões.

Ainda no Distrito Federal foram estabelecidos novos limites para empréstimos imobiliários, medida que foi tornada extensiva aos Estados, nos totais respectivos de 200 mil e 150 mil cruzeiros, tendo em vista as flutuações do mercado imobiliário.

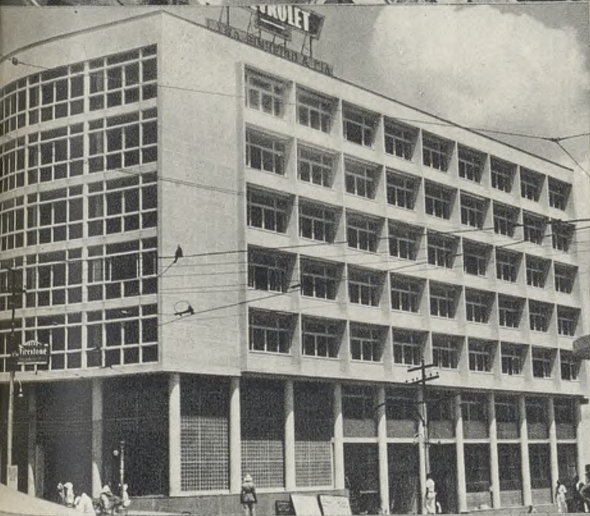
Tendo em vista o programa de inver-



Ipase.—São Paulo.



Ipase.—Recife.



Ipase.—João Pessoa.



Hospital dos Servidores do Estado.—Rio.

sões consignado no Orçamento vigente foram baixadas instruções fixando a utilização das dotações na Administração Central, nos Estados, Territórios e Hospital dos Servidores do Estado. Na Administração Geral, nos Serviços de Assistência e com instalações os totais autorizados são para o exercício, respectivamente, 25 milhões e 600 mil cruzeiros, 14 milhões e 6 milhões.

A dotação para instalações não será distribuida, devendo ser utilizada nos órgaos locais, de acôrdo com as necessidades de cada um e mediante proposta à Administração Central.

No primeiro semestre dêste ano, no que tange à legislação sôbre pessoal, foram baixadas Instruções reajustando os salários dos servidores eventuais nos mesmos moldes do aumento, concedido ao pessoal de obras da União pelo Decreto nº 39.017, de 11 de abril.

Posteriormente, obtiveram os servidores efetivos e extranumerários, a melhoria concedida pelo Decreto nº 39.144, de 19 de maio.

Vem a Administração do IPASE dando rigoroso cumprimento às circulares da Presidência da República quanto à admissão de pessoal, tarefa que lhe proporcionou a adoção de medidas de grande efeito, para breve. Trata-se da constituição de uma Comissão que se incumbirá do estudo e organização de um plano de desburocratização e simplificação dos serviços da Autarquia, com plenos poderes para propor a extinção de serviços e seções consideradas desnecessários ou cujo funcionamento representem um óbice à mais rápida tramitação dos processos.

A nossa gestão que vai além de quatro meses, dedicou-se nesse curto espaço de tempo à observação do rendimento de alguns órgãos do Instituto que não estão produzindo o que dêles era de esperar. Daí as providências adotadas para corrigir e mesmo eliminar estas deficiencias, sobretudo tendo-se em vista que elas não decorrem da falta de pessoal ou da insuficiência de material.

Entidade privada, especializada em administração pública, será convidada a colaborar nesse plano de reforma.

Novas normas foram fixadas no sentido de completar e aperfeiçoar o atual sistema de aquisição de material ou prestação de serviços no IPASE, tendo sido criadas três Comissões de Concorrência, em caráter permanente, nos Serviços Gerais de Administração, no Departamento de Aplicação de Capital e no Hospital dos Servidores do Estado.

Cada uma dessas Comissões está composta de cinco membros, presidida a dos Serviços Gerais de Administração pelo Chefe da Divisão de Material; a do Departamento de Aplicação de Capital pelo Chefe da Divisão Técnica de Engenharia e a do Hospital dos Servidores do Estado pelo respectivo Chefe do Serviço de Material.

As aludidas Comissões, além da fiel observância das formalidades que regulam a matéria, se incumbirão de promover quaisquer concorrências ou coleta de preços para a aquisição de material, organizar e manter o cadastro de inscrição de firmas, elaborar normas de concorrência e processar e julgar as mesmas.

Como uma decorrência da criação dessa Comissão outras três foram constituidas para o recebimento e fiscalização dos materiais, gêneros alimentícios, espécies ou prestação de serviços.

OBRAS E PLANEJAMENTO

Encontram-se em construção, por administração contratada, as seguintes obras:

Edifícios-sede de Pôrto Alegre, Curitiba, Goiânia e Natal;

Conjunto Residencial com 23 casas em Natal;

6 blocos com 192 apartamentos em Benfica;

6 blocos com 325 apartamentos em Jacarepaguá;

8 blocos com 328 apartamentos em Jacarepaguá.

Em planejamento encontram-se o Conjunto Residencial da rua Cândido Benício, 2.931 (Jacarepaguá); um bloco de apartamentos na rua Professor Carlos Chagas, em Marechal Hermes; edifício destinado à Policlínica do IPASE, na rua Marechal Câmara.

ASSISTENCIA MEDICO-HOSPITALAR

Providências estão sendo concretizadas no sentido da descentralização dos serviços assistenciais do IPASE, distribuídos, no Distrito Federal pelo Hospital dos Servidores do Estado e Ambulatório da sede e Policlínica Alexander Fleming, em Marechal Hermes, que conta, também, com uma Maternidade com capacidade de 72 leitos.

Este foi pôsto em funcionamento no Hospital Regional do Nordeste «Alcides Carneiro», localizado na cidade de Campina Grande, na Paraíba, dentro do mesmo padrão de medicina do Hospital dos Servidores do Estado.

Em Correias, no município de Petrópolis, estão em execução várias obras do Sanatório que contará com 300 leitos.

O grande problema para a Administração e que terá solução dentro dos recursos com que contar o IPASE é a construção de pequenos hospitais ou ambulatórios periféricos em locais mais densamente habitados por funcionários públicos.

A construção da Policlínica de Marechal Hermes foi um grande passo no sentido da descentralização, permitindo que o Hospital dos Servidores do Estado, presentemente submetido a um regime de exaustão, com funcionamento em dois turnos, não sofra solução de continuidade no programa que se traçou como centro de clínicas com alto padrão de medicina.

Vários melhoramentos vêm sendo inaugurados naquele nosocômio, tendo sido pôsto a funcionar êste mês, o rim artificial, moderno aparelho que é o primeiro a ser instalado na América do Sul.

Ainda êste mês, o Sr. Presidente da República autorizou, através do Ministério da Fazenda, a cobertura cambial para a aquisição pelo IPASE, no Canadá, da «bomba de cobalto», aparelhagem destinada ao tratamento do câncer e que é mais moderna invenção da ciência para o combate à terrível enfermidade.

Aqui Radio Andorra

LE POSTE DE LA BONNE HUMEUR

O.M.	300 m.60	998 kcs.
O.C.	50 m.23	5972 kcs.



MUNDO HISPANICO

Director: JOAQUIN CAMPILLO
Director adjunto: MANUEL SUAREZ-CASO
Redactor-jefe: JOSE GARCIA NIETO

NUMERO 129 ☆ DICIEMBRE 1958 ☆ AÑO XI ☆ 25 PESETAS.
ESPECIAL DEDICADO AL BRASIL

Depósito legal M. 1034-1958.

SUMARIO

Fotografías: Medeiros, Acyr, Masson, Botelho, Gilbert, Fotoptica, Gautherot, Ministerio de Asuntos Exteriores y Agencia especial MUNDO HISPÁNICO. *Colaboración artística:* Molina Sánchez, Iraola y Daniel del Solar.

DIRECCION, REDACCION Y ADMINISTRACION:
Avenida de los Reyes Católicos, Ciudad Universitaria (Madrid)

TELÉFONOS:
Redacción 57 32 10
Administración 57 03 12
Administración y Redacción 24 91 23

DIRECCIÓN POSTAL PARA TODOS LOS SERVICIOS:
Apartado de Correos 245 - Madrid

EMPRESA DISTRIBUIDORA:
Ediciones Iberoamericanas (E. I. S. A.), Pizarro, 17 - Madrid

IMPRESORES:
Tipografía y encuadernación: Editorial Magisterio Español, S. A. (Madrid).—Huecograbado y offset: Heraclio Fournier, S. A. (Vitoria).

PRECIOS:
Ejemplar: 15 pesetas.—Suscripción semestral: 85 pesetas. Suscripción anual: 160 pesetas (5 dólares).—Suscripción por dos años: 270 pesetas (8,50 dólares).

ENTERED AS SECOND CLASS MATTER AT THE POST OFFICE AT NEW YORK. MONTHLY: 1958. NUMBER 129. ROIG, NEW YORK «MUNDO HISPANICO». SPANISH BOOKS, 576, 6th Ave. N. Y. C.

BRASIL A PRIMERA VISTA

Un día de la Pascua del año 1500, el rebaño de trece naves portuguesas que Pedro Alvarez Cabral llevaba a pastar especias a la India topó con el Brasil. Los portugueses echaron pie a tierra y despabilaron con algarabías y mojigangas la mirada absorta de los indios, que iban compareciendo, dócilmente, por aquella muralla forestal; luego celebraron allí la primera misa, trocaron abalorios por plumas y piedras de fulgor, y bautizaron la rica prenda recién hallada con el nombre de Santa Cruz. Pero el signo vegetal, que por aquellas tierras prevalece, pronto cubrió tan dulce nombre con el apelativo de un árbol que llamaban «brasil», porque su madera teñía «del color de la brasa». Y cumplida esta primera siesta de nueve días, los portugueses dejaron, en prenda de su derecho, a dos hombres que iban condenados (para que así purgaran la culpa en el paraíso), y prosiguieron viaje, dejándole ya para siempre al Brasil la sal de Portugal en los labios.

En una de aquellas naves iba con ínfulas de escribano mayor del rey otro Pedro, llamado Vaz Camina, que tenía mirada de lince y muy despabilados los sentidos por la brisa del Renacimiento. Y si la siesta portuguesa fué breve, le dió tiempo al escribano para redactar, a primera vista, la partida de nacimiento del Brasil: es una carta que escribe al rey dándole noticia de lo que fué aquella madrugada del descubrimiento; y en esa carta, como un prodigio de adivinación, Pedro Vaz habla ya de la hermosura de la tierra, de su evidente fecundidad, de la abundancia de aguas que la halagan y de la presunción del oro, que por allí tintilaba en las orejas de un indio. La pupila concupiscente de Pedro Vaz iba percatándose de aquella tierra con una densidad que se transforma en tacto, como si la mirada, fuera de su sentido, pretendiera palpar también aquella humanidad recién hallada. Se percibe la desazón golosa del Viejo Mundo saltando sobre los alicientes que le brindan unas gentiles mozas indígenas, que, en su estado de pureza cósmica, no se avergonzaban de *«as muito bem olhar»*. Y, prometiéndoselas muy felices, añade luego el escribano que, *«visto que Diós Nuestro Señor les dió tan buenos cuerpos y rostros tan lozanos, y a nosotros nos ha traído por aquí, digo yo que no será sin razón alguna...»*

Aquel sabroso documento nos da también noticia de la índole benigna del Brasil, pueblo de buen talante, alegre y confiado: *«Y aquellos indios iban ya mezclados con los nuestros y folgaban con nosotros. Y nos ayudaban a cargar leña y encontraban en ello placer. Más seguros andaban entre nosotros que nosotros entre ellos.»* Y para confirmar esta condición alegre de los brasileños, Pedro Vaz nos cuenta un episodio conmovedor: *«Más allá del río estaban ellos holgando con sus danzas y trotes. Y hacíanlo muy bien. Y viéndoles así, atravesó el río Diego Diaz, natural de Santarén, que es hombre gracioso y placentero. Y se llevó consigo una gaita y entró en la danza de ellos tomándolos de la mano; y así todos reían y se congratulaban, ajustándose muy bien al son de la gaita.»* Estaba inaugurado el Carnaval brasileño por aquel placentero Diego Diaz, que en la Pascua del año 1500, cuando el Brasil acababa de abrir los ojos, saltó de su nao portuguesa arrebatado por el ritmo de un tambor indígena para «entrar» en el primer cordón de samba brasileño.

Pedro Vaz concluye su relato dándole cuenta al rey de *«dos grumetes que esta noche saltaron en un esquife y huyeron a tierra adentro. No volvieron más y bien creo que han de quedar aquí porque mañana, al amanecer, si Diós nos vale, emprenderemos la partida...»* Es la denuncia del primer apetito que siente Portugal hacia esa tierra próspera y sabrosa; la primera caída en esa tentación, ya tan asidua, de emigrar a un mundo nuevo y prometedor.

A Pedro Vaz le bastaron aquellos nueve días para calar a un pueblo. Yo he vivido en ese pueblo nueve años, y tanto me uní a él, que no podría ya hundir en él la mirada sin hallarme a mí mismo. Ahora lo miro desde la «saudade», con ojos conmovidos por la nostalgia que han ido elaborando, como abejas diligentes, los días de tres años de ausencia. Ya no lo define su contorno—inflamado recinto de ocho millones y medio de kilómetros cuadrados, donde toda Europa cabe reclinada—; ya no busco su imagen en aquella suculenta geografía por donde cabalgan ríos venerables con torso de océano. Se han disipado para mí todos los ademanes gigantescos que hace allí el cosmos, y la «saudade» me ofrece ahora un Brasil concentrado, como la pulpa luminosa de su ánimo. Sólo así, desde la «saudade», pueden abarcarlo íntegro mis brazos y llevárselo dentro del pecho como una piedra de fulgor. Y os digo que es hermoso sentir que habita en nuestro pecho este gigante inmenso y delicado. Porque el amor hace asequible todas las cosas: es su milagro. Y ahora el Brasil entero cabe ya dentro de mi corazón, como cabe dentro de la mano de un niño todo el vuelo de un pájaro.

M. A. G. V.

PROLOGO PARA LEER AL FINAL

PUEDES, si quieres, amigo lector, pasar de largo sobre esta página. Tal vez es mejor que no la leas ahora y que vuelvas a ella cuando hayas cerrado el número que tienes entre las manos. Tanto si conoces bien el Brasil como si es la primera vez que abordas un amplio repertorio informativo sobre él, encontrarás el sentido pleno de este prólogo después que hayas visto este número de MUNDO HISPÁNICO.

Porque en él hallarás que no está todo lo que es el Brasil, que faltan algunos aspectos que a ti, lector que conoces el país, te parece que debieron figurar aquí. O porque tú, lector que apenas sabías del Brasil más que unas nociones elementales, habrás ahondado las raíces de tu asombro ante la enorme dimensión de la empresa humana planteada a lo largo y lo ancho de esos veinte estados, cinco territorios y un distrito federal que forman los Estados Unidos del Brasil.

Esta que ofrecemos aquí es una visión necesariamente incompleta, pero unitaria y entrañablemente compuesta, del gran país de Suramérica. Por ello, por lo que tiene de incompleta y apasionada, este prólogo es una justificación y, como tal, posee su sentido pleno si se lee como si en realidad fuese un epílogo.

Cierto es que jamás pretendimos reflejar una visión exhaustiva del Brasil—admitiendo que hacerlo fuese humanamente posible—, en los límites de la Revista, ni siquiera aunque se haya doblado el número de las páginas que componen una edición ordinaria. Pero este realista punto de partida ha ido reforzándose, día a día, a medida que el número tomaba forma. La prodigiosa vitalidad del país hermano, sus estructuras económicas, su resonancia vital, a la vez que realzaba nuestro admirativo afecto, han ido también acentuando nuestra preocupación cada vez que los imperativos del espacio obligaban a prescindir o a reducir temas, facetas y visiones que nos parecían importantes. Hemos vivido, con experiencia casi directa, que los módulos corrientes en la mayor parte de los países no sirven para el Brasil. Que las estadísticas apenas tienen más que un valor aproximativo en la mayor parte de los casos. Que los datos de ayer ya no sirven para hoy.

Es difícil reflejar en letra impresa la vida de un pueblo. Cuanto más se desciende, cuanto más de cerca quieren verse las cosas, tanto más difícil es dar de ellas una descripción que corresponda a la realidad. El esquema lejano y simple es cosa sencilla. La palpitación de cada instante, por el contrario, se resiste a dejarse encerrar en los moldes de una definición. Lo individual es inefable. Mas este perpetuo «fieri» que es la esencia misma de la vida humana y de las colectividades en que se inserta, es aquí, en el Brasil, arrollador, rítmico y seguro, pero vertiginoso.

Se ha tratado, sin embargo, de ofrecer en una visión de conjunto, necesariamente incompleta, los aspectos más destacados y las facetas más representativas del país. El ayer, el hoy y la omnipresente proyección al futuro, desplegados en la historia; la religión, la literatura, el arte, la economía, la industria, el comercio, la vida cotidiana de sus gentes en el marco de sus ciudades... El espíritu, en suma, de este gran país.

MUNDO HISPÁNICO se enorgullece hoy al incorporar a su colección este número especial sobre el Brasil, dando así realidad a un proyecto largamente acariciado. En él palpita ese aliento universal del gran país hermano, que ahora refuerza su titánica marcha hacia el interior, hacia el ubérrimo y misterioso corazón de sus tierras nuevas, en un voluntario alejamiento de la cómoda vida costeña, proponiéndose problemas de los que podría prescindir, ofrendándose generosamente como tierra de promisión para todos.

Porque el Brasil, sin recelos, sin distingos, sin la más menuda reserva, llama a las gentes de todas las tierras para que pueblen y exploten las suyas, vírgenes aún en extensiones inconcebibles. Amalgama—en un estilo profundamente cristiano e ibérico—de razas, costumbres, colores e ideas. Y realiza el prodigio de plantar, cara a la selva, ante un despliegue avasallador de energía primitiva, la más exquisita muestra de refinamiento artístico, hecho gracia y ritmo de arquitectura.

Este espíritu, pues, del Brasil de 1958, en prodigioso devenir, es el que pretendemos haber reflejado en estas páginas de MUNDO HISPÁNICO, en las que, a la vez, campea la expresión de solidaridad, de común entendimiento, de ideales y metas comunes entre los pueblos que brotaron de las dos viejas naciones de la Península Ibérica, que componen un mundo unido entre sí con lazos cada vez más profundos.

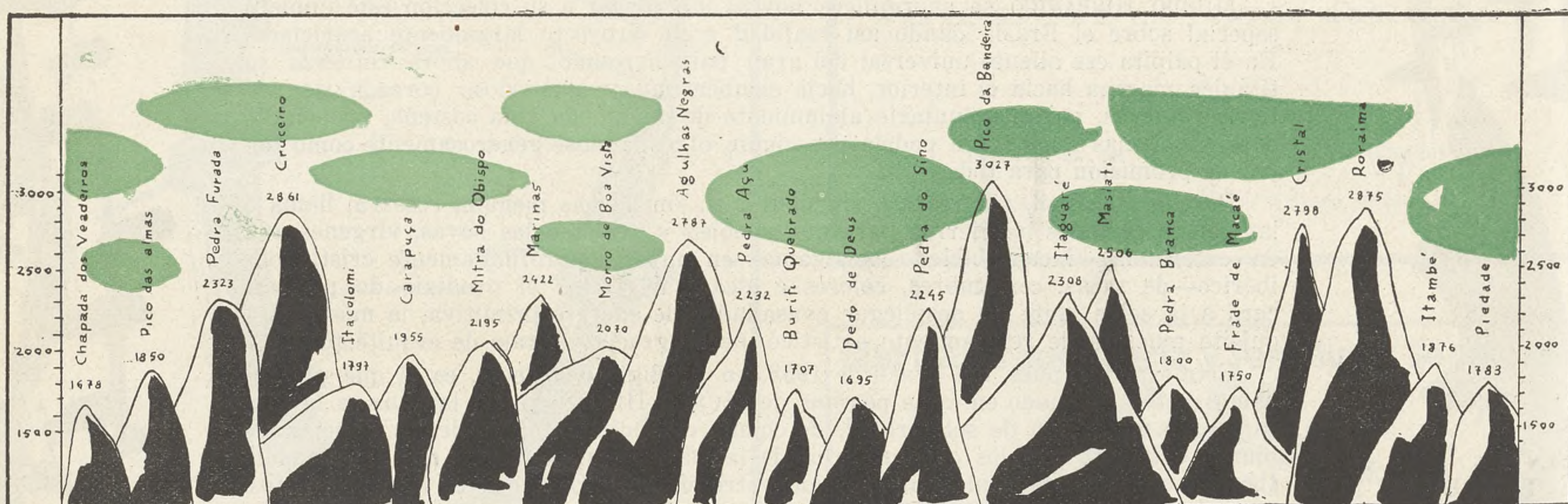
Queremos, como final de esta rúbrica de justificación, dejar constancia de las ayudas que han hecho posible este número. Muchas quedan patentes en las firmas diseminadas por sus páginas. A tan ilustres colaboraciones habríamos de añadir otras muchas. Mas entre ellas destacamos, en lugar de honor, la de los embajadores del Brasil en Madrid, excelentísimo señor don Joao P. Coelho Lisboa, y de España en Río de Janeiro, excelentísimo señor don Tomás Suñer y Ferrer. Asimismo quede constancia de nuestra gratitud a la representación diplomática toda del Brasil en España, singularmente al excelentísimo señor don Antonio de Cámara Canto, ministro encargado de Negocios en los días en que se ha compuesto el número, y a los excelentísimos señores Soroa Filho y Ramos da Costa, consejeros.

ASI ES BRASIL

De norte a sur, de este a oeste, el Brasil, un país de casi ocho millones y medio de kilómetros cuadrados. Exactamente, 8.516.037.

Sin embargo, como la cifra, así, fría, no da quizá a nuestros lectores una idea concreta de lo que es este fabuloso país brasileño acudamos un poco a la comparación. De este forma podemos indicar que el Brasil es como diecisiete veces España y que tiene distancias máximas análogas a las que separan Madrid del mar Caspio.

Más todavía: El Brasil es el cuarto país del mundo en superficie. Por delante sólo están Rusia, China continental y el Canadá: Pero como quiera que este último país debe su importante extensión a las inmensas islas que lo forman, hay que añadir que el Brasil es el tercer país del mundo en lo que se refiere a extensión en tierras continuas.



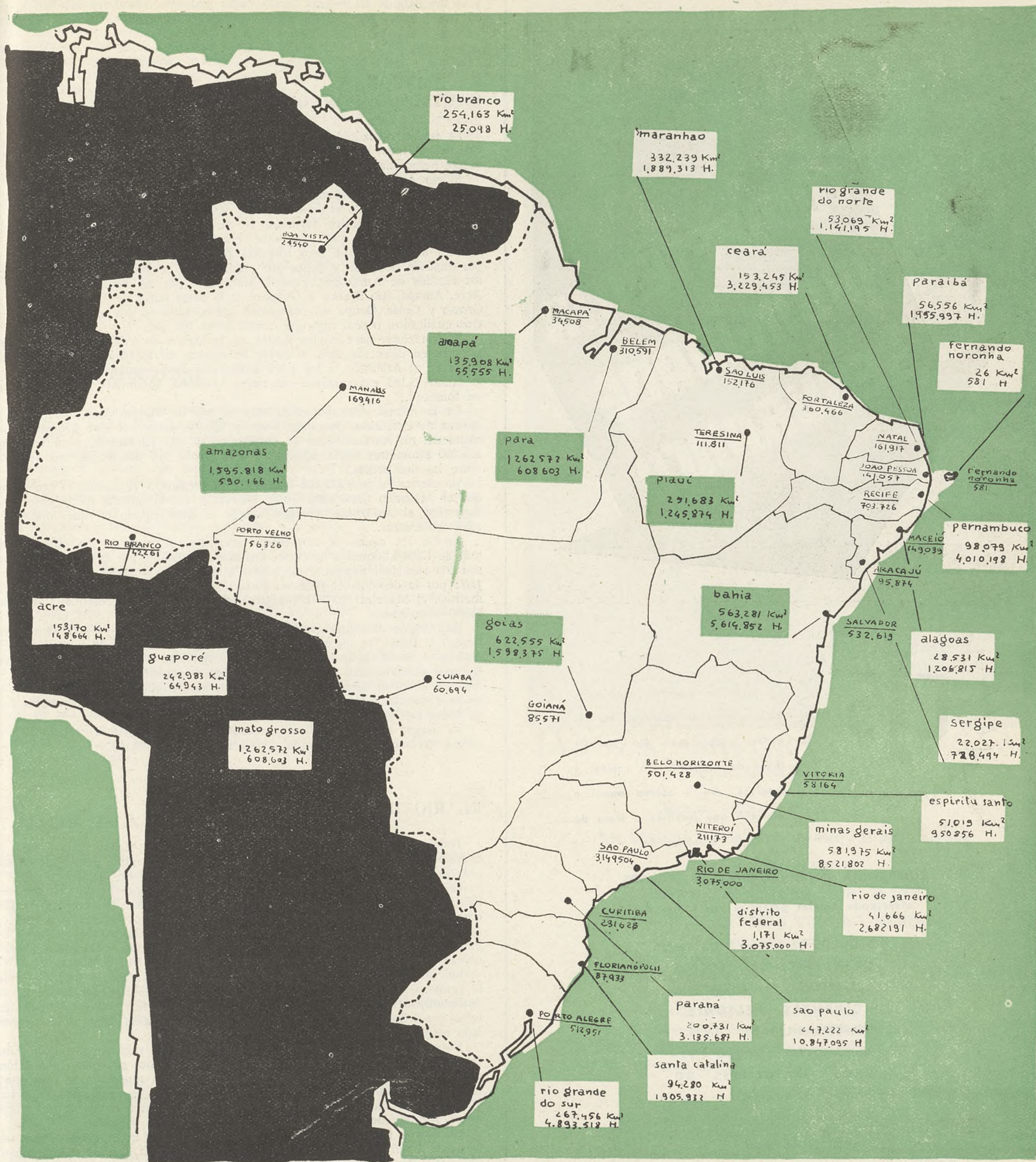
SESENTA MILLONES DE HABITANTES

Para este inmenso país, con fronteras marítimas al Mare Tenebrosum y terrestres a todos los países sudamericanos, excluídos Chile y Ecuador, una población mínima en número. Solamente algo más de los sesenta millones de habitantes. O sea, siete habitantes por kilómetro cuadrado.

Sin embargo, el índice de natalidad brasileño es uno de los más altos del mundo: de 40 a 44 por cada mil habitantes. Junto a ello, la constante emigración, sobre todo europea, hace esperar que para 1980 el Brasil tenga arriba de los cien millones de almas.

Estadísticas oficiales señalan la complejísima distribución étnica del Brasil. Según recientes censos, los blancos constituyen el 62 por 100 de la población: los negros, menos del 11 por 100; los amarillos, el 0,63 por 100; los individuos de tez morena, el resto. Este último grupo comprende a la vez a los indios, mestizos, mulatos, etc. Pese a esta mezcla étnica, la igualdad de razas en el Brasil es no solamente un principio teórico, sino una realidad social que va conduciendo a la homogeneización racial en todo el país.

Toda esta población se concentra especialmente en una faja costera de unos cientos de kilómetros hacia el interior. La evolución producida por el aumento natural de la población, la incorporación de inmigrantes y las migraciones internas, tienden, no obstante a desplazar el centro de gravedad hacia el sur y el oeste.



VEINTICINCO GRADOS DE TEMPERATURA MEDIA

Las cuatro quintas partes del Brasil están situadas entre la línea del ecuador y el trópico de Capricornio; pero esto no significa que todas las regiones tengan clima ecuatorial o tropical. En el Brasil existe una gran variedad de climas, debida a factores diversos, como los vientos, la altitud, las lluvias, la cercanía o lejanía del mar, etc., a pesar de que la media general está aproximadamente en la raya de los 25 grados sobre cero en el termómtro.

En la región amazónica la media es de 27 grados, lloviendo todo el año, aunque menos, como es natural, en los meses de verano; o sea, de julio a diciembre. El nordeste es caliente, pero seco, con 25,5 grados de media. En la costa existe humedad, pero sin temperaturas excesivas (la media de Río está en los 23 grados). En la región interior más cercana a la costa la temperatura es algo más baja, siendo la media en Belo Horizonte de 19 grados.

Algunas veces los periódicos brasileños se han de referir a las nevadas como espectáculo poco frecuente en el país, ya que solamente ocurren en algunas partes del Sur y en muy raras ocasiones. Mayor importancia y gravedad tienen las heladas, a pesar de que sólo existen en las zonas al sur de São Paulo y menos de un mes al año.

PICO DA BANDERA: 3.027 METROS

Una nota que define al Brasil: la escasa altitud de sus tierras. El 57 por 100 del país se encuentra entre los 200 y los 900 metros sobre el nivel del mar. Unicamente el 3 por 100 rebasa los mil metros, y sus picos montañosos más elevados apenas si suben de los tres mil.

Así, pues, en la geografía brasileña predominan las zonas llanas, figurando los puntos más altos en la cadena montañosa que sigue la línea del mar, al sur del litoral. Precisamente esta parte abrupta, donde se corta la altiplanicie amazónica, se llama Serra do Mar, señal evidente del lugar en que se encuentra. Se extiende desde Salvador (Bahía) hasta Porto Alegre, capital del estado de Rio Grande do Sul. El pico más alto del Brasil—Pico da Bandeira, de 3.027 metros—se levanta en esta cadena, al nordeste de Río de Janeiro.

Aparte de esta zona costera montañosa, los otros dos sistemas montañosos del Brasil son la sierra central y la cadena de la Guayana. El sistema central está constituído por un serie de cadenas de mesetas en los estados de Minas Gerais, Goiás y Mato Grosso. La sierra de la Guayana, al norte de la llamada «hoya amazónica», está formando frontera con Venezuela y la Guayana británica.

Junto a estos terrenos altos, las dos altiplanicies brasileñas: la Amazónica

y la del Paraná. Es de esta forma como podemos considerar dividido el país en tres grandes regiones naturales para mejor estudiar su dilatada geografía.

EL AMAZONAS, BAUTIZADO POR ORELLANA

La región amazónica, en el norte del país, es un profundo valle tropical, casi deshabitado, que forma la llamada «hoya amazónica», de la que anteriormente hemos hablado.

El río Amazonas, que baña todo este sector del Brasil, fué bautizado así por el descubridor español Francisco de Orellana en 1541, cuando exploró por vez primera todo el cauce del río, desde las estribaciones orientales de los Andes hasta el Atlántico. Lo llamó río de las Amazonas en honor a una tribu de guerreras blancas que decía haber encontrado en sus orillas.

Esta inmensa región está formada por terrenos sedimentarios, recubiertos por espesos bosques, y posee un clima cálido y húmedo. Se extiende por los estados de Amazonas, Pará y Maranhao, por los territorios federales de Acre, Amapá, Rio Branco y Guaporé, y la parte norte de los estados de Mato Grosso y Goiás. Ocupa una extensión aproximada de dos millones de kilómetros cuadrados, o sea, casi una cuarta parte del país.

El Amazonas nace en los Andes, en la laguna de Vilafro (Arequipa, Perú), y corre en dirección este, a través de espesas selvas tropicales, hasta desembocar en el Atlántico, a los 6.275 kilómetros de su nacimiento. De ellos, casi la mitad—3.165 exactamente—en tierra brasileña. Solamente el Nilo le supera en longitud.

En la misma desembocadura está la isla de Marajó, que tiene 160 kilómetros de extensión, de norte a sur, y 288 de ancho, de este a oeste. La anchura del río Amazonas, en su desagüe, es de 272 kilómetros, y en Tabatinga, a 3.200 kilómetros tierra adentro, todavía mide casi dos kilómetros de ancho entre las dos orillas.

Su cuenca es de 4.819.819 kilómetros cuadrados, y su caudal es tan grande, que el Atlántico lleva agua dulce todavía a 320 kilómetros de la desembocadura. Por el Amazonas navegan barcos de gran calado en una longitud de 4.080 kilómetros.

Recibe las aguas de numerosos afluentes, algunos de los cuales tienen más de 1.600 kilómetros de curso. Los más principales, por la margen izquierda, son los ríos Içá, Sapurá, Negro (600 kilómetros), Jamundá, Cuminá, Parú y Jarí; por la derecha, el Jutaí, el Jurná (3.000 kilómetros), el Purús (3.000 kilómetros), el Madeira (3.379 kilómetros), el Tapajoz (894 kilómetros) y el Xingú (2.090 kilómetros).

Esta región amazónica, salvo las altas llanuras del sur y sudeste de Mato Grosso y Goiás, se encuentra solamente a pocos cientos de metros sobre el mar, y su clima siempre es húmedo y cálido. Este clima tropical y los fértiles terrenos aluviales dan a la cuenca frondosa vegetación y bosques vírgenes, en los que abundan sorprendentes variedades de productos silvícolas. En el Brasil se encuentran más de 50.000 especies vegetales; es decir, la cuarta parte de todas las conocidas en el mundo.

La mayor riqueza del Brasil amazónico la constituyen el caucho, los coquitos, las semillas oleaginosas y diversas clases de madera.

EL RIO DE LA UNIDAD NACIONAL

Toda la parte del Brasil que incluye los estados de Bahía, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas y Sergipe, puede ser considerada como dentro de esta región geográfica del nordeste brasileño.

En ciertas zonas de esta región, cuya vegetación predominante es la llamada *caatinga*, característica de las tierras semiáridas, es necesario emplear regadíos, a pesar de que abundan los bosques. En estos lugares la altitud casi nunca baja de los 300 metros, alcanzando en ocasiones más de los mil. Esta parte del país sufre devastadoras sequías, que se suceden esporádicamente, no obstante tener la región un índice pluviométrico de 145 centímetros.

Los principales ríos de la región nordeste son el San Francisco y el Paraíba. El primero, cuyo curso es de 3.161 kilómetros, puede ser considerado el «río de la unidad nacional». El hecho de que toda su cuenca esté incluída en territorio brasileño le confiere un especial carácter a través de su destino, vinculado estrechamente al destino del Brasil.

Nace el San Francisco en las montañas de la región central de Minas Gerais. Corre en dirección al norte, paralelo a la costa por unos 1.600 kilómetros. Después se vuelve hacia el este, haciendo un recodo, y se precipita al mar por las cataratas de Paulo Alfonso. Ha sido y sigue siendo una importante vía de comunicación entre el norte y el sur del país, a través de una cuenca de 631.666 kilómetros cuadrados.

La altitud media del terreno por el que el río San Francisco corre tiene cerca de 2.600 metros, y por ello el curso de agua está cortado constantemente por saltos de agua, siendo el más alto de ellos el ya citado de Paulo Alfonso, que tiene 80 metros de altura por 17 de ancho, con un potencial hidroeléctrico calculado en dos millones de caballos.

Las condiciones geológicas y climatológicas del San Francisco son bastante mejores sobre la orilla izquierda, aunque una gran parte de tierras, hoy sin cultivo, esperan la prolongación de la red de riego para ser aprovechadas.

El otro río de esta región, el Paraíba, tiene su origen en las montañas del estado de Goiás, sigue su curso hacia el norte, entre los de Maranhão y Piauí, y es navegable en algunas partes hasta un total de 640 kilómetros.

En esta región nordeste, donde abundan las zonas húmedas y en la que existen numerosos regadíos, se dan abundantes cosechas de cacao, algodón, caña de azúcar, tabaco y café. En sus selvas se recogen semillas oleaginosas y crecen diversas plantas productoras de fibras comerciales.

EL CORAZON DEL BRASIL

La tercera división geográfica, las tierras altas del centro y del sur, constituye en realidad el corazón del Brasil. Allí se encuentran las tierras más fértiles y productivas: las famosas *fazendas* de café, los cultivos algodoneros, los campos frutales, las grandes hectáreas dedicadas a la cría de ganado... Igualmente se concentran aquí también los principales depósitos minerales,

los centros manufactureros, la red principal de caminos y carreteras y el grueso de la población.

Un simple dato estadístico puede hacer ver rápidamente todo lo que decimos. El 60 por 100 de la población total del país reside en los estados que componen esta región: Espíritu Santo, Río de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catalina, Rio Grande do Sul, el Distrito Federal y la parte sur de Mato Grosso y Goiás.

En el sur, las secciones brasileñas de los ríos que forman el sistema fluvial del Río de la Plata, tienen gran importancia. Más de 1.400 kilómetros de cauce del río Paraguay, que nace cerca de la parte central de Mato Grosso, están en el Brasil. El Paraná (Madre del Mar) corre por tierras cariocas durante un tercio de su curso, de 5.000 kilómetros. En el mismo se forman numerosos saltos y cascadas, entre los cuales merece especial nombramiento la que se forma al recibir las aguas del Iguasú, en la frontera con la Argentina y el Paraguay. En realidad se trata de una serie de cascadas con un altura media de 72 metros. El enorme volumen de agua se precipita por un semicírculo de cuatro kilómetros de diámetro.

Y aunque los raudales impiden en muchos lugares la navegación en la parte brasileña de este río, el Uruguay, tercer curso de importancia en el sistema del Plata, también nace en el Brasil, allá en las montañas de la Serra do Mar.

VENAS DE AGUA HACIA EL ATLANTICO

Aparte de los grandes ríos brasileños indicados en este rápido repaso de la geografía del Brasil, podemos señalar la existencia de una serie de caudales de agua que, si bien no alcanzan la magnitud de aquéllos, también tienen su importancia. Hay que considerar que el sistema fluvial brasileño es uno de los más extensos del mundo, con cerca de 44.000 kilómetros navegables.

En la costa que va desde la frontera de la Guayana hasta el desagüe del Amazonas, están, por ejemplo, el Oiapoque (450 kilómetros, formando frontera con la Guayana) y el Araguarí. Y en el mismo delta amazónico mueren el Paraná-Tocantins (2.600 kilómetros de curso), que recibe las aguas de numerosos afluentes.

Más al sur están el Gurupí, el Itapecurí, el Paranaíba (852 kilómetros) y el Jaguaribe (570 kilómetros), antes de llegar a la desembocadura del San Francisco. Desde ésta hasta el límite sur de la costa brasileña van a morir al océano el Itapicurú (790 kilómetros), el Paraguassú (514 kilómetros), el Sequitinhonha (800 kilómetros), el Mucuri (250 kilómetros), el Doce (579 kilómetros, con el salto de Escandinhas, a 322 kilómetros hacia el interior), el Paraíba do Sul (1.061 kilómetros) y el Jacuí.

Existen asimismo diversas lagunas fluviales, y entre ellas las de Ararnana, Feia, Maricá, Mangaba, Sequiá, Lagoa Santa, Lagoa do Norte, Lagoa dos Patos (10.144 kilómetros cuadrados, en el estuario del Rio Grande do Sul, unida por el canal de San Gonzalo con la de Mirim), Mirim (2.966 kilómetros cuadrados, en condominio con el Uruguay), Mangueira (99 kilómetros de largo), Paraguassú y Lagoa do Norte.

En el Amazonas se encuentran igualmente las lagunas Amaná, Capea, Codajós, Erepecú y Curná.

LA MAYOR ISLA FLUVIAL DEL MUNDO

Además del territorio continental, el Brasil tiene varias posesiones insulares menores. Así, las islas que componen el archipiélago de Marajó, en la desembocadura del Amazonas, algunas de las cuales tienen, como la que da nombre al archipiélago, 36.260 kilómetros cuadrados. Las restantes islas del mismo son las de Bailique, Cariana, Mexiana, Gurupá y Porcos.

Otro archipiélago importante, que forma uno de los cinco territorios federales del Brasil, es el de Fernando Noronta, situado aproximadamente a 480 kilómetros al nordeste del Estado de Pernambuco.

Más islas: San Juan y San Luis, Itamaracá, Itaparica, Grande, San Sebastián, Alcatraces, San Francisco, Santa Catalina, Trinidad.

Y la mayor isla fluvial del mundo: la del Bananal, con 500 kilómetros cuadrados, en el río Araguaya, afluente del ya citado Tocantins.

VEINTE ESTADOS, CINCO TERRITORIOS Y UN DISTRITO FEDERAL

Según la Constitución de 18 de septiembre de 1946, el Brasil es una federación de veinte estados, cinco territorios y un Distrito Federal.

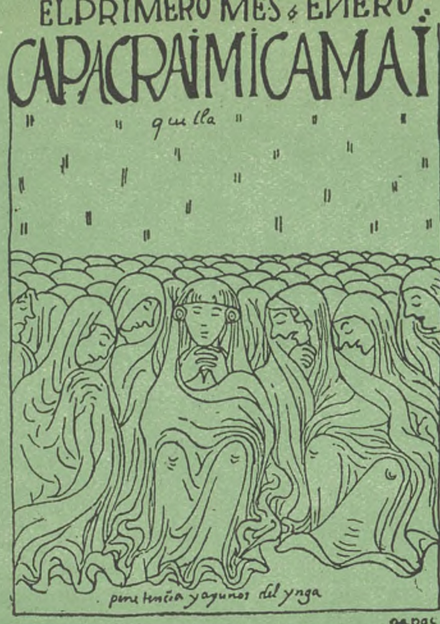
La Constitución exige la separación de poderes. El ejecutivo está ejercido por el Presidente de la República, elegido por voto popular para un período de cinco años, sin poder ser reelegido hasta pasado otro período.

El Senado y la Cámara de los Diputados ejercen el legislativo, existiendo junto a ellos, como órgano auxiliar, un Tribunal de Cuentas. El Senado tiene tres senadores por cada estado y el Distrito Federal, elegidos por períodos de ocho años. La Cámara tiene diputados, elegidos por cuatro años, en proporción a los habitantes de los estados y los territorios.

El poder judicial está integrado por la Corte Suprema Federal, la Corte Federal de Apelaciones, los jueces y tribunales militares, electorales y del trabajo.

Los estados son autónomos y cada uno tiene su propia constitución, elige su propio gobernador y su Cámara legislativa. Estos estados, así como los territorios, se dividen en municipios, existiendo unos 2.500 en todo el Brasil. El Distrito Federal es el asiento del Gobierno, y lo administra un prefecto, nombrado por el Presidente de la República y por una Cámara legislativa elegida por el pueblo.

Actualmente la capital de la República es Río de Janeiro, pero ya en 1824 un mandato constitucional señalaba que esta capital se transferiría a un sitio más central, para lo que se reservó en el Estado de Goiás un Distrito Federal con este propósito. En septiembre de 1956 el Congreso aprobó una ley a este respecto, y se espera que la nueva capital, Brasilia, pueda inaugurarse en 1960.







RESUMEN HISTORICO

Corría el año de gracia de 1500. El día 22 de abril, domingo de Pascua, el almirante portugués Pedro Alvares Cabral avista por vez primera las costas del actual Brasil. Desembarca en Porto Seguro, en la parte sur de lo que hoy es Estado de Bahía.

Alvares Cabral toma posesión del nuevo territorio en nombre del rey Don Manuel de Portugal, ligado por vínculos de afecto y sangre a los soberanos españoles. Aun estaba reciente el Tratado de Tordesillas, firmado entre Portugal y Castilla, por el que se establecía una línea imaginaria situada a 370 leguas al oeste de las islas de Cabo Verde, conviniendo en que todas las tierras descubiertas al este de dicha línea pertenecieran a la corona lusitana.

El almirante Cabral bautizó la región con el nombre de *Vera Cruz*. Después, cuando en sus bosques se descubrió una madera tintórea semejante a la denominada «palo brasil», aquellos territorios perdieron su primitivo nombre, tomando este otro, con el que han pasado a la Historia.

1534: QUINCE CAPITANIAS

En la nueva colonia se estableció muy pronto un floreciente comercio en maderas tintóreas. Comerciantes de todas las nacionalidades europeas establecieron factorías en aquella parte del Nuevo Continente. Portugal estaba entonces dedicado enteramente a sus ricas posesiones del Oriente, y durante más de un cuarto de siglo no se preocupó de ejercer su derecho en esas tierras de América. A pesar de ello, durante los treinta años que siguieron al descubrimiento del Brasil, fueron estableciéndose pequeñas colonias portuguesas a todo lo largo de la costa.

Por fin, las noticias llegadas de las vastas riquezas encontradas en el Perú y el descubrimiento de oro en el mismo Brasil obligaron a que el rey Don Juan III se decidiera a iniciar la colonización del país bajo su patronato.

De esta forma, en 1534 se crearon quince capitanías, que se extendían por la costa y por el interior hasta la frontera con los vecinos territorios castellanos. Estas capitanías eran hereditarias, y a sus gobernadores se les concedieron facultades casi absolutas dentro de sus jurisdicciones respectivas.

Pero este ensayo de capitanías hereditarias no dió todos los resultados apetecidos, y catorce años más tarde, en 1548, el mismo rey Don Juan III, para dar mayor estabilidad a las colonias y protegerlas contra los piratas y corsarios que asolaban las costas, acordó someterlas a una autoridad central que dependiera de manera directa de la Corona.

Para llevar a cabo estos proyectos, el monarca adquirió la Capitanía de Bahía, nombrando gobernador general de la colonia a Tomé de Sousa. Este gobernador llegó a Bahía de Todos os Santos en el mes de marzo de 1549, y fundó allí la ciudad de Sao Salvador (Bahía), que fué capital del Brasil hasta 1763, en cuya fecha la sede del Gobierno pasó a Río de Janeiro.

Esta ciudad de Río de Janeiro se llamó primitivamente Sao Sebastián de Río de Janeiro, y fué fundada en 1567, el mismo año en que los hugonotes franceses, que querían establecerse en su bahía, fueron expulsados definitivamente por el esforzado Mem de Sa.

1580: UNION HISPANO-PORTUGUESA

Portugal quedó incorporado al Imperio español en el año de 1580. Los mismos enemigos europeos que atacaban todos los dominios españoles comenzaron entonces a atacar los portugueses. El Brasil como es lógico, no constituyó excepción, y hubo de soportar varios intentos de ocupación por parte de corsarios que navegaban con bandera inglesa, holandesa o francesa.

Fueron, de todos ellos, los holandeses los que tuvieron mayor éxito en estas correrías, hasta el punto de que en 1630 lograron dominar una faja de costa con siete capitanías, de las cuales la más importante era Pernambuco. Este dominio continuó hasta 1654, en que fueron expulsados definitivamente.

Por esta misma época, el Brasil comenzó a hacer grandes progresos, y los brasileños empezaron a tener conciencia de su nacionalidad. Asimismo, la colonia comenzó a extenderse mucho más al este, por los actuales estados de Mato Grosso, Minas Gerais y Goiás, en cuyas regiones se descubrió la existencia de oro y diamantes.

Aunque todas estas nuevas tierras no estaban comprendidas dentro de la línea estipulada por el Tratado de Tordesillas, posteriores tratados celebrados en Madrid (1750) y en San Ildefonso (1777) reconocieron el derecho de Portugal a su dominio.

POMBAL, EL «GRAN MARQUES»

Desde 1750 hasta 1777, fechas de los dos tratados antedichos, los asuntos coloniales de Portugal estuvieron a cargo del marqués de Pombal, distinguido estadista, que fomentó acertadamente la economía y el comercio de la colonia brasileña y del Imperio portugués en general, mereciendo por todo ello el sobrenombre de «Gran Marqués».

Sin embargo, aprovechando la distancia de la metrópoli y otros diversos obstáculos que lógicamente impedían una estrecha vigilancia por parte de la Corona, los gobernadores locales se mostraron a menudo despóticos y arbitrarios, lo que originó intensos descontentos en la población. Unido todo ello a los sentimientos nacionalistas, que habían venido manifestándose por más de siglo y medio, contribuyó a crear en los brasileños un creciente deseo de independencia.

El primer movimiento independentista ocurrió en el año 1789, en Ouro Preto, entonces capital del Estado de Minas Gerais. El jefe del movimiento fué Joaquim José da Silva Xavier, un profundo idealista, más conocido con el sobrenombre de «Tiradentes» («Sacamuelas»), que el pueblo le había dado por su antigua profesión de dentista.

Denunciado Da Silva, auténtico cabecilla de la conspiración, fué condenado a la última pena. Su ejecución lo convirtió en mártir y símbolo de la independencia brasileña.













LA FAMILIA REAL, EN BRASIL

En 1808, cuando Napoleón declaró la guerra a Portugal, al negarse la nación a cooperar en el bloqueo contra Inglaterra, el príncipe regente Don Juan IV huyó al Brasil con su familia y su corte.

La familia real, que se estableció en Río de Janeiro, fué recibida con mucho entusiasmo por el pueblo de la colonia. En los años que residió en América, Juan IV instituyó muchas reformas, que reportaron grandes beneficios y dieron nuevo impulso al desarrollo científico, comercial, literario y artístico del país.

Cuando en 1815 los franceses abandonaron el territorio de Portugal, el Brasil fué declarado reino aparte y autónomo dentro de la monarquía portuguesa. Un año más tarde, a la muerte de su madre, la reina Doña María, el príncipe regente ascendió al trono.

En este mismo año estalló en Portugal un movimiento de tendencia liberal que pedía, entre otras cosas, el restablecimiento del régimen colonial en el Brasil, y ponía al rey en la alternativa de regresar a Portugal o perder la corona. Entonces Don Juan regresó a Europa, dejando a su hijo Don Pedro como regente del Brasil.

1822: «GRITO DO IPIRANGA»

Pero el regente Don Pedro se negó a obedecer las órdenes por las que se le mandaba regresar a Portugal, y declaró al Brasil independiente en el famoso «Grito do Ipiranga» (7 de septiembre de 1822), que trajo consigo su proclamación como emperador constitucional del Brasil.

El nuevo régimen político fué inaugurado sin violencia ni derramamiento de sangre, en medio del mayor entusiasmo popular. De esta forma, el Brasil fué la única entre las naciones americanas que retuvo la monarquía como forma de gobierno durante los primeros años de independencia.

En el Gabinete escogido por Don Pedro figuró como ministro del Interior y de Relaciones Exteriores un distinguido científico y hombre de letras, José Bonifacio de Andrada y Silva. Su actuación política contribuyó grandemente a la consolidación del nuevo imperio, por lo que ha merecido el título de «Patriarca de la Independencia».

Pero la nueva nación estaba llamada a tropezar con lógicas dificultades. Así, en el mismo año 1822 Don Pedro disolvió la Asamblea constitucional cuando ésta se disponía a aceptar una Constitución liberal, de carácter casi republicano, limitadora radical de las facultades del emperador. Y aunque en 1824 el mismo Don Pedro proclamó una Constitución liberal que él había preparado, no logró de esta forma aplacar a los descontentos del país.

Sin embargo, la ley fundamental de 1824 continuó rigiendo los destinos brasileños hasta la proclamación de la República, en 1889.

DON PEDRO II: CINCUENTA AÑOS DE REINADO

Durante el período de regencia participaron en el Gobierno todos los partidos entonces existentes, aunque esta medida no consiguió traer la tranquilidad al país, haciéndose necesario declarar mayor de edad al joven príncipe cuando sólo contaba quince años y proclamarlo emperador constitucional del Brasil.

El reinado de Don Pedro II duró cincuenta años, siendo todo este tiempo uno de los más importantes en la historia del país, ya que en el mismo se logró su paficicación y consolidación.

Durante este reinado tuvieron lugar dos guerras. En la primera, que estalló en 1851, el Brasil prestó apoyo a una facción política argentina para derrocar a Juan Manuel Rosas. En la segunda (1865-1870), el Brasil, aliado de la Argentina y Uruguay, contribuyó a derribar, en el Paraguay, el régimen de Francisco Solano López.

En el año 1831 se promulgó una ley prohibiendo la trata de esclavos, aunque la importación de éstos continuó por muchos años. Don Pedro, sin embargo, era enemigo de la esclavitud, y para 1850 su Gobierno había ya conseguido interrumpir el tráfico negrero. Años después, el 13 de mayo de 1888, fueron declarados libres todos los esclavos. Entonces los hacendados, que no recibieron indemnización por la pérdida de aquéllos, se unieron a los republicanos y al ejército en un movimiento para derrocar a la Monarquía, y el 15 de noviembre de 1889 dieron un golpe de Estado que proclamó la República.

1889: BRASIL, REPUBLICA

El mariscal Manuel Deodoro da Fonseca formó un Gobierno provisional, que se encargó de regir el país hasta que se proclamase la nueva Constitución y se eligiese un presidente en la forma prevista por ella.

A principios de 1891 fué elegido presidente el propio mariscal Da Fonseca, y en noviembre del mismo año le sucedió en el mando el vicepresidente, Floriano Peixoto. Estas dos fueron las únicas administraciones militares. Después de las elecciones de 1894, todos los Gobiernos que siguieron fueron civilistas.

Uno de los presidentes más notables fué Manuel Ferreira de Campos Salles (1898-1902), que negoció el plan de amortización de la Deuda exterior, efectuó grandes economías en el fisco y estabilizó las finanzas, logrando robustecer así el crédito de la nación.

De 1930 a 1945, la figura más destacada del Brasil fué Getulio Vargas, que ganó el poder en la revolución de 1930. Durante todo este período tuvo lugar la segunda guerra mundial, en la que fué el Brasil el único país de la América del Sur que declaró la guerra a Alemania e Italia (agosto de 1942), enviando tropas al frente.

En octubre de 1945, poco antes de celebrarse las elecciones, que habían sido pospuestas a causa de la guerra, Vargas presentó su renuncia presidencial. Fué entonces elegido presidente el general Eurico Gaspar Dutra, que rigió los destinos del Brasil hasta 1950. Durante este período presidencial se puso en vigencia una nueva Constitución, en 18 de septiembre de 1946.

Posteriormente, de nuevo volvió Getulio Vargas a ocupar la presidencia en las elecciones de 1950. Pero, a causa de su suicidio, en el año 1954, antes de tenerse que celebrar nuevas elecciones, tomó posesión el vicepresidente, Juan Cafe-Filho.

Finalmente, en octubre de 1955, se llevaron a cabo las elecciones nacionales, siendo electo presidente de la República Juscelino Kubitscheck de Oliveira, que actualmente sigue rigiendo los destinos de la nación brasileña.

(Grabados del calendario manuscrito de Guaman Poma—1587—.)









BIBLIOTECA DE AUTORES CRISTIANOS

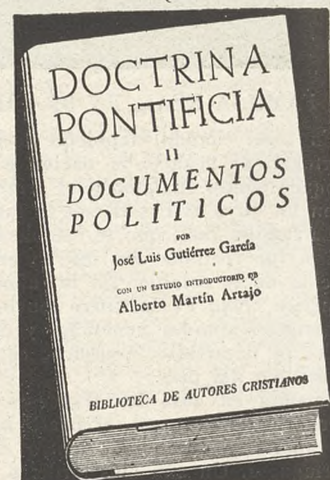
ULTIMA OBRA PUBLICADA

DOCUMENTOS POLITICOS

II

de la serie DOCTRINA PONTIFICIA

Un código sistemático del pensamiento político de los Papas



Edición preparada por JOSE LUIS GUTIERREZ GARCIA, profesor en el Instituto Social León XIII.

Estudio introductorio y sumario de tesis, por ALBERTO MARTIN ARTAJO.

Con la colaboración en el sumario de tesis de VENANCIO LUIS AGUDO.

Espléndida colección, casi exhaustiva, que no tiene hasta ahora equivalente dentro ni fuera de España. Científicamente preparada. Texto bilingüe. Rica en índices de ideas, que facilitan su manejo. De gran actualidad para los católicos de todo el mundo que sientan preocupación por la cristiana constitución de la sociedad civil.

Reúne los documentos desde Pío IX (1846-1878) hasta Pío XII inclusive. Los grandes problemas de la libertad, la autoridad, la democracia, el totalitarismo, la prensa, las formas de representación, la familia, las relaciones de la Iglesia y el Estado, la tolerancia, el orden internacional, etc., aparecen ilustrados por encima de las vicisitudes históricas.

El señor Gutiérrez García, profesor del Instituto Social León XIII, ha logrado una edición rica, segura y de fácil consulta. El texto de cada documento va precedido de una introducción doctrinal e histórica, un sumario de las ideas y una nota bibliográfica, cuidadosamente elaborados. Un rico índice final de conceptos permite a cualquier profano la consulta de lo que busca.

Completa esta excelente edición de los textos una sustanciosa *"Exposición sistemática de la doctrina pontificia acerca de la constitución cristiana de la sociedad y del Estado"*, ordenada temáticamente por don Alberto Martín Artajo. Esta exposición va seguida de un sumario de las tesis pontificias, preparado también por el señor Martín Artajo, con la colaboración de don Venancio Luis Agudo. Esta parte introductoria, de inestimable valor práctico para el manejo de los documentos, comprende 176 páginas.

La muerte de Pío XII, cuyo magisterio comprende más de 300 páginas del volumen, presta singular actualidad a este legado doctrinal y religioso.

Grueso volumen de 178* + 1.073 páginas. Compuesto en clara tipografía de monotipia (BAC. núm. 174).

Anteriormente publicadas de la misma serie:

I

DOCUMENTOS BIBLICOS

Por Salvador Muñoz Iglesias

Prólogo del Excmo. y Revdmo. Sr. Dr. D. Leopoldo Eijo Garay, Patriarca de las Indias Occidentales y Obispo de Madrid - Alcalá.

XXXII + 705 páginas. BAC (136).

Constituye esta obra un instrumento de trabajo utilísimo para escrituristas y teólogos y una fuente de información sin igual para todo sacerdote y católico culto.

IV

DOCUMENTOS MARIANOS

Por el P. Hilario Marín, S. I.

XXXII + 892 páginas. BAC (128).

Este volumen contiene una riquísima aplicación de las Sagradas Escrituras y de los principios teológicos en orden a la Santísima Virgen.

EN TODAS LAS BUENAS LIBRERIAS DEL MUNDO · OBSEQUIE CON LIBROS DE LA «BAC» EN PIEL

LA EDITORIAL CATOLICA, S. A. - Alfonso XI, 4 - MADRID

ECONOMIA BRASILEÑA

EN la actualidad aún podemos decir que existen dos Brasil; uno, anacrónico, que desaparece en progresión creciente, y otro que se está gestando gracias a las nuevas condiciones que están surgiendo.

El contenido de este nuevo Brasil puede resumirse en una palabra: industrialización. Este es el verdadero progreso civilizador, que está generando en la sociedad brasileña nuevas formas de producción y, consecuentemente, correlativas modificaciones en el aspecto social, político y cultural.

Hasta aproximadamente el año 1930 el Brasil era un país esenciclmente agrícola, que crecía impulsado principalmente por el sector exportador. Sin mercado interno, escasamente industrializado, el Brasil de principios de siglo no había iniciado en su territorio un proceso de autodesenvolvimiento de envergadura. Incluso llegó a afirmarse que, dadas las condiciones de clima, de raza o de psicología colectiva, jamás podría modificar la naturaleza de su sistema de producción y convertirse en industrial. Pero la crisis mundial de 1929 provocó una acentuada baja en el valor de las exportaciones y constituyó una "impasse" para la economía brasileña; en aquella fecha el Brasil poseía un depósito de 80 millones de sacos de café. La crisis vino a decir que los productores de este cultivo debían detener el ritmo de inversiones en el principal sector de exportación, ya que la demanda se mostraba incapaz de absorber la producción total de café en niveles compensadores de remuneración. De esta forma ganó terreno una tendencia que ya se había insinuado en períodos críticos anteriores y que puede ser definida como un proceso de sustitución de importaciones en nivel capitalista.

Es este proceso el que caracteriza actualmente la economía del Brasil, del que ya puede decirse que está en vías de convertirse en industrial principalmente, y secundariamente, en agrario.

El ritmo de su crecimiento económico es tan vertiginoso, que resulta imprecisa cualquier cifra para fijarlo. Unicamente es posible reflejar instantáneas que, cotejadas con cifras precedentes o tomándolas como base de proyectos a corto plazo, nos darán la medida gigante de la evolución económica del Brasil.

AGRICULTURA

La agricultura brasileña constituye un 80 por 100 del valor total de la exportación. El aumento sensacional operado en otros órdenes de la economía no ha conseguido alterar el carácter agrícola del país.

A pesar del aumento de la población de un 21 por 100 desde 1946, la producción nacional cubre el 42 por 100 del mercado interno.

PRODUCCION DE MAIZ

Originario de América, donde los descubridores ya lo encontraron cultivado en una extensión que va del sur de Chile hasta el norte de Pensilvania, el maíz es un producto casi americano.

Brasil ocupa el segundo puesto entre los países que se dedican al cultivo del maíz, después de Norteamérica, que produce el 55 por 100 de la cifra mundial. La producción brasileña en 1957 fué de ocho millones de toneladas, la cual hace que, después del café y el arroz, sea este producto el que más contribuye para el desarrollo de la economía agrícola del país.

De todos los productos agrícolas del Brasil es el maíz el que ocupa la mayor extensión de terreno cultivado, con 1,61 millones de hectáreas. El consumo del maíz en el Brasil presenta una variante característica, y es que cerca de una cuarta parte de la producción total se emplea como alimento humano.

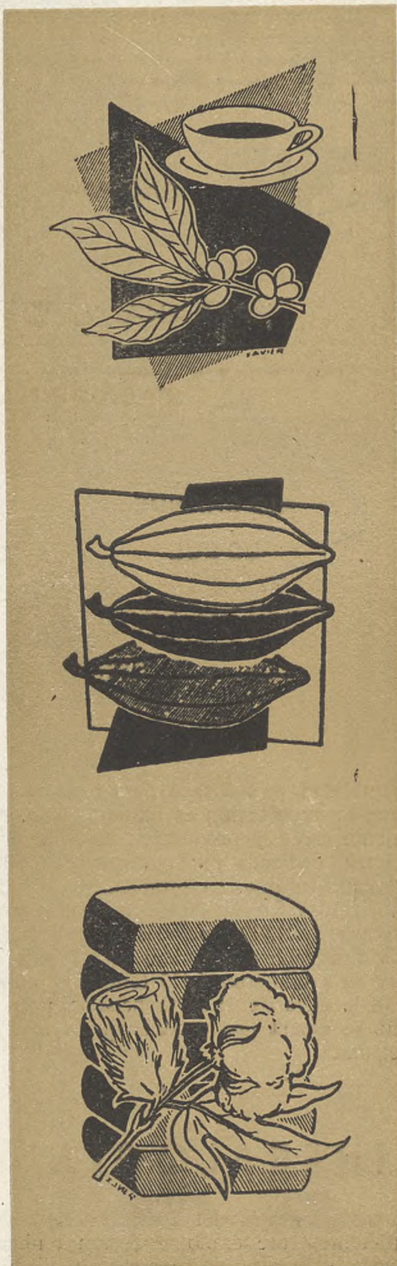
ARROZ BRASILEÑO

El arroz es cultivado en casi todas las regiones del territorio brasileño, si bien la exportación para mercados extranjeros se hace casi exclusivamente del arroz cultivado en el Estado de Río Grande del Sur, principal productor. La superficie dedicada a su cultivo es de 2.554.000 hectáreas. La cosecha del año 1957 fué de 4.076.273 toneladas, considerado el arroz bruto con cáscara.

La exportación en el último año fué de 71.723 toneladas.

PRODUCCION DE ALUBIAS

Brasil ocuya actualmente en las estadísticas internacionales el puesto de primer productor de alubias. Como toda la producción es absorbida por el consumo interno, es evidente la importancia que alcanza esta leguminosa en la alimentación del pueblo brasileño. En ninguna otra parte del mundo el consumo de alubias alcanza índices *per capita* tan altos.



Aproximadamente se producen en el mundo 7,5 millones de toneladas de alubias, de las cuales un poco más del 20 por 100 corresponden al Brasil.

CACAO

El cacao es otro de los productos agrícolas más importantes. En 1956 la producción fué de 155.000 toneladas. Su cultivo se da en el Estado de Bahía, en la proporción de un 90 por 100.

Alemania y los Estados Unidos constituyen los mercados de exportación más interesantes.

ALGODON

Después del café, el principal cultivo del Brasil es el algodón. En 1956 la producción fué de 424.000 toneladas. De esta cantidad, el 43 por 100 proviene del Estado de São Paulo.

Los países que importan la mayor parte de este algodón son: Japón, Alemania, Gran Bretaña y Francia, por un valor de 90 millones de dólares.

CAFE

Como consecuencia de la especial atención dispensada a los cereales, el café no es ya el producto absoluto de otros tiempos, aun siendo todavía la principal riqueza de la cosecha agrícola.

En el año 1956 la producción de café fué de 1.000.000 de toneladas; ésta procede del Estado de São Paulo en un 45 por 100, de Minas Gerais en un 22 por 100, de Paraná en un 11 por 100 y de Espíritu Santo en un 11 por 100 también.

PRODUCTOS FORESTALES

La floresta brasileña es mundialmente considerada como una de las más ricas en madera propia para construcciones y otras aplicaciones en la industria. Según recientes estudios, el Brasil posee actualmente 395.000.000 de hectáreas forestales, lo que supone el 10 por 100 del total de las reservas del globo, que se calculan en 3.500.000.000 de hectáreas.

A lo largo de todo el país el principal combustible empleado consiste en maderas y carbón vegetal; debido a esto, cerca de 100.000.000 de metros cúbicos de madera son cortados todos los años.

Las exportaciones en el último año fueron de 7.558 toneladas de madera de cedro, 5.826 toneladas de imbuia; 2.362 toneladas de jacarandá y 209.834 toneladas de pino.

PRODUCCION de CAFE en BRASIL



RIO BRANCO
AMAYA
AMAZONAS
PARÁ
MARANHAS
CEARÁ
RIO GRANDE DO NORTE
PARAIBA
PIAUÍ
PERNAMBUCO
ALAGOAS
SERGIPE
ACRE
GUAPORE
BAHIA
GOIAS
MATO GROSSO
MINAS GERAIS
ESPIRITO SANTO
SAO PAULO
RIO DE JANEIRO
PARANÁ
Sta CATARINA
RIO GRANDE DO SUL

Hasta 100 Tm.
De 1000 a 10.000 Tm.
De 10.000 a 50.000 Tm.
De 100.000 a 250.000 Tm.
Más de 400.000 Tm.

GANADERIA

La ganadería brasileña se encuentra en franco desarrollo; los rebaños aumentan de manera excepcional; las razas son cada vez más depuradas y adaptadas al ambiente, obteniéndose precocidad en producción lechera y carnes de mejor calidad.

En 1957 la exportación total fué de 24.000 toneladas, inclusive 4.500 de carnes en conserva. Desde 1930, en que la exportación llegó a 130.000 toneladas de carne frigorificada, hubo una continua retracción en las exportaciones, debido a numerosas causas, entre ellas el aumento del consumo interno, unido al crecimiento de la población, y la matanza sin control, tendiente a atender la demanda del mercado internacional, especialmente los años siguientes a la terminación de la guerra.

En el Brasil se matan de 8 a 9 millones de cabezas de ganado bovino, 11 a 12 millones de ganado de cerda, 2,5 a 3 millones de ganado ovino y 2 a 2,5 millones de cabezas de ganado caprino, cuya carne, en casi su totalidad, es utilizada para consumo interno, porque la exportación es bastante baja.

Paralelamente crece la producción de leche y la industria láctea, dedicada exclusivamente a abastecer el mercado interno. La producción de leche condensada en 1954 fué de 20.564 toneladas y en 1956 se elevaba a 24.912 toneladas la de leche en polvo, cuya fabricación se inició en el país en 1950, en que se produjeron 6.423 toneladas, conseguía en 1956 la cifra de 21.609 toneladas, y en el presente año se espera una producción de más de 30.000 toneladas.

MINERALOGIA

Los recursos minerales del Brasil no han sido todavía suficientemente explotados, aun teniendo en cuenta los esfuerzos últimamente realizados. Aparte de oro, manganeso, carbón, cuarzo y diamantes, encontramos yacimientos de tungsteno, bauxita, níquel, mica, cinc, plata, uranio, torio y otros.

El hierro, sin embargo, es la mayor fuente de riqueza. Se considera que el Brasil posee un 23 por 100 de la existencia mundial, lo que es muy considerable, dada, por otra parte, su excelente calidad. Itabira, «la montaña de hierro», en Minas Gerais, acapara las cuatro quintas partes de la producción mineral de hoy. Las reservas de la región se elevan en conjunto a más de un billón de toneladas. Las desiguales facilidades de transporte hacen económicamente imposible la explotación de otros yacimientos.

La producción de carbón de las minas del Sur alcanza a dos millones de toneladas, pero las reservas de la región sobrepasan los quinientos. Por desgracia, la calidad no es de primer orden, y la falta de carbón para la industria constituye uno de los mayores problemas económicos del país.

El Brasil es una de las naciones de la América latina que consume mayor cantidad de hulla, pero

la producción no alcanza ni al 1 por 100 del consumo nacional.

Entre las piedras preciosas, el diamante es la de mayor importancia, pero no pueden silenciarse otras numerosas variedades de piedras preciosas y finas, como la esmeralda, la aguamarina, el granate, el topacio, la turmalina, la andalucita, la amatista y el «carbonado» o diamante negro, utilizado especialmente en la industria de útiles de diamante.

Producción de combustibles en 1956

Gasolina	2.140.583	toneladas.
Oleos combustibles	2.599.611	»
Querosén	29.245	»
Carbón de piedra	2.285.642	»

PRODUCCION DE CRISTAL DE ROCA

El Brasil está considerado como el mayor productor de cristal de roca y el único país exportador de ese mineral en forma de materia prima, acaparando cerca del 90 por 100 del comercio mundial, seguido de Madagascar.

La producción del último año ha sido de 800 toneladas.

Producción de metales en 1956

Aluminio	3.653	toneladas.
Plomo	2.745	»
Estaño	1.547	»

ECONOMIA BRASILEÑA DEL PETROLEO

La nación brasileña ha emprendido audazmente el camino para alcanzar el triple objetivo de todo país frente al problema petrolífero: obtener suficiente petróleo crudo de sus campos petrolíferos, refinación de la totalidad de los derivados que exija su transporte e industria y su distribución regular en todo el territorio nacional.

Brasil es el décimo consumidor, en orden decreciente, del mundo. Al terminar la guerra mundial su mercado podía ser abastecido con una producción de 10,2 millones de barriles. Si el consumo se hubiese estabilizado en esa cifra, su producción actual superaría en un 70 por 100 las necesidades del país; pero la demanda fué creciendo a partir de 1945. En 1947 exigía 21,2 millones de barriles de petróleo crudo, duplicándose de 1947 a 1951.

Entra en actividad la primera refinería de petróleo brasileña en 1950, montada en Mataripe (Bahía). En 1954 y 1955 fueron inauguradas las refinerías «Capuava» y «Presidente Bernardes», en São Paulo. Ampliada esta última y la «Landulfo Alves» y mejoradas las instalaciones de otras, en 1957 las refinerías brasileñas proveían el 60 por 100 del total de productos refinados consumidos en el país.

La extracción, que era de un millón de barriles en 1954, se duplicó en 1955, y alcanza la cifra de más de 10 millones en 1957. Los trabajos de prospección están obteniendo éxito, descubriéndose nuevas regiones petroleras. Afirman los técnicos que las reservas conocidas de petróleo comercialmente explotable ascenderán en 1958 a 500 millones de barriles y serán de 1.000 millones de barriles en 1961.

En el sector de transporte marítimo de petróleo y derivados se pretende que la flota brasileña sea también autosuficiente, y ya en los primeros meses de 1959 se incorporará al servicio el primero de siete buques tanques, de 33.000 toneladas, que se construyen para el Brasil en astilleros holandeses y japoneses.

INDUSTRIA

El notable desarrollo de la industria brasileña se debe en parte al constante crecimiento de la producción de materias primas y al aumento de la capitalización pública y privada.

El establecimiento industrial caracteriza a un país que depende, ante todo, de sus minas y de su potencial hidroeléctrico, si bien aquél, por el coste del transporte y sus dificultades, se ve obligado a moderar su expansión y producción, cubriendo apenas las necesidades locales.

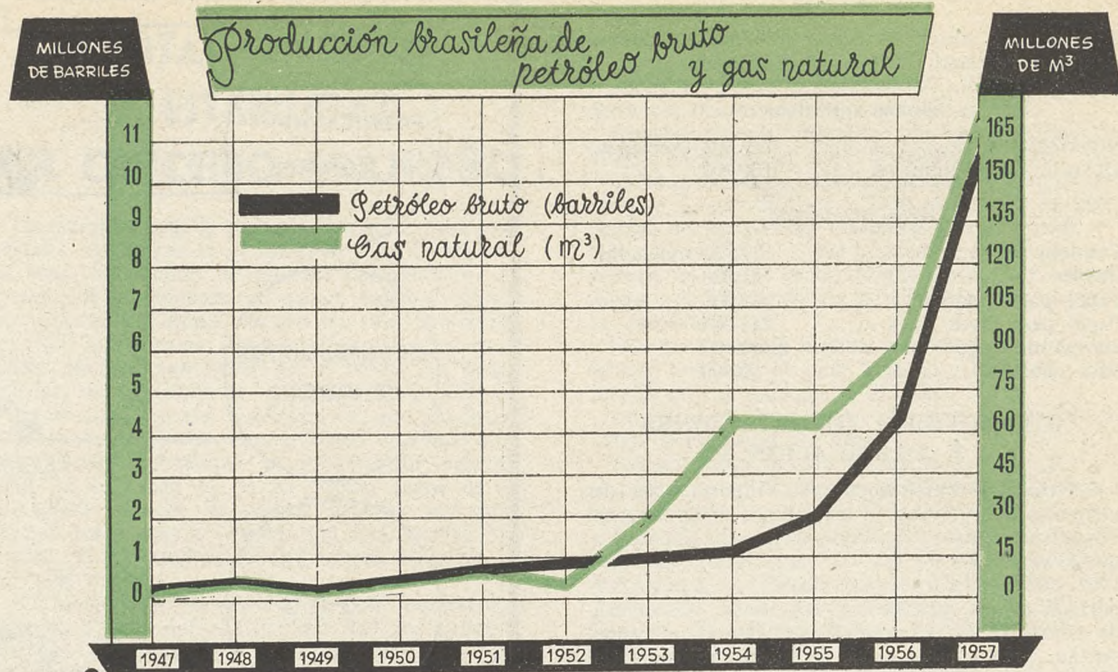
Las industrias más considerables son las de productos alimenticios, textil, de productos químicos, metalúrgica y de la construcción.

DESENVOLVIMIENTO INDUSTRIAL

La rápida expansión de la industria de los bienes de consumo en el Brasil ha aumentado del 20 por 100 de la producción industrial total en 1939 al 33 por 100 en 1956.

El impulso de la economía brasileña ha seguido pasos acelerados desde 1939. De este año al 1949 el número de establecimientos industriales se ha elevado en un 80 por 100, el de obreros aumentó en un 61 por 100 y la potencia instalada en un 125 por 100.

Como consecuencia de todo esto, el volumen de la producción industrial ha crecido desde 1948 a 1956 en un 63 por 100.



Producción de manufacturas de hierro y acero en 1956

Rieles y accesorios	123.000	toneladas.
Alambres	58.982	»
Alambre de púas	5.734	»
Hoja de Flandes	77.000	»



Otros productos minerales

Asfalto	56.129 toneladas.
Cemento Portland	3.278.110 »

Abonos químicos

Superfosfatos	179.492 toneladas.
Otros abonos químicos	100.000 »

Otros productos

Celulosa	109.500 toneladas.
Rayón	41.820 »
Papel para periódicos	45.000 »
Papel para otros fines	244.000 »
Harina de trigo	2.500.000 »
Sosa cáustica	50.000 »

AUTOMOVILES: IMPORTACIONES Y FABRICACION

Restringidas drásticamente las importaciones de vehículos automóviles en los últimos años, durante el corriente están alcanzando cifras equivalentes, o quizá superiores, a las de importación del año 1952, que fué el último del período de grandes importaciones de vehículos motorizados. A diferencia de entonces, las importaciones de ahora no representan concurrencia para la incipiente industria automovilística brasileña, pues los importadores son precisamente los fabricantes de vehículos, que aun continúan recibiendo del exterior unidades incompletas, pero con motor y chasis, por lo que, para fines de estadística, son clasificados como vehículos automóviles. En el mes de mayo del corriente año acusaban las estadísticas una entrada de 7.572 unidades; los economistas afirman que en el transcurso del año esta importación irá decreciendo y que a principios del próximo se suspenderá la de motores y chasis, que cerrará el último capítulo de la historia de las importaciones brasileñas de automóviles.

El Grupo Ejecutivo de la Industria Automovilística (C. E. I. A.), constituído en junio de 1956, estudió y propuso las medidas que promoverán la instalación de una industria automovilística brasileña. Según éstas, para el año 1960 se producirán 130.000 vehículos anuales, cifra que supondrá el 90 por 100 en el proceso de nacionalización de vehículos.

Las fábricas que en la actualidad desarrollan la progresiva industrial automovilística brasileña son las siguientes:

FABRICA NACIONAL DE MOTORES.—Instalada en el Estado de Río de Janeiro, produce 3.600 camiones por año.

GENERAL MOTORS DO BRASIL, S. A.—Produce camiones Chevrolet; su capacidad en 1957 fué de más de 5.000 vehículos, y tiene el proyecto, ya aprobado, para producir 30.000 camiones en 1960.

FORD.—Su producción en 1957 fué de 8.250 vehículos de diversos tipos de esta marca, y su capacidad prevista para 1960 es de 30.000 unidades.

MERCEDES BENZ.—Su producción en 1957 fué de 6.430 vehículos y en 1960 será de 17.000.

WILLYS OVERLAND DO BRASIL.—Su producción es de 12.000 unidades anuales.

VEMAG, S. A.—Su capacidad de producción, de los tres tipos de DKW, es de 2.250 unidades, calculándose un mínimo de 10.700 para 1961.

VOLKSWAGEN DO BRASIL.—Produce en la actualidad 4.000 vehículos por año, y se prevé la fabricación de 10.000 para 1961.

ROVER.—En el presente año de 1958 ha producido 840 «jeeps», y de 1959 a 1961 producirá 1.200 vehículos por año.

FABRAL.—La Fábrica Brasileña de Automóviles, que tiene previsto el inicio de su producción para finales del presente año, construirá 8.500 automóviles por año.

TRIVELLATO.—Tiene una capacidad de producción en la actualidad de 2.160 unidades anuales.

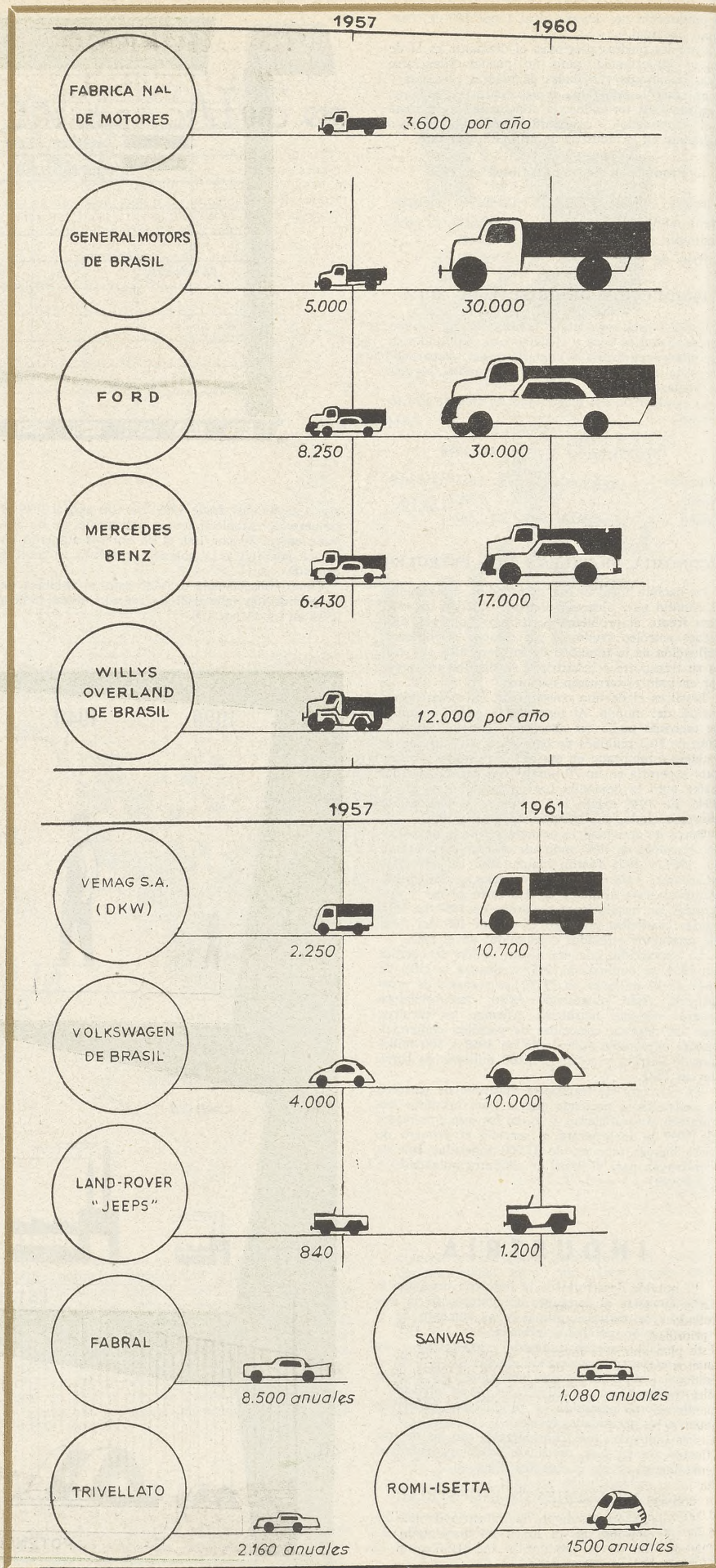
SANVAS.—Fabrica 1.080 vehículos anuales.

ROMI-ISETTA.—Produce pequeños vehículos movidos por gasolina que pesan 350 kilos. Su fabricación actual alcanza el número de 1.500 unidades al año.

TRANSPORTES Y COMUNICACIONES

La importancia de las comunicaciones para la economía y el bienestar general de un país de la magnitud y topografía del Brasil no necesita ser puesta de relieve.

En términos generales, puede decirse que las principales vías de comunicación del Brasil son las



líneas navales a lo largo de la costa, su vasta red fluvial del interior y su amplio sistema de rutas aéreas. Las mejores carreteras y ferrocarriles se hallan concentrados en Minas Gerais y en los Estados de Río de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Satalina y Río Grande del Sur. Cuando se concluya el proyecto nacional de carreteras, comenzado en 1944, una amplia red de comunicaciones unirá las ciudades del litoral con los puntos más importantes del interior.

RED FERROVIARIA

El total de líneas ferroviarias existentes en el Brasil asciende a 37.092 kilómetros, de los cuales el 24 por 100 se encuentra en Minas Gerais; el 20 por 100, en São Paulo, y el 10 por 100, en Río Grande del Sur; de lo cual se deduce que más de la mitad de la extensión de las ferrovías del país se concentran en tres Estados.

El Gobierno del Brasil ya está ejecutando el nuevo plan de mejoras de su sistema ferroviario, cuyo presupuesto se eleva a 149 millones de dólares, de los cuales 43 millones son destinados a la adquisición de 192 locomotoras diesel eléctricas; 23 millones, para la adquisición de rieles; 37 millones, para la compra de ruedas, ejes y frenos; 8,5 millones, para nuevas líneas; 4,5 millones, para coches; 5,7 millones, para oficinas; 3,6 millones, para señales luminosas, y 23 millones de dólares, para la adquisición de otros materiales con la misma finalidad.

Por acuerdo llevado a cabo entre la Fábrica de Vagones y el Banco Nacional do Desenvolvimiento Económico, el Brasil, muy en breve, fabricará 3.000 vagones al año.

GRANDES CARRETERAS

Las mejores y más modernas carreteras se encuentran en el Sur; concretamente, en los Estados de São Paulo, Río de Janeiro y Minas Gerais, desde donde enlazan con todas las ciudades de alguna importancia.

La mayor carretera moderna es la vía Anchieta, de 35 millas de longitud, que une Santos con São Paulo. Los tres Estados mencionados se hallan en directa comunicación con Paraná y Santa Catalina. Otra red de carreteras se encuentra en el Nordeste, uniendo Pernambuco a Paraíba, Río Grande del Norte y Ceará. El Norte y Sur se comunican por la carretera Río-Bahía.

Diversas carreteras cimentadas y asfaltadas unen a Río con sus alrededores, São Paulo y Belo Horizonte.

LINEAS AEREAS

Como consecuencia de las dificultades y gastos de construcción de las grandes carreteras y ferrocarriles, el viaje por aire ha representado un papel importante en el transporte desde el establecimiento, en 1927, de la primera línea aérea, y ha servido para comunicar eficazmente los grandes centros de población con los distritos otrora incomunicados. Hoy las líneas aéreas brasileñas son sólo superadas por las de los Estados Unidos en intensidad y extensión.

En 1953 había nueve líneas nacionales y cuatro internacionales. Añádanse unas 30 líneas independientes, sin tráfico regular, que realizan una línea de taxi aéreo a cualquier punto del país.

SERVICIO MARITIMO

El Brasil se halla unido a todos los grandes países del mundo por líneas marítimas tanto brasileñas como extranjeras, y su marina mercante es la primera del continente sudamericano, registrando, en 1956, 188 navíos de 1.000 o más toneladas, con un total de 732.300 toneladas. Las dos principales compañías mercantes son el Loide Brasileiro y la Companhia Nacional de Navegoçao Costeira, ambas en manos del Estado y explotadas por él.

INVERSION DE CAPITALES

La política de inversiones en el Brasil ha desarrollado la economía del país siguiendo un plan de prioridad.

Este plan anima la inversión de los capitales extranjeros sobre la forma de inversiones directas, de créditos y préstamos comerciales. La tendencia de coordinación de inversiones públicas aumenta de acuerdo con las actividades, que exige la concentración de grandes recursos.

Las inversiones privadas reciben toda suerte de facilidades de los poderes públicos, en vista de su orientación hacia las actividades productivas.

En los cinco últimos años, las inversiones brutas han doblado prácticamente de 62.000 millones a 120.000 millones de cruceiros. Las inversiones privadas han aumentado en un 103 por 100, al mismo tiempo que las inversiones públicas se elevaron en un 67 por 100. La participación de las inversiones privadas en la inversión total de capitales ha ascendido del 74,4 por 100 al 78 por 100.

FORTALECIMIENTO Y ESTABILIDAD DEL CRUCEIRO BRASILEÑO

La estabilidad de la moneda brasileña, objeto de grandes conjeturas en el mercado libre de divisas, se basa, en opinión de muchos observadores, en razones de fundamento. En primer lugar, el mercado exterior del Brasil obtuvo un saldo favorable en 1956, por primera vez después de muchos años. Cifras oficiales publicadas por el Banco del Brasil señalan un superávit de 212 millones de dólares.

Como consecuencia inmediata de este importante hecho, el Gobierno cuenta ahora con más divisas y podrá intensificar las subastas de importación. El resultado ya se ha dejado notar en la inmediata baja de las primas pagadas por estas divisas, con lo que la importación legal resulta más barata, y, en cambio, resulta menos atractivo el mercado negro.

Por otra parte, las restricciones de importación llevadas a cabo por el Gobierno han representado también un importante papel en esta maniobra económica. Las exportaciones de café, por su parte, aumentaron en 6,2 millones de sacos en el período de 1956.

LA HORA «H» EN LA ECONOMIA BRASILEÑA

El Presidente Juscelino Kubitschek, cuyas funciones tendrán lugar en el período comprendido entre 1956 y 1960, se ha comprometido a que el progreso del Brasil en esos cinco años sea como el normalmente desarrollado en cincuenta. El Presidente considera que si el Brasil desea ponerse a la altura de los poderes mundiales y mantener su independencia en la actual encrucijada internacional, debe alcanzar ante todo su máximo desarrollo económico e industrial. El aumento gigantesco de la población brasileña opérase a tal ritmo, que ese desarrollo debe ser inmediato si se pretende que el «standard» general de vida supere al de los llamados «países no desarrollados». Para llegar a esa situación, he aquí algunos de los puntos estipulados por el Presidente y cuya realidad será en 1960:

Aumento del potencial eléctrico del país de tres millones de kilovatios a cinco y preparación del terreno para el desarrollo de tres más en 1965.

Establecimiento de una fábrica experimental de energía atómica de 10.000 kilovatios y expansión de la industria de minerales atómicos.

Aumento de la producción de aceite de 6.800 depósitos diarios en 1955 a 100.000 en 1960.

Aumento de la capacidad de las refinerías de 130.000 depósitos en 1955 a 330.000 en 1960.

Pavimentación de 5.000 kilómetros de grandes carreteras, lo que elevará a 5.920 el número de kilómetros de las grandes carreteras pavimentadas.

Construcción de 12.000 kilómetros de grandes carreteras de primer orden, lo que elevará a 22.000 el número de kilómetros de la red de grandes carreteras federales.

Renovación de la marina mercante, elevando las 800.000 toneladas de gran tonelaje a 1.000.000 y las 205.000 de los «tankers» a 535.000.

Aumento de la cosecha de trigo de 600.000 a 1.200.000 toneladas por año.

Aumento del número de tractores utilizados en la agricultura, elevando las 45.000 unidades existentes a 72.000.

Aumento de la capacidad de la producción de acero de un millón de toneladas a dos millones en 1960, con vistas a ser elevada a 3.500.000 en 1965.

Aumento de la capacidad de la producción de aluminio de 2.600 toneladas a 18.800 en 1960 y a 40.000 en 1962.

Aumento de la producción de caucho de 23.000 a 50.000 toneladas e instalación de una fábrica de caucho sintético.

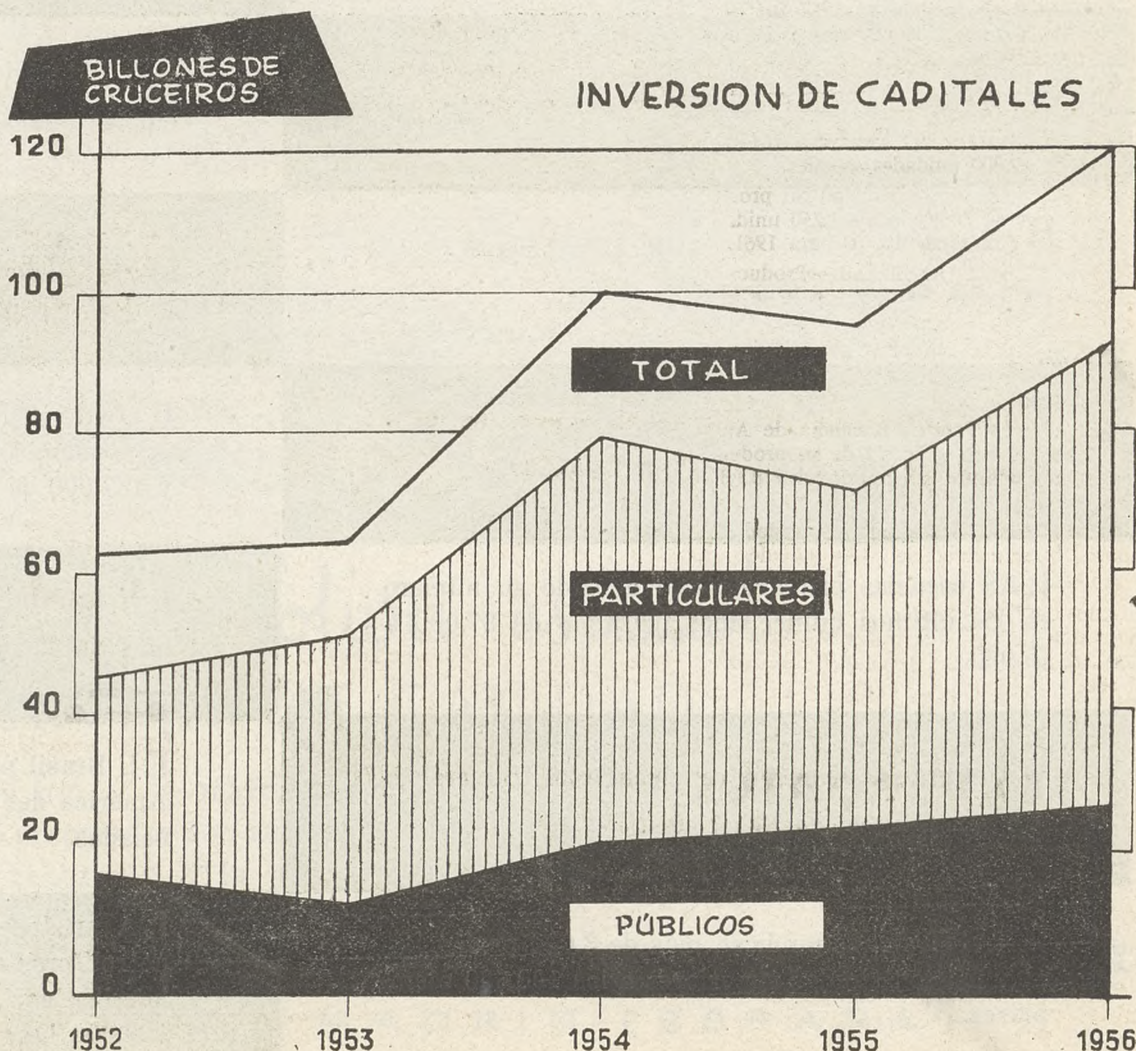
Aumento de la exportación de mineral de hierro de 2.500.000 toneladas a 8.000.000, con vistas a una exportación de 22 millones en los cinco años siguientes.

Instalación de una industria de automóviles, con una capacidad de 170.000 vehículos (vagones, «jeeps» y automóviles) en 1960.

RENTA NACIONAL POR PERSONA

En 1956, la renta nacional «per capita» fué de 11.000 cruceiros, cuota que acusa un aumento nominal de 1 por 100 sobre el año anterior. En el año 1955, de acuerdo con los datos globales de la Fundación Getulio Vargas (549,3 millones de cruceiros), la media de la renta nacional era de 9.400 cruceiros por habitante.

Los Estados de la Federación pueden ser divididos en tres categorías: las de renta «per capita» inferior a 5.000 cruceiros, las de renta entre 5.000 y 10.000 cruceiros y las de renta superior a 10.000 cruceiros. Los puntos extremos están representados por el Distrito Federal (29.000 cruceiros por habitante) y el de Piauí (2.300 cruceiros por habitante).



EL Brasil produce, aproximadamente, la mitad de la producción mundial de café.

EL café es el principal cultivo agrícola del Brasil y durante muchos años ha constituído la base económica del país.

EN un millón de toneladas se calcula la producción brasileña de café. El 45 por 100 proviene del Estado de São Paulo; el 22 por 100, de Minas Gerais; el 11 por 100, de Paraná, y el 11 por 100, de Espirito Santo.

LA producción anual de cacao en el Brasil se eleva a 160.000 toneladas. El 90 por 100 proviene del Estado de Bahía.

EL Brasil, con sus 64 millones de cabezas de ganado, ocupa un lugar preeminente en la ganadería mundial.

LAS actividades relacionadas con la extracción de productos vegetales ocupan a más de 150.000 personas.

LOS minerales de hierro, el carbón, el oro, el cuarzo, la sal y las aguas minerales forman la riqueza principal del subsuelo brasileño.

LA producción de laminados se calcula para 1960 en 2.300.000 toneladas.

EL Estado de São Paulo, con el 60 por 100, y el de Pernambuco, con el 10 por 100, son los grandes centros textiles del sur y del nordeste del Brasil.

HAY una red de carreteras en el país que se acerca a los 470.000 kilómetros.

LA cifra de los Bancos se ha elevado en los últimos quince años de los 1.000 a los 3.700.

LAS escuelas primarias han doblado su número en los últimos quince años, pasando de 37.000 a 75.000.

LA educación superior comprende 20 Universidades y 350 Escuelas Especiales.

EN el Brasil se publican más de 3.000 periódicos, algunos con tiradas superiores a los 100.000 ejemplares.

EL Brasil es uno de los países de mayor producción de maíz, de arroz y de algodón.

LA producción brasileña de cultivos agrícolas se acerca anualmente a los 90 millones de toneladas.

LA producción anual de algodón está calculada en 430.000 toneladas, de las cuales un 43 por 100 proviene del Estado de São Paulo.

LOS principales mercados de exportación del algodón brasileño son Japón, Alemania, Gran Bretaña y Francia.

LA superficie dedicada a pastos naturales o artificiales se eleva a los 108 millones de hectáreas.

EL Brasil tiene una producción extractiva vegetal que se estima en 300.000 toneladas: oleaginosas, tanino, fibras, caucho, resinas, etc.

EL plan de energía hidráulica comprende la construcción en el Estado de Minas Gerais del embalse de Três Marias, capacitado para producir 570.000 kilovatios.

LA producción de acero se ha aumentado más de diez veces en los últimos quince años, alcanzando a 1.300.000 toneladas en el último año.

LA industria textil manufacturada en el Brasil emplea 350.000 personas.

EL número de pasajeros transportados por aviones brasileños anualmente ha sobrepasado la cifra de los tres millones.

EL café y el algodón son los principales productos de exportación, con más de 1.000 toneladas de café y 137.000 de algodón.

EN los trabajos de artesanía popular se ocupan más de 30.000 mujeres brasileñas.

EL Brasil posee la mayor fábrica de aluminio de América del Sur, con una capacidad de 50.000 toneladas.

LA producción de petróleo bruto en los campos petrolíferos de Bahía sobrepasa la cifra de 25.000 barriles por día y está prevista para 1959 en los 100.000 barriles.

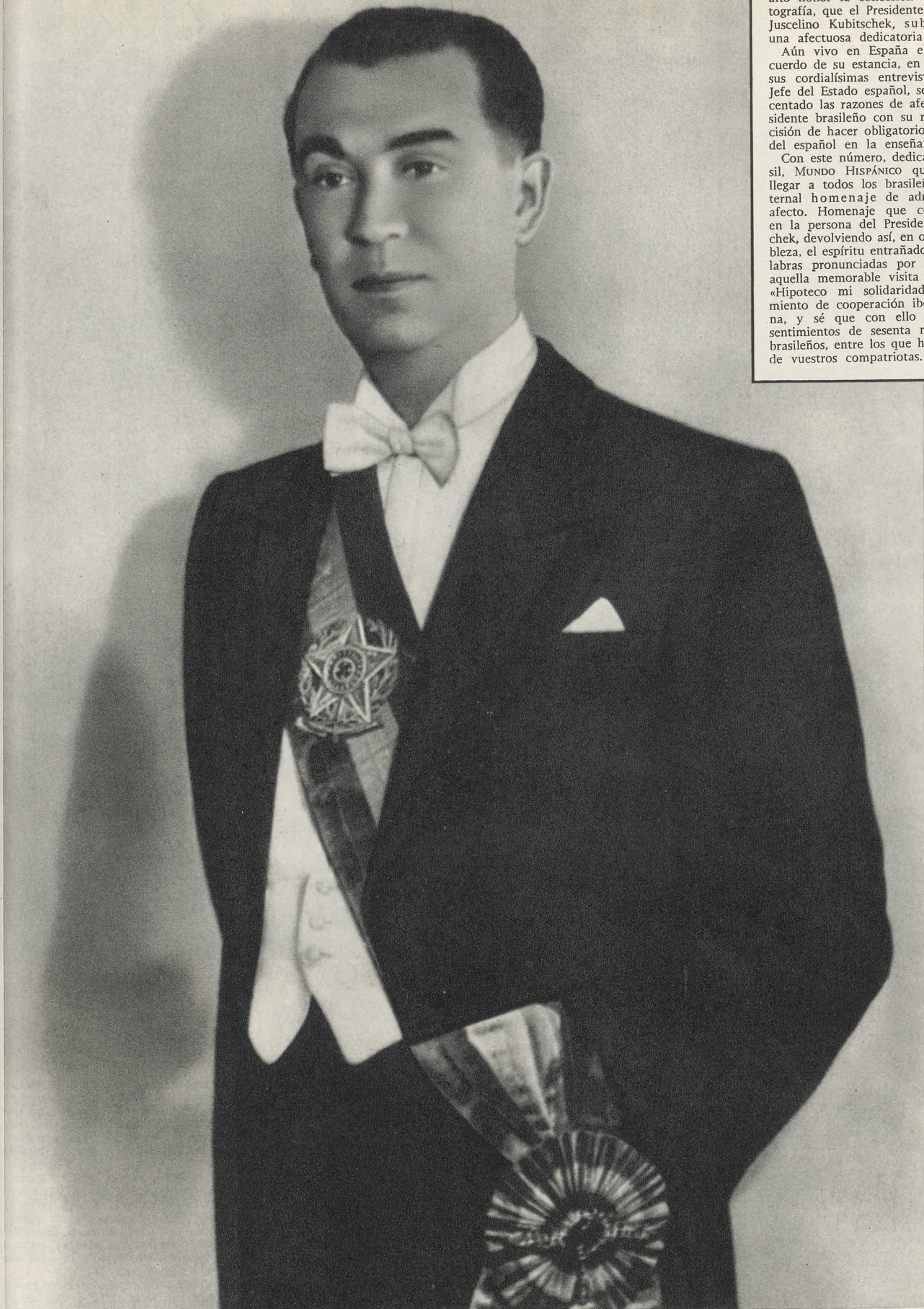



VENEZUELA
GUAYANAS
COLOMBIA
RIO BRANCO
AMAPÁ
BELEM
MANAUS
AMAZONAS
PARÁ
FORTALEZA
MARANHAO
TERESINA
CEARÁ
RIO GR. DO NORTE
PARAIBA
PIAUI
PERNAMBUCO
RECIFE
MACEIO
ACRE
GUAPORÉ
BAHIA
ARACAJU
SALVADOR
GOIAS
MATO-GROSSO
CUIABA
PERÚ
MINAS GERAIS
BOLIVIA
BELLO HORIZONTE
OURO PRETO
VITORIA
SAO PAULO
NITEROI
RIO DE JANEIRO
PARAGUAY
SAO PAULO
SANTOS
PARANÁ
CURITIBA
CHILE
St.a CATARINA
FLORIANOPOLIS
RIO GRANDE DO SUL
PORTO ALEGRE
URUGUAY
ARGENTINA
OCEANO PACIFICO
OCEANO ATLANTICO

MUNDO HISPÁNICO tiene como un alto honor la concesión de esta fotografía, que el Presidente del Brasil, Juscelino Kubitschek, subrayó con una afectuosa dedicatoria autógrafa.

Aún vivo en España el grato recuerdo de su estancia, en 1956, y de sus cordialísimas entrevistas con el Jefe del Estado español, se han acrecentado las razones de afecto al Presidente brasileño con su reciente decisión de hacer obligatorio el estudio del español en la enseñanza media.

Con este número, dedicado al Brasil, MUNDO HISPÁNICO quiere hacer llegar a todos los brasileños su fraternal homenaje de admiración y afecto. Homenaje que concretamos en la persona del Presidente Kubitschek, devolviendo así, en obligada nobleza, el espíritu entrañado en las palabras pronunciadas por él durante aquella memorable visita a España: «Hipoteco mi solidaridad al movimiento de cooperación iberoamericana, y sé que con ello reflejo los sentimientos de sesenta millones de brasileños, entre los que hay muchos de vuestros compatriotas.»



Para a Revista Mundo Hispanico,
cordialmente, Juscelino Kubitschek
Rio - 12-6-56

RIO DE JANEIRO

CIUDAD MARAVILLOSA





Cascatinha Taynay, rincón bucólico de la ciudad.



Mar y montaña en el trópico: Copacabana.



El Teatro Municipal, bajo sombras de rascacielos.



Las casas de Copacabana, de más de diez pisos.

Joyas del mundo moderno, los jardines brasileños son todavía más bellos en este paisaje imponente de Río.



...y sobre el Corcovado, la majestuosa efigie de Cristo acoge con sus brazos extendidos a los que llegan...

LAS CIUDADES

Por LIA ESPER HANNA y J. M. MARTIN MATOS

Sí, ciudad maravillosa. Mas también con sus problemas. El mundo la consagró. Nosotros la definiremos hoy, buscando su historia, su voz, su folklore. Río de Janeiro es el choque de lo bello con lo no bello, nunca con lo feo. Alegre y nunca triste. Rincón del mundo donde pasar unas vacaciones. Lugar inigualable durante su Carnaval, su mundialmente aplaudido Carnaval. Punto en donde nos ponemos en comunicación con la lujuriosa vegetación de un trópico salvaje y abrupto. Fin y principio a la vez de una civilización. Del Atlántico nos viene el idioma; del interior, la voz de una nueva y pujante nacionalidad. Amparo de dos estilos de vida, que, sin herirse, se unen para formar un agrupamiento sociológico diferente, distinto a todo y a todos. Unico.

... ...

Río impresiona. La llegada a su bahía, la famosa bahía de Guanabara, nos deja emocionados, sorprendidos. Es más una visión que una realidad palpable. El verde de sus montes nos atrae. Una nueva vida parece que late detrás de aquel misterio de florestas. A un paso de la ciudad encontramos la selva. Cuanto más nos aproximamos al final de la bahía, mayor es la atracción que sentimos. La selva queda ya en la lejanía cercana. La civilización se hace representar por una multiplicidad casi infinita de construcciones de indeterminados pisos: blancos, amarillos, indefinidos. Es un combinado gigante de un arco iris humano. A un lado y otro de la tierra, encaramados sobre múltiples montes—«morros» en el idioma portugués—, las colmenas del hombre. Da la impresión de un salpicado de piedras aquí y allí. No importan las dificultades geográficas ni topográficas. Desde el agua notamos una gran línea de montañas que se extienden de sur a este, dibujando, por la ilusión de la distancia, el formidable perfil de un hombre acostado. El rostro está formado por los montes de la Gávea y de Tijuca; el tronco y las piernas son los contrafuertes del Corcovado; los pies, el Pão de Açúcar. En el mar, numerosos vapores singlan sus aguas oscuras, muy oscuras. Transportan pasajeros desde el distrito federal—Río de Janeiro—a Niteroi, capital del Estado de Río, en un espectáculo que a todos impresiona. La bandera verde-amarilla del Brasil acompaña con su belleza al panorama.

... ...

Muchas islas requiebran a Guanabara. Primero Maracayá, hoy con el nombre de Gobernador; después Villegaignon, históricas por sus cuatro costados. Recuerdan luchas: luchas contra los franceses, luchas contra la naturaleza. Ya se perfila definitivamente el Pão de Açúcar, tarjeta de visita de la ciudad. Luego Copacabana, cercada completamente por edificios del mismo tamaño. Enorme elipse, en que se ve el fondo blanco de una limpia arena. Después una línea negra. Es el paseo de la avenida Atlántica. Pocos minutos después vislumbramos el Corcovado. Encima de él, el Cristo Redentor. Gigante de piedra, que, con su estática postura, acoge en sus brazos extendidos a los que llegan y a los que aquí viven.

Después del desembarco descendemos en medio de la ciudad. Nos encontramos ya en Río de Janeiro.

... ...

A tres pasos de la aduana, la plaza de Mauá, la Puerta del Sol carioca, de enormes proporciones, en una ciudad donde los milímetros son conquistados en infatigables luchas. A un lado, la estación de Mauá, en homenaje al pionero del ferrocarril



en el Brasil. De aquí parten autobuses en todas las direcciones. Contraste. Brasil es así. País llamado a dirigir el concierto mundial en un futuro próximo. Su historia, la que estudiamos y estudiarán nuestros sucesores, estará salpicada de esas enormes rarezas, bruscas e incomprensibles. Naciendo en esa plaza, la avenida Río Branco. Homenaje al mayor diplomático de la tierra de Santa Cruz. Con su personalidad, con su tacto y con un gran sentido práctico, resolvió—siempre favorablemente—los problemas de fronteras con sus vecinos. Es ésta la equivalente a la Gran Vía madrileña. Pocos guardias. Tal vez por eso todos los coches corren a más de sesenta kilómetros. Una particularidad: los grandes rotativos tienen sus sedes por aquí. La prensa es una parte intrínseca de la historia y de la personalidad brasileñas. Una traviesa, la avenida de Getulio Vargas, termina en la famosa «iglesia de Candelaria», construída por españoles en reconocimiento a una gracia divina.

... ...

Ir de compras, gran novedad. Uno, que aún está acostumbrado a la «machacante» amabilidad europea, se sorprende desde que entra por la puerta de los grandes almacenes y comercios. Allí parece que no existe gran diferencia entre clientes y dependientes. No existe, por parte de los empleados, un deseo ni grande ni pequeño por conseguir al cliente. Es el comprador el que se decide en cualquier ocasión por el producto en venta, después de haber averiguado sus cualidades, su precio. En sí, este sistema nos da una mayor libertad. Podemos dar vueltas, revolver, bajo la mirada complaciente del dependiente, que en muy raras ocasiones se dirige al comprador. Gran novedad ir de compras en Río de Janeiro.

... ...

El calor, en más de trescientos días del año, es notable. La gente anda lo más cómodamente posible. La chaqueta se usa a tiracuello. La corbata, siempre en el bolsillo. Y debido a esto, Río de Janeiro puede tener sus bares sobre las calles, como en España, cosa que se desconoce en las restantes capitales brasileñas. En esas terrazas se sirve una serie indeterminada de bebidas heladas: cerveza, guaraná—especie de sidra—, agua tónica, pinga, helados y café, mucho café. El café es el documento de identidad de un brasileño. Café a todas las horas. En la calle, en el trabajo, en las escuelas, en las reuniones sociales. En Río es normal tomar más de seis cafés por día. Quien visita una firma, un Banco, una repartición gubernamental, siempre será obsequiado con una aromática taza de café. Quien esté cumpliendo un deber social tendrá siempre a su disposición un café. Nadie rechaza un café. A primera vista parece que el carioca bebe tanto café por mera obligación patriótica. Mas no es así. En sus labios siempre hay un convite para un «Vamos tomar um cafezinho?» Y a fuerza de tanto convite, de tanta persistencia, uno se vuelve gran admirador del café. Aquí casi se vive en función del café.

... ...

La juventud es una de las mayores sorpresas cariocas. Sorpresa monumental. Parece que aquí no tienen sentido las críticas severas de nuestros «viejos», los de las generaciones pasadas, siempre atacando al presente porque el suyo no es más que un pasado de tristes recuerdos. Claro que entre la juventud existen dos grupos: aquel que se ha colocado a la altura de las grandes responsabilidades que sus antecesores le han legado y el apegado al nuevo estilo de vida. Y en Río de Janeiro es donde mejor se puede ver esa lucha. Lucha entre la juventud pujante de una gran nación, hecha de sacrificios, de estudios, y la de los que, por una multiplicidad indefinida de acontecimientos, fueron colocados en la vida con todos sus problemas resueltos. Los brasileños, los que se pueden enorgullecer del «pioneirismo» de las botas de mil leguas, que extendieron sus fronteras por la inhóspita selva del hoy Brasil, también desconocido, clasificaron bien a esa generación: «Filhos do Papai.» Mas la juventud «buena» ha triunfado definitivamente. Quien lo dude que se pase por las universidades, por los colegios, por las bibliotecas, por las fábricas, y en todos esos lugares encontrará una generación ansiosa de saber, de conocer y de servir. Juventud esta que los dejará sorprendidos, como nos dejó a nosotros, por su capacidad y por la autopreparación que poseen. En cualquier movimiento, siempre estará la juventud al servicio de las causas nobles. Hoy son los jóvenes el fiel de un glorioso futuro.

Una estampa clásica de Río: Torre da Central (la estación ferroviaria en el Campo de Santana).

La majestuosa serenidad del Cristo del Corcovado, con sus brazos abiertos en inacabable abrazo, tan representativo del paisaje carioca.



Maravillosa variedad de colores y grandiosidad del paisaje carioca.



Praça París, uno de los más hermosos parques de Río de Janeiro.



SÃO PAULO:

La ciudad nacida de una desobediencia. – Espíritu renovador del paulista. Semillero del Brasil en todos los sectores de la vida humana.

SÃO Paulo es una especie de semillero del Brasil. Tierra del café, país del algodón... Pero no se hable solamente de lo económico. Aunque los paulistas vivan, en cierto modo, bajo el «culto» del café, hay otros aspectos que justifican el orgullo de los habitantes de esta ciudad, la más dinámica del Brasil, que llegó a superar al mismo Río de Janeiro en lo que respecta al urbanismo y la construcción. No ya los visitantes, sino los mismos paulistas y la gente que trabaja y vive en São Paulo se dan cuenta del vertiginoso ritmo de progreso que preside la vida de la ciudad. Es bastante conocida la historia del «cameraman» francés que, habiendo elegido la terraza de un rascacielos, donde planeara tomar una panorámica de la ciudad, imagen inicial de su película, a los dos meses de elegido el sitio, cuando volvió a su terraza... no pudo operar. Razón: delante de él se erguía el gigantesco armazón de un nuevo edificio cuyas bases no existían sesenta días antes.

Es el espíritu renovador de los paulistas, heredado de sus abuelos bandeirantes—estos hombres que se marcharon al interior con ambiciones de descubrimiento, conquista y civilización de la selva—el que ha creado un «slogan» muy verdadero: São Paulo no puede parar.

São Paulo no para. Es la ciudad donde nadie tiene tiempo y que se llama por esto ciudad del trabajo. Las luces casi no se apagan en los edificios de las calles más céntricas, donde hay guardias permanentes en los despachos y oficinas. El paulista, sin embargo, descansa. Y para su reposo dispone de las condiciones modernas y del confort requerido. Los barrios residenciales, en las afueras de la ciudad, son prueba del buen gusto paulistano. Los hogares muestran tipos muy diversos de construcción, dominando las líneas modernas.

El paulista es un gran aficionado a la música; toma parte en orquestas de aficionados, asiste a las óperas y los conciertos, se divierte principalmente con el fútbol y el cine y es poco aficionado a la samba, aunque el Carnaval sea una gran fiesta también para estos brasileños.

La segunda ciudad del mundo en tráfico aéreo, la primera de América hispánica por su agrupamiento industrial y la primera del Brasil en población, São Paulo ha nacido de una desobediencia histórica. Contra las determinaciones de la metrópoli, que enviaba a sus hombres a iniciar la población del país bordeando el litoral—arañando la costa como cangrejos, según una imagen de fray Vicente do Salvador—, dos hombres saltaron la Serra do Mar.

La manifestación más importante de esta desobediencia soberbia de João Ramalho y Antonio Rodrigues fué, por supuesto, el surgimiento de la villa de São Paulo do Campo en una planicie donde los jesuítas vivían en un colegio, dedicados a la catequesis.

El hombre blanco desobediente amó a la tierra y sus mujeres y creó una rica tradición de honradez, trabajo y carácter, que define hoy a los paulistas o los «paulistizados», sean ellos brasileños legítimos, italianos, alemanes, portugueses, españoles, descendientes de Siria o del Japón.

La inmigración nació, fundamentalmente, de la necesidad de brazos para el plantío del café, haciendo que los dueños de «fazendas» iniciasen una política de conquista del elemento europeo para poblar sus extensísimas áreas cultivables y perpetuar, por el trabajo, sus riquezas. Al mismo tiempo que éstos llegaron los obreros especializados para la industria.

São Paulo, en este momento, es la ciudad que más crece en el mundo, poseyendo también el más alto índice de natalidad. Su población ha aumentado, en los últimos diez años, a razón de cien mil almas por año.

La ciudad donde nadie tiene tiempo, y que se llama por esto ciudad del trabajo, São Paulo, nos da algunas veces la impresión de que es una grande feria permanente. En las calles céntricas los hombres se detienen un rato para hablar del café, especie de «culto» paulista. Pero São Paulo no es solamente lo económico. Ciudad la más dinámica del Brasil, llegó a superar al mismo Río de Janeiro en construcción.


SÓ







El hotel de Brasilia (en construcción), la residencia particular del Presidente y una maqueta del sector bancario, que muestran estas páginas, obedecen a una forma pura y definida de soluciones compactas, simples y geométricas. Estas soluciones caracterizan el conjunto de las edificaciones en la futura capital.

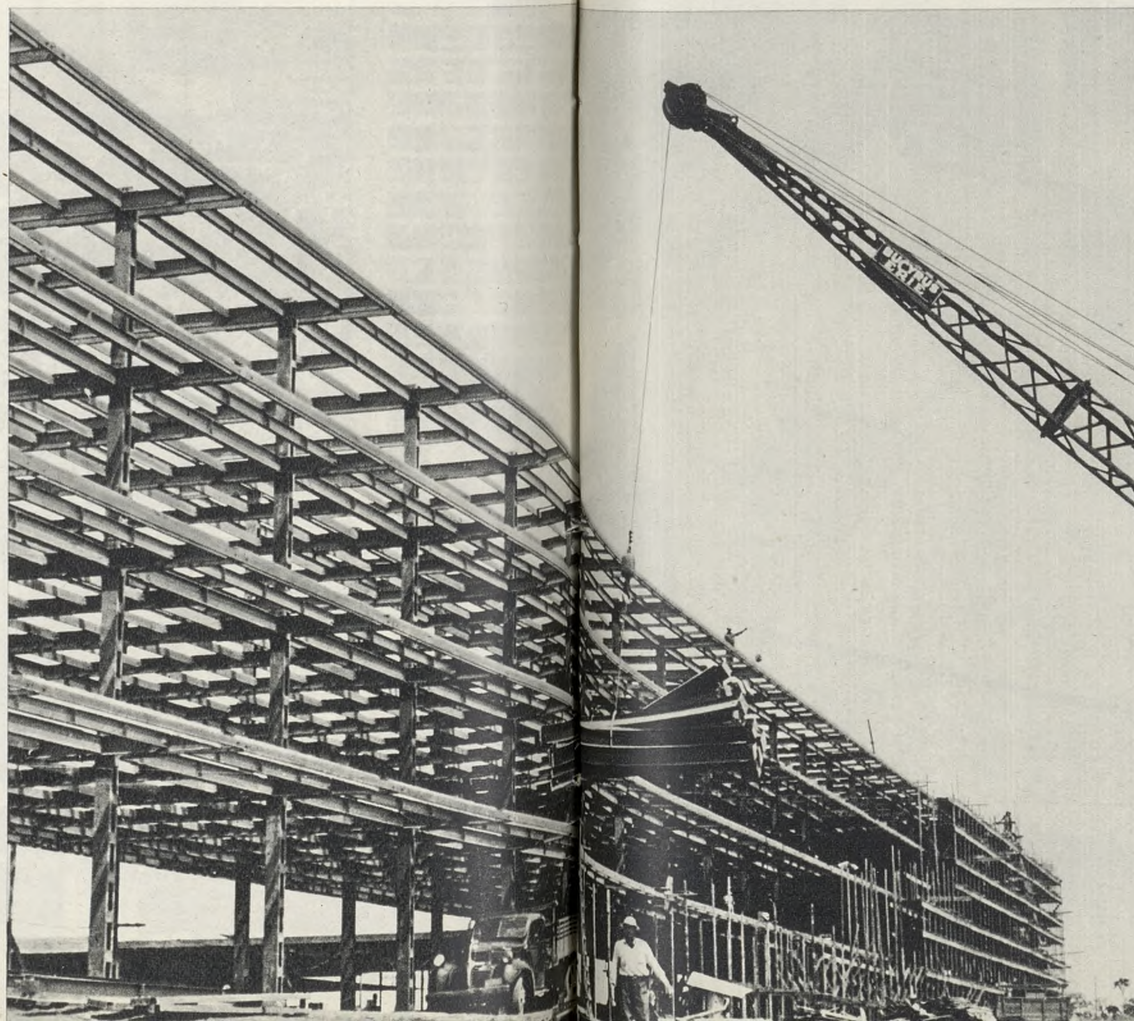
LAS CIUDADES

BRASILIA

«...José Bonifacio, llamado el "Patriarca", propone en 1823 el traslado de la capital a Goiás y sugiere el nombre de Brasilia.»

LA idea del traslado de la capital del Brasil a un nuevo lugar, en la meseta central de Goiás, es un viejo sueño nacional, un antiguo proyecto concebido con la doble intención de servir a las necesidades crecientes de un país en plena ascensión y crear un núcleo para el desarrollo de las vastas extensiones del interior, abandonando Río de Janeiro como capital de la vida política nacional. Río es un lujoso escaparate, abierto a todas las culturas extrañas, que aparta la atención pública del interior, pobre y atrasado. Para que la acción del Estado sea efectiva en el interior—grandes selvas, campos, potenciales enormes de riqueza y el «sertanejo», seco y fuerte, hombre olvidado del interior—era necesario que la sede del Gobierno se estableciese en el corazón de los dilatados territorios del Brasil. Son muchos los brasileños que consideran que el traslado del Gobierno de la Unión a un lugar del interior del país contribuirá muy eficazmente a la solución de problemas urgentes y que son resultantes del crecimiento nacional.

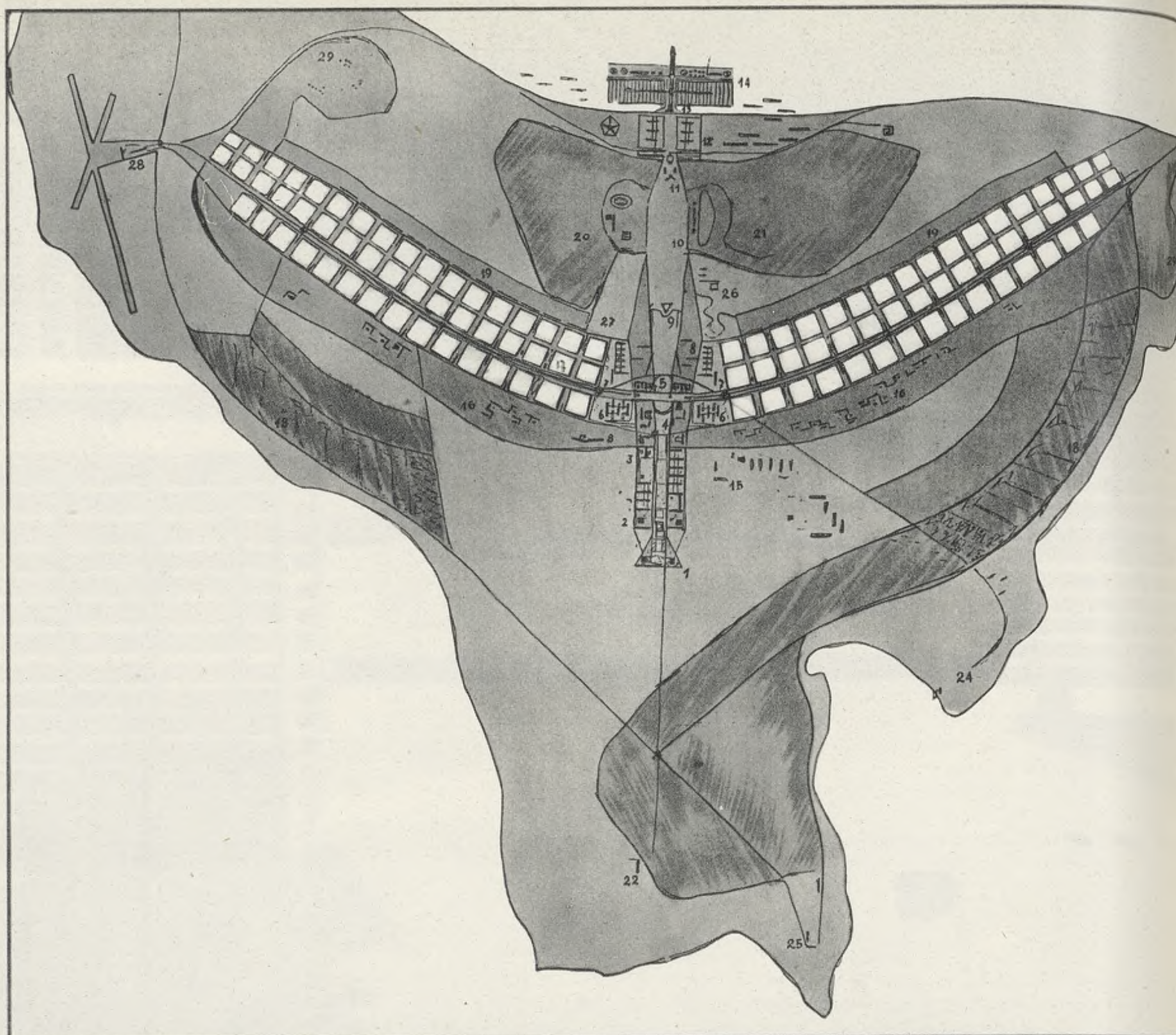
La ciudad de las selvas significará una etapa en la historia del arte universal. Será la pri-





PLANO DE BRASILIA

1.—Plaza de los Tres Poderes.
2.—Plaza de los Ministerios.
3.—Catedral.
4.—Sector Cultural.
5.—Centro de Diversiones.
6.—Sector de Bancos y Oficinas.
7.—Sector Comercial.
8.—Hoteles.
9.—Torre Emisora de Radio y TV.
10.—Sector Deportivo.
11.—Plaza Municipal.
12.—Cuarteles.
13.—Estación de Ferrocarriles.
14.—Depósitos de Mercancías y Pequeñas Industrias.
15.—Ciudad Universitaria.
16.—Embajadas y Legaciones.
17.—Sector Residencial.
18.—Casas Individuales.
19.—Horticultura, Floricultura, Pomar.
20.—Jardín Botánico.
21.—Jardín Zoológico.
22.—Club de Golf.
23.—Estación de Autobuses.
24.—Yate Club.
25.—Otras Residencias.
26.—Sociedad Hípica.
27.—Area destinada a Ferias, Circos, etcétera.
28.—Cementerio.
29.—Aeropuerto.



En el plano de Brasilia se puede observar el eje monumental que la divide en dos mitades: norte y sur.

LAS CIUDADES

BRASILIA EN CIFRAS

BRASILIA A 1.200 METROS SOBRE EL NIVEL DEL MAR. SITUACION: ENTRE LOS PARALELOS 15 Y 20.

1957: COLOCACION DE LA PRIMERA PIEDRA. 1958: INAUGURACION DEL PALACIO PRESIDENCIAL.

1960: PUESTA EN MARCHA DE LA NUEVA CAPITAL.

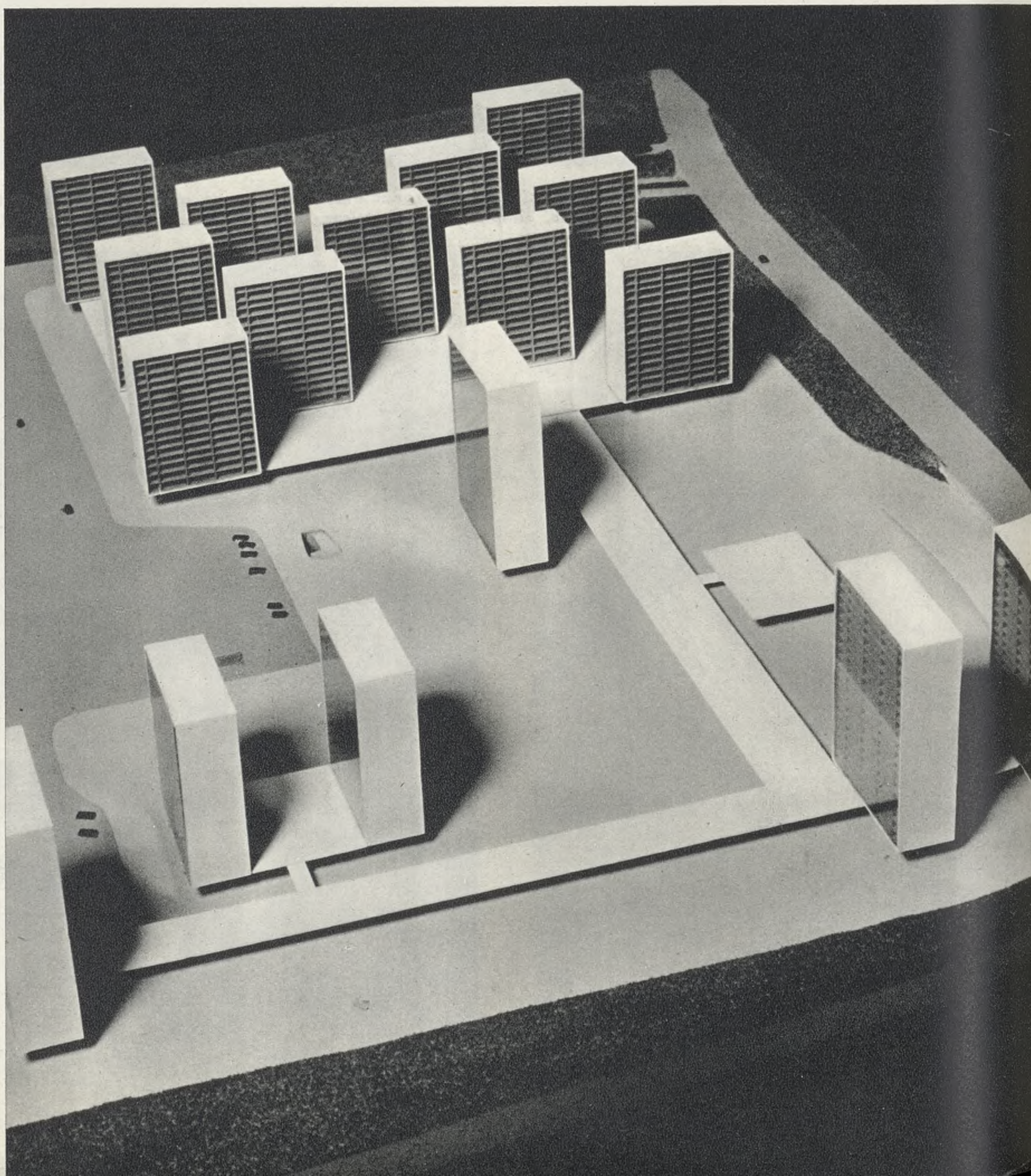
BRASILIA ALBERGARA EN PRINCIPIO 600.000 HABITANTES.

EL PALACIO PRESIDENCIAL TIENE SOLAMENTE DOS PISOS, Y HASTA 30 PISOS LOS EDIFICIOS DEL NUCLEO URBANO.

UNIDADES TIPO CON CAPACIDAD PARA 16.000 PERSONAS.

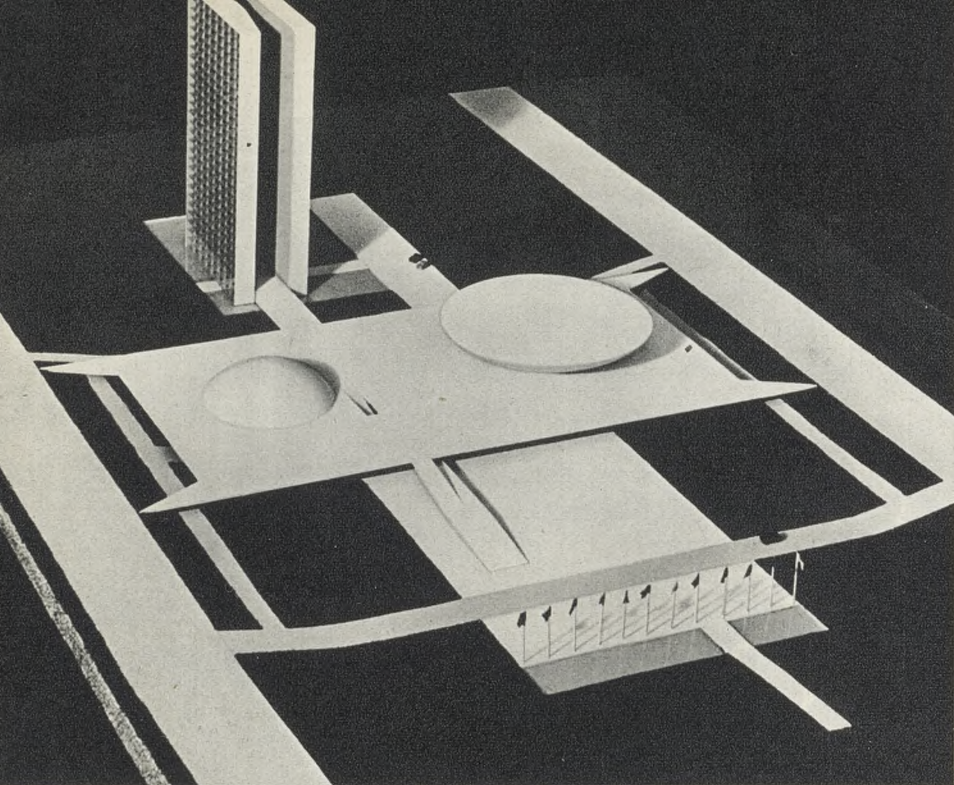
BRASILIA, CENTRO DEL PAIS: 1.300 KILOMETROS DE RADIO.

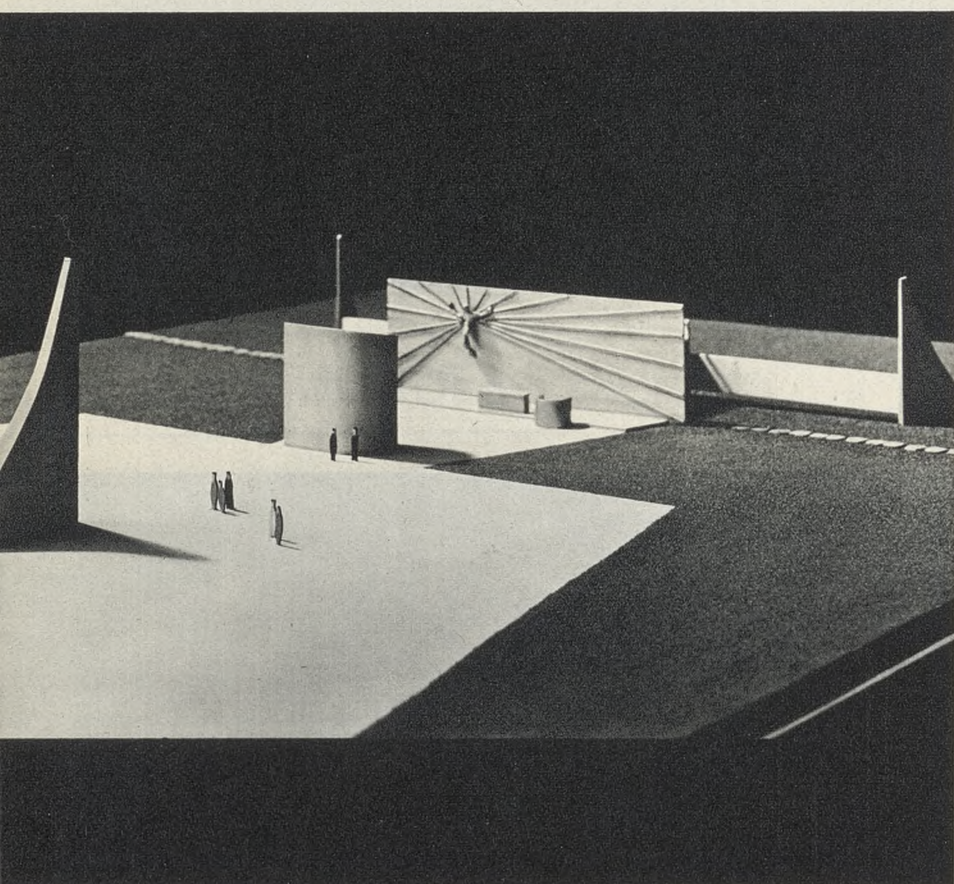
El sector bancario ha sido proyectado previamente con el fin de poder ser fraccionado en subsectores.



La catedral estará situada en una plaza autónoma, en el sector contiguo al de la Ciudad Universitaria.

Una iglesia de Brasilia. Obra al mismo tiempo lírica y funcional, será también acogedora e íntima.







mera gran ciudad del mundo enteramente planeada de acuerdo con los principios más audaces de la arquitectura contemporánea, a la que abrirá vastos y nuevos horizontes. Esta gran empresa debe mucho al entusiasmo del Presidente Kubitschek, quien repetidas veces ha dicho que pretende terminar su poder en Goiás. Por primera vez, lo que era sólo una vaga esperanza de la nación ha encontrado los medios para convertirse en una realidad.

Desde 1789, fecha de la primera conspiración para liberar al Brasil del dominio portugués, fué prevista la necesidad de establecer el futuro Gobierno independiente en algún punto de las provincias del interior. Pasado el tiempo llegó a fijarse como lugar idóneo para la ciudad la meseta en que se encuentran las cuencas del Amazonas, del Plata y del San Francisco. Pero, aparte de la ceremonia de la colocación de la primera piedra, en 1922, nada más fué realizado y el proyecto cayó en el olvido.

La idea, sin embargo, sobrevivió a los disturbios políticos y sociales posteriores, y en 1946 se determinó que la capital de la Unión sería trasladada a la meseta central. En los últimos años, después de haber sido propuestos diversos lugares, la decisión final recayó en favor del área localizada en el sudeste del estado de Goiás.

Brasilia, futura capital, se levantará en medio de un mundo virgen hasta ahora, pero que ofrece excelentes condiciones fisiográficas y climáticas para su subsistencia y crecimiento adecuados, pues todo ha sido previsto en esta ocasión. Una temperatura media agradable favorecerá su desarrollo y hará viables las tareas administrativas del Gobierno. Su situación equidistante de los centros más poblados del Brasil hará que el Gobierno se encuentre prácticamente «a un paso» de los más alejados límites del territorio nacional, ya que así lo permitirán los modernos medios de comunicación que se pondrán en marcha con Brasilia. En línea recta la separan de Río 940 kilómetros; de San Pablo, 890; de El Salvador, 1.030; de Recife, 1.620; de Belem, 1.500, y de Porto Alegre, 1.650. Como se ve, en el sentido de la ubicación, la futura capital parece haber encontrado su lugar definitivo. Se procurará así atenuar la despoblación del interior, en beneficio del litoral atlántico, y con su influjo político y económico, equilibrar las dos economías en que todavía hoy se divide el Brasil.

La ciudad está calculada para albergar, en principio, hasta 600.000 habitantes, y resolver de antemano el problema de abastecer a semejante población no es una de las cuestiones menos trascendentes para los urbanistas modernos.

El Plan Piloto de Brasilia se debe al arquitecto Lucio Costa, quien ganó el primer premio en un concurso internacional. El autor trató de resolver con su «plan» las incógnitas que surgen de la planificación de la ciudad misma, considerada desde un punto de vista moderno y al margen de las concepciones coloniales predominantes hasta hace poco en el Brasil.

El nombre de la capital y su lugar de emplazamiento ya habían sido propuestos por José Bonifacio en 1823. Por tanto, el urbanista tenía que resolver los aspectos puramente técnicos de la cuestión. Planteadas así las cosas, había que preguntarse cómo debería ser la futura ciudad. Lucio Costa responde a esta pregunta diciendo que la ciudad no debe ser concebida como un organismo simple, donde baste con que se permita desarrollar las tareas propias de la población. Ni siquiera como urbe hay que considerarla, sino como «Civitas», con todos los atributos inherentes a una capital.

El origen del Plan Piloto tuvo su base primaria en el simple gesto de quien señala un lugar a la distancia. Esta posición indica dos ejes cruzados en ángulo recto, o sea, la misma cruz, que en fin de cuentas vino a ser el primer símbolo levantado en los campos de Brasilia.

Lo que siguió después fué la adaptación de la idea original a la topografía del lugar, a la caída de las aguas, sufriendo leve inclinación uno de los ejes, con el fin de adecuarlo al triángulo equilátero, que es la figura que determina el área urbanizada. Tomando como punto de partida las líneas cruzadas, se planeó la red de caminos carreteros y ferroviarios, evitando los cruces a nivel, creando pistas troncales propias para la velocidad moderna y vías laterales para el tráfico local. A lo largo de estos ejes se han planeado los grupos residenciales. El grueso de la edificación fué concebido a la vera de la línea transversal, por lo cual ésta vino a constituirse en el eje monumental de todo el sistema. Allí se ubican los centros cívicos y administrativos, el sector cultural, el centro de esparcimiento y el deportivo, la parte correspondiente al Municipio, los cuarteles, las zonas destinadas a almacenes y abastecimientos, las plantas industriales, la estación ferroviaria y los locales seleccionados con cada uno de los aspectos del Plan.

Aun así, quedan todavía por mencionar las actividades de una verdadera ciudad: comerciales, bancarias y las profesiones liberales, que tienen destinado un lugar especial en relación con el cruce de los ejes fundamentales. Para las soluciones del tránsito se ha trabajado con la idea de que, tanto automóviles como ómnibus, transportes particulares y públicos, deben movilizarse sin cruce, y para ello en Brasilia se ha buscado la solución por niveles, de tal manera que en ningún caso ese encuentro se produzca. Estas son las ventajas de la planificación urbanística.

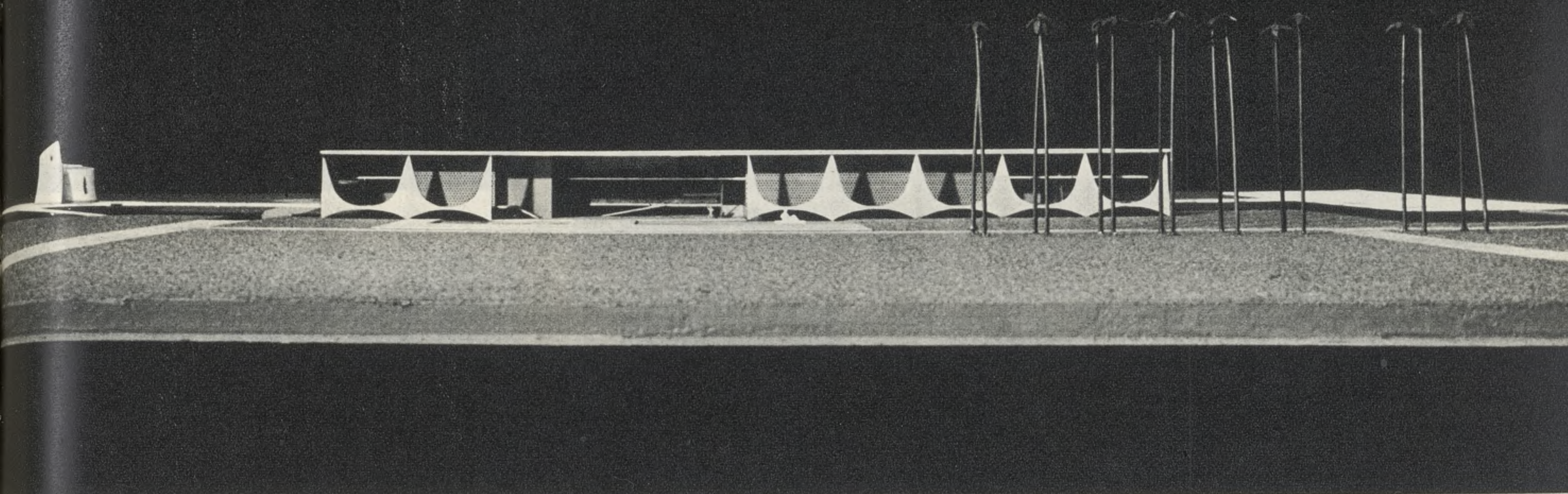
La ciudad, ya puesta en marcha, se construye con estructuras de acero preparadas en los Estados Unidos y armadas por una empresa norteamericana en el lugar de la fundación. Los materiales llegan por avión, mientras no se abran las rutas madres para Brasilia, futura capital aérea y terrestre, enclavada en el corazón del Brasil.

En algunas partes se considera a Brasilia como una proyección telúrica y cual ejemplo para las generaciones futuras. En la primera misa celebrada en el lugar, el arzobispo Vasconcelos dijo que «se trata de la venturosa Pascua del redescubrimiento del Brasil, en la epifanía, en la alborada de Brasilia». El Presidente afirmó: «Nadie dude que Brasil será un país distinto con el desplazamiento a otras zonas propicias de su poder político central.»

La obra está en marcha, y para fines de 1958 se piensa inaugurar el Palacio Presidencial. Ese será, sin duda, un día histórico para la nación.

Brasilia, capital de caminos aéreos y terrestres. Ciudad parque. Sueño secular del «Patriarca».

F. F.





El creador no abandona su creación: Oscar Niemeyer (indicado por la flecha) aparece ante las obras de Brasilia, donde suele discutir con sus auxiliares los problemas técnicos que va planteando la ciudad. Los trabajos de Brasilia, según declaró el mismo artista, definen una nueva etapa de su trabajo profesional, orientado ahora hacia una mayor pureza y simplicidad para llegar a lo que considera el objetivo básico de la arquitectura: su fundamento en lo social.

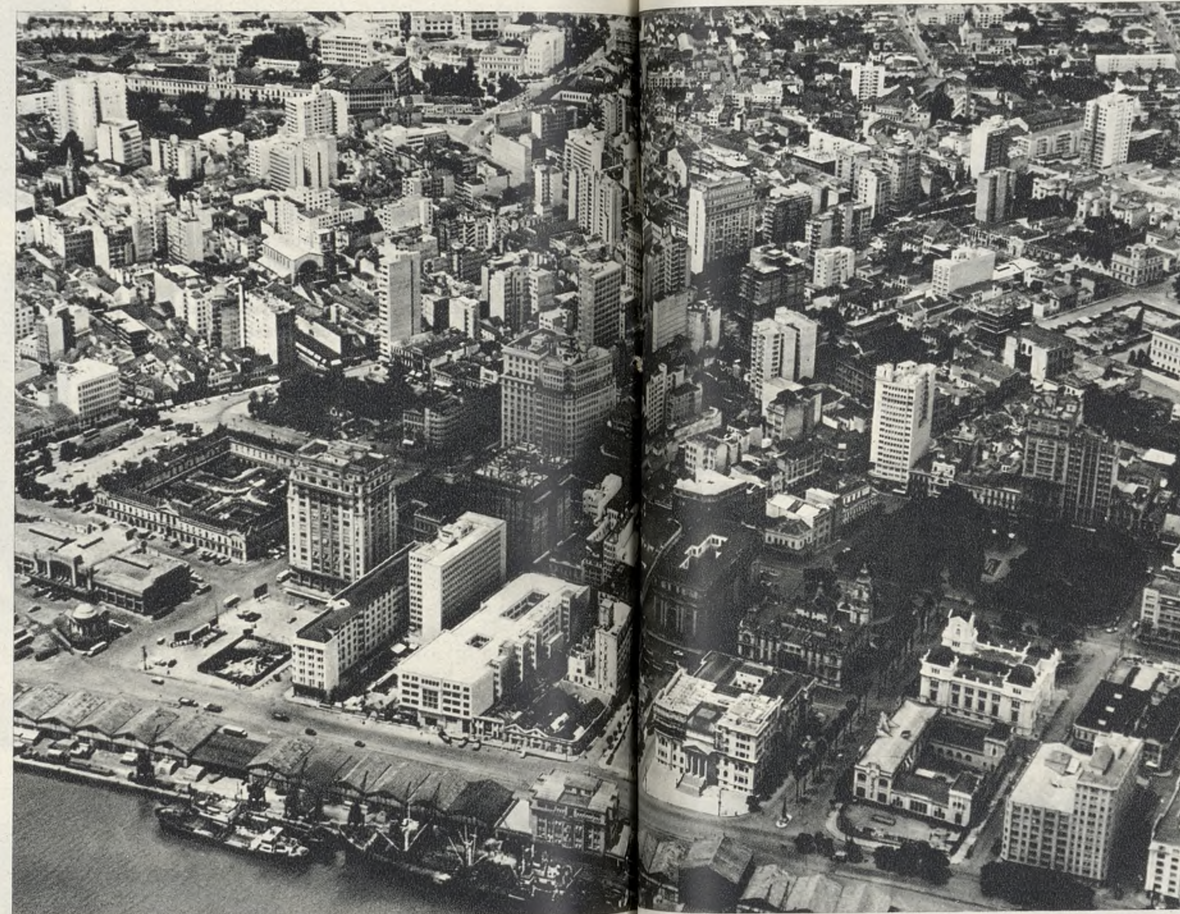


BELO HORIZONTE

PORTO ALEGRE



Belo Horizonte. Avenida de Alfonso Pena.



Aspecto de la ciudad de Porto Alegre.

Una vista de Porto Alegre.



La belleza, la juventud, el sentido poético del pueblo brasileño, que se exteriorizan en tantos aspectos de su vida, que esmaltan su folklore, su arte y su literatura, tienen no pequeña expresión en los nombres de sus ciudades. He aquí dos: Belo Horizonte y Porto Alegre, que son toda una descripción inicial de los paisajes respectivos.

Belo Horizonte es, desde 1897, la capital del Estado de Minas Gerais. Antes de esta época lo fué Ouro Preto—también de bellísima significación: oro negro—, que ahora se conserva como una encantadora ciudad de aire colonial, lánguida y dulce. Las calles y zonas de Belo Horizonte fueron cuidadosamente trazadas, y el emplazamiento se eligió teniendo muy en cuenta la belleza y salubridad del lugar. Es, pues, Belo Horizonte un antecedente de Brasilia. El bello horizonte a que se refiere el nombre es la cadena de montañas que rodea la meseta en que está edificada la ciudad, y que recibe el nombre de Curral del Rei.

Si al principio la ciudad fué pensada como centro político y cultural, ahora se ha convertido en un centro de transportes, de fábricas y de industria pesada. La región en que se encuentra emplazada es rica en oro, piedras preciosas, hierro y manganeso. En cuanto a la riqueza agrícola, Belo Horizonte cultiva algodón, judías, trigo, maíz, tabaco y azúcar. Es muy importante la ganadería. Y entre sus industrias principales figuran las del acero, textil y la talla de diamantes.

Porto Alegre tiene una población—como Belo Horizonte—de 400.000 habitantes. Es la capital de Río Grande del Sur y puerto importante del Brasil austral. Porto Alegre es la tercera ciudad industrial del país, y se encuentra sobre unas colinas extendidas a lo largo del río Guaíba, confluencia de cinco corrientes que desembocan en la laguna de los Patos.

Es muy fuerte en Porto Alegre la inmigración de europeos, particularmente portugueses, alemanes e italianos, atraídos por las grandes posibilidades económicas y la belleza y salubridad del clima.

Son los principales productos del Brasil pieles, granos, animales, lana, minerales, tabaco, fruta y vinos. Y las más importantes industrias, las de embalaje de víveres, refinerías de grasa animal, aserraderos, fundiciones, cervecerías, curtidos e industrias de la lana.

Un aspecto de la avenida Guararapes, en la ciudad de Recife.

RECIFE

UNA barrera de arrecifes submarinos de bellísimo coral blanco da su nombre a la ciudad de Recife, colocada en el centro geográfico del noroeste brasileño. Moderna, contagiada de la fiebre de construcción que es común a todas las grandes ciudades del Brasil, Recife cuenta en la actualidad con más de seiscientos mil habitantes, pero este número aumenta constantemente. Su puerto fué fundado en 1548, y pronto comenzó a ser habitado por pescadores y navegantes. La belleza que da a la ciudad de Recife su situación junto al mar, es aumentada por los ríos Capibaribe y Beberibe, que, adentrándose por el recinto urbano en un tejido de canalículos, han dado a Recife el sobrenombre de Venecia americana. La actividad de su puerto es muy considerable, y por él se exporta azúcar, algodón y café de la gran región Norte.



Bajo un bello puente, el río Capibaribe.



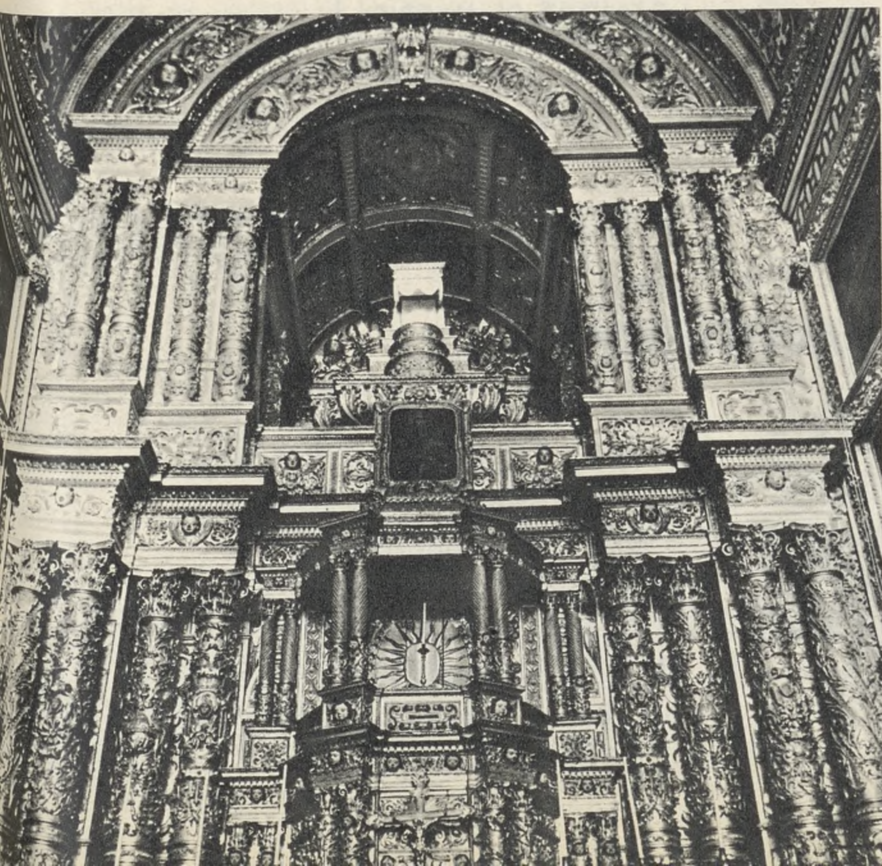
El edificio Duarte Coelho, en Recife.

La imagen, ya convertida en clásica, del puerto de Salvador.

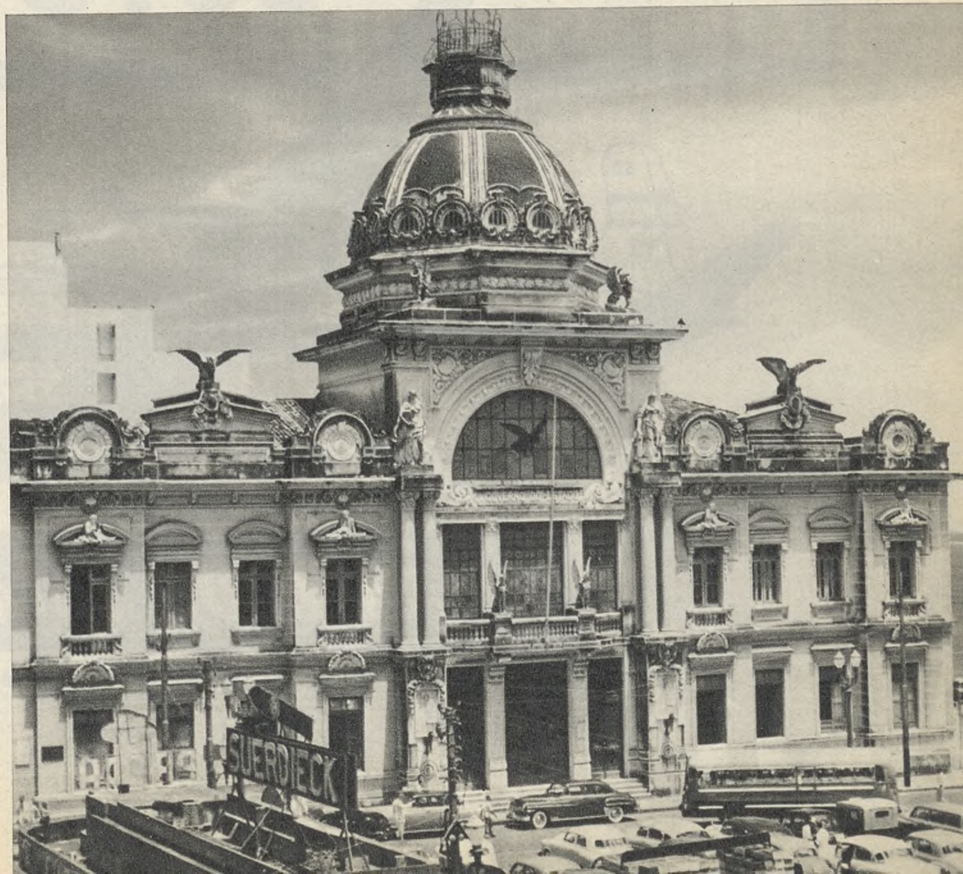
SALVADOR DE BAHIA

EDIFICADA a lo largo de la costa, la ciudad de Salvador o Bahía es llamada la «Ciudad de las Iglesias». Es la cuarta ciudad del país, y conserva de otros tiempos edificios y fortificaciones que datan de cuando Bahía era la capital del Brasil, con el nombre de San Salvador de Bahía de Todos los Santos. La ciudad se halla enclavada en dos planos del terreno, separados por más de sesenta metros, comunicados entre sí por funiculares, ascensores y carreteras. La tradición de Salvador está impregnada de folklore primitivo de Africa, y se expresa en la música, en las danzas y en la macumba, ritual de los actuales descendientes de los esclavos sudaneses.

Altar mayor de la catedral de Bahía.



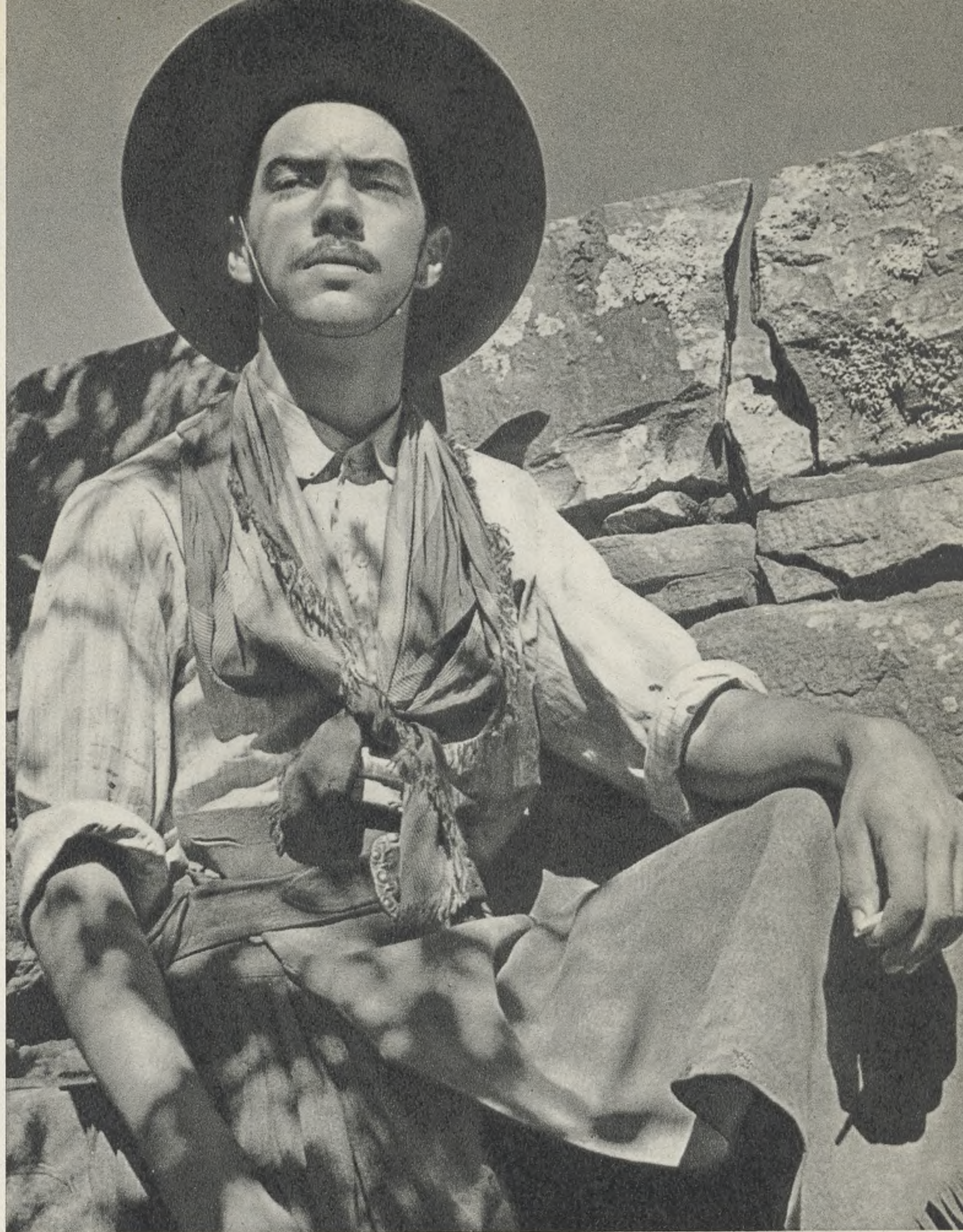
Junto al mar, el palacio de Gobierno.



EL GAUCHO

Por

EDUARDO TODA OLIVA



Así como John Bull simboliza a la Gran Bretaña, Uncle Sam a los Estados Unidos, Marianne a Francia, así «o carioca» —ese tipo alegre y dicharachero, simpático y fachendoso, apasionado por el ritmo, las mujeres y el fútbol—personifica al Brasil.

Pero el Brasil, rico en geografía, rico en subsuelo, rico en porvenir, es también rico en variedad étnica, y presenta—además del «carioca» popular y ciudadano, para la exportación—otros tipos humanos, diferenciados según los climas, los medios ambientes, las profesiones, desde Belem do Pará hasta Rio Grande, desde Recife hasta Mato Grosso.

Por ejemplo—entre otros—, el «sertanejo», duro y sufrido habitante de los yermos «sertões» del norte, planaltos agrietados por las sequías, alerta siempre los ojos en espera de alguna nube errabunda; el «caipira», paleto, con sus recelos, su gracejo socarrón y su ingenuidad campesina; el «seringueiro», agostado trabajador de los cauchales amazónicos; el «garimpeiro», audaz buceador de aventuras subterráneas, ávido de fulgores que hacen la vida fácil; el «jangadeiro», arrojado en su frágil balsa, pescando en las aguas de Ceará; el «gaucho»...

¿El gaucho? ¡Ah!, pero ¿hay gauchos en el Brasil? Sí; los hay, y tan numerosos, que dan vida a un tipo brasileño y a un Estado gaucho: Rio Grande do Sul; capital, Pôrto Alegre.

EL GAUCHO BRASILEÑO

¿Y cómo es?, ¿qué estampa tiene ese gaucho—mejor dicho, «gaúcho»—brasileño? Más o menos, así: un sombrero flojo, de ala cansada de los embates del «minuano»; un rostro aristado, como cuero seco al sol; los ojos, rajas horizontales, paralelas a infinitos horizontes pamperos; dos hilachas negras por bigotes; una mueca espumosa de mates, la sonrisa. Al desgaire, en torno al cuello, un pañuelo; un cinto, en el que reluce el facón, afilado, para el churrasco diario o... para lo que se tercie; unas «bombachas», recogidas en botas altas, ceñidas por espuelas con ímpetus de viento. En la mano, el chicote; pendiente de la silla, el lazo; a veces, las «tres Marías», las boleadoras.

Suele ser más bien bajo, escueto, nervudo; amante de la soledad; gran bebedor; arrebatado por el juego; buen conocedor de animales, aunque a veces cruel; buen camarada, aunque picajoso; duro, resistente y ducho en su trabajo; parco de boca, en el comer y en la conversa, y con tres grandes amores: el caballo, la pampa y la hospitalidad.

EL CABALLO, FLETE POR UN MAR DE HIERBA

El caballo de estas tierras es menudo, nervioso, de larga resistencia, bronco; jinete y corcel forman esa extraña simbiosis de hombre y bestia, ese centauro de la llanura que es el gaucho. Los arreos suelen ser de cuero crudo, sin muchos adornos, salvo en las fiestas, cuando hay que alardear de gallardía y majeza. Sin duda, el caballo—«o pingo», como le llaman familiarmente—es el mejor camarada; es el que fleta al «gaúcho» por las inmensidades del mar de hierba de la pampa; el que comparte sus ásperos trabajos en el diario rodeo de faenas; el que lo conduce, los domingos, a las querencias del corazón en distantes pagos; el que le enorgullece y enriquece en ocasiones, partiéndose el pecho y los ijares, en las carreras que se organizan los días festivos, entre los jinetes y caballos mejores de las «fazendas». Curiosos espectáculos éstos, llenos de vida, de temeridad, de codicia, de colorido: piños de gente campera expectante, apuestas fuertes, frecuentes ruedas de vino y de «cachaça», y en la «cancha», abierta a los gritos y al «minuano», el restallido de las rivalidades de sangre y de vértigo. Las pagas de meses se agotan en unos minutos, pero el caudal de conversación aumenta para semanas...

El «gaúcho» es tan sobrio como su caballo, uno se alimenta de hierba, otro de carne. Mientras el «pingo» ataraza los sabrosos pastos a su indolente alcance, el «gaúcho» prepara diariamente—unas brasas, un palo, carne prendida en el espeto, sal y agua—su «churrasco». La carne—de reses recién carneadas—crepita y chorrea jugo; el humo acre es el mejor aperitivo.

En todas estas tierras «sulinas», especialmente cuanto más se acercan a las fronteras con la Argentina y con el Uruguay, el «churrasco» es la comida por excelencia, casi casi el «plato nacional» de ese Estado de Rio Grande do Sul; Estado que fué, en un tiempo, independiente, con su bandera y su libertad revolucionaria, tan diestramente evocado por el novelista Erico Veríssimo en su obra *O tempo e o vento.*

Para dar digestibilidad a una alimentación *(Pasa a la pág. 104.)*





SANTOS





LAS CIUDADES

Santos es el principal municipio del Estado de São Paulo, después de la capital. Se extiende en un área de 740 kilómetros cuadrados, distando apenas 70 kilómetros de São Paulo. Privilegiado por su situación, es el mayor puerto comercial del Brasil, por el que se exporta la rica producción del Estado paulista. El puerto de Santos aventaja a los demás no sólo en el movimiento de navíos y carga en general, sino también por la extensión y por las instalaciones. Anualmente se movilizan en este puerto 12 millones de toneladas de carga general.

El relieve del terreno está constituído por dos elementos distintos: la Serra do Mar y la planicie costera. La configuración general del territorio aparece como un abrupto escarpado, flanqueado a uno y otro lado por las vías de comunicación, una de ellas la famosa Vía Anchieta, verdadera autoestrada, considerada justamente como la más perfecta del Brasil, con dobles pistas y otros adelantos técnicos que constituyen el orgullo del país.

Santos es la sede del mayor centro cafetero del mundo.

La población se acerca a los 400.000 habitantes, pero la población fluctuante ofrece niveles sorprendentes. En los fines de semana más de 50.000 personas llegan de São Paulo y ciudades del interior, elevándose al doble este número cuando son dos los días de fiesta. Hay que añadir a esto los pasajeros y tripulantes de los barcos que tocan su puerto, debiéndose fijar en cuatro millones el número de personas que visitan la ciudad por año, lo que ofrece una media mensual de 300.000 visitantes.

Santos está servida por una red hotelera de primera clase. Los principales hoteles son el Parque Balneario, Hotel Atlántico, Hotel Martini, Avenida Palace, Palace Hotel, etc.

Además del puerto, la gran atracción de Santos es el conjunto de sus playas, todas ellas llenas de jardines. Es, sin duda, la ciudad que posee las más bellas playas y jardines del Brasil, siempre repletas de visitantes.

Hay que destacar la gestión realizada por la Prefectura municipal, que ha contribuído poderosamente al embellecimiento de la ciudad.

Las playas de Santos ostentan asimismo bellísimas fuentes, dotadas de iluminación, lagos, pérgolas y otras tantas obras ornamentales y de utilidad pública.

Los puntos de interés turístico son el Acuarium, el Orquidarium, el Museo de Pesca, Monte Serrat, Morro de Santa Terezinha, Ponta da Praia, Entreposto de Pesca, Ilha das Palmas y tantos otros.

Resulta impresionante en la orilla del mar el conjunto de rascacielos, bellos e imponentes, que surgen con tal intensidad, que desafían la grandiosa muralla arquitectónica de Copacabana, en el distrito federal.

En la región de Santos figuran como comunicipios autónomos Guarujá, famosa por el encanto de sus playas; São Vicente, relicario de monumentos históricos, y Cubatao, donde está instalada la mayor refinería de petróleo del Brasil y posiblemente de América del Sur.

Estos son, a grandes rasgos, las principales características de Santos, puerta sobre el mar abierta al mundo, y que impresiona por su progreso urbanístico y su privilegiada condición de centro turístico.

UNA PUERTA SOBRE EL MAR ABIERTA AL MUNDO



VIA ANCHIETA

CARRETERAS


VIA ANCHIETA

La distancia territorial del Brasil ha creado «la tiranía de la distancia»; además de ser su orgullo, el espacio es también un punto grave de la estructura geoeconómica brasileña.

Si el acusado déficit en rutas modernas de circulación obstaculiza la explotación en regla de los ingentes recursos del país y frena el programa de industrialización, parece existir un amplio margen para el optimismo en el futuro, porque el Brasil es una de las naciones mejor dotadas del continente, desde el punto geofísico, y por estar llamada a desempeñar un papel relevante en la vida de relación del bloque suramericano.

En la actualidad, un plan de construcción de 12.000 kilómetros de carreteras de primer orden está en marcha, y con meta para su terminación en 1960. Así, este maravilloso paisaje brasileño se verá cruzado en breve tiempo por las redes de los nuevos trazados.

Arriba: La Vía Anchieta, entre Santos y São Paulo.—En las fotos de abajo: Puente sobre el río Paraiba, y la zona de Recife-Vitoria de Santo Antao, en una de las más importantes zonas azucareras.





EL PADRE DE LOS INDIOS

LA ULTIMA ENTREVISTA CON EL MARISCAL RONDON

El mariscal Cándido Mariano Rondon, explorador de la jungla brasileña, falleció este año de 1958, en Río de Janeiro, a la edad de noventa y dos años. Nacido en el Estado de Matto Grosso, Rondon dedicó su vida a explorar el interior del Brasil, descubriendo el curso de 15 ríos y corrigiendo errores de importancia en el mapa del país. Además de su obra como pacificador de los indios, el mariscal Rondon desarrolló misiones diplomáticas, que garantizaron más de una vez la paz amenazada en América del Sur. Extendió por la jungla kilómetros y kilómetros de hilos telegráficos, tan extensos que podrían ligar Lisboa y Varsovia, coronando así su trabajo con setenta y cuatro años de labor al servicio público, de los cuales cincuenta los pasó en plena selva. Las realizaciones del mariscal fueron más allá del hemisferio occidental. Decenios antes de haberse dado comienzo a la asistencia de las hoy llamadas poblaciones subdesarrolladas de Africa y Oceanía, con propósitos demócratas y pacifistas, ya Rondon practicaba estos principios y métodos, convirtiéndose en el pionero ideal en favor de pueblos cuyo número trasciende del millón. Estos hechos están reconocidos y documentados por estudiosos de la historia colonial. Rondon revolucionó el derecho social, creando la legislación del Servicio Brasileño de Protección a los Indios, dando sentido oficial (en 1910) a su obra magnífica, comenzada tres años antes.

El Presidente norteamericano Theodore Roosevelt, que se honró con su amistad y lo siguió en una expedición a la jungla brasileña, afirmó que, por el conjunto impresionante de sus conocimientos, a Rondon bien se le pudiera llamar genio, no quedándole duda de que era un gran sabio. El poeta Paul Claudel, con ocasión de su marcha del Brasil, donde ejerció un cargo diplomático al servicio de Francia, dijo espontáneamente: «Rondon, esta alma fuerte que se adentra en los bosques, con la sublime misión de asistir a sus salvajes, es una de las personalidades que más me han impresionado. Rondon me da la impresión de ser una figura del Evangelio...»

Abierto a la curiosidad de los visitantes, en la Sociedad de Geografía de Nueva York hay un libro en el que aparece inscrito el nombre de Rondon en letras de oro, como homenaje público al explorador que más se adentró en tierras tropicales. Esta inscripción figura al lado de los nombres de Amundsen (descubridor del Polo Sur), Peary (descubridor del Polo Norte), Bird (que exploró las tierras antárticas) y Charcot (explorador de las árticas). Cándido Mariano Rondon es uno de los cinco hombre que más contribuyeron en favor del conocimiento del ecúmene. El Brasil es un pueblo de negros, blancos e indios, que puede mostrar al mundo la obra de este gran explorador, tan importante como la construcción de Suez y Panamá, gloria de otros pueblos.

EN SU ULTIMA ENTREVISTA, RONDON RECORDO AL PERRO «CAHUY».

Recuerdo mi última visita a su casa, el 5 de mayo de 1957, fiesta de su cumpleaños. A sus años, el mariscal se mantenía lúcido, gozando de una gran salud física. Solamente sus órganos visuales no funcionaban bien, estando ciego de un ojo desde hacía algún tiempo. Cuando empezamos en el Brasil la campaña en favor de la candidatura de Rondon para el Premio Nóbel de la Paz, fuí designado por el *Jornal do Brasil* y revista *Manchete*, de Río de Janeiro, para realizar una exaltación de la obra de nuestro viejo soldado. Hacía muchos años que no salía de su casa y no recibía a los periodistas. Solamente le veían algunos viejos compañeros de sus expediciones científicas, su hija, doña María, y jóvenes oficiales y chicos de familias indias, a los que tenía gusto en recibir. A pesar de ello, realizamos tres entrevistas con el mariscal, después de recoger datos de compañeros suyos de expedición y eruditos brasileños que estudiaron los variados aspectos de su obra. En nuestras charlas, Rondon recordaba con extraordinaria precisión fechas e incidentes ligados a su vida en la selva. Olvidaba hechos recientes ocurridos en la ciudad, pero tenía la cabeza llena de nombres indígenas, y hasta los animales que lo acompañaron siempre—el perro «Cahuy», por ejemplo, que conducía entre los dientes sus cuadernos de apuntes—eran recordados sin dificultad.

EDILBERTO COUTINHO



FOTO: MANCHETE

El Presidente Kubitschek, junto al cuerpo de Rondon. El mariscal jamás ejerció cargo político, pero le fueron tributados honores de ministro en su entierro.



FOTO: SASCHA HARNISCH

En esta fotografía aparece con el mariscal Rondon el entonces agregado cultural a la Embajada de España en Río, don Manuel A. García Viñolas.

La última entrevista del mariscal Rondon, en la cual el héroe de la jungla brasileña recordó la figura del perro «Cahuy», animal que siempre le siguió.



FOTO: "JORNAL DO BRASIL"



el café



Cuando en 1727 el sargento mayor Francisco de Melo Palheta, obedeciendo instrucciones del gobernador de Pará, Joao da Maya da Gama, fué a la Guayana francesa para dirimir una cuestión de límites y trajo de Cayena un puñado de simientes y algunas plantas de café, probablemente estaba muy lejos de imaginar las consecuencias de su acción en la vida económica, financiera, política y social del Brasil.

Descubierto en 1500 por el almirante portugués Pedro Alvarez Cabral, el territorio brasileño comenzó, algunos años después, a revelar sus posibilidades económicas a través de la extracción y exportación de palo brasil, muy usado por la industria de tintorería en aquellos tiempos; vino así a constituir el primer producto de verdadero valor en el Brasil que nacía.

Introducido el café en el Brasil, Palheta dió motivo a fundadas y extensas repercusiones en todos los sectores de la vida nacional, tanto en el plano económico y financiero como en el político y social, pues la rubiácea vino a ser el factor del cuarto ciclo económico, tornando—se dijo que en torno de él giraba y continúa girando el Brasil—el desenvolvimiento industrial, a consecuencia de que el ciclo cafetero progresaba rápidamente.

Poco a poco fué el café haciendo sentir su gran influencia en la vida del país, por lo que llegó a ser el factor máximo del progreso brasileño cuando vino a ocupar las tierras de São Paulo a mediados del siglo pasado.

Cuando se decretó la extinción de la esclavitud en el Brasil por la regente del Imperio, la princesa Isabel, en 1888, en el Estado de São Paulo ya se recogían más de 1.700.000 sacas, de sus haciendas, que disponían de cerca de 180.000.000 de plantas de café. El Estado de Río de Janeiro, en esta misma época, concurría con cerca de 300.000.00 de sacas para el total de la producción brasileña.

Con la abolición de la esclavitud, el panorama político y social del Brasil sufrió una gran transformación: el 15 de noviembre de 1889 era proclamada la República, terminando la fase imperial.

Para sustituir a los esclavos llegó la corriente inmigratoria, que dió en el Brasil, principalmente en el Estado de São Paulo, un valioso impulso a los cafetales. Ocho años después de la abolición,

El arbusto que crece en el Brasil ha cumplido su ciclo acompañando la soledad de la anciana, que consume sus horas nostálgicas cargadas de viejos recuerdos en el «café del barrio apartadito».



factor de civilización y creador de ciudades

en 1896, las haciendas paulistas contaban con más de 500 millones de pies de café, sobrepasando la cosecha de 1897-98 los seis millones de sacas. La producción de 1901-1902 se elevó a 10.105.000 sacas, y cinco años más tarde salieron por el puerto de Santos cerca de 15.400.000 sacas.

El cuadro siguiente muestra el desenvolvimiento de la caficultura brasileña en los quince años siguientes al comienzo de la última gran guerra; en él se señala el número de cafetales en los principales estados.

	Año 1939	Año 1954
São Paulo	1.280.734.000	1.400.000.000
Minas Gerais	553.573.000	605.798.000
Río de Janeiro	244.958.000	94.338.000
Espíritu Santo	153.617.000	345.693.000
Bahía	134.432.000	62.039.000
Paraná	61.434.000	750.654.000
Pernambuco	50.272.000	79.814.000
Goiás	13.200.000	60.000.000
	2.492.240.000	3.398.336.000

En el campo económico, el café ocupa el primer lugar como productor máximo de divisas para el Brasil, y a la vez como fuente de renta agrícola. De los distintos productos brasileños, ningún otro se aproxima al café ni en el volumen de producción ni en su valor.

Bastan algunas cifras para hacerse cargo de lo que representa el café en el país. En 1954 supuso el 22 por 100 del valor total de los 25 principales productos agrícolas. En cuanto a las divisas, su contribución representa, prácticamente, dos tercios de los dólares recibidos en virtud de la exportación de los productos brasileños.





EL CAFE DEL BRASIL
EN EL MUNDO HISPANICO

Como se sabe, el Brasil exporta café para todos los países consumidores, entre los cuales ocupan un lugar notable las naciones de origen ibérico.

Casi todas las naciones hispanoamericanas son productoras de café, y España y Portugal, por su parte, tienen en sus colonias y provincias ultramarinas plantaciones que abastecen las metrópolis. Sin embargo, el Brasil cuenta entre sus compradores, de una manera constante, con unos cuantos países del mundo hispánico, de los que damos aquí una relación—en sacas—, también referida a un período cercano de cinco años:

Año 1951: Argentina, 475.545; Chile, 56.643; Uruguay, 41.766; Paraguay, 3.300; España, 1; Portugal, 1.615.

Año 1952: Argentina, 423.330; Chile, 66.537; Uruguay, 40.824; Paraguay, 2.575; Portugal, 240.

Año 1953: Argentina, 568.891; Chile, 104.420; Uruguay, 61.210; Paraguay, 520; España, 3.366; Portugal, 3.

Año 1954: Argentina, 561.628; Chile, 87.921; Uruguay, 55.305; Paraguay, 460; España, 22.984.

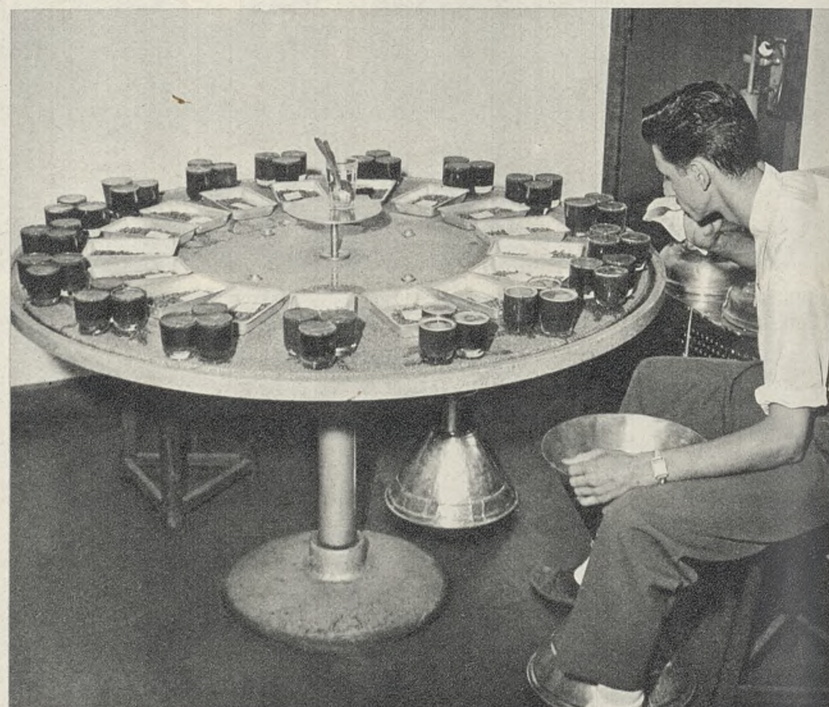
Año 1955: Argentina, 489.134; Chile, 128.654; Uruguay, 67.939; España, 83.398.

Aunque en los últimos tres años esta distribución ha variado en algunos de los países reseñados, en general los valores de la relación pueden ser considerados como índices, y así, como se desprende de ellos, el consumo de café brasileño podía ser mucho más amplio, ya que el índice *per capita* de cada uno de ellos está lejos de alcanzar el nivel alcanzado por algunos países europeos, por no citar el de los Estados Unidos de Norteamérica, cuyo consumo es el más alto de todas las estadísticas. Hay, por tanto, grandes posibilidades de que sea incrementada la exportación para esos países amigos, sirviendo el café como lazo de unión y amistad entre naciones hermanas.

GIL RODRIGUEZ JUNIOR

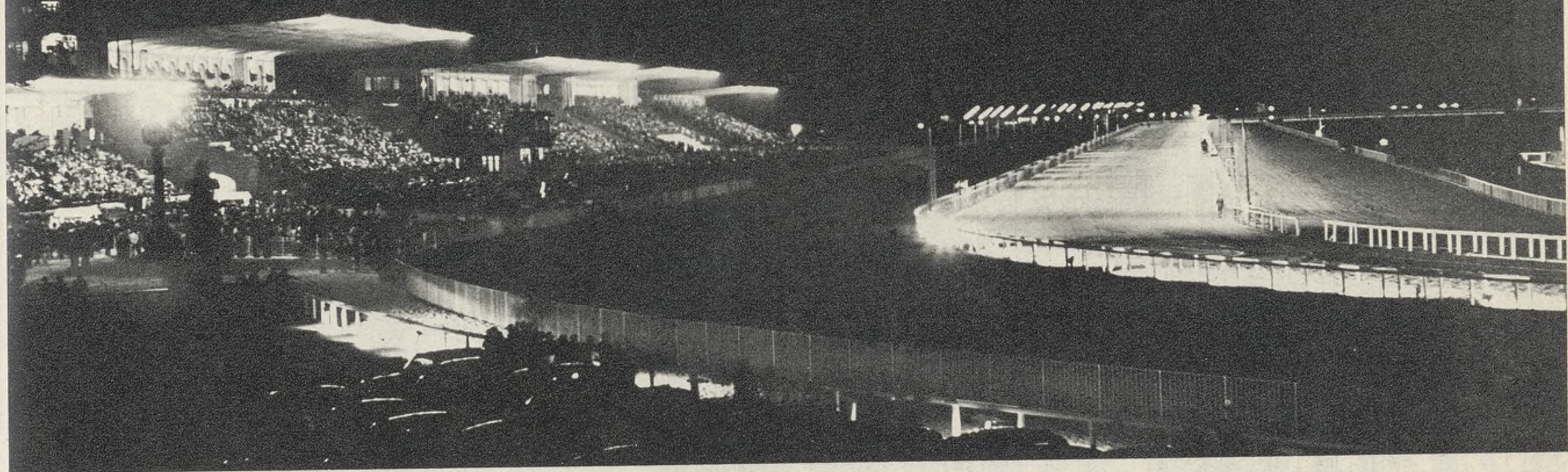


De la historia del café brasileño: los millones de «sacas» son cargados en los muelles, el probador selecciona el mejor aroma y, finalmente, el café universal del Brasil hace las mejores sobremesas.





DO JOCKEY CLUB FLUMINENSE AO JOCKEY CLUB BRASILEIRO



1849. Há mais de um século. Foi quando um grupo de entusiastas de turfe se reuniu para fundar a primeira sociedade hípica do Brasil. Entre êles, tôdos figuras de grande prestígio, estavam o brigadeiro conde de Caxias, depois marechal e duque, o barão de Rio Bonito e o maior João Guilherme Suckow; este, um nome que se tornou grande na história do chamado «Esporte dos Reis», naquela época em que os reis governavam a maior parte do universo.

A sociedade teve o nome de *Jockey Club Fluminense* e o seu primeiro presidente foi o barão de Rio Bonito. O capital não passava (falemos na linguagem da época) de quarenta contos de réis, em ações de duzentos mil réis cada uma. Hoje seria isso uma ninharia para tão grande empreendimento, mas naquele tempo—é facil de se avaliar—a soma era bastante elevada.

No mesmo ano, foi feita a aquisição de terrenos para o prado, uma área espaçosa em *São Francisco Xavier*. Custou onze contos de réis. E o pagamento foi feito a prazo. A diretoria, animada pelo espírito realizador do barão, não perdeu tempo. Levantado ésse capital jugado necessário, começaram as obras. Houve, porem o inesperado. Embóra a importancia não fosse pequena (não esqueçamos que estamos em 1849, época sem inflação e de vida barato), o dinheiro acabou em 1850. Impunha-se, porém, que o empreendimento prosseguisse. Pensou-se em levantar mais numerário: trinta contos. Reuniu-se uma assembleia de sócios. Foi feita a proposta que não logrou a ovação. Seria de se lamentar a paralização definitiva das obras. Contornou-se a questão. O major Suckow, atendendo aos desejos dos associados, resolveu levar avante, por sua conta, o notável emprendimento. E o fez por amor ao hipismo, sentimento que cultivara durante anos na Európa, de onde viéra para o Exército brasileiro, do qual dera baixa ao terminar seu contrato. Que compensação teria o major? Realizaria, em nome do Club, as corridas que entendesse, pagando ao mesmo quatrocentos mil réis por ano, a título de arrendamento. Foram terminadas as obrás. Em 1851 (êsse ano deve ser guardado de memoria por todos os amantes do turfe, tal a sua significação histórica) realizaram-se as primeiras corridas de cavalo no Brasil. Desçamos aqui a alguns detalhes, neste resúme da história do turfe no nosso país. O *Jockey Club Fluminense* é a célula mater das carreiras de cavalo nas terras brasileiras.

Prossigamos. Agora para narrar um triste episódio. Em 1854, as arquibancadas do prado são devoradas pelo incendio. É a morte do Club, cujos bens entram em liquidação. Ésta termina em 1865, tendo o major Suckow adquirido por 19 contos de réis o espólio. Nêsse interregno realizam-se no Rio corridas avulsas de amadores o que so serve para mostrar que o grandes esporte apaixonara os cariocas. Funda-se em 1866 o Club Jácome, cujo nome constitui uma expressiva homenagem ao grande mestre de equitação que foi Luiz Jácome de Abrou e Souza. Essa associação não chega a realizar corridas depois de sua fundação oficial. São decorridos dois anos. Estamos agora, em 1868, em 16 de julho (eis outra data marcanta), lança-se com bases sólidas, o turfe no Brasil. Aparece a Sociedade Jockey Club. O seu primeiro presidente é um grande nome: comendador Mariano Procópio Ferreira Lage, vulto notável da engenharia que se imortalizou na nossa história pátria. Os anos vão passando, as diretorias se sucedendo, o club progredindo. Vem 1932. A Sociedade Jockey Club funde-se com o Derby Club, recebendo a nova entidade o nome de Jockey Club Brasileiro. Era presidente do Jockey Club o Dr. Linneo de Paula Machado e do Derby o Dr. Paulo de Frontin. Façamos um parentesis para falar do Derby Club. Estamos em 1931. Recuamos no tempo 46 anos. Em 1885 funda-se essa sociedade. O seu primeiro presidente é o Dr. André Gustavo Paulo de Frontin. Como surgiu o Derby Club? Corria o ano de 1884. Cria-se o Club de Corridas de Vila Izabel, em frente ao antigo Jardim Zoológico. No mesmo ano de sua fundação, estando na presidência o Dr. Frontin, essa entidade muda de nome. Passa a chamar-se Derby Club Fluminense. A sua vida é curta. O Dr. Frontin, com grande número de amigos, ex-sócios do Derby Club Fluminense, funda então o Derby Club. Outro grupo lança o Prado de Vila Izabel, sob a forma de sociedade anônima, que desaparece em 1889. Outras sociedades turfisticas surgem, atestando cada vez mais o interesse dos brasileiros pelas carreiras.



SIDERURGIA

VOLTA REDONDA



En el inmenso territorio del Brasil, con núcleos de población a veces distanciados entre sí por miles de kilómetros, se desbordan caudales de una riqueza inagotable. Su suelo, dada la variedad de las condiciones climatológicas, está clasificado entre los más fértiles del mundo, y las riquezas del subsuelo han permitido el desarrollo de una industria básica nacional, que cada día aumenta hacia un futuro realmente impresionante. La industria siderúrgica brasileña es hoy día base importantísima de la progresiva riqueza del país. Como índice excepcional de esta importante actividad brasileña, publicamos en estas páginas un reportaje sobre la gran siderurgia de Volta Redonda, la más rotunda expresión del poder industrial y del potencial económico en el Brasil.

A Usina de Volta Redonda—o maior parque siderúrgico da América do Sul e que fabrica cêrca de 50 % de aço produzido no Brasil—está magnificamente entre o Rio de Janeiro e a cidade de São Paulo, os dois maiores centros consumidores do país.

A sua construção foi iniciada em 1941, tendo sido para tanto fundada a Companhia Siderúrgica Nacional, empresa de economia mista com capital subscrito em grande parte pelo Govêrno brasileiro e o restante tomado por particulares. A C. S. N. foi fundada em 9 de abril de 1941, resultante das recomendações da Comissão do Plano Siderúrgico Nacional e para facilidade de sua tarefa, como usina integrada, a companhia assumiu as responsabilidade de mineração de minas de ferro e manganês na região de Lafaiete, no Estado de Minas Gerais e de carvão e seu beneficiamente em Tubarão e Siderópolis, no Estado de Santa Catarina.

De acôrdo com os seus Estatutos, o Presidente da Companhia Siderúrgica Nacional é de nomeação da República, e seus quatro diretores eleitos em assembléia geral dos acionistas para um período de quatro anos. Atualmente preside a C. S. N. o general Edmundo de Macedo Soares e Silva, idealizador e construtor da Usina de Volta Redonda. Os outros diretores são os seguintes: engenheiro Ismael Coelho de Souza, vice-presidente; Dr. Adão Pereira de Freitas, diretor tesoureiro; engenheiro Renato Azevedo, diretor industrial, e Dr. Paulo Monteiro Mendes, diretor secretário.

É a primeira e até agora única usina siderúrgica no Brasil a utilisar coque metalúrgico, dispondo de uma bateria de fornos de coque, dois altos fornos (um de 1.300 ton. diárias de gusa e outro de 1.200), seis fornos Siemens Martin de aço, laminação, fábrica de estruturas metálicas e serviços auxiliares, de onde saem anualmente cerca de 750.000 ton. de trilhos e acessórios, perfís, barras, chapas grossas, bobinas a quente, chapas finas a quente, bobinas a frio, chapas finas a frio, chapas galvanizadas e folhas de flendres.

SURGE UMA GRANDE CIDADE

Uma grande curva no Rio Paraiba, pouco antes de chegar a cidade de Barra Mansa, deu o nome ao lugar. Durante anos Volta Redonda foi uma pequena estação da Estrada de Ferro Central do Brasil, pouco frequentada e inteiramente desconhecida. Os estudos técnicos, entretanto, consideraram-no o local ideal para a construção da usina siderúrgica por que o Brasil ansiava.

Por duas vias principais atinge-se a Volta Redonda. Pela rodovia Presidente Dutra, de onde no quilometro 102 parte o desvio de 5 quilometros, que leva diretamente à cidade, e pela Estrada de Ferro Central do Brasil, cujos trens diurnos e noturnos, para em sua atualmente movimentada estação de carga e passageiros.

Volta Redonda possui ainda um aeroporto, onde pousam até aviões da classe do DC-3 e está siatuada a 412 metros de altitude. O seu clima é excelente, e oferece ao viajante todas as facilidades de uma cidade moderna.

Uma população de 45.000 habitantes vive hoje em Volta Redonda. Constitui a parte principal do invulgar programa de serviços sociais desenvolvidos pela Companhia Siderúrgica Nacional, programa que se estende a todos os demais setores de trabalho, em Santa Catarina e Minas Gerais. Assistência hospitalar, assistência educacional, assistência habitacional e assistência social asseguram ao trabalhador da grande usina os mais modernos recursos de saúde pública e de preparação es-

colar e profissional, de tal maneira que a indústria siderúrgica pesada brasileira passou a exercer, além de inegavél influência econômica, um papel social de relêvo.

MATÉRIAS PRIMAS

Das ricas montanhas de Minas Gerais vêm os minérios de ferro e manganês, a dolomita e o calcáreo, que Volta Redonda consome. Extraidos os primeiros das jazidas e lavras da C. S. N. na região mineira de Lafaiete, e os segundos em várias regiões num raio inferior a 250 kms. de Volta Redonda (Rodeio de Baixo, Município de Ouro Preto e Juparanã, no Est. do Rio), viajam estas matérias primas em vagões próprios para o transporte de minérios, pelas linhas da Estrada de Ferro Central do Brasil.

Embora estudada de modo a poder utilizar cem por cento de matérias primas nacionais, Volta Redonda utiliza, por diversas circunstâncias, algumas matérias primas estrangeiras, entre as quais o carvão. Esta é a matéria prima que maior problema apresenta, pois, o carvão betuminoso de Santa Catarina, único no Brasil que se presta à fabricação de coque metalúrgico, é de alto teor de cinzas e enxofre.

Para facer face a êste problema, a C. S. N. instalou em Capivarí de Baixo, em Santa Catarina, uma usina de Beneficiamento do Carvão, onde, por meiro de equipamente moderno e conveniente, é lavado o carvão produzido nas minas da própria Companhia, bem como quase todo o carvão minerado naquela região, que goza ainda de energia fornecida por uma usina termoelétrica da C. S. N.

Volta Redonda consome mais de meio milhão de toneladas de carvão por ano, sendo o brasileiro misturado com o importado dos Estados Unidos.

ASPECTOS DA USINA DE VOLTA REDONDA

Como dissemos acima, a Usina de Volta Redonda é a única no Brasil a utilizar coque de fabricação própria. De vinte em vinte minutos, ininterruptamente, abre-se um dos 76 fornos de bateria e o coque ainda incandescente é o empurrado para um vagão apropriado onde é lavado à Estação de Apagamento.

Depois de beneficiado mecanicamente é transportado em correias para abastecimento dos Altos Fornos.

Tôda a economia térmica da usina é baseada nos produtos derivados da Coqueria. Durante a distilação do carvão obtém-se o gás de coqueria, com cerca de 4.830 calorias/m^3, sendo portanto o principal combustível da Usina.

O gás de coqueria, antes de ser enviado para o gasometro e distribuido para os fornos da usina, sobre beneficiamente especial recuperando-se então vários subprodutos, como alcatrão, óleos leves, naftaleno, óleos desinfetantes, sulfato de amônio, etc.

Os óleos leves são tratados na Usina de Benzol e deles se obtem o benzol, base da indústria de plásticos e de inseticidas poderosos; toluol, matéria principal para a fabricação do TNT; nafta solvente e xilol, usados em grande escala para diluição do DDT e na fabricação de tinta.

O alcatrão é bombeado para a Usina de Alcatrão, onde sofre processos diferentes de distilação, separações, lavagens e cristalizações para obter-se vários subprodutos como alcatrões de pavimentação, pixes de reajustamento, pixes para eletrodos, óleos de creosoto, desinfetante e naftaleno.

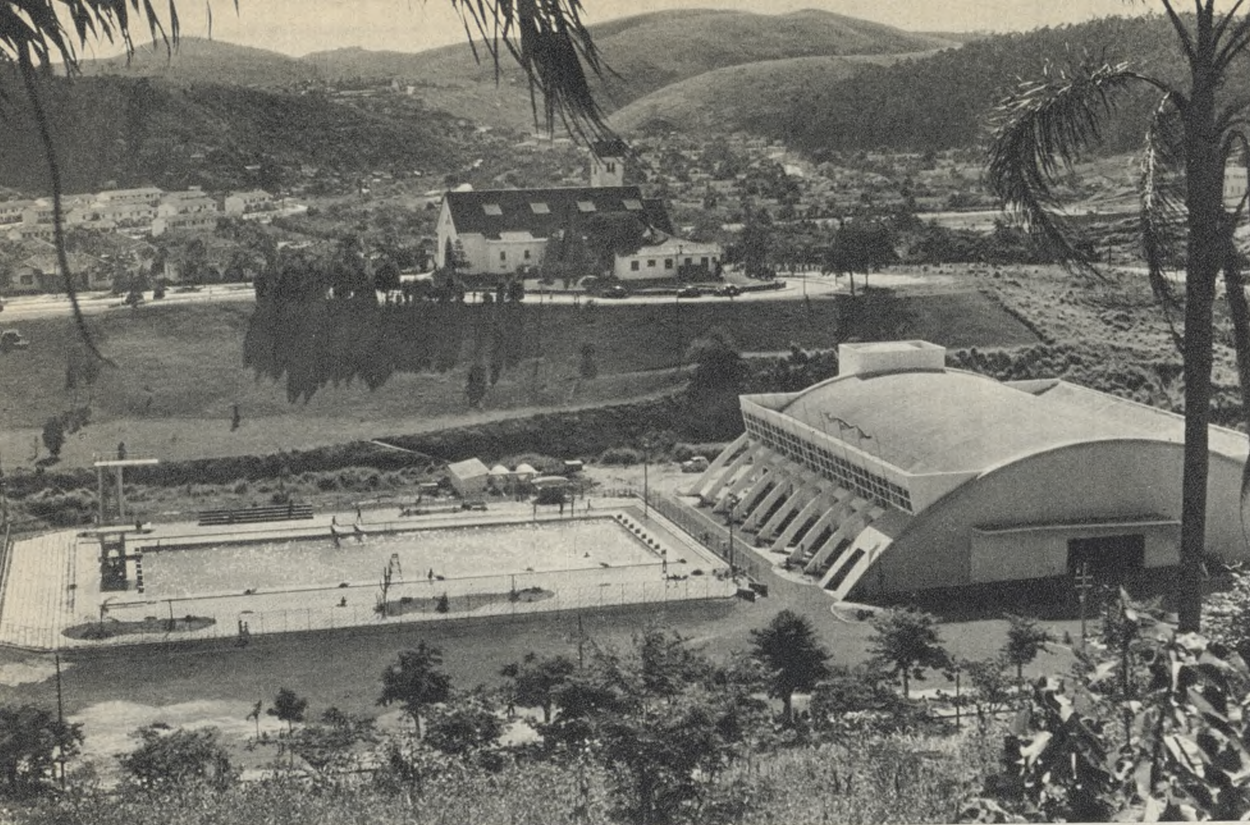
A aciaria está equipada com seis fornos Siemens-Martin. Ela pode fabricar a maioria dos tipos de aço em lingotes de 1946, quando Volta Redonda começou a funcionar até 1955, foi de 3.881.343 toneladas.

Da enormes panelas onde cái, vindo dos fornos, a aço líquido é vasado nas lingoteiras, que são grande moldes de ferro onde se solidifica o lingote de aço.

As lingoteiras são, em seguida, levadas para



SIDERURGIA



a Laminação, onde, na área do Estripador, o lingote é libertado e o aço, já solido, carregado nos Fornos Poços, cuja finalidade é igualar as temperaturas externas e internas do lingote e levar a sua massa a uma temperatura conveniente para a laminação.

Dos fornos poços passa o lingote ao Laminador Desbastador, por onde se inicia o trabalho de laminação. Daí passa o lingote, convenientemente preparado, para o Laminador Detrilhos e Perfís ou para os de chapas, conforme o seu destino. E seguirá então uma longa série de operações até chegar o produto final.

A Laminação comprinde edifício de 1.230 metros possui sete laminadores, que são o Desbatador, o de Trilhos e Perfís, o de Chapas a Quente, o Tiras a Quente, o de Chapas a Frio, o de encruamento e o de acabamento. Dêste último saem as chapas, que, submetidas a outras operações, chegam ao mercado como chapas pretas, galvanizadas e folhas de flandres.

A produção de aço laminado no período de 1946-1955, foi a seguinte: 2.829.387 ton., assim distribuidas: trilhos e acessórios, 490.485 toneladas; perfilados e barras, 538.771 tons.; chapas grossas, 407.413 tons.; chapas finas a quente, 463.130 tons.; chapas finas a frio, 567.028 tons.; chapas galvanizadas, 93.382 toneladas, e folhas de flandres, 269.179 tons.



Las instalaciones siderúrgicas de Volta Redonda han dado ocasión a una de las mejores atenciones sociales del país, como son esos hogares para trabajadores y esas instalaciones de recreo de moderna concepción.

NAVEGAÇÃO

Para o transporte do carvão metalurgico de que necessita, e do carvão de vapor que entrega ao consumo, a C. S. N. possui uma frota carvoeira importante.

E agora, tendo em vista os seus programas de expansão, que exigem mais carvão, a Companhia Siderúrgica Nacional adquiriu novas unidades, de 10.000 tons. de porte útil, aos estaleiros francêses.

Foram adquiridos também dois outros navios, já prontos, de igual tonelagem, para atender às necessidades imediatas do programa de primeira expansão de Volta Redonda.

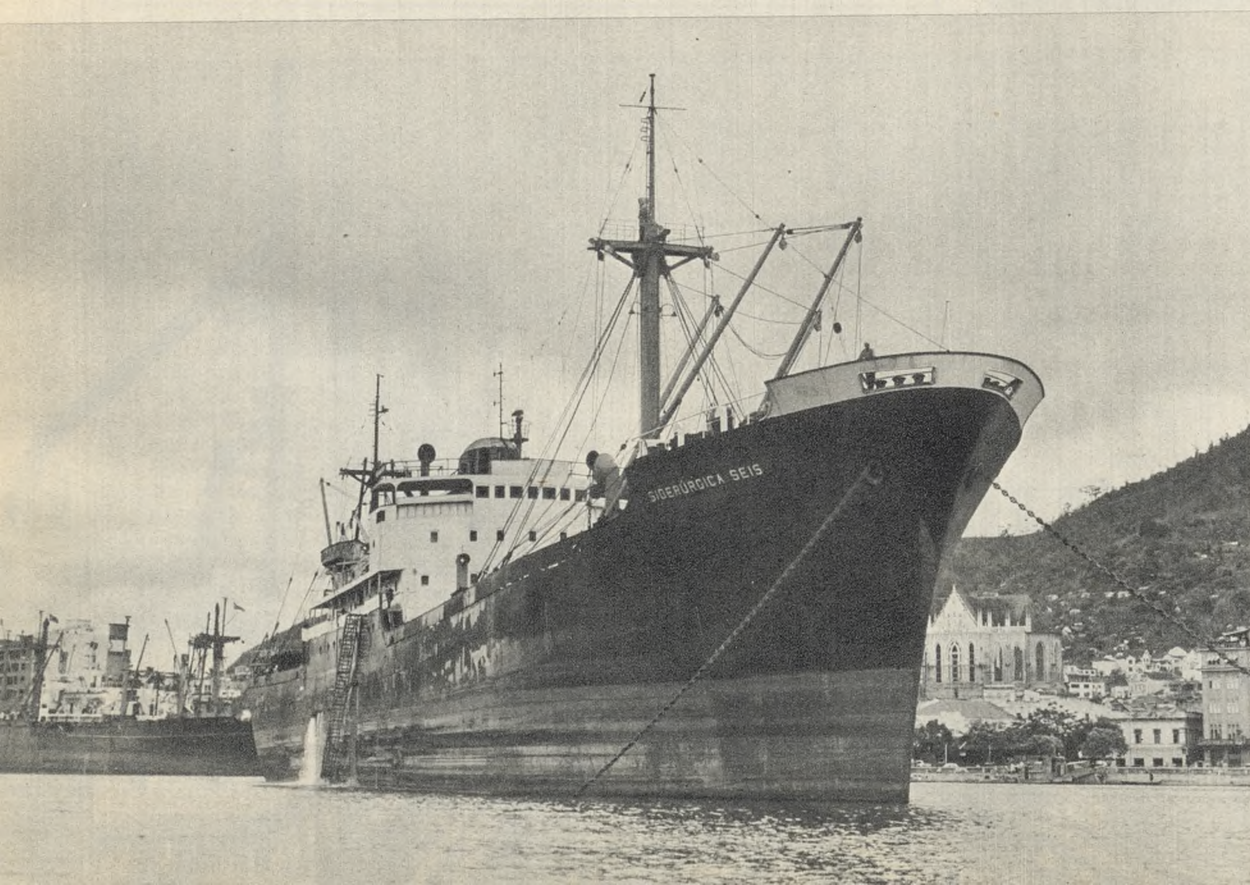
ESPERANÇA DO BRASIL

O advento de Volta Redonda assinala uma época na economia brasileira. A partir da instalação da Usina, a indústria nacional de transformação encontrou a matéria prima siderúrgica de que precisava para desenvolver-se, indústrias nasceram, trilhos brasileiros passaram a cobrir o país inteiro, o Brasil libertou-se dos onus de muitas importaçoes, e uma nova mentalidade se criou.

Volta Redonda é hoje o simbolo das complexas atividades da Companhia Siderúrgica Nacional que desde 1948 vem apresentando nos seus balanços lucros substanciais. Os seus investigamentos ao fim do ano de 1955 eram de 8 bilhões, 857 milhões, 768 mil cruzeiros, contando-se dois empréstimos no Eximbank, num total de 70 milhões de dólares, compromissos êsses que vêm sendo rigorosamente cumpridos.

Recentemente o Eximbank concedeu empréstimo de 35 milhões de dólares, atendendo à necessidade de elevar para 1 milhão e 200 mil toneladas a produção anual de aço em Volta Redonda.

Tendo começado a operar em outubre de 1946, já en 1948 a C. S. N. distribuiu os seus primeiros dividendos, os quais hoje são de 6 % para as ações preferênciasis, 7,5 % às ações ordinárias do Tesouro Nacional e 10 % às ações ordinárias de particulares.



Una de las naves encargadas del transporte que tiene en su flota la Siderurgia de Volta Redonda.

GARCIA VIÑOLAS NOS HABLA DEL BRASIL

REPORTAJE DE UNA SAUDADE

Por JOSÉ M.ª GARCÍA BARÓ

AÑOS atrás tuve el gusto de acompañar, por la Ciudad Universitaria de Madrid, a un grupo de brasileños. Y la satisfacción de recoger mis más rendidos elogios de cada una de las facultades y escuelas especiales que visitábamos.

Al regreso, paseando por la amplia avenida central hacia la plaza de la Moncloa, oí a mis espaldas, en boca de mis acompañados, el nombre García Viñolas.

—¿Le conocen?—me volví.

—¡Y quién no en Río!

—Yo asistí a varias conferencias suyas en São Paulo—terció otro.

—Y yo en Bahía...

Curioso. Todos le conocían. Todos le habían visto. Y oído.

No he olvidado estas palabras, con las que cerró el general e insospechado recuerdo a García Viñolas, en la soleada mañana madrileña, la voz más caracterizada del grupo:

—¡Pero si el señor García Viñolas ha puesto a España de moda en el Brasil!

Y añadió:

—Puede estar orgullosa España de la magnífica labor que está desarrollando en nuestro país.

¿Por qué no he olvidado aquellas palabras? Sin duda, por lo que tenían de halagadoras para un español amigo. Pero también —todo hay que decirlo—me temo que las recuerde por la envidia que me causaron.

* * *

Ahora la Dirección de MUNDO HISPÁNICO me ha pedido que vaya a casa de Manuel Augusto García Viñolas «para que me cuente cosas del Brasil», con destino a este número que tienen ustedes en las manos.

Me honró el encargo, pero me abrumó, porque sospeché la dificultad de meter en los menguados límites de un reportaje periodístico la vasta personalidad de García Viñolas.

Estaba en lo cierto. Ya lo verán. Y espero que sabrán disculparme.

No puedo decir que le sorprendí en su domicilio, porque le anuncié mi visita; pero sí que sorprendí su casa en plena instalación—está reciente su traslado desde Lisboa—, con salas repletas de libros, de cuadros, de muebles, de innumerables recuerdos de sus viajes, que estaban pidiendo a voces, desde su silencio y su accidental abandono, el lugar que la presencia de pintores y carpinteros les negaban.

Sobre todo, el sorprendido fuí yo.

—Ya sabes. Vengo a que me digas cómo es el Brasil.

—Exactamente, como mi casa. Sólo que mayor—respondió con naturalidad.

—Me parece que no te he entendido...

—Vamos a mi despacho. Nos sentamos, y te explico todo lo que quieras.

Pero había ante mis ojos tantos sugestivos objetos, que preferí desoír su invitación.

—Espera. ¿Qué es esto?

—Un batuque.

—¿Cómo?

—¡Sí, hombre! Con lo que se toca la batucada.

—¿Y esto? ¿Otro instrumento?

—No. Es un barangandán de plata vieja.

—¡Ah, ya!—disimulé como pude, pero acabé preguntando—: ¿Para qué sirve?

—Lo lucen las negras de Bahía, en sus fiestas populares, colgado de la cintura.



MANUEL BANDEIRA



CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE



GILBERTO FREYRE

Ante una especie de *chaise longue* de oscura madera labrada, volví a preguntar:

—¿Y esto? ¿Es una mecedora o una silla?

—Es una poltrona de la India. La adquirí con la esperanza de soñar cosas maravillosas durante la siesta.

No me hubiera movido de aquella sala en varios días, llenos de preguntas... Pero había que «formalizar» con calma el reportaje.

—Vamos al despacho—concedí.

Sin embargo, fué ahora él quien me detuvo. Y me reprochó, fingiendo enojo:

—¡Tanto preguntar, y no te has fijado en mi vaquita!

—¿Qué vaquita es ésa?

Estaba sobre un bargueño del más rancio estilo. Yo—lo confieso—no hubiera sospechado que aquella bien pulida piedra blanca, que podría pesar muy a gusto quince kilos, fuese una vaca. Pero lo acepté gustoso, y la admiré con creciente respeto, al ver el amor con que su dueño la acariciaba pasando una y otra vez la mano por sus fríos lomos.

Me impresionó, sobre todo, la autorizada opinión de García Viñolas. Dijo:

—Es la pieza que más aprecio de mi casa. Un alabastro de Cambodje del siglo XVII.

* * *

Sentados cómodamente en su despacho, me dispuse en vano a fijar sobre unas cuartillas *amanosas*, que el mismo me proporcionó, su fabulosa *saudade*.

Sí; durante dos cortísimas horas, Manuel Augusto García Viñolas—nueve años agregado cultural de la Embajada de España en Río de Janeiro y tres en la de Lisboa—me tuvo pendiente de su palabra, rica de recuerdos.

De vez en cuando, me decía:

—¿Qué otra cosa quieres preguntarme?

Y yo le preguntaba, a lo mejor, ingenuidades, por obedecerle.

Pero bien sabía él—escritor, periodista, orador—que yo no tenía que preguntarle nada, sino escucharle.

Escucharle... para no poder reflejar aquí sus palabras, deshilvanadas en mi pluma.

—¿Por qué me dijiste antes que el Brasil es... como tu casa? ¿Porque la tienes llena de objetos brasileños?

—No; porque el Brasil y mi casa están aún en ebullición. En agitación vital; naturalmente, de signo ordenador, positivo.

—Este despacho está ordenado...

—Y Río de Janeiro también, y São Paulo, y Bahía, y Pernambuco...; pero no olvides, por ejemplo, que en tres cuartas partes del Brasil triunfa la selva. Lo sé muy bien. Lo sé paso a paso. Porque he registrado toda su geografía y aprendido su historia.

Me habló entonces de Manaos, en Amazonas, donde los árboles crecen en las plateas del teatro; y de la maravillosa dificultad que en el Brasil supone conservar abierto un camino.

Vencer esta dificultad es la consigna de la Fundación Brasil Central, entidad oficial dedicada a recuperar la selva. Y añadió que todo el país está empeñado en la lucha contra ella. en domesticarla, en transformarla en jardín. Lo que no es sino el fin primordial de la cultura.

Otra cosa que aprendí: la tarea de la Fundación Brasil Central está completada por la del Servicio de Protección a los Indios, que se ocupa de integrar al hombre que en la selva habita, transformándolo en... «jardinero».

El futuro del país es, desde luego, de prosperidad inacabable, pero García Viñolas se recreó hablándome de su presente:

—El Brasil cuenta ya con muchas cosas hechas: con su cordialidad y alegría, que en cierta manera corresponden a la gracia popular del sur de España; con una libertad perfectamente original; con asombrosa capacidad estética, y con un sentido lírico de excepción, sin duda por su noble herencia portuguesa, que cuenta con una de las líricas mejores del mundo.

Estas virtudes esenciales del brasileño son, con su poso de sangre—no olvidemos que el Brasil ha tenido reyes y corte en Río—, las que han hecho posible que hoy, junto a un pueblo muy sencillo y espontáneo, y no lejos de numerosos indios en estado de Adán, exista la cultura más refinada que yo he apreciado en las gentes, y que no sólo se manifiesta en los alardes de vida social de «los grandes finos», sino en la creación de los más poderosos complejos industriales. Aun me puso más ejemplos de este singular mundo de contrastes.

Con lo que llegamos en seguida a la conclusión de que el pueblo brasileño y el español tienen evidentes y razonables afinidades. Evidentes, en la jacarandosa manera de resolver la vida, y razonables, por razones de tipo histórico. Para citar ahora al jesuíta español José Anchieta («Apóstol y Taumaturgo

del Brasil», fundador y constructor de escuelas, hospitales y templos, autor de obras de Historia y Ciencias Naturales...); recordar a don Fadrique de Toledo Ossorio, que dirigió la liberación de Bahía contra los holandeses, y celebrar la hazaña del bueno de Luis Gálvez, que en 1899 entregó al Brasil el territorio del Acre, ganado con un ejército que integraban actores españoles de una compañía... de zarzuela.

Más autoridades: la de Amador Bueno, el español que iba a proclamarse rey de São Paulo, y la primera Constitución del Brasil, que no fué sino la española de 1812.

* * *

Le pedí a García Viñolas un repaso panorámico, necesariamente breve e injusto, de los intelectuales con los que había convivido. Para seguir gozando del espléndido presente del Brasil sin necesidad de imaginar su fabuloso y «popular» futuro.

Me habló de los compositores Villalobos, Mignoni y Fernandes, cuyo prestigio ha sobrevolado todas las fronteras; de los pintores Portinari, Cavalcanti, Segall y Guihnar; de los poetas Manuel Bandeira, Cecilia Meirelles, Augusto Federico Smith, Carlos Drummond de Andrade y Olegario Mariano; de la escuela de ensayistas, donde destacan Alvaro Lins, José Montello, Gilberto Freyre, Peregrino Junior, Celso Kelly, Carpeaux y tantos otros; de los novelistas, Erico Verissimo, Jorge Amado, Ledo Ivo...

—¡Ah! Y que no se me olvide el gran patriarca hispanófilo Cámara Cascudo, que desde su mecedora de Natal bambolea todo el folklore brasileño...

Me contó también de su valentísima arquitectura, conjugada con el paisaje. De esas esbeltas edificaciones que no tocan el suelo sino en los apoyos mínimos, entre los que circula libremente el aire. Torres ingrávidas, que parecen dispuestas a echarse andar de puntillas. Y luego el acierto de los nuevos materiales de construcción: aluminio, cristal, madera y el triunfo del azulejo—herencia portuguesa—en la decoración.

—Has citado a tres eminentes compositores. Háblame de su música.

—Todos ellos tienden a dar a lo popular una nota erudita sin variar los elementos permanentes. Porque no vamos a olvidar la riqueza de los puros ritmos brasileños, que el Brasil necesita muy poco para ponerse en movimiento, y su sentido musical se acompasa a cualquier son.

—¿Y la poesía brasileña?

—Nace con absoluta libertad y desenfado; con fuerza no cohibida, por ejemplo, en Manuel Bandeira—venturoso inventor de poesía—, pero sabe también cincelarse a lo clásico en los sonetos de Olegario Mariano. Porque, insisto, en el Brasil nada puede parecernos imposible.

Le pregunté por sus conferencias y por *Santiago*—la revista que fundó en Río—, con las que llevó a cabo una tarea tan apasionante como la de introducir la cultura española en el Brasil, y no sólo en sus universidades—me lo dijeron los brasileños a quienes acompañé por Madrid en aquella mañana de hace años—, sino en teatros, institutos y diversos centros culturales.

—Tengo entendido que realizaste una brillante labor...

—Perdona—me atajó—. Yo trataba de colaborar con los embajadores a cuyas órdenes he servido.

—Insisto. He oído elogios de los que te oyeron...

—Una prueba más de la generosidad brasileña, que no es discriminadora. Por otra parte, no podemos olvidar el gusto de los brasileños por oír hablar en español.

Estas palabras dicen bien el encariñamiento de García Viñolas con el Brasil, completado después con sus tres años de Lisboa:

—Es curioso que cuando viajaba por Hispanoamérica me sentía también agregado cultural del Brasil en aquellos países.

—¿Volverás?

—En el próximo agosto, si Dios me vale, para asistir a un Coloquio Luso-Brasileño en la Universidad de Bahía, que ha organizado el profesor Helio Simões, hispanista excepcional. Este viaje me permitirá la satisfacción de encontrarme de nuevo con hispanistas tan portugueses como Pedro Calmón, rector de la Universidad del Brasil; Gustavo Barroso y Silvio Julio.

Estaba embozando mi pluma cuando—no sé si por el ambiente de la casa, tan ricamente decorada, que parece estar consagrada a la belleza—le pregunté:

—¿Cómo es la mujer brasileña?

Concretó mi respuesta:

—Allí viven las abuelas más bellas del mundo...

Ya en la puerta, como despedida, me dijo:

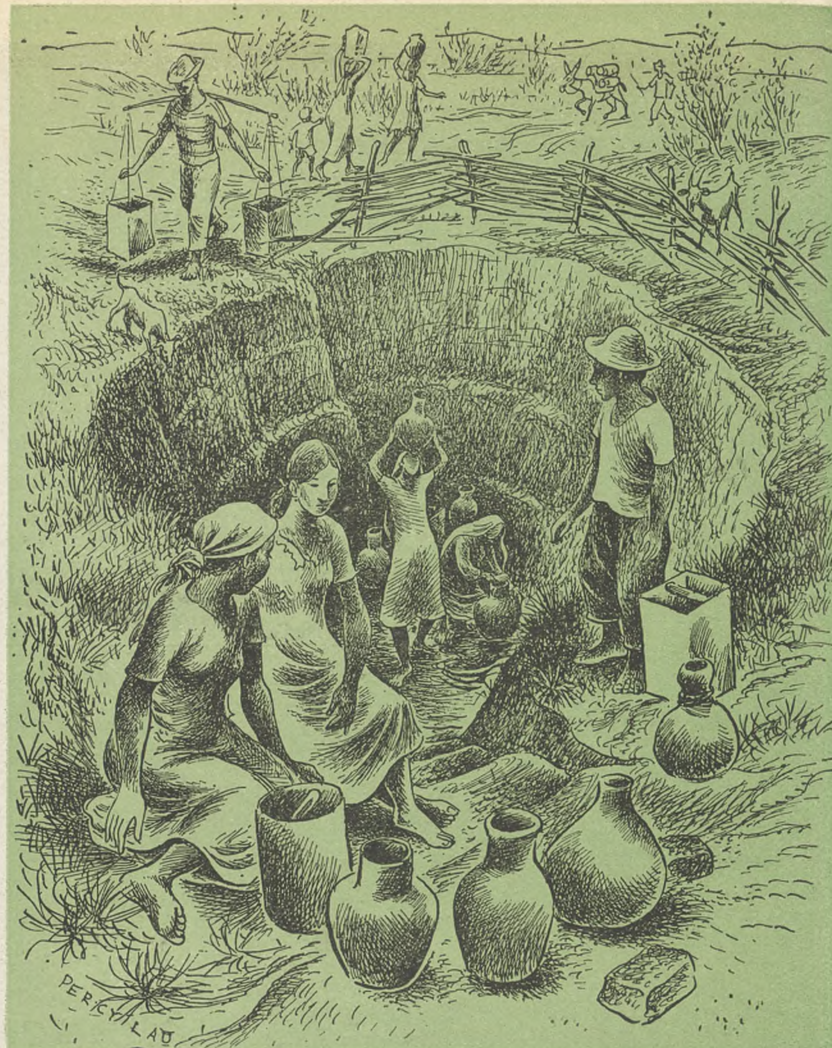
—Mira si es generoso el Brasil, que, como decía un ministro suyo de Agricultura, allí a un árbol le bastan diez años para hacerse secular.

TIPOS Y ASPECTOS DEL BRASIL

ALGUNOS de los aspectos naturales y humanos más característicos y típicos de distintas regiones del Brasil han sido recogidos para estas páginas por el artista brasileño Percy Lau, quien supo fijar en su arte, con admirable propiedad, la representación de estos motivos brasileños. Matizados por un paisaje siempre nuevo, sorprendente y diverso, los hombres aquí nos enseñan maneras de vivir que están determinadas por las condiciones esenciales que presiden la vida en rincones algunas veces difíciles del Brasil. Así, al habitante de la Amazonia se le exige que sea audaz y aventurero para realizar la penetración por los ríos, pequeños o grandes, que forman la extensa y complejísima red fluvial

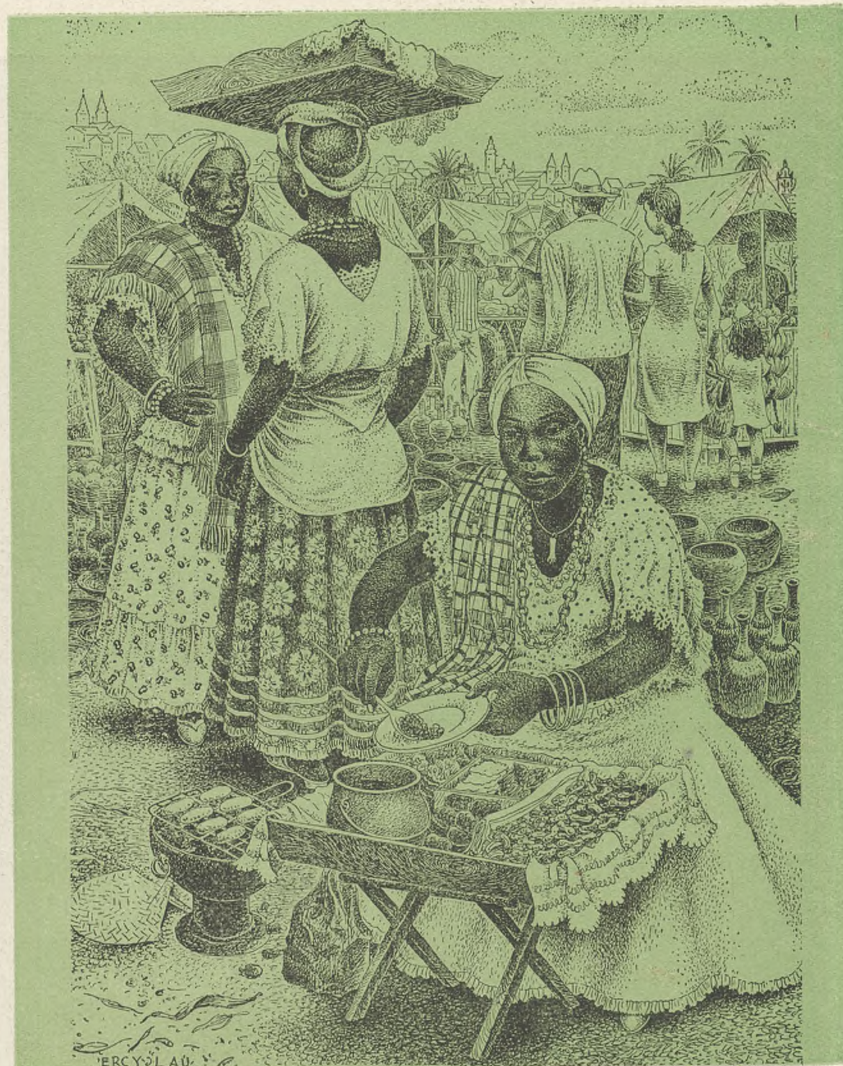
de esta región, del más alto interés social y valor económico. La floresta gigantesca y tan rica posee rincones todavía desconocidos, donde el hombre intenta llegar a través de los «caminos naturales» que buscan por los ríos en sus pequeños barcos. La región nordeste presenta un contraste con la Amazonia: la falta de agua. La lucha contra el agua aquí se cambia en lucha por el agua. Los ríos de esta región no son permanentes y el agua que se conserva en ellos es poca. Las poblaciones que viven más al interior se encuentran a brazos con el clásico problema de las «secas» periódicas, y muchas veces desamparado, pero ligado a la tierra por su fe y su coraje, el hombre empieza una lucha muy ardua, en que se pierden vidas y esperanzas. Algunas veces, sin embargo, las «cacimbas» que ellos mismos construyen para guardar las últimas gotas de agua son suficientes para esperar la llegada de las lluvias.

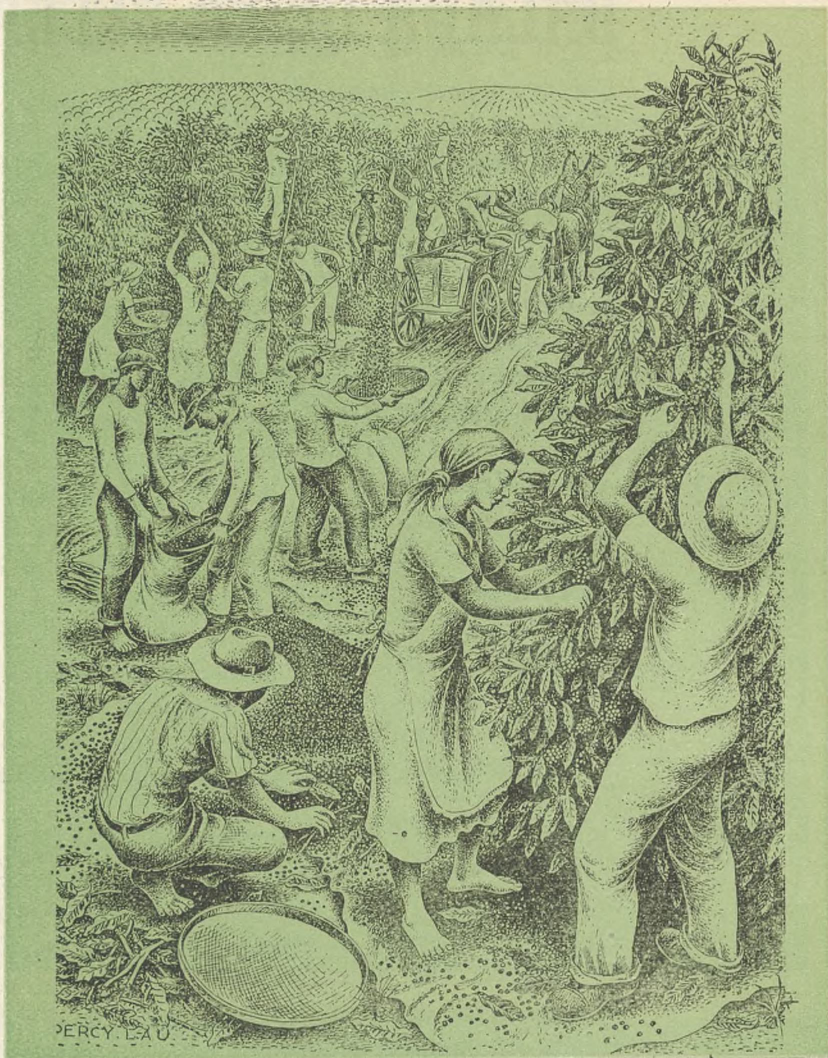
Fijando otros aspectos de la geografía humana del Brasil, con lo cual su arte ha servido a la ciencia, el artista Percy Lau nos hace viajar en estas páginas por todas las regiones del Brasil, documentando la vida y el trabajo en la Amazonia, la lucha por sobrevivir en el nordeste, dándonos luego imágenes de otros hombres en sus trabajos: los empleados de las «fazendas» de café de São Paulo y Paraná; los «garimpeiros», en las orillas de los ríos del Brasil central, la región del oro, y los tipos de



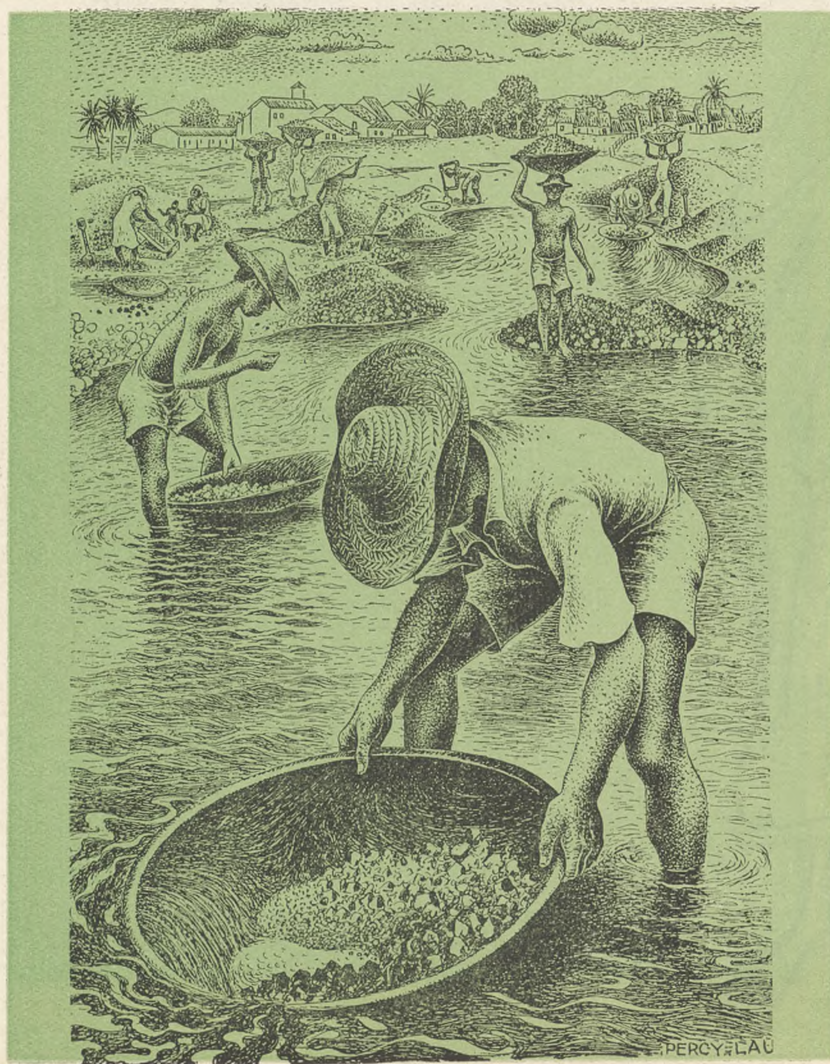
Bahía, ciudad reliquia del Brasil, quizá la más interesante por su historia y su folklore. A estas negras de elevada estatura con sus «panos» coloridos y todas las prendas que llevan, su afición a la música y al baile, debe muchísimo el cancionero popular brasileño. Es por el vestirse sobre todo por lo que se hizo célebre la «bahiana», sugiriendo bellas fantasías para las fiestas de Carnaval.

La moderna arquitectura brasileña es célebre en todo el mundo, y bien conocido se hizo el perfil de los rascacielos de Río o São Paulo. Percy Lau, sin embargo, fijó con su lápiz otros tipos de habitaciones brasileñas: los «mocambos» y las «favelas». En las afueras de Recife, una de las ciu-





dades más modernas y más bellas del Brasil, se encuentran los «mocambos», una expresión dominante de género de construcción que han trasladado los negros al tiempo de la colonización y se fijó sin sufrir grandes modificaciones hasta nuestros días. Han sido motivo de mucha literatura, pero las persecuciones continuas de las medidas gubernamentales de carácter social las hace bastante reducidas hoy, cuando ceden lugar a las «casas populares». Fenómeno idéntico se verifica en Río, donde muchos de los «morros» donde están plantadas las «favelas» fueron derribados. En otros se prendió fuego a las casas, trasladando anteriormente sus habitantes a nuevas residencias.





BALADA DE LA BELLA

Existe un país encantado,
donde las horas son tan bellas,
que el tiempo pasa callado
sobre diamantes, bajo estrellas.
Odas, cantares o querellas
se lanzan al aire sutil
en gloria del perpetuo abril,
pues allí la flor preferida
para mí es Ana Margarida,
la niña bella del Brasil.
Dulce, dorada y primorosa,
infante de lírico rey,
es una princesa rosa
que amara a Katy Grenaway.
Buscará por la eterna ley
el pájaro azul de Tiltil,
si tú, oboe, arpa, añafil,
cuando aurora a vivir convida,
adorable a Ana Margarida,
la niña bella del Brasil.

Envío

¡Princesa en flor, nada en la vida
hecho de oro, rosa y marfil,
iguala a esta joya querida:
la pequeña Ana Margarida,
la niña bella del Brasil!
Existe un mágico Eldorado,
en donde Amor de rey está,
donde hay Tijuca y Corcovado
y donde canta el sabiá.
El tesoro divino da
allí mil hechizos y mil
sueños; mas nada tan gentil
como la flor de alba encendida
que he visto en Ana Margarida,
la única bella del Brasil.

Rubén DARIO

NIÑA DEL BRASIL

Existe um país encantado
No qual as horas são tão belas,
Que o tempo decorre calado
Sôbre diamantes, sob estrêlas.
Odes, cantares ou querelas
Se derramam pelo ar sutil
Em glória do perpétuo abril...
Pois ali a flor preferida
Para mim é Ana Margarida,
Linda menina do Brasil.
Doce, dourada e primorosa,
Infanta de lírico rei,
É uma princesa côr de rosa
Que amara a Katy Grenaway.
Buscará pela eterna lei
O pássaro azul de Tyltil,
Quando entre cantos de anafil
E harpa a aurora a viver convida,
A essa rara Ana Margarida,
Linda menina do Barsil.

Oferta

Princesa em flor, nada na vida,
Por mais gracioso ou senhoril,
Iguala esta jóia querida:
A pequena Ana Margarida,
Linda menina do Brasil!
Existe um mágico Eldorado
(E amor como seu rei lá está),
Onde há Tijuca e Corcovado
E onde gorgeia o sabiá.
O tesouro divino dá
Ali mil feitiços e mil
Sonhos: mas nada tão gentil
Como a luz de aurora incendiada
Que brilha em Ana Margarida,
A flor mais linda do Brasil.

(Versión, MANUEL BANDEIRA)



CASA DE CERVANTES

Por CONCEPCION S. DE WOLTHERS

Directora cultural de la Casa de Cervantes

El Instituto de Cultura Hispánica de Madrid tiene un verdadero baluarte de la Hispanidad en Sao Paulo con su delegada la Casa de Cervantes.

Sociedad que se inició en 1949 con un reducido pero entusiasta grupo de brasileños y españoles, y cuenta hoy con varios centenares de asociados y reúne en su Comisión directiva y Consejo superior treinta miembros, que son, a su vez, destacadas personalidades, que ponen su influencia y propia responsabilidad al servicio de la Sociedad y de sus fines filantrópicos.

Los directivos de la Casa de Cervantes, con ilimitado entusiasmo y un elevado amor a España y sus valores, realizan una labor de tesón y sacrificio en pro de divulgar la cultura hispánica, no limitándose al aspecto social y representativo, como infelizmente suele suceder en instituciones similares establecidas fuera de España, sino que, perseverando con ahinco en los postulados del Instituto central de Madrid, está en plena realización de su obra divulgadora y de acercamiento cultural entre el Brasil y España.

A pesar de no tener subvención alguna oficial, esta entidad mantiene su régimen de gastos, constante y mensual, de aproximadamente 80.000 cruceiros, cantidad que no puede ser sufragada con las cuotas de sus asociados, por el momento, cubriéndose el déficit mensualmente con donativos que, de un modo u otro, llegan a la Sociedad.

Contamos, eso sí, con la simpatía y apoyo moral del excelentísimo señor embajador de España, don Tomás Suñer y Ferrer, quien en todo momento está a nuestro lado, confortándonos con su brillante inteligencia y amistosa consideración.

Para el cumplimiento de su programa, la Casa de Cervantes posee los siguientes departamentos: Cultural, Social, Universitario, Relaciones Públicas y Propaganda.

Departamento Cultural.—A este departamento corresponde la organización de los cursos de idioma castellano, literatura y declamación escénica, que en la actualidad se mantienen con éxito, dirigidos por profesores de mérito y prestigio. Más de 600 matrículas se registraron en este último año, aunque sólo pudieron ser atendidas 400, dados los excesivos gastos, ya que dichos cursos son absolutamente gratuitos, y los profesores perciben sus honorarios normales y vacaciones retribuídas.

Estos alumnos de lengua y literatura castellanas de la Casa de Cervantes, casi en su totalidad brasileños, constituyen nuestro mayor orgullo, y en ellos tenemos puestas nuestras mejores esperanzas, ya que han de ser los propagadores y continuadores de nuestra labor.

Este Departamento Cultural publica una revista con el título de *Don Quijote*, distribuída mensual y gratuitamente a socios, alumnos, centros de enseñanza, bibliotecas, embajadas y consulados, Institutos de Cultura Hispánica, etcétera, que, a través de sus nueve números publicados, se ha granjeado la consideración y simpatía de todos, siéndonos cada vez más solicitada.

Igualmente, de este departamento emana la organización de conferencias, recitales de música y poesía y otras manifestaciones culturales, actos que se vienen realizando semanalmente, en días fijos.

Departamento Social.—Organiza este departamento fiestas y reuniones recreativas, a fin de estrechar vínculos de amistad entre socios y amigos en el ambiente paulista.

Departamento Universitario.—Se ocupa este Departamento de tramitar be-

cas, habiéndose conseguido algunas de la Universidad de Sao Paulo, y de todo aquello relacionado con el ambiente oficial universitario.

Relaciones Públicas.—Concerniente al mayor contacto con personalidades oficiales o de alto relieve en el país.

Propaganda.—Para lo relativo a la publicidad de prensa, radio, televisión. Relación con artistas. Propagación, en resumen, de nuestro programa.

La proyección que hoy día tiene la Casa de Cervantes en los medios culturales y sociales de este país, la simpatía indiscutiblemente suscitada en torno a las cosas de España en Sao Paulo, donde, por otra parte, radican *doscientos mil españoles*; los descendientes de españoles que tienen aquí importantes industrias, etc., etc., son factores de ponderable importancia para que nuestra labor no pase inadvertida en España.

No queremos existir «en papel» para sostener una correspondencia meliflua e inútil con España. No queremos los cargos directivos para presidir banquetes o recibir plácemes, que se los lleva el viento. No.

Queremos mil brasileños estudiando nuestro idioma. Queremos un Teatro Experimental Español. Que se escuchen las obras de nuestros escritores. Salirnos de *Bodas de sangre* y de *Los árboles mueren de pie*... Tener nuestro Ballet Juvenil, que propague el interesante folklore de España, aquí mal conocido. Queremos nuestra revista *Don Quijote* con una tirada mayor.

No quisiéramos hacernos demasiadas ilusiones, pero así como los enamorados ven en todas las cosas el rastro, la manifestación del ser amado, así observamos nosotros también, al fin enamorados de nuestra causa hispánica, cómo las cosas de España tienen aquí, en la actualidad, una resonancia halagadora. Diariamente puede leerse en los periódicos cierto anuncio propagando la venta de unas ediciones argentinas del *Quijote*. Tal ha sido la venta de estos libros, que las remesas se agotan hasta el punto de no poder nosotros conseguir comprarlos cuando lo deseamos.



La Editorial Melhoramientos ha editado un *Quijote* también, en portugués, con ilustraciones de G. Doré, con gran éxito de venta. Y en las vitrinas de las lujosas tiendas de artículos de arte se ven frecuentemente estatuillas de Don Quijote y Sancho en profusión.

Los programas radiales y de televisión son algunos dedicados exclusivamente a España, y muchos en los que se incluyen números nuestros musicales o de *ballet*. Si esto fuera soñar...

Y antes de dar por terminado este artículo, quiero dejar en él constancia del agradecimiento que la Casa de Cervantes debe al excelentísimo señor Presidente de la República, don Juscelino Kubitscheck, por las muchas atenciones y deferencias que ha tenido con nosotros, así como a las autoridades civiles y eclesiásticas, que nos han ayudado y acompañado en nuestros actos y realizaciones.

UN HISPANISTA EN EL BRASIL

José Carlos Lisboa

FUÉ en mi primer viaje al Brasil cuando conocí en Río de Janeiro, la ciudad incomparable y eternamente primaveral, a José Carlos Lisboa, catedrático de Literatura española en las Universidades del Brasil y de Belo Horizonte, con quien España está en una deuda inmensa, que sería hora de saldar, en lo posible, con el afecto que él se merece.

José Carlos Lisboa y Muñoz de Villena, que une en sí las sangres portuguesa y española—es, como el actual Presidente del Brasil, Juscelino Kubitscheck, del Estado de Minas Gerais, cuyo suelo—de extensión análoga a la de España—es uno de los más ricos del continente americano, lo mismo en su superficie que en sus entrañas, que guardan oro y diamantes.

Los «mineiros», en Brasil, tienen justa fama de inteligentes, probada de continuo a través de la historia del país, y en José Carlos Lisboa se ha comprobado una vez más de modo absoluto.

Aunque su personalidad de hispanista ya me era conocida y me la confirmó el conde de Casa Rojas, embajador de España a la sazón en Río de Janeiro—donde logró uno de sus mayores éxitos diplomáticos—, para mí fué una verdadera sorpresa escucharle cuando, en funciones de su cargo universitario, hubo de presentarme en la primera de las conferencias que di en la Universidad del Brasil, al comprobar hasta qué punto este brasileño castizo conocía España en toda su integridad, sin haber pisado aún tierra española, pese a las invitaciones privadas y oficiales que se le han hecho y no ha aceptado por muchas circunstancias ajenas a sus deseos y a su simpatía por nuestra patria.

Le recuerdo imborrablemente en aquel acto universitario. Alto, delgado, de maneras y porte señoriales, correcto y cuidado en el vestir; más cerca de un hidalgo del Greco que de un hombre de ahora, pero de ahora precisamente, y aun del futuro, en su ideología y en la sencillez de nuestro tiempo. Su voz grata e insinuante, su perfecto castellano, dulcificado por la entonación americana; su palabra fácil y cordial, nos subyugaron a todos. Lisboa hablaba de España por culpa de mi humilde persona. Hablaba de España, y cada opinión sagaz y original que salía de sus labios sobre la cultura hispánica, sobre la literatura española, no admitía controversia, sino que suscitaba admiración por su exactitud y solidez.

Porque Lisboa ha llegado a amar a España a fuerza de conocerla, como un buen español digno de serlo: en una totalidad triunfante, que admira lo bueno sin reservas y sabe disculpar lo malo sin esfuerzo; porque comprende todo lo español, que no guarda secretos para él...

Y aquel profesor Lisboa, que nos dejó absortos con sus conocimientos en un acto académico, me dejó admirado muchas veces aún más, durante nuestras inolvidables conversaciones, en aquellos atardeceres de ensueño, a lo largo de la playa de Flamengo, frente al paisaje azul, rosa y violeta de la bahía de Guanabara, del Pan de Azúcar y el Corcovado, con Cristo dominando la ciudad, cuando, terminadas las tareas universitarias, paseábamos; o descansando en la intimidad de su casa, entre las repletas librerías de su biblioteca hispánica, certeramente seleccionada, donde a menudo saboreaba el yantar brasileño, en el que no faltaba el sabroso «arrozinho»—como un suspiro virginal frente a la sensual paella valenciana—o el exquisito queso de Catupirí, también «mineiro» como Lisboa...

En aquellas largas y espléndidas entrevistas, donde brotó una amistad creciente entre ambos, fuí sonsacándole noticias de su labor hispanista, en lucha con su afán, harto cumplido, de rehuir cualquier exhibicionismo.

Así me fuí enterando, con emoción admirativa, de lo que España debe al profesor Lisboa, al hispanista excepcional del Brasil, sin conocerle apenas, mientras él no ignora nada español y goza noblemente, difundiéndolo en su patria, donde ha despertado como nadie el interés por la Hispanidad.

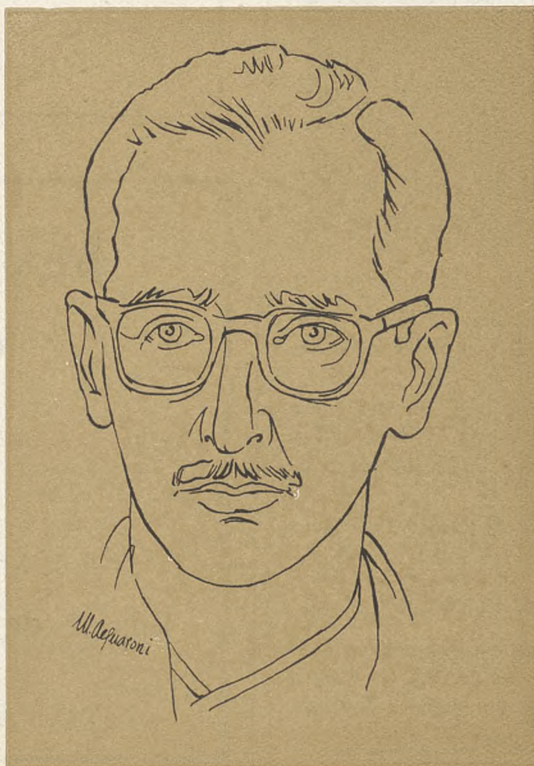
El fué el fundador de la Facultad de Filosofía de la Universidad de Minas Gerais, hoy una de las más prósperas del Brasil, y en ella, de la primera cátedra de Lengua y Literatura españolas, en 21 de abril de 1939, de la cual fué titular y, por ello, primer catedrático de esta asignatura en su país.

En diciembre de 1944 se le encargó además el desempeño de la misma cátedra de Lengua y Literatura españolas en la Universidad del Brasil, en Río de Janeiro, que hasta entonces era sólo de español y estaba a cargo de un profesor hispanoamericano.

Y no satisfecho con ello, fundó, unido a esta última cátedra, el primer Seminario universitario de español en el Brasil, en 1948, que al fin logró ver transformado en Centro Brasileño de Estudios Hispánicos, de donde habían de derivar luego, gracias a su actividad, en 1951, otros centros iguales en las Universidades de Minas Gerais y Parahyba.

No es extraño que, ante esta labor eficacísima de hispanismo, realmente única por su extensión y sus resultados de máxima importancia, el rector magnífico de la Universidad del Brasil le designara para fundar el Instituto Brasileño de Cultura Hispánica, que inauguró con una magnífica conferencia, y del cual es consejero en la actualidad.

Cuando, en 1947, se cumplió el IV Centenario de la muerte de Cervantes, José Carlos Lisboa, cumpliendo la misión que le confiara la Universidad del Brasil, organizó un ciclo de conferencias sobre el autor del *Quijote*, entre las que destacó una suya, magistral, sobre «El teatro de Cervantes»—editada por el Servicio de Documentación del Ministerio de Educación y Cultura—, y dirigió la representación de *El juez de los divorcios*, interpretada irreprochablemente por sus discípulos de la Universidad del Brasil en el acto de clausura.



Al mismo tiempo el infatigable hispanista, por encargo del Servicio Nacional del Ministerio de Educación y Cultura, tradujo y adaptó a la escena actual *La Numancia*, de Cervantes, en un prólogo y dos actos, y pronunció una conferencia, ilustrada con tres escenas de la obra, interpretadas con gran acierto por los alumnos del Conservatorio Nacional del Teatro, Escuela de Teatro de la Prefectura del Distrito Federal y el Conjunto de Espectáculos Nuevos de Arte (C. E. N. A.), junto con los estudiantes de Filosofía de la Universidad del Brasil.

No menos que en el centenario cervantino, intervino el profesor Lisboa en el homenaje ofrecido a Tirso de Molina en 1948, organizando todos los actos oficiales relativos a él por encargo del Ministerio de Educación y Cultura; entre ellos, una serie de conferencias, en que tomó parte, publicadas en la revista *Dyonisos*, y editando su magnífico ensayo *Tirso de Molina* el citado Servicio Nacional del Teatro.

Más importante fué la intervención del profesor José Carlos Lisboa en la conmemoración brasileña del V Centenario del nacimiento de Isabel la Católica, en 1951, por la Universidad del Brasil, donde, tras organizar el solemne acto que celebró dicho centro en honor de la reina de España y de América, leyó su preciosa conferencia «Isabel la del buen gusto», editada por el Ministerio de Educación y Cultura, que es una de las más penetrantes semblanzas que se han escrito de aquella mujer extraordinaria, que enseñó en esa frase, *buen gusto*, la estética de toda una época perdurable, como asepsia eterna contra toda cursilería o zafiedad sin él. En la bibliografía de la Reina Católica, este bellísimo ensayo de Lisboa—que ya debía haberse traducido al castellano—marca una huella de penetrante interpretación.

José Carlos Lisboa ha seguido organizando la enseñanza del español y de su literatura, bajo los auspicios del Gobierno del Brasil, en distintos lugares de esa nación tan cariñosa y acogedora para cuanto procede de España.

El Ministerio de Educación y Cultura le confió la fundación de la cátedra de Lengua y Literatura españolas en la Facultad de Filosofía del Estado de Parahyba. El rector de la Facultad de Filosofía del Estado de Santa Catalina le pidió que creara en ella la misma asignatura, y así lo realizó con éxito, designando para desempeñar una y otra a dos de sus auxiliares, porque, además, José Carlos Lisboa, simiente fecunda de hispanidad, ha formado una escuela de hispanistas, que puede competir con las europeas más gloriosas—Alemania, Inglaterra, Francia, Italia—, como él, con los mejores del mundo.

Y así, con ese amor a España, porque la conoce; con esa eficacia de su actividad práctica, ese elegante desdén por toda exhibición propagandística, trabaja sin descanso, por amor a su labor, ese hidalgo peninsular, español por derecho propio, que es José Carlos Lisboa y Muñoz de Villena. Tal vez le anima a ello que si ser brasileño será con el tiempo lo más bello y útil, ser español, como decía nuestro José Antonio, es una de las pocas cosas serias que se pueden ser en este mundo. Y Lisboa es a un tiempo brasileño y español.

JOAQUÍN DE ENTRAMBASAGUAS

LOS INSTITUTOS DE CULTURA HISPANICA EN EL BRASIL

La labor que vienen desarrollando los Institutos de Cultura Hispánica de los Estados Unidos del Brasil es tan intensa como extensa. Resulta naturalmente imposible una enumeración casuística de todas sus actividades, por lo que habremos de limitarnos a hacer una mera sinopsis de las mismas.

INSTITUTO DE CULTURAHISPANICA DE LA UNIVERSIDAD DE BAHIA

La labor más ardua e importante en que se halla empeñado este Instituto es la construcción del edificio destinado al mismo en el corazón de la Universidad de Bahía. Gracias al celo desplegado por el Instituto, se ha llegado a un acuerdo, en virtud del cual se iniciaron las obras de construcción el pasado mes de septiembre, en un solar cerca de la Rectoría y del Instituto ya terminado por Francia. El edificio que servirá de sede al Instituto de Cultura Hispánica de la Universidad de Bahía ha sabido conjugar plenamente la estética de la forma con la eficacia de la función a que está destinado. Se prevé su terminación para el próximo mes de junio de 1959. La Universidad se propone ayudar al Instituto para que se mantenga con carácter permanente un lector de España y un secretario bibliotecario, ya que el Instituto disfruta de una magnífica biblioteca, que se enriquece constantemente con aportaciones procedentes de todos los países de la gran familia hispánica. El alma de esta empresa es el P. Edgar Santos, rector de la Universidad de Bahía.

Especial importancia tienen también los cursos que con carácter permanente organiza el Instituto de Cultura Hispánica de la Universidad de Bahía para la enseñanza y difusión de la lengua española en el Brasil. Prueba de ello es que en el mes de marzo incluían más de trescientos alumnos, que escuchaban los siguientes temas:

1.º Prácticas de lengua española, conversación de lectura.

2.º Aspectos de la literatura española, con lecturas y comentarios.

3.º Charlas sobre España: Geografía, Historia, Arte, etc.

«CASA DE CERVANTES» DE SÃO PAULO

El pasado mes de abril le fué impuesto a doña María de la Concepción S. Coêlho de Portugal, viuda de Wolthers, por el director general de Relaciones Culturales, don José Miguel Ruiz Morales, en nombre de nuestro ministro de Asuntos Exteriores, el Lazo de Isabel la Católica. Al acto, que se celebró en el Salón de Embajadores del Instituto de Cultura Hispánica de Madrid, concurrió un público numerosísimo, que así quería rendir homenaje a la señora de Wolthers por la magnífica labor que había venido desarrollando a través de la «Casa de Cervantes».

Igualmente se organizaron un curso de Lengua portuguesa destinado a extranjeros, especialmente españoles, y completamente gratuito, en el que se desarrollaron diversos temas de Historia, Derecho constitucional, Legislación laboral, Derechos y deberes de los extranjeros, etc. También se dicta otro curso de Filología, en el que se hace una semblanza de los principales autores modernos: Unamuno, Pío Baroja, Azorín, Antonio Machado, Valle-Inclán, etc.

Las relaciones de la «Casa de Cervantes» con la Universidad de São Paulo son óptimas, habiéndose impuesto, el día 14 de junio de 1958, al magnífico rector, la Placa de Miembro de Honor de la «Casa de Cervantes», y concediéndose por la Universidad, a postgraduados españoles, becas con una pensión de 10.000 cruceiros.

Posiblemente posee la «Casa de Cervantes» la biblioteca más importante de todos los Institutos brasileños. Cuenta con más de 11.000 volúmenes, y continuamente acuden a la misma un crecido número de alumnos de la propia Casa y de colegios y universidades de São Paulo, ofreciéndoles simultáneamente cursos de Filología, dictados por profesores de español para los universitarios del ramo de Filosofía y Letras.

INSTITUTO BRASILEÑO DE CULTURA HISPANICA DE RIO DE JANEIRO

El día 3 de septiembre, organizado por el Instituto de Cultura Hispánica de Río de Janeiro, que preside el rector de la Universidad, doctor Calmon, se inauguró, en un solemne acto académico, el curso de Introducción a la Lengua y Cultura Españolas, acto que estaba presidido por el excelentísimo señor ministro de Educación Nacional, con la asistencia del embajador de España y numerosas personalidades de Río. Nos dispensa de todo comentario el hecho de que, cerrado el plazo hábil para inscripciones, por haber alcanzado el número previsto de 600, se multiplicaron de tal forma las solicitudes para asistir al curso, que el número de matriculados rebasó el millar, prometiendo el ministro de Educación Nacional otorgar toda clase de facilidades, en materias de aulas, para que pudiera desarrollarse con comodidad. Merece especial mención la lección del profesor Lisboa, que fué realmente magistral. Es éste el broche con que casi cierra el Instituto de Río su ciclo de actividades culturales, que ha iniciado en el mes de febrero con una sesión de homenaje al poeta Rubén Darío. Debemos subrayar el eco que han encontrado todas estas actividades en la prensa de Río de Janeiro, que viene dando cuenta de ellas con elogioso cariño.

INSTITUTO BRASILEÑO DE CULTURA HISPANICA DE RECIFE

Desarrolla interesantes actividades en torno a la enseñanza de la Lengua, Literatura e Historia de España en la Facultad de Filosofía y Letras de Pernambuco.

INSTITUTO BRASILEÑO DE CULTURA HISPANICA DE NATAL

Organización de un curso de Lengua Española en Natal, con la colaboración del gobernador del Estado de Río Grande del Norte.

Además de estos Institutos, funcionan en el Brasil los siguientes: Instituto Hispánico de Santa Catarina, Florianópolis Facultade Catarinense de Filosofía, Colegio Barriga Verde, Instituto de Cultura Hispánico de Río Grande del Sur-Porto Alegre.

BAHIA

BAHIA E OS ESPANHOIS

Por ERNESTO GIMENEZ CABALLERRO

SE a Bahia é de Todos os Santos e de Todos os Demônios, também o é, de certo modo, dos espanhóis, no que tenhamos de bom e de mau.

Esse é outro grande mistério de tão misteriosa cidade. A que se deve a sua simpatia por nós e o entusiasmo que em nós desperta a Bahia? Provàvelmente: uma ilusão nossa tal deferência baiana. Porque é uma cidade de graças para todo o mundo e todo o mundo a adora.

Nestes mesmos dias de nossa visita, havia um Congresso de Folclore e a cidade albergava gente de muitos países. Cada país cria a cidade como algo de seu. E entretanto a nós pareceu-nos notar um matiz preferencial, um piscar sedutor de seus olhos. O fato só de estar a Bahia levantando às suas expensas um esplêndido Instituto de Cultura Hispânica, é algo que não se dá, não só no resto do Brasil, senão em tôda a Hispano-América. E à frente, como diretor, nada menos que um especialista da qualidade de Enrique Marco Dorta, o historiador de Cartagena de Indias, o investigador do Barroco em Potosi e de outros muitos trabalhos que enaltecem a Universidade sevilhana, de onde procede. O embaixador da Espanha, Manuel Sassot e eu fomos hóspedes de honra. E essa honra ampliou-se a Tomás Suner uma noite, com um concêrto de gala no Salão Nobre da Universidade.

Dentro de pouco chegava o guitarrista Narciso Yepes para evocar a melodiosa Ibéria. Depois o professor Martin Almagro a falar de Pré-História e Arqueologia. E Cayetano Luca de Tena, de Teatro. E haveria Exposição de nossos pintores mais jovens. E uma mostra de Numismática espanhola. Eu mesmo ofereci já uma dissertação sôbre o «Cervantismo brasileiro» e fui convidado para todo um curso sôbre nossa literatura dramática. E se ia traduzir e representar, pela vez primeira, a obra de Lope sôbre esta cidade: «Brasil restituído».

Mas é que o mistério sôbre o espanhol acentuase quando descobrimos que nossa colônia baiana, de uns 6.000 compatriotas, é a única «totalmente unida» de tôda América, sem anarquias e sem dissidências regionalistas, como nos



explicava o amabilíssimo cônsul nosso, Alfonso Diaz Pache. Pelo que, pôde instituir-se um «Centro Espanhol» de tipo faustoso, no melhor sitio da «urbs». Não só isso, como também, por ficar algo antiquado, vão-no deitar abaixo, edificando outro mais monumental, comprando terrenos vastíssimos até a beira da praia, segundo planos que nos mostrou seu formidável presidente, Sr. Manuel Pinheiro Cal. Possuindo, demais, os hispânicos, um hospital incomparável. Nós assistimos à inauguração de novas salas e aparelhos.

Os espanhóis são os grandes manejadores de certos ramos de comércio nesta capital. Sobretudo de padarias, confeitarias e outros estabelecimentos de comestíveis e bebidas.

Quando alguém pergunta a si mesmo o porquê dêste afeto entre o espanhol e o baianano, só cabe pensar em uma gratidão histórica, em algo tão elegante e comovedor por parte da Bahia que nos deixa estupefatos. Os espanhóis ajudaram portuguêses e brasileiros a libertar a cidade do assalto holandês, lá por 1625, restituindo-a à sua religião católica e à sua continuidade. E é o que nos deixa boquiabertos.

Cuando tanto povo da América espanhola ainda não quer saber lá de seus fundadores hispânicos, que haja uma cidade—e brasileira—que pelo feito modesto de auxiliá-la com uns heróis e uns galeões a libertar-se de estrangeiros, aceite-nos, cultive-nos, honre-nos e não nos esqueça nunca—merece lágrimas em silêncio, por nossa parte. Ou se quiserdes: vivas inflamados. Bahia do Salvador! Bahia de Todos os Santos! Baia das 365 igrejas!

A catedral, que foi igreja jesuíta (onde levou a «cruz sêca» da missão o padre Antônio Blazquez, da Bahia, historiado por Alberto Silva), ostenta no coração da Bahia, no Largo da Sé, as três efígies de Santo Inácio, São Francisco Xavier e São Francisco de Borja. Existe a grande praça de Anchieta, o genial vasco-canário.

Os nomes dos espanhóis tombados pela Bahia, em 1625, estão imortalizados no granito, à entrada de São Bento. E nos arquivos conservam-se os que acompanharam Tomé de Souza na construção da cidade. Destas linhagens descendem os Aguirres, Mendonças, Marijós, Mirandas e outros. No Carmo custodiam-se as relíquias de Dom Fadrique de Toledo, o Libertador. A poltrona onde se assinou a paz. O documento da capitulação no qual se distinguem de modo nítido e exemplar os dois mundos europeus que então lutavam pela supremacia religiosa do mundo: o católico de espanhóis, portuguêses e italianos, e o «herege» de holandeses, inglêses, franceses e alemães. Numa vitrina existem balas achadas e recolhidas dos combates, pedaços de quilhas de galeões. E livros espanhóis da época. Uns «Conceitos do Amor Divino», de Santa Teresa; «As Guerras Civis», de Ginés Pérez de Hita, e outros.

Desde êsse mesmo Convento do Carmo podem ver-se na baía os Fortes dessas lutas hispânicas vitoriosas: Forte de Santa Maria, Forte de São Marcelo, mostrando a sua paixão por esta terra. «Paixão da Terra», como disse dramatizando-os, recentemente, Heloísa Maranhão.

O oratório da Cruz do Pascoal—como um farol de praça cordovesa—guarda dentro a nossa Virgem do Pilar. E lá na ponta urbana, perto do Cristo do Bonfim, há uma igreja de Monserrate.

Passeando pelas ruas—arruando—vimos um Hotel Toledo, um Armazém Astúrias na Baixa dos Sapateiros, um Café Espanha. E muitas tendas con nossas côres ou nomes nacionais.

Existem luzes na Cidade Baixa, junto ao pôrto, na praça Deodoro, que são malaguenhas. E ruas de silêncio e flor como em Sevilha.

Mas tôda a Bahia—é êsse o grande segrêdo? (sim!)—é uma Toledo brasileira.

Toledo por sua fundação primordial o estratégica. Toledo por sua «capitalidade» traspassada. (Toledo ao inconsistente Madrid; Bahia à indeza carioca.) Pelo que Toledo e Bahia possuem a mesma majestade esquecida e crepuscular que enche seus âmbitos de significações, matizes, arcanidades, delírios, músicas silentes. Toledo lá no alto—em sua penhascosa gravidade, como dizia Cervantes. Bahia sôbre a tranqüilidade de suas rochas, vigilantes e também guerreiras sempre. Toledo, a cava defensiva de seu rio e castelos em alerta e descoberta sôbre a planura. Bahia, com suas fortalezas avançadas sôbre o mar. Toledo, com todos os santos de suas três religiões: a cristã, a judia e a moura. Bahia de Todos os Santos, também católicos e índios e negros. Há uma Bahia romântica, a de Castro Alves e Rui Barbosa, como há uma romântica Toledo de Becquer e de Zorrilla. Quiçá por isso—o rescaldo de meu sangue toledano encontrou-se tão prontamente em sua querência aqui na Bahia. E senti a Zocodover no indescritível Largo do Pelourinho. E traspassaram-seme maternalmente os seus passadiços ou bicos à luz da lua. E afirmava que era minha Toledo ao encontrar nas ladeiras as récuas com arrieiros, arrieiros como os da Sagra, pois os de Sagra também têm rostos índios.

As ruas da Bahia são ruas toledânicas. Do Cabeça, Aflitos, Agonia, Paciência, Enforcado, Sete Portas, Quinze Mistérios, Misericórdia, Adôbes, Destêrro, Hóstias, Ourives, Rosário, Soledade, Sossêgo, Socorro, Perdões, Portas do Carmo, Mercadores... Muitas amouriscadas: Alfândega, Algibebes, Mesquita dos Barris, Xixi..., e outras soando—ladeira abaixo—já a português, caminho desta Bahia americana: Alto do Gato, Quinta das Beatas, Guindaste dos Padres, Pôrto da Lenha, do Bispo, da Boa Viagem..., e outras de sonido puro baiano: as Ladeiras, as Roças, os Portos, as Novas, as Pontes, as Baixas, os Areais, os Largos, os Arcos, os Sobrados, os Cais, as Rampas como a do Mercado..., e êsse Pelourinho, esse «Zocodover» junto ao mar... E o mirante da Graça que equivale ao «Miradero» toledano. «Capitalícia» secreta a que liga os espanhóis à Bahia. Senti-la como a Toledo, como a cabeça e coração de tempos imortais. Bahia: quando a Espanha ainda podia mandar a Fadrique, o de Toledo, para salvar Cristo.

Toledo, Bahia. Mas menos trágica Bahia. (Menos enxuta, menos agonizante e menos de Sexta-Feira Santa e de Cristo Morto.) E mais de Natividade, de Belém,—Bahia de longe é uma Belém, um nascimento de menino...; por isso canta a quadra popular:

«Bahia,
Terra de luz e amor.
Foi lá onde nasceu
Nosso Senhor!
Bahia!»

(Del libro «Bahia de Todos os Santos e de Todos os Demônios», de Ernesto Giménez Caballero.)



FIESTAS EN BAHIA

Quien desee conocer las grandes fiestas populares de Bahía—las más bellas fiestas populares del Brasil—, que procure llegar a la ciudad en los últimos días de noviembre y no tenga prisa en volver. Va a conocer todo un ciclo de festejos en los que la tradición todavía no ha muerto. El alma popular se expansiona con toda naturalidad y encuentra uno de los mundos más ricos en pureza, gracia, poesía y colorido. La ciudad más hermosa del Brasil sabe entregarse a su gente y sabe fundirse con ella, haciéndose un único ser, lleno de la más auténtica vitalidad, de la más encantadora y perfecta comunión.

Desde el último día de noviembre hasta el 8 de diciembre—el día de la Santa—, nos encontraremos con la fiesta de la Concepción de la Playa. Después, Navidad, Año Nuevo, con la fiesta de Nuestro Señor de los Navegantes. Y sigue la de los Reyes, con los «ternos»; la fiesta del Bomfim, en el segundo domingo después de la Epifanía, con el esplendor de la Iglesia unido a los festejos profanos, iniciados con el lavado del templo, y que duran hasta la «segunda feira da Ribeira». El 2 de febrero tiene lugar la fiesta de Iemanjá en diversos sitios del Reconcavo, pero que culmina en Rio Vermelho. El Carnaval, la Semana Santa, que siempre va precedida de la famosa pesaca de Xareu.

Es un programa no solamente para el viajero desocupado, sino también para el estudioso, que puede aprovechar los grandes intervalos para conocer más de cerca, en la intimidad nocturna de sus calles desiertas, esta ciudad, tan llena de misterio y de sensualismo. No ha de perderse un solo minuto de la ciudad más cantada por los poetas y compositores brasileños. Hay muchas cosas en Bahía que no se nos entregan en una primera vista. La exuberancia de la ciudad tiene también reservas preciosas para los elegidos, los que no gusten de encontrarla sonriente y fácil a la vuelta de la primera esquina. En tanto que esta intimidad de amante no se verifica, lo mejor es que el viajero llegue a Concepción de la Playa y admire la estupenda fiesta popular, que es como una postal de muestra y buena entrada para las fiestas que siguen.

... ...

La fiesta de Nuestro Señor de los Navegantes se celebra, en la mañana del primer día de enero, con una procesión marítima. Es una tradición que el tiempo no ha alterado y que no ha enfriado el progreso. El espectáculo consiste en un desfile de centenares de barcos a través de la bahía de Todos los Santos, acompañando a la goleta del Protector de los Navegantes, que sale del puerto, llega hasta la entrada de la barra y regresa a la playa de Boa Viagem, en Montserrate.

En este escenario de barcos, lanchas, saveiros, jangadas y pequeños navíos de toda clase, discurre la más bella procesión. Desde las murallas de la ciudad alta, desde los muelles, desde las playas, el pueblo asiste al cortejo del Santo Protector de los Navegantes.

... ...

Se dice que «la víspera de los Reyes en Bahía es un corolario de la noche

de Navidad». De aquí el interés especial que tiene este día en la ciudad, aunque en el resto del país adquiera menor importancia.

¿Qué son los llamados «ternos»? Los mismos cariocas o pernambucanos que no los conocen pueden juzgar que se trata de una especie de reunión carnavalesca. Pero no es nada de esto. Los «ternos» hace mucho que se celebran para glorificación del Pequeño Dios, como un complemento de las grandes fiestas de Navidad.

El terno de Arigofe, por ejemplo, constituído solamente por hombres, se caracteriza por su indumentaria, por su orquesta, sus insignias, su bandera y sus canciones, que no han cambiado con los años. Sus componentes salen vestidos con chisteras negras, ropa blanca con solapas oscuras y corbata de etiqueta. La orquesta se compone de treinta figuras, que llevan violines, guitarras, banjos, cavaquhinos, flautas, panderos, castañuelas, *chocalho* y *ganzá*, siempre bajo la dirección de un eximio compositor. El canto lo dirige un antiguo linotipista, que es uno de los más entusiastas defensores del terno.

... ...

Quien llegue a Bahía en el mes de enero no debe perderse la fiesta del Bomfim. Hay un programa establecido por las autoridades y otro trazado por el pueblo. Pero éstos siempre se encuentran, en definitiva, dictados por el mismo cariño, con el que traducen la fuerza de su fe y el amor por su santo.



El pueblo añade a la liturgia y al esplendor de la Iglesia y de los actos religiosos la espontaneidad de su primitiva fe, el ímpetu avasallador de todas las maneras de expresar su alegría por vivir, su especial manera de dar gracias al Señor. Todo el colorido de la imaginación, del popular espíritu creador, se halla en esta colina del Bomfim para enseñar que los siglos no han disminuído el entusiasmo de lo popular.

Abre el cortejo popular un desfile de bellas bahianas, vestidas con bordados y encajes. Son de destacar la riqueza de sus «balangandãs». Las bilhas y los jarrones se equilibran milagrosamente en sus cabezas, que adornan con flores. El pueblo las aplaude a su paso.

Vienen después los pequeños coches adornados con papel de seda cortado de color azul, encarnado, verde y amarillo. Los borriquillos siguen, soñolientos, conduciendo los carros, donde se montan los niños, que participan de la alegría de los mayores. Podemos ver a un niño, dentro de una jaula, que, figurando un pájaro blanco, será libertado al llegar a la puerta de la iglesia. Las seras de los burrillos llevan ramos de pitangueiras.

El lavado del templo tiene lugar a las once de la noche. Surgen los lavadores, cada uno con su escoba elegida, e inundan el templo de agua. Las mujeres—que son las ahijadas del Bomfim—vuelcan sus jarros y comienza la faena. Cuando la iglesia se ha lavado, los himnos religiosos se mezclan con otras canciones, donde se pueden sorprender palabras africanas que se oyen en otras fiestas de tipo africano.

(Tomado del libro «Bahía», de Odorico Tavares.)

VILA BOA

VILA RICA



BOTAFOGO.

Rio de Janeiro.

La nueva arquitectura del Brasil

Por

José M.ª Moreno Galván

HAN pasado más de veinticinco años de sus jornadas iniciales y, sin embargo, la fundación de una arquitectura continúa siendo la peripecia más nueva de la vida brasileña. Si el gesto de fundar no fuese ya en sí mismo profundamente humano, quedaría como un síntoma de humanismo la creación arquitectónica. Hacer arquitectura es estampar huellas humanas en la pasividad de los elementos, arrojar sobre la tierra semillas de ciudades, un símbolo máximo de la convivencia. La fascinante aventura de las nuevas construcciones del Brasil es una empresa colectiva; cada proyecto resuena en el corazón de cada brasileño. En esta aventura, que desde hace más de veinticinco años se renueva día a día, todos los brasileños se sienten protagonistas. Por ella, en ningún otro lugar de la tierra se siente con más intensidad la vivencia de un tiempo fundacional. En fin, porque el Brasil se está fundando como idea —contra la jungla, contra la torrentera elemental, contra el magma bullente del instinto y la sangre—, vive días de gloria. La arquitectura es, frente a todo ello, el símbolo máximo de la creación de los hombres.

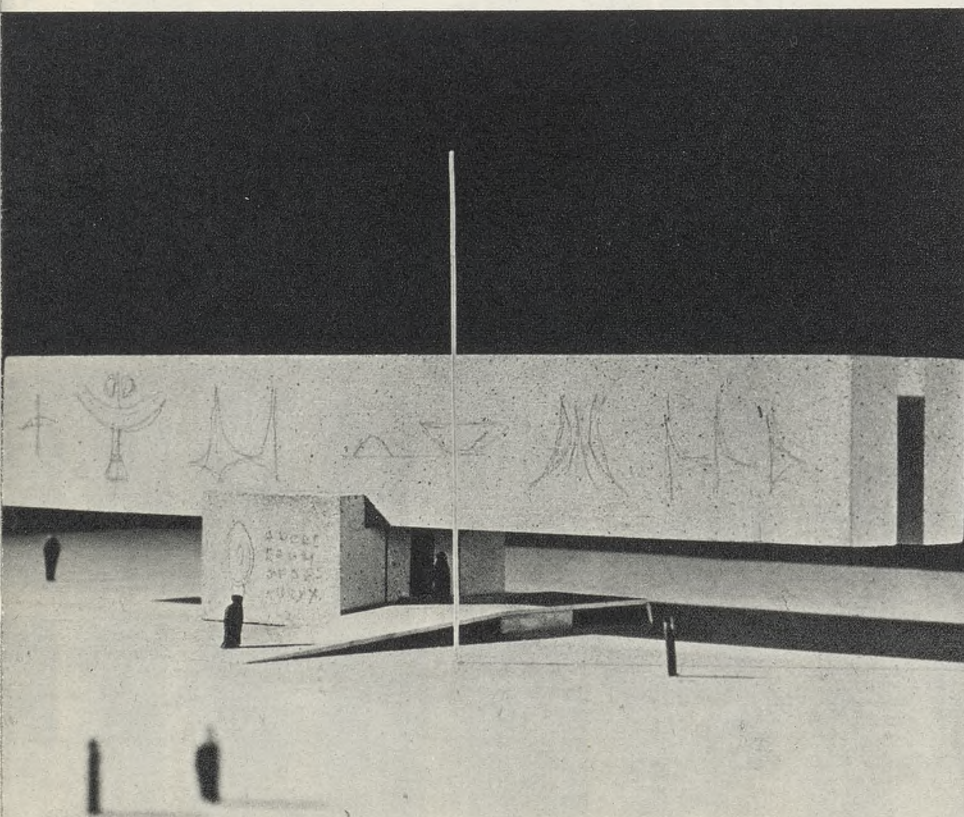
Pero la arquitectura del Brasil es gloriosa, además, porque está viva, porque no está mediatizada por ninguna rémora, porque nace cada día cargada con el afán de cada día. ¿Quiere decir todo ello que no tiene en cuenta el legado de una tradición? A estas alturas sabemos muy bien que la tradición está en cada una de las realizaciones de los hombres, a condición, simplemente, de una entrega honrada a las circunstancias de lugar y tiempo. ¿Cómo es, pues, la arquitectura brasileña? Unas palabras de Lucio Costa, máximo responsable de esa realidad, servirán para definirla: «...de esa manera de hacer internacional que le es propia, como lo fuera la arquitectura de la Edad Media y la del Renacimiento, la arquitectura brasileña de hoy, como entonces las europeas, se distingue ya en el conjunto de la producción general contemporánea y se identifica a los ojos del forastero como manifestación del carácter local, y esto no solamente porque renueva algunos recursos superficiales peculiares de nuestra tradición, sino fundamentalmente porque es la propia personalidad nacional la que se expresa, utilizando los materiales y la técnica del tiempo, a través de determinadas individualidades del genio artístico nativo. Aun cuando se anticipa al desenvolvimiento cultural ambiente, se ajusta e integra fácilmente al medio, porque fué conscientemente concebida con tal propósito.»

Como en el caso de las artes visuales, la arquitectura brasileña interfirió el desarrollo de una tradición de felices adaptaciones al medio, inaugurada en el tiempo de la colonia, con la injerencia académica. Se trocó la belleza orgánica por la ostentación suntuaria; un eclecticismo desarraigado hizo tabla rasa de la adivinación de funcionalidad. Hacia 1930, la arquitectura en el Bra-





Desde el aire se destaca más la armonía del conjunto urbanístico de Río de Janeiro, en este cruce de la avenida de Getulio Vargas con la avenida Río Branco. Abajo: En la plaza de Los Tres Poderes, de Brasilia, se alzará este alucinante Museo de la Ciudad, construído con traza de bellísima sencillez.



sil, como en cualquier parte del globo, era un producto híbrido, mezcla de utilitarismo de corto vuelo y de inútiles arborescencias decorativistas.

El de 1930 es un año verdaderamente fundacional para la arquitectura del Brasil. En él, Lucio Costa tomó la dirección de la Escuela Nacional de Bellas Artes, desde cuyo cargo logró agrupar las voluntades de una minoría de jóvenes arquitectos deseosos de comenzar una renovación de toda la problemática edilicia y constructiva de su patria. Los ideales de La Bauhaus, de Franck Lloyd Wrigth y, sobre todo, de Le Corbusier, fueron tomando cuerpo en el reducido grupo.

Hay que tener en cuenta que la potencia germinativa del país es un hecho que se produce en todos los órdenes de su vida. Unos años más tarde, aprovechando una sugerencia de Le Corbusier, se elevaba ya —muy lentamente, pues hubo que vencer una larga y lógica marejada contradictoria—el edificio del Ministerio de Educación en Río de Janeiro, primera encarnación formal de la siembra ideal de Lucio Costa. Fueron ejecutores de esta obra, además de Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Alfonso E. Reidy, Carlos Leão, Jorge Machado Moreira y Ernani Mendes de Vasconcellos. Y a propósito de este último nombre, es justo decir que para que esta obra pudiera llevarse a efecto hubo de existir ese inevitable hombre de visión lejana que ha de propiciarla. En este caso se trataba de Gustavo Capanema, a la sazón ministro de Educación y Sanidad, que acogió y dió vida al proyecto. Se trata de un gesto paralelo al que, en 1921, tuvo José Vasconcelos como secretario de Educación para el naciente muralismo de México.

En el accidentado período en que se construía el edificio del Ministerio, se proyectaron y edificaron, según los ideales de la nueva arquitectura, los edificios siguientes: Asociación Brasileña de la Imprenta, de Marcelo y Milton Roberto; la «Obra de Berço», de Oscar Niemeyer; la estación de pasajeros, de Atilio Correa Lima, asociado con Renato Soeiro, Jorge Ferreira, Estrella y Mesquita.

Cuando toda esta edificación se hubo terminado, la conciencia de la nueva arquitectura calaba en estratos amplísimos. La empresa empezó a juzgarse nacional. Hay que decir que ninguno de estos pioneros se propuso un apriorismo originalista. A pesar de lo cual la arquitectura que se producía en el Brasil empezó a tomar un tinte marcadamente brasileño. Se derivaba éste de la honradez de una concepción que de manera impremeditada se adaptaba al medio y redescubría la senda de una perdida tradición. Así, no es la arquitectura del gran interregno académico la que enlaza con la tradición del mesurado barroquismo jesuítico o colonial, sino la nueva arquitectura, la de nuestros días, funcional u orgánica, trazada por una mente racional, que no elude la formidable curva en gran desarrollo—como en tantas soluciones de Oscar Niemeyer—, ni el azulejo cerámico, ni la celosía, de tan entrañables reminiscencias mudejáricas, o el «brise-soleil»... Pero tanto la celosía como las grandes curvas no las decretaron para esta arquitectura ninguna asociación de amigos de las cosas tradicionales, sino, como cuando se impusieron en los lejanos tiempos portugueses, un sol ardiente, una necesidad del terreno o un germen de barroquismo temperamental.

Los extremos personales de una estilística general tal vez puedan estar en la exuberancia imaginativa—y un tanto desbordada—de Oscar Niemeyer y en la ascética concreción de Rino Levi. Oscar Niemeyer es, en algunos aspectos, una reencarnación, una actualización de la problemática de Gaudí. No trato de decir, en modo alguno, que el brasileño sufra otra presión magistral del español que la que ya se ha diluído en multitud de soluciones universales. Indico, simplemente, un cierto paralelismo de intenciones, una inmanencia de barroquismo, que al catalán lo conducía a recrear un nuevo gótico y al brasileño a lanzar las curvas hacia el encuentro de todas sus posibilidades autogenerativas. Pero Niemeyer no es sólo un poeta de las curvas, sino también de la angularidad diédrica, de la ortogonalidad cúbica, de la concatenación de todas las infinitas posibilidades de la geometría del espacio, de acuerdo siempre—esto es lo importante—con una exigencia funcional.

Rino Levi, en cambio, es la mesura. Parece como si quisiera arrancar de toda su obra todo lo que fuera un asomo de gesto. Su arquitectura nace desde su espacio interior, que casi siempre es de una ortogonalidad cúbica. Así también es Sergio Bernardes. Este mismo sentido lleva a Jorge Ferreira a proyectar su arquitectura bajo sugestiones horizontales voluntariamente achatadas. En cambio, a los hermanos Roberto, tanto como a Alvaro Vital Brazil, les sirve para lanzarse en planos verticales hacia una conquista infinita del espacio.

Roberto Burle Marx, universalmente conocido como arquitecto jardinerista, está mucho más cerca en su diagramación del espacio plano de la concepción curvilínea de Niemeyer. Las estructuras de sus macizos vegetales recuerdan la composición sinuosa de ciertas formas de la pintura abstracta y se corresponden con lo más caracterizado de los murales abstractos de Portinari. Alfonso Eduardo Reidy, el planeador de la Unidad Residencial de Pedregulho, sin desdeñar las sugerencias que pueda prestarle la fantasía, desarrolla un organicismo muy consciente, con un resultado ecléctico. Jorge Machado Moreira menosprecia todo énfasis y se concreta a una sabia estructuración de espacios encadenados, regulados discretamente por una economía rectangular. En cambio, Francisco Bolonha desarrolla en planta estructuras sinuosas, las cuales abre a una penetración del espacio atmosférico.

Hace veinticinco años que ha nacido la arquitectura brasileña y apenas se encuentra en sus jornadas iniciales. Porque, repito, lo verdaderamente glorioso del Brasil es que se encuentra en su momento fundacional.

JOSÉ M.ª MORENO GALVAN

A) Avenida de Getulio Vargas (Río de Janeiro).—B) Jardín, por Roberto Burle Marx.—C) Un ángulo del Ministerio de Educación.—D) Instituto de Puericultura (Río), Jorge Machado.—E) Instituto de Reaseguros, de M. Roberts.—F) Entrada al Parque Guinle, Lucio Costa. Muestras de la nueva arquitectura.


A

B

C

D

E

F

Sentido de orden en el arte brasileño

Cándido Portinari.



L arte contemporáneo del Brasil reserva una sorpresa para quien aun no ha pasado sobre él su primera mirada panorámica. No se trata de una efervescencia elemental, como haría suponer la presencia inminente de una botánica y hasta de una zoología desbordada; no refleja un festivo panteísmo ni una orgía sensitiva; la raíz folklórica, el trasfondo musical, el demonismo subyacente, apenas logran tocar de manera tangencial algunos de sus aspectos, pero no lo determinan. Porque el arte del Brasil, como el país que lo sustenta, está todo él regulado por una estricta idea del orden: tanto el país como su arte son una construcción en la creación.

Podría hablarse, tal vez, de un sentido de la mesura, pero no daría su definición exacta. Yo lo llamaría «condición órfica». Según ella, lo que es constante en el arte contemporáneo del Brasil, lo que constituye su estilo genérico, es una facultad última para reducir a la obediencia de la forma construída todo el caudal de sugerencias heterogéneas que presionan sobre el artista en la hora de la creación. Sea cual sea la facción tendenciosa del arte brasileño con que nos enfrentemos, desde la figuración minuciosa a la abstracción extremada, siempre nos sorprenderá verlo condicionado por una legislación formal, muy poco complaciente con todas las agregaciones fortuitas que el azar o la intuición conceden a quien con ellos pactan. Por eso es muy difícil descubrir en este arte confabulaciones con el mundo de la poesía, como el surrealismo y el informalismo, por las cuales algo se comunica en la obra de arte sin permiso del artista. La voz del arte brasileño está siempre sometida a un orden; es todo lo contrario de un grito elemental.

«Pájaro», una de las obras más características de Ademir Martins.

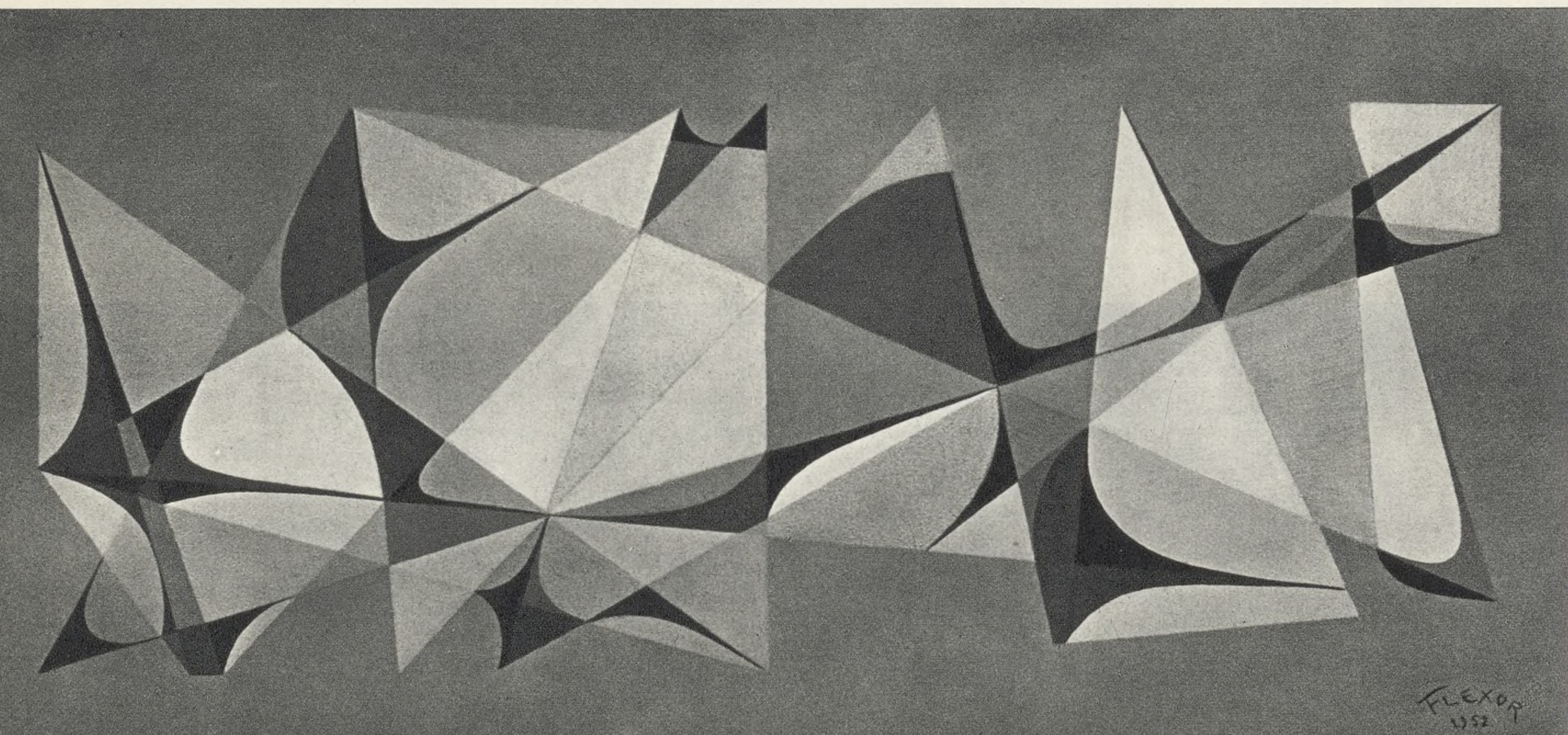
LA HISTORIA CONDENSADA

No es necesario—porque esta panorámica tiene unos límites que están determinados por la historia más próxima—referirse a una ascendencia genealógica que sólo por contar con el nombre de Antonio Francisco Lisboa, el «Aleijadinho» (1730-1814), merecería el calificativo de gloriosa. Hay que decir, sin embargo, que, en su tiempo, gracias a la benéfica influencia de las misiones jesuíticas, se desarrolló un arte mesuradamente barroco, totalmente acorde con una sensibilidad popular y hasta con la exigencia de un medio exuberante, el cual pudo constituir la primera andadura de una tradición genuinamente brasileña si no hubiera sido bruscamente cortada por la ingerencia academicista. El academicismo se introduce en el Brasil en 1816, mediante la llamada «Misión artística de Francia», dirigida por Le Breton, impuesta por el emperador Don Juan VI. Brasil, como casi todas las repúblicas iberoamericanas en los años iniciales de la independencia, sufre con ello esa corrección de la tradición, esa «revolución desde arriba», que el despotismo ilustrado ejerce con la fórmula de las reales academias. La consecuencia no fué sólo la secularización del arte, sino el haber cambiado un arte vivo por un arte de gabinete.

En efecto, todo el siglo XIX brasileño está condicionado por esa circunstancia. La importancia de Víctor Meireles o de Pedro Américo, como la de los presuntos «modernos» Amoedi y Bernardelli, es meramente doméstica. Su historia es la de un reporterismo cortesano o un retratismo áulico de corto y discreto vuelo. No surge ni un romanticismo ni un vigoroso naturalismo a la manera de Courbet. El impresionismo vivió débilmente, pues no fué más que el reflejo de una evolución externa que no pudo sustentarse en adivinaciones propias. Acaso sea Elíseo Visconti quien lo vió más cercanamente.

En fin, la verdadera historia del arte contemporáneo en el Brasil comienza en 1922 con la Semana de Arte Moderno de São Paulo. Lo que hasta entonces habían sido intuiciones de la modernidad adquiere cohesión y logra catalizar a una tradición adormecida. Pero ¿cuáles fueron esas intuiciones previas de la modernidad? En 1913, Lasar Segall llegó por primera vez al Brasil y trajo

Del año 1952 es esta «Composición», original del pintor Flexor.



Roberto Burle-Marx: Mural en azulejos en una residencia de Río.

una primera noticia del expresionismo. Cuando, años más tarde, hizo del país su propia patria, la dotó también de su expresionista más vigoroso. En 1916 expuso en su país por primera vez Anita Malfatti. También ella traía un mensaje expresivo, aun cuando algo más mesurado por el cromatismo de las secesiones alemanas. Por aquellas fechas, ya Emiliano di Cavalcanti—uno de los campeones de la Semana Moderna—elaboraba en hornos propios las sugestiones de una modernidad imprecisa...

Hacia 1930, el movimiento de renovación había casi llegado al poder. Fué por entonces cuando empezó a configurarse la pintura ciclópea de Cándido Portinari. En aquella fecha, el arte del Brasil intuyó que no le bastaba la modernidad, sino que le era necesaria la originalidad, y abrió los ojos a una temática proximista, entrañable, llena de resonancias nativas y populares. Pero nunca—esto hay que tenerlo muy presente—la voluntad de forma fué desbordada por la narrativa.

Aproximadamente hacia 1945, la modernidad del arte brasileño comienza a acentuar sus peculiaridades problemáticas. La forma empieza a adquirir conciencia de su autonomía; se adivina la abstracción. Los años siguientes configuran cada vez más un tipo de arte que ya no pretende tanto una virtualidad apolínea cuanto una investigación dialéctica. Así, por el extremo más riguroso de la abstracción de nuestros días se advierte un experimentalismo analítico, que, porque tiene conciencia de sí mismo, se autodenomina «concretismo». Muchos matices hay en el arte brasileño que no pueden ser captados por este fugaz panorama, y que tal vez se puedan adivinar en un breve bosquejo de las promociones artísticas más sintomáticas.

LOS INICIADORES

Como se sabe, la revolución contemporánea del arte se presenta bajo un doble aspecto: por una parte, trata de movilizar a la realidad más remota, a la que se esconde tras su apariencia visible (expresionismo y surrealismo), y por otra trata de indagar en las posibilidades de la forma abstracta (cubismo

«Pintor negro» es uno de los óleos más notables de Prazeres.



«Fiesta», de Abraham Livio, que concurrió a Venecia en 1958.





«Curo Preto», óleo de Alberto Guignard, hoy en Nueva York.

Fragmento del cuadro de Antonio Bandeira «En el parque».



y abstracción analítica). Esta doble vertiente se observa ya en los pioneros de la modernidad en el Brasil: Lasar Segall, Emiliano di Cavalcanti, Anita Malfatti, son expresionistas; Társila do Amaral realiza un arte constructivo derivado del cubismo epigonal.

Lasar Segall (1890-1956) pudo haber sido uno de los artistas que la Rusia prerrevolucionaria lanzó sobre el Occidente para marcar con un cierto peculiar acento al expresionismo (como Jawlensky, Soutine y el primer Kandinsky). Enraizado en el Brasil, logró desvelar, no sólo en beneficio de su pintura, sino de todo el arte brasileño, la entraña de la humanidad más traspasada por la existencia (la humanidad, digo, esa punzada en el costado de los rusos de todos los tiempos, no el humanismo). Nada puede mostrarnos tan significativamente el destino del Brasil de convertir en protagonista de su acaecer a todo recién llegado como esa fecundación súbita del arte de Segall. Su «expresión» no se derivaba de un musicalismo cromático, como en Kandinsky y Jawlensky, sino del vigor y la fuerza de una estructura.

Emiliano di Cavalcanti (1897) hizo compatible una labor de expresionista —directamente vinculado a la realidad sociológica de su patria—con una labor de constructor. Acaso toda su obra patentiza la determinación magistral del monumentalismo picassiano; pero esa sugerencia tiene un eco profundamente original en el brasileño, ya que en él no descansa en valores apolíneos, sino en adivinaciones de una realidad más expresiva.

Anita Malfatti trajo hasta el Brasil una versión del expresionismo germánico algo menos doliente, algo más festiva, que la de Segall. Tal vez porque en su pintura quedaban aún recuerdos del impresionismo secesionista de Korint. Después de sus primeros años catalizadores, quedó voluntariamente apartada del acaecer artístico de su patria, para aparecer de nuevo, en nuestros días, con un arte muy lejanamente epigonal del de su primera hora, conscientemente ingenuista, popular e íntimo.

Társila do Amaral da el primer paso abiertamente constructivo de la pintura del Brasil. Su búsqueda de realidades estuvo siempre mediatizada por una servidumbre a las estructuras. Desarrolló un tipo de purismo de derivación cubista, aun cuando, como quería Lhote, su maestro, mucho más ligado a imágenes traslaticias que a elaboraciones experimentales.

LA PROMOCION DE 1930

Me resisto a llamar a estas generaciones pictóricas «promoción Portinari», para que quede bien claro que el tipo de arte que ellas descubren y exaltan no se deriva del gran maestro, por más que sea el nombre de Portinari el que lo universaliza y le confiere un signo distintivo. El retorno a las realidades próximas de la patria y el hombre brasileños es lo más significativo de esta promoción de artistas. Portinari es su ejemplo máximo; pero la realidad que sustenta a su pintura no la descubre él, sino que constituye una adivinación colectiva de su momento.

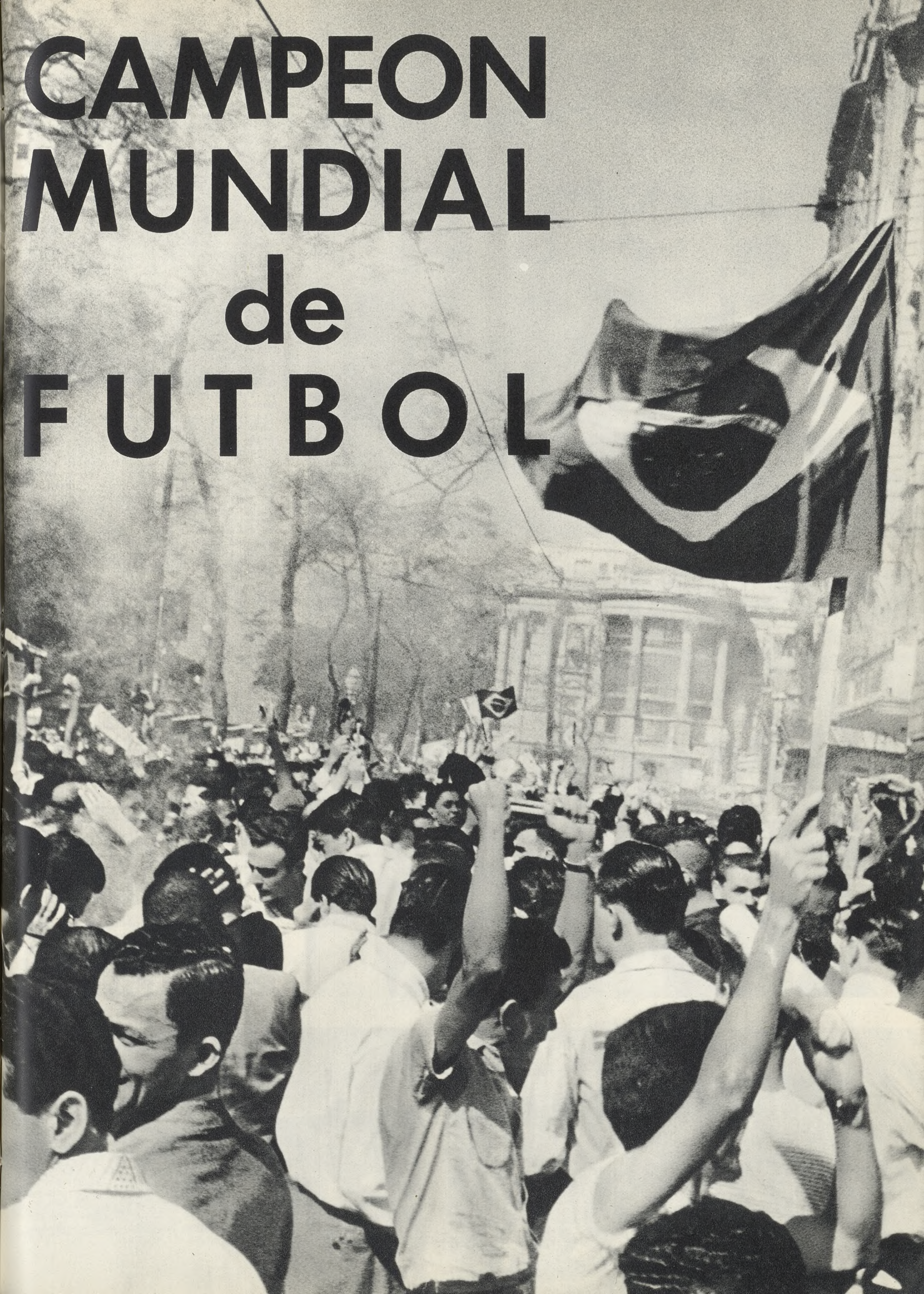
Este tipo de realidad tiene matices diferenciales tan amplios como la geografía del país que la sustenta. *Alberto da Veiga Gignard* (1895), por ejemplo, la concibe en lo que tiene de plácidamente popular y colorista, sin extremar aristas expresivas, amplia y elástica, como para narrar la alegría y la tristeza, documentando, sin dejar de servir a la forma. *Alfredo Volpi* (1896), en cambio, la concibe como una construcción, valiéndose de unas arquitecturas en las que desentraña una fisiognómica. (Ultimamente, este pintor ha trascendido la temática para radicarse en un concretismo de la forma.) *Hilda Campofiorito* (1901) realizó una narrativa amplia y directa, en la que la modernidad quedaba implícita, derivada de su misma frescura y dicción. *Quirino Campofiorito* (1902) les otorga a las figuras una densidad grávida, en oposición a la atmósfera. *Francisco Rebolo Gonsales* (1902) las entiende como complejos masivos a punto de petrificación. *José Pancetti* (1902) encara su pintura hacia el paisaje, con contraposiciones del color uniformemente sostenidas con rica capacidad de matización. *Orlando Teruz* (1902) inscribe a su figura en un ámbito ideado, donde parece que el silencio ejerce un impalpable protagonismo. *Clovis Graciano* (1907), dueño de un gran registro de posibilidades lineales, posee también una honda capacidad narrativa. *Tomás Santa Rosa Junioor* (1909), desde una narrativa convencional ha pasado a una temática destinada a contener valores formales procedentes del cubismo. *Perci Lau* tiene una fuerte capacidad de diseñador y la pone al servicio de una temática ilustrativa. *Carybé* (1911), también dibujante, es el captador de una coreografía de ritmos vernáculos. *Djanira Gomex Pereira* (1914) realiza un primitivismo civilizado, consciente de la capacidad comunicativa de una narración ingenua. Ese estado primitivista se advierte también en *José Antonio da Silva* (1909), aun cuando menos consciente de sus virtudes ingenuistas y, por ello, más volcado hacia valores pictóricos. También en *Heitor dos Prazeres* (1908), con procedimientos empíricos e improvisados, sólo preocupado por traducir un panteísmo folklórico o musicalista. En *Emeric Mercier* (1915), paisajista, se advierte una leve preocupación cezanniana por la solidificación de los espacios. *Luci Citti Ferreira*, discípula de Segall, realiza un expresionismo atemperado que se hace sensitivo a todas las situaciones íntimas. *Karl Platner* (1919) lleva con su arte una cierta noticia hasta el Brasil de un expresionismo que se vigoriza con formas y texturas, como en Permecke.

PORTINARI

Cándido Portinari (1903) es el ejemplo más formidable de una pintura brasileña encarada hacia una realidad existencial. El significa no solamente la configuración definitiva de la pintura de retorno al originalismo, sino el lógro total de la modernidad en el Brasil.

Con frecuencia se lo clasifica como expresionista. Pero, en verdad, el expresionismo es el triunfo de una realidad sobre la cárcel formalista. Portinari es eminentemente brasileño, lo que quiere decir que en él subsiste una servidumbre a la ley, al orden, a las estructuras, que difícilmente puede ser salvada por su apetencia de realismo. La ley formal es en él una condición; la delación real, un objetivo consciente. La formidable fuerza potencial de su pintura no se desprende tanto del agonismo de su realidad cuanto de la lucha, verdaderamente prometeica, entre esta realidad y la estructura formal que la constriñe. No es, por tanto, un expresionista, sino un artífice de las formas trascendidas hasta la expresión.

Esa es su constante. Con frecuencia se ha insinuado una presunta volubilidad estilística del maestro. Se trata, en realidad, de una versatilidad, de una expansión en sentido horizontal de su estilís- *(Pasa a la pág. 104.)*


CAMPEON
MUNDIAL
de
FUTBOL

CAMPEON DEL MUNDO

Han sido necesarios veintiocho años para conseguir el título mundial de fútbol. En ese espacio de tiempo todos los brasileños han soñado con el día en que pudiesen salir a las calles para gritar que su fútbol es, indiscutiblemente, el mejor que se conoce.

El Brasil no parecía ser el mismo país que oyó marcar el primer gol de Suecia y el que conmemoró el quinto y último, casi simultáneamente con el fin del partido. No es que no se armara escándalo con los demás goles, pero comparado con lo que pasó al fin del encuentro, aquéllos parecían solamente un simple trueno al lado de la tempestad.

El ruido de los cohetes mal dejó a los brasileños oír la radio. A éstos siguieron los tiros y a los tiros los cañonazos del fuerte de Copacabana. Los que estaban en su casa salieron a la calle y desde allí se iban no sabían dónde; el caso, simplemente, era ir a alguna parte.

Gritaban: «¡Gilmar, Vavá, Pelé, Didí...! ¡Didí, Pelé, Vavá, Gilmar...!»

Aparecieron botellas de «pinga» y se las pasaban unos a los otros, bebiendo a chorro.

Todas las calles centrales de Río de Janeiro presentaban un panorama multicolor.

La circulación, impedida. Los que viajaban en coche salían de él y se juntaban a la multitud. Los que viven en los «morros» bajaron también y se juntaron a los que gritaban, bebían, se abrazaban, reían, bailaban y lloraban.

En pocos minutos, todas las bebidas y cohetes de las tiendas y de los quioscos se agotaron. La gritería continuaba. Entre botella y botella, entre gritos de júbilo y alegría, se cantaba incesantemente el himno nacional.

Era la explosión de una alegría contenida durante veintiocho años. Y muy escondida en los ocho últimos. En 1950, cuando el Brasil perdió contra el Uruguay, muchos aparatos de radio fueron rotos después del encuentro. Este año, hasta las campanas de las iglesias conmemoraron el triunfo. Las emisoras de radio transmitieron durante todo el domingo, después de la victoria sensacional frente a la selección sueca, grabaciones de los goles brasileños. Entre radiación y radiación se oían sambas compuestas hacía mucho tiempo, de regocijo por la victoria.

Las calles, una hora después del partido, estaban llenas de papeles y serpentinas. Parecía Carnaval. «Escuelas de Samba» empezaron a desfilar por las calles cantando y bailando en honor de la victoria, de los victoriosos y de quien quisiera oírlos.

Quien no estuviera advertido, pensaría que aquello era el principio o el fin del mundo. Durante toda la tarde se podían oír las voces de la multitud. Eran: «Brasil é o maior», «Brasil é campeão», teniendo como música de fondo la voz de los locutores, que repetían: «¡Goooooooool!»

Por la noche la algarabía era un poco menor. Los revendedores cerraron porque no tenían nada que vender. Pero el cielo estaba lleno de estrellas. El cielo del hemisferio sur es limpio, pero aquella noche estaba extrañamente brillante. Una mirada atenta podía ver que aquello no eran estrellas. Eran globos y resplandores de hogueras.

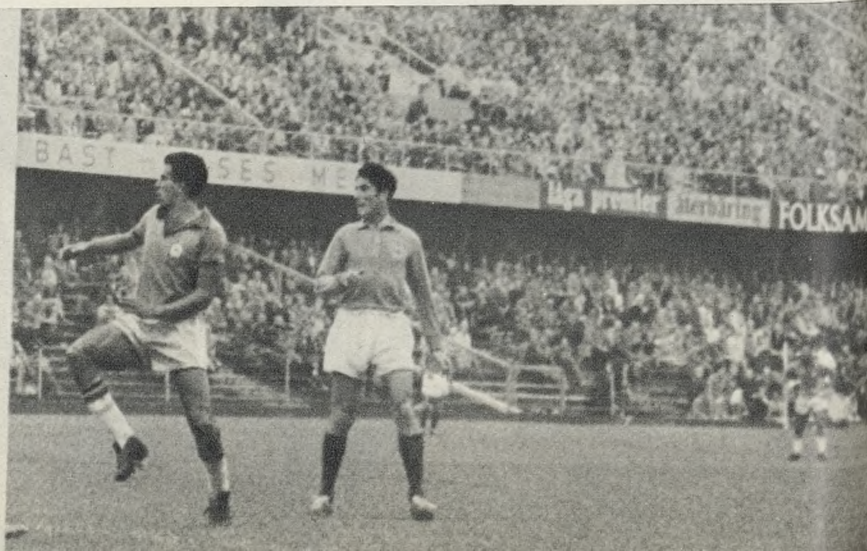
Las autoridades habían prohibido que en la noche de San Juan se soltaran globos. Pero aquella noche era especial. San Pedro, San Pablo, y además de eso el Brasil, por primera vez en su historia, era campeón mundial de fútbol. Por lo tanto, el cielo parecía un vestido de lentejuelas en día de fiesta. Los globos subían, subían, hasta perderse de vista, o caían, incendiando lo que encontraban a su alrededor. En los barrios, las hogueras iluminaban las calles que el Municipio nunca atendía; es decir, casi toda la ciudad estaba llena de hogueras.

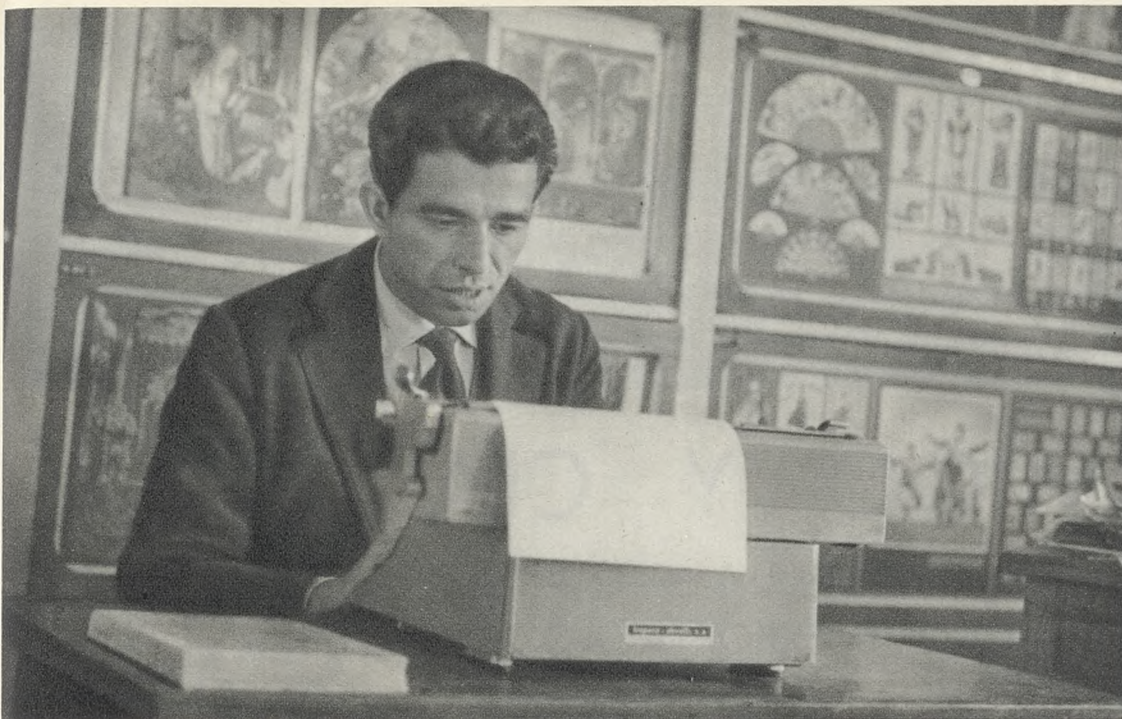
En São Paulo, según un periódico, más de un millón de personas fué a la ciudad, para «mojar el triunfo». Posiblemente la embriaguez de la victoria hizo perder la cuenta de los ceros al periodista, a quien tal vez se le escapó uno de más. En Río de Janeiro, un oficial de la Marina murió de un ataque al corazón cuando el Brasil marcó un gol, y otro individuo se encontró con











«VAVÁ» EN NUESTRA REDACCION

El campeón del mundo de fútbol con la selección brasileña «Vavá», que actualmente triunfa en España como delantero centro del Club Atlético de Madrid, ha tenido la gentileza de visitar la Redacción de «M. H.» y a nuestro ruego redactar estas impresiones, que ofrecemos junto a un autógrafo del famoso jugador brasileño.

una bala perdida que no iba dirigida a nadie y que la disparó no se sabe quién. Cosas del triunfo.

Razón tenía el Brasil para estar eufórico. Los jugadores vencieron, el pueblo disfrutó y los comerciantes ganaron. Quién más y quién menos aprovechó la victoria. Las casas comerciales hicieron propaganda ofreciendo a los campeones un par de botas, una máquina de coser, una camisa, muchas felicitaciones y gasolina para sus coches. Alguien ofreció a un jugador, más modesto, un automóvil, para que aprovechara la gasolina. Algunas suscripciones fueron abiertas.

Si alguien hubiera preguntado a cualquier brasileño por la crisis ministerial, la conferencia de «cúpula», el peligro atómico o cosa semejante, habría sido mirado como un bicho raro o habitante de otro planeta, y si ese «alguien» hubiese hablado, por ejemplo, quince minutos con «cualquiera», más de diez serían dedicados al campeonato.

En la semana que siguió a la victoria, la alegría, el consumo de bebidas y la tirada de los periódicos se mantuvieron en un nivel elevadísimo. Por las calles aparecieron vendedores de banderines y de fotografías del equipo. Un gran negocio.

—¡A diez, a diez cruceiros la fotografía! ¡Brasil campeón del mundo! ¡Que se acaban!

En las tiendas de discos aparecieron «microsurcos» en los que se oían todos los goles de la selección con sambas entre gol y gol. Otro gran negocio.

El miércoles 2 de julio llegaron los campeones a Río de Janeiro. El Presidente les prestó su propio avión y fué a recibirlos personalmente al aeropuerto. Desde por la mañana hasta las cinco de la tarde, que es la hora en que llegaron, más de un millón de personas esperó a los jugadores cantando y bailando, para que pasasen las horas más rápidamente. Cuando el avión llegó, la pista fué invadida. La Policía acudió con refuerzos para proteger a los pasajeros. Los bomberos y la Marina también enviaron varios destacamentos.

Después de una apoteosis imposible de describir, colocaron a los campeones en un coche de bomberos y los llevaron al centro de Río de Janeiro. Todo esto, naturalmente, con una fuerte escolta policíaca. Los cohetes no pararon de estallar. La multitud gritaba, gritaba. Pedazos de papel, serpentinas, cohetes y más cohetes, gritos, gritos, gritos.

Mientras, el coche que transportaba a los jugadores no podía ni moverse, ante el cerco compacto de un millón de admiradores fervientes...

El jueves, los jugadores fueron a São Paulo. Espectáculo semejante. La ciudad más industrial de Iberoamérica dejó de trabajar para recibir a la selección.

Pasó una semana más y todo se normalizó. Cada uno va a sus faenas como si nada hubiera acontecido. Apenas en una u otra tienda de discos oímos a un locutor: «¡Goooool, goooool do Brasil!»

JUAN M. MARTIN MATOS

La página inicial del reportaje ofrece un aspecto de la avenida de Río Branco momentos después de conocerse el gran triunfo de la selección brasileña de fútbol en los campeonatos mundiales de Suecia. Selección que vemos en la primera foto de esta doble página: De Lordi, Zito, Belini, Nilton Santos, Orlando y Gilman (de izquierda a derecha, en pie), y Garrincha, Didí Pelé, Vavá, Zagalo y el masajista Mario Américo (agachados).—Otro aspecto de las calles de Río tras la victoria final, en la foto siguiente, y a la izquierda de estas líneas, un ataque brasileño a la portería francesa, con «Vavá», que aparece en un primer término.

Todos os campeonatos mundiais têm algo de comum: levam sempre alegrias a uns e tristezas a outros. Mas se o Brasil tivesse perdido a última Copa, minha tristeza não faria, seguramente, deixar de salientar o trabalho da Suécia.

A Suécia, com efeito, demonstrou mais uma vez, durante a realização deste VI Campeonato Mundial, todo o seu alto nível nos setores de educação, civilização e organização... E como integrante do selecionado vitorioso, quero agradecer a todos os deportistas suecos. Minha impressão sôbre a Suécia é a melhor possível.

* * *

A chave que tocou para a seleção brasileira foi, sem dúvida, muito difícil. Teríamos que defrontar-nos com três grandes paises, que eram poderosos candidatos. Nada menos que Áustria, Inglaterra e Rússia.

No seu primeiro encontro o Brasil, sem jogar o que sabia, ganhou: 3-0. Jogadores e dirigentes brasileiros, a essa altura, ainda carregávamos um fantasma, o medo de perder. O nervosismo que nos dominava a todos era grande.

Mas veio nossa segunda oportunidade, que serviria como um novo «test» para a seleção. Estávamos devidamente preparados, sabendo que a Inglaterra era um forte adversário, e não daria muita chance à nossa equipe. Entrámos, todavia, decididos a tudo, e jogámos uma partida com muito entusiasmo e enorme espírito de luta. Infelizmente, não conseguimos o resultado que desejávamos. Motivo: os inglêses souberam defender-se bem. Terminámos com un 0-0 de «placard» que não nos satisfez. Sentíamos poder haver ganho o jôgo.

A terceira partida, última da nossa chave, seria decisiva, porque teríamos que demonstrar — para nós mesmos, inclusive — todas as nossas possibilidades. Era a Rússia que vinha, com uma equipe afamada pela excelente preparação física e alguns jogadores de pêso.

Devo confessar que pisámos o campo com um certo receio dos russos, mas aos quatro minutos de jôgo (quando já levávamos vantagem de um tento) sentimos que nossa equipe era uma das melhores, e em cada minuto nosso volume de jôgo subía, parecendo que o nosso poderío aumentava, e diante daqueles temíveis adversários nossa campacidade de improvisação não tinha fim. Quando o árbitro apitou o término, com dois a zero de contagem a nossa favor, vimos que chegaríamos ao fim da Copa, pois estávamos bem preparados, moralmente e fisicamente.

* * *

Vencedores da chave que nos coube, enfrentámos a seguir os representantes do País de Gales (uma equipe que não sei como obteve classificação). Passaram todo o tempo a defender-se, e conseguiram que não alargássemos o «placard»: 1-0.

Logo vieram os francêses. Possuíam bom ataque e vinham marcando «goals». Mas a defesa do Brasil era mais segura. Prendemos bem, com efeito, os atacantes de França, impedindo que se movimentassem à vontade. Nossa equipe já estava mais confiante, funcionando melhor o conjunto. Vencemos por uma boa margen: 5-2.

Finalmente, a Suécia. Com uma equipe bem formada, chegámos a temer que os suecos nos roubassem o título (quando já o considerávamos quase em nossas máos). A Suécia demonstrou todo o seu entusiasmo e vontade de vencer, abrindo a contagem aos trôs minutos de jogo. A verdade, contudo, é que, embora respeitando aqueles adversários, não demos muita importância ao «goal», que, com efeito, nos serviu de estímulo e espécie de aviso. Partimos para a luta, e conseguimos uma vitôria bonita, com respeito e disciplina, que não deixou dúvida.

* * *

A quem deveremos nossos êxitos?

A nós mesmos, os jogadores, e aos nossos dirigentes: êstes chegaram a sofrer algumas injustiças durante a campanha, mas jàmais esqueceram de trabalhar honestamente e com dignidade pelo futebol brasileiro.

* * *

O atual futebol brasileiro é um dos mais simples do mundo. Adaptou-se ao «quatro-dois-quatro», e jogando no espaço vazio nossos jogadores dão maior rendimento às equipes.

Comparado ao europeu, o futebol brasileiro leva vantagem, e a razão está em que nossos jogadores são mais maliciosos, mais rápidos em suas ações, e essas qualidades, quando bem aproveitadas dentro de um sistema, arquitetam um conjunto tão poderoso que dificilmente pode ser batido por equipe estrangeira. Já superámos uma fase em que apenas se desejava tirar o maior proveito dos «fenômenos», esquecendo o valor do conjunto. Era o êrro que nos fazia, desde muito, o país de melhores jogadores do mundo, mas... sem títulos.

* * *

Sôbre o futebol da Espanha, tenho a melhor impressão possível. Pode mesmo ser considerado um dos melhores do mundo. Parece, contudo, que deveriam formar-se as seleções espanhola mêses antes das competições, para que seus jogadores se entendessem melhor e sentissem maior responsabilidade diante dos compromissos.

* * *

Aqui na Espanha, aliás, tenho confirmado, a toda hora, uma impressão já antiga: «É um país maravilhoso.»

EDVALDO IZIDIO NETO («Vavá»)

Aproveitando esta oportunidade, que "Mundo Hispanico" me oferece, quero agra-decer a todos os brasileiros as manifestações prestadas durante a Copa do Mundo, e, desde Madrid, transmitir aos desportistas do meu país carinhosas recordações

Sinceramente

Edvaldo Izidio Neto
"Vavá"







Impacto de la línea Goya



La reciente salida de la costura española a la Exposición de Bruselas ha constituído un verdadero éxito. Diez firmas, agrupadas bajo el nombre del más castizo de los pintores hispanos, han mostrado su personal concepción de la indumentaria femenina a un público internacional, que manifestó inequívocamente su entusiasmo.

Este «sentido español» del vestir—que puede ser observado en los retratos existentes en los Museos, especialmente en la pinacoteca del Prado—, sin desviarse en lo esencial del concierto universal, pasa a través de los tiempos conservando unas características permanentes. Rechaza la frivolidad menuda y exalta la elegancia. Con la sencilla sobriedad de *La dama del armiño* consigue la mujer más «vestida» de todos los tiempos, y las infantas velazqueñas, gris y rosa, son como un oasis en la baraúnda de perifollos que caracterizó su época.

Y en cualquier momento, ayer y hoy, en cuanto surge un punto de comparación, el «estilo español» se define claramente. Al estilo «Joséphine», la sutil y nostálgica emperatriz de los franceses, se enfrenta la sobriedad y el aristocrático desenfado de la mujer que personalizó la época de Goya, la españolísima Cayetana, duquesa de Alba.

Finalmente, y situados ya en la actualidad, está en el ánimo de todos los que nos ocupamos de la moda la enorme influencia que desde hace bastantes años lleva ejerciendo la personalidad de Balenciaga—de tan honda raíz española—, quien ha clavado en el eje de la costura mundial el recuerdo de las vestimentas de las mujeres del pueblecito vasco donde nació.

La costura española tiene en sus manos todos los elementos del triunfo: su excelente estilo creador, una confección que es quizá la más cuidada de cuantas existen y un entusiasmo y una perseverancia dignos de todas las atenciones. Incluso de la estatal, tal como sucede en algunos otros países, donde el Estado es el primer protector de la moda, la que corresponde con notoria generosidad, pues—además de ser una muy considerable fuente de divisas—es atracción para el turismo y motivo de estima y consideración mundial.

La línea Goya triunfa en Brus

Las casas que han concurrido a Bruselas son: Asunción Bastida, Caruncho, Balenciaga, El Dique Flotante, Marbel, Pedro Rodríguez, Pertegaz, Rango, Santa Eulalia y Vargas Ochagavía.

Gatell, un joven creador, hace su primera salida en la prensa. Esperamos que, incorporado también a este sentir español, sea en el futuro un logro más que sumar a nuestros desfiles en el extranjero.



Vargas Ochagavía.

Gatell.





Asunción Bastida.

...las La línea Goya triunfa en...

La gentileza de la actual duquesa de Alba ha abierto a nuestro fotógrafo el maravilloso Salón Goya del palacio de Liria para que las maniquíes puedan ofrecer a los lectores de MUNDO HISPÁNICO esta exhibición en exclusiva.



Asunción Bastida.

Este interesante desfile ha sido posible gracias a la acertada intervención del comisario general, que supo llevar al Pabellón Español de Bruselas—justamente en el momento más oportuno—la alegría del arte, de las danzas y de los vestidos de España.

La organización de la expedición resultó perfecta, y las casas expositoras han rivalizado en esplendor y entusiasmo. El paso de las modelos fué subrayado constantemente por fervorosos aplausos, que crearon un clima de verdadero cariño para la moda española y para las gentiles chicas que la lucían. De los tapices de Goya salieron algunas de las más sensacionales creaciones, como, por ejemplo, el presentado por Caruncho, moña en alto, graciosísima, y manteleta de encaje anudada con mucho salero. La extraordinariamente fotogénica maniquí de Asunción Bastida presentó un vestido plateado, guarnecido de *renard* blanco, y otro con una especie de nube de gasa negra alrededor, no «tan Goya» como el de Caruncho, pero con una clase estupenda. Vargas y Ochagavía, rasos rosa y blancos: verdaderos vestidos de duquesa, llevados también por Vicky, la excelente maniquí.

Todas y cada una de las casas contribuyeron a dejar bien puesto el pabellón español y abierta la curiosidad del público para nuevas muestras.

Bruselas La linea Goya triun[f]



Vargas Ochagavía.



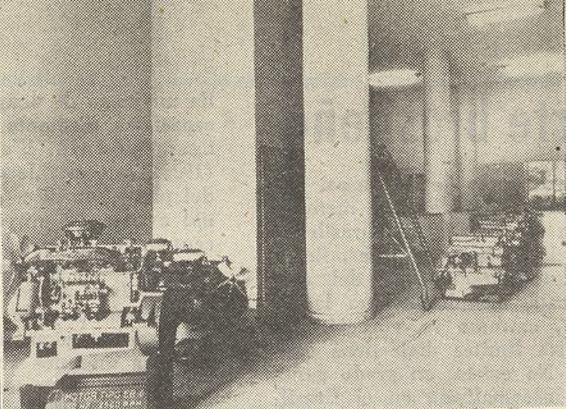
Vargas Ochagavía.



Los textos de «Impacto de la línea Goya» son de nuestra colaboradora Helia Escuder. Las fotografías que completan la información, exclusivas para MUNDO HISPÁNICO, han sido realizadas por Basabe.

en Bruselas La línea Goya t







EL MOTOR DIESEL ESPAÑOL EN EL MERCADO BRASILEÑO

BARREIROS DIESEL

FABRICA DE MOTORES, TRACTORES Y CAMIONES A LA CABEZA DE LA INDUSTRIALIZACION ESPAÑOLA

En lo que a su rápida industrialización se refiere, España vive uno de los momentos más cruciales de su vida económica. El esfuerzo es gigantesco. Donde nada o casi nada había, se está creando un verdadero emporio de riqueza.

Entre las grandes industrias fabriles destaca Barreiros Diesel, S. A., empresa modelo y una de las que en menos tiempo han acusado mayor progreso. En las proximidades de Madrid, a siete kilómetros de la Puerta del Sol, hemos visitado la factoría núm. 3 de esta importante industria española, dotada del más moderno utillaje para la producción de motores Diesel y camiones. En Villaverde, Barreiros Diesel ha realizado una auténtica proeza. En las instalaciones, que se ubican sobre una superficie de 250.000 metros cuadrados, se afanan más de 2.000 obreros, que a su vez coordinan su trabajo con otros 3.000 operarios de las factorías que también posee en Galicia y otras zonas de Madrid.

En grandes naves, técnicos y obreros especializados producen diariamente cerca de 50 motores destinados a camiones y vehículos ligeros, constituyendo esta producción un alarde de la técnica española, que hasta hace poco era casi desconocida. Ahora, al rodar por las carreteras españolas más de 30.000 vehículos dotados con estos logrados motores, se pone de relieve su excelente factura y la notable contribución de Barreiros Diesel a la industria de España y también a los mercados mundiales, pues su exportación a diversos países constituye una elocuente realidad.

MOTORES DE ACEPTACION MUNDIAL

En este orden debemos señalar la presencia de estos motores en el mercado brasileño, en el que se codean, en competencia de precio y calidad, con las marcas mundiales más famosas. Efectivamente, su introducción en este difícil mercado es un hecho de la mayor trascendencia, pues es la primera vez que un producto industrial español se presenta con tales garantías de fabricación que provoca una amplia y significativa aceptación por parte de los usuarios, en una zona en que éstos disponen de una gran variedad de marcas para poder elegir.

La cifra de exportación al Brasil va aumentando en la medida en que Barreiros Diesel consolida la organización comercial en este gran país iberoamericano, en una de cuyas principales urbes, São Paulo, puede verse con destellos luminosos su nombre comercial destacando entre la abigarrada fisonomía de sus rúas.

Los españoles que allá llegan sienten la íntima satisfacción de ver en lugar destacado un nombre tan español y tan vinculado al esfuerzo industrial de su patria.

CAMIONES BARREIROS

Barreiros Diesel ha emprendido además la fabricación de camiones para todo terreno. Este tipo de vehículo, de excepcionales condiciones técnicas y mecánicas, de excelente aplicación para usos militares y también civiles, ha sido probado con éxito total ante tecnicos militares de los Estados Mayores de España y Portugal y observadores de la N. A. T. O. Actualmente está en curso la fabricación de una importante serie de estos camiones para el Ejército portugués.

Barreiros hace dos tipos: uno de doble tracción y carga de cuatro a cinco toneladas, para explotaciones forestales, mineras, agrícolas y obras públicas, y otro con una sola diferencial, para transporte normal y carga de seis toneladas. De ambos tipos existe en el mercado español una fuerte demanda, por lo que Barreiros Diesel está resolviendo un verdadero problema del transporte.

PRODUCCION BASICA ACTUAL

La programación de Barreiros Diesel, partiendo de los tipos básicos de cuatro y seis cilindros, comprende una serie de motores de diversas aplicaciones y potencias. Actualmente está lanzando al mercado motores para vehículos ligeros y pesados de 55, 90, 100 y 150 CV., mereciendo especial mención sus motores marinos de 55 y 70 CV. para embarcaciones de pesca y recreo.

NUEVA PROGRAMACION

Por otra parte, está ultimando el proyecto de un motor de 1.900 c. c. cuatro cilindros a 4.000 r. p. m. y 175 kilogramos de peso, que tendrá 55 HP. al freno y que es ideal para turismos ligeros, taxis y furgonetas.

Otro modelo en el que deposita gran confianza es un motor Diesel de seis cilindros y 5,2 litros a 3.000 vueltas.

TRACTORES

Otra faceta de las fabricaciones de esta progresiva industria es la de tractores. Recientemente ha firmado un acuerdo con la Casa Hanomag, de Hannover (Alemania), para fabricar en España tractores de 50 a 150 HP. de ruedas y orugas, con motores Barreiros.

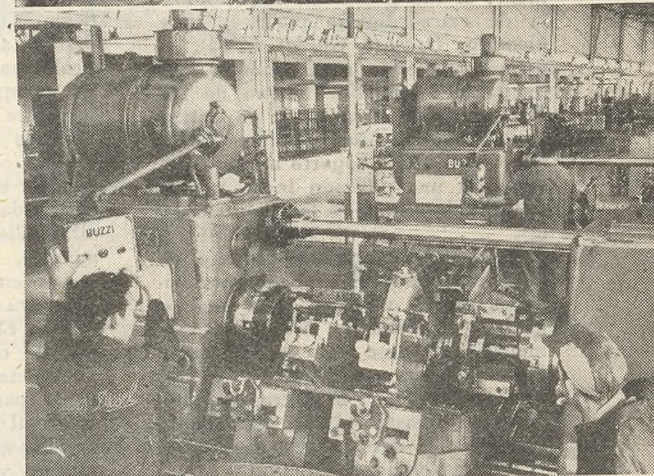
Esta colaboración industrial con diversas firmas nacionales y extranjeras coloca a Barreiros Diesel en una posición decisiva para el fomento y resolución de los más importantes aspectos de la automoción en España. Son ya muchas las firmas industriales que aplican motores Barreiros a sus máquinas, y así se produce el hecho trascendental de que maquinaria de licencia extranjera fabricada en España lleva motores Barreiros. Tractores Fordson Major, Renault, Ferguson y de otras marcas han sido revalorizados con estos acoplamientos. Grúas Nelson, Axel y Hover (holandesas); compresores Worthington y Samur, grupos electrógenos, cosechadoras Clays, etc., aparecen por doquier con motores Barreiros. Ello constituye la mejor demostración de cuanto afirmamos en orden a la creciente importancia de esta industria española, que ha sabido enfocar su programación técnica con elevado sentido y cuyas etapas de desarrollo son firme testimonio de su espíritu siempre progresista y creador.

En el número 1066 de la rua de São Joao, en São Paulo (Brasil), ha sido instalado el local de ventas de Barreiros Diesel. Las fotografías que publicamos recogen la fachada e interior del mismo.

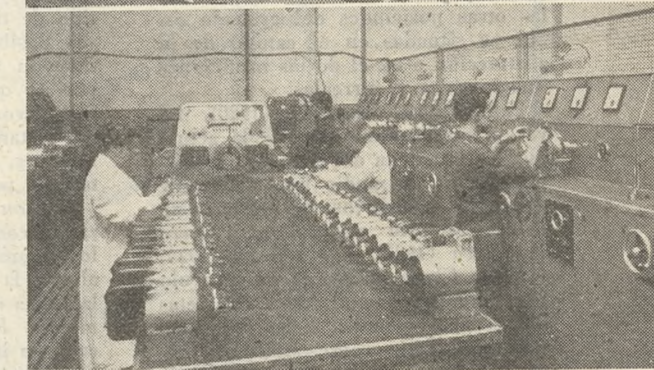
No hace mucho tiempo, ante los Estados Mayores de los Ejércitos de Portugal y España y observadores de la N. A. T. O., se realizaron con éxito pruebas decisivas del camión Barreiros TT para todo terreno. La foto recoge un momento de dichas demostraciones sobre una amplia zona de barro arcilloso, que atraviesa sin dificultad.



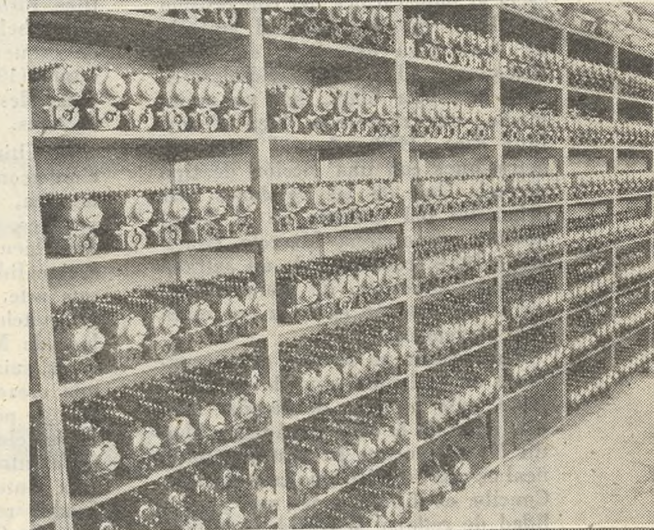
Vista parcial de la nave de la factoría de engranajes y cajas de cambio.



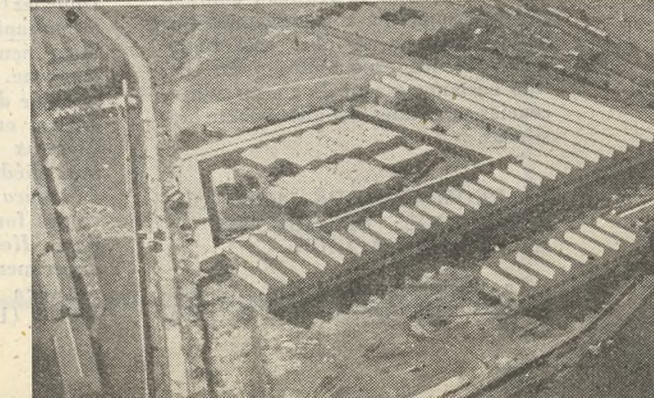
Vista parcial de una de las naves de mecanización de la factoría n.º 3.



Banco de pruebas de dinamos y motores de arranque en la factoría de equipos eléctricos.



Bombas de inyección, fabricadas íntegramente por Barreiros Diesel, dispuestas para su montaje.



Vista aérea de la factoría n.º 3 de Barreiros Diesel en Villaverde (Madrid), obtenida en el mes de julio de 1957, y cuyo aspecto ha cambiado notablemente, debido a las grandes ampliaciones que se están realizando actualmente.

Sentido de orden en el arte brasileño

(*Viene de la pág. 94.*) tica, buscando en la forma todas las posibles antenas de la realidad, ya que no puede extenderse, por su condición brasileña, de servidor de un orden, en el sentido vertical de la realidad en sí.

EL GRABADO

El grabado es la facción metódica del arte brasileño que ofrece en nuestros días más coherencia. Vale la pena de esbozarlo aquí, al margen de los esquemas promocionales, porque su evolución, si no ha gozado de una autonomía, ha padecido, al menos, una soledad en los años heroicos en que se configuraba. Casi todos los artistas destacados del Brasil se han expresado en algún momento mediante el grabado—Segall, Cavalcanti, Portinari, etc.—, pero sólo unos cuantos lo han soportado como una dedicación exclusiva.

En sus orígenes posacadémicos estuvo igualmente encarado a la captación de la realidad ambiente, desde la que se pudo tocar tangencialmente el expresionismo. Expresionista de extraordinario vigor es, por ejemplo, *Osvaldo Goeldi* (1895), el primer grabador estrictamente contemporáneo del Brasil, uno de los maestros más eficaces de la actual escuela. No así *Livio Abramo* (1903), que, con Goeldi, soportó durante largos años una posición incomprendida por el público y los coleccionistas.

En el actual momento, que es el de la glorificación del grabado, por haberse logrado vertebrar toda una escuela genuinamente brasileña, esta modalidad posee una amplia gama estilística, que oscila entre el expresionismo realista y la abstracción geométrica y plasticista. En el realismo expresionista destacan *Marina Caram* (1925) y *Renina Katz* (1925). Todas las otras posiciones del grabado están ya situadas en el campo de la abstracción o en el de las intuiciones imaginativas y surreales.

Para *Fayga Ostrower* (1920), tal vez el más fuerte valor de la actual escuela brasileña del grabado, la abstracción es un medio para conseguir esquemas dramáticos, de fuerte garra existencial. En cambio, para *Vera Vocayuva* (1920), *Lygia Pape* (1929) y *Lygia Clark* (1920), es un vehículo para indagar posibilidades concretas del espacio plástico. Estas tres últimas grabadoras representan con eficacia al polo carioca del concretismo brasileño. En fin, entre el grabado de instigación dramática de Fayga Ostrower y el de concreción plasticista de Lygia Clark, hay un punto medio, que representa bien *Arthur Luiz Piza* (1928), el cual pacta penetraciones con una dicción de tipo surreal. Una de las versiones más originales del grabado en el Brasil nos la proporciona Marcelo Grassman (1925), recreador de un extraño mundo zoomórfico, de reminiscencia medieval, aledaño entre la expresión y el surrealismo.

Aun cuando no se trata exactamente de un grabador, sino de un dibujante, vale la pena de reseñar bajo este epígrafe la obra de Ademir Martin (1922), porque su sentimiento lineal es más incisivo que esquemático. Concibe el dibujo como una posibilidad de reflejar la realidad ambiente, pero sometida a valoraciones formales. Hay en su obra una fuerte magia de los ornamentos y un sentido bastante exacto de ciertas subyacencias terrenales definitivamente brasileñas.

LA PROMOCION DE 1945 Y SUS DERIVADOS: EL TRIUNFO DE LA ABSTRACCION

La distinción entre un arte abstracto y otro figurativo, si es banal en la mayor parte de los casos, tiene, al menos, cierta eficacia metodológica. En el caso del arte brasileño, esta eficacia se acentúa, pues, fiel a la constante característica del arte en este país, cuando alcanza la no figuración, extrema su vocación de forma hasta límites dialécticos muy acusados. No existe, en grado genérico, un informalismo en el Brasil. Sí, en cambio, una abstracción geométrica muy pronunciada.

Muchos de los maestros que aquí se reseñarán han participado de la figuración en etapas anteriores; pero su abierta militancia actual en una problemática abstracta me hace incluirlos en este lugar. Es el caso de *Cícero Dias* (1907). Su tránsito desde una estética de la realidad cotidiana hasta otra de forma pura radicalizada es terminante. También *Miltón Dacosta* (1903) derivó desde la figuración hasta la abstracción; pero en su primitiva estilística había ya una noticia poscezanniana que la hacía presagiar. La posición de *Roberto Burle Marx* (1909) es distinta, pues en él no hay un abandono de la figuración ni una vinculación radical al abstractismo. Oscila entre ambas con un desdén absoluto por hacer de ello problema consciente, como es el que, en cualquier caso, los valores ornamentales en que se asienta su estilo siempre son de índole abstracta.

Tal y como se nos presenta la abstracción en el Brasil, apenas hay una posibilidad remota de establecer una diferencia que no sea de orden geométrico. Tan sólo son insólitas, en ese orden, las posiciones de Antonio Bandeira (1922) y *Aloisio S. Magalães* (1927). El primero, con sus intuiciones de un musicalismo y hasta de un vegetalismo, podría ser el antecedente para una prenata abstracción informal brasileña. También el segundo, aunque las vivencias de su pintura ya no sean de tipo surreal, sino de tipo impresionista, entre cuyas posibilidades visuales y la abstracción fluctúa su arte. En fin, es posible que en el expresionismo no figurativo de *Frans Krascberg* (1921), de sustancia dramática como el de Hartung, se pudiera vislumbrar una tercera posibilidad.

Samson Flexor (1907), si bien realiza un complejo de formas de módulo geométrico estricto, parece poner al día la problemática futurista por la busca de posibilidades de un dinamismo. *Fernando Lemos* (1926) recrea un barroquismo de curvas volátiles. *Firmino F. Saldanha* (1915) inscribe bellas formaciones cromáticas en esquemas lineales. *Abraham Palatnik* (1928) es un creador de masas espaciales determinadas por unidades sucintas.

El último extremo de la abstracción geométrica brasileña se autodenomina, como sus congéneres universales, «concretismo». El nombre está bien, y responde a la estricta racionalidad con que está concebido este arte. Herederos de Mondrian y Malevitch, discípulos de Vantongerloo, de Max Bill y de la nueva escuela suiza, conciben la obra como una creación estrictamente mensurable y, por tanto, concreta. Alguno de sus elementos ha quedado ya reseñado entre los grabadores. Por lo que a la pintura se refiere, sus más calificados representantes son: *Jacques Douchez* (1921), ordenador de un cierto mecanicismo de bloques de dinámica neutralizada, a la manera de Dewasne. *Aluisio Carvao* (1918), delimitador de unidades formales rectangulares en un espacio plano. *Lothar Charoux* (1911), investigador de ritmos diédricos mediante lineaciones. *Ubi Bava* (1915), que alterna concreciones formales con un ritmo curvilíneo. *Hermelindo Fiaminghi* (1920), experimentador de una óptica a la manera de Vasarely. *Geraldo de Barros* (1923), cuya pintura desarrolla un juego de ocupaciones y vacíos espaciales, mediante secciones de una figura-módulo. *Waldemar Cordeiro* (1925), que establece un contrapunto del plano con el espacio tridimensional a base de proyección de ritmos centrífugos. Acaso el artista de mayor significación universal de esta tendencia sea *Ivan Serpa* (1923), cuya técnica pictórica y de «collages», si rigurosamente geométrica en cuanto se atiene a módulos arquetípicos, tiene también un cierto temblor lírico, pues las unidades de que se sirve sugieren, por su relación formal—y hasta por su relación cromática—, una dicción musicalista.

LA ESCULTURA

En el Brasil la escultura no ha tenido cultivadores en número suficiente como para que se pudiera establecer un parangón apreciable con el arte pictórico. En realidad, el formidable florecimiento de las artes visuales se ha desarrollado casi con exclusividad en la pintura. Han existido y existen, sin embargo, apreciables maestros, aun cuando ninguno de ellos ha alcanzado la solidez magistral de un Segall o un Portinari.

Además, contra toda lógica, la penetración de un vegetalismo elemental se ha producido principalmente por la escultura. En nuestros días, la contraposición al concretismo escultórico la ofrecen principalmente una serie de escultores que conciben la forma como una inmanencia vegetal, con un juego de masas preestablecido por las exigencias de la propia materia. Así, *María Martins* (1900), *Irene Hamar* (1909) y *Moussia Pinto Alves* (1910). Otras veces inician la fuga hacia un expresionismo, como *Mario Cravo* (1923) y *Sonia Ebling* (1922). Hay que referirse, sin embargo, a la vinculación anterior de la escultura con una figuración de corte clásico pos-Maillol, como *José Alves Pedrosa* (1916), o en una estilización al borde de lo no figurativo, como *Víctor Brecheret*.

La escultura de forma controlada, consciente del valor de las masas, tiene un alto representante en *Sergio de Camargo* (1930) y *Alfredo Cecchiati* (1918). El mayor valor del concretismo escultórico es, sin duda alguna, *Franz Weissmann* (1911), que ha abandonado definitivamente la investigación de las masas para encarar una problemática del espacio.

JOSÉ M.ª MORENO GALVAN

EL GAUCHO

(*Viene de la pág. 55.*) tan carnívora, el «gaúcho» la completa con harina de mandioca («farofa») y con el mate. La bebida del mate—la «cuia», la «bombilla» y la «chalera»—es una necesidad vital, y se toma con la parsimonia de un antiguo rito. Al desayunar, tras el almuerzo, a media tarde, como despedida antes de dormir, la «cuia», casi hirviendo y espumante, pasa de mano en mano, en la rueda de compañeros de faena; al aire libre, a campo raso; en las galerías de las casas de la peonada; muchas veces, desde la silla, de caballo a caballo, sorbiéndose, con la calidad del amargo líquido (el «chimarrão»), la tristeza inmensa de la pampa.

LA PAMPA; MEJOR DICHO, «O PAMPA»

La pampa—o, como dicen en el Brasil, «o pampa», masculinizándola, así como «o samba», en vez de la samba argentina—es, entre los paisajes de entraña monótona —mar, desierto, Antártida—, el más desoladoramente triste. Verde y azul o verde y gris; siempre inmóvil, siempre monocorde. El cielo, generalmente turbio y anubarrado, aplasta la inmensidad, que se dilata, falta de contrastes y contornos; el viento «minuano» desmelena toda esperanza de variación vital.

La pampa no tiene caminos propios; los caminos de la pampa son el caballo y la carreta.

Carreta pionera:
dos bueyes y dos ruedas y una vela
en pleno mar de hierba.
Ni un camino, ni un árbol, ni una [*hacienda;*
atrás, los desengaños que se [*cierran;*
delante, la esperanza siempre
y en medio [*abierta;*
la carreta pionera...

La esperanza es una casa, una fazenda», un alto, un hito que rompe la eterna monotonía verdegris.

Cuadriculando enormes extensiones, las propiedades de las «fazendas», con sus amplias casas de los señores, los «galpones» para la peonada, los almacenes, los pastizales, incluso los campos de aterrizaje particulares, son oasis de vida y riqueza, donde se encuentran todas las comodidades modernas, desde la piscina hasta la televisión, desde el «whisky» importado hasta la avioneta; todo rodeado por miles y miles de cabezas de ganado, que, multiplicándose por las tierras «gaúchas», hacen de Rio Grande do Sul el Estado ganadero del Brasil.

En estas «fazendas» el «gaúcho» es personaje esencial, y él tiene el corazón abierto, como las tranqueras de las «fazendas», a la hospitalidad.

LA HOSPITALIDAD «GAÚCHA»

Que se brinda, no sólo al amigo, al conocido, sino también al forastero, el mate caliente, la tajada de «churrasco», el cobijo para la noche. Y a lo mejor, al amor de la lumbre, bajo las estrellas, una canción triste al son de la guitarra, o una leyenda—*O negrinho do pastoreio*—mientras galopa la caballada invisible, porque el «gaúcho» ama la música y es sentimental.

Esa hospitalidad «gaúcha» no es de labios afuera, sino cordial; no es esporádica, personal, sino también colectiva. Hablo, no de oídas, por experiencia propia.

Tengo a gala ser socio invitado del Gremio Gaúcho de Pôrto Alegre, y digo a gala porque allí, y tratando a sus dirigentes, aprendí yo, y aprendió la colonia española de dicha capital, cómo es la hospitalidad «gaúcha». Aquel Gremio, fundado el 22 de mayo de 1898 para fomento de las costumbres y el folklore pampero, también sabe fomentar la amistad. Sus amplios locales se abrieron numerosas veces para la celebración de fiestas hispánicas y de actos de esparcimiento de los españoles residentes en Pôrto Alegre. Allí, en esas ocasiones, nuestra colonia fraternizó con ellos, con los «gaúchos», que, desprendida, generosamente, nos brindaron su hospitalidad.

Y que con ella nos ofrecieron la ocasión de conocer de cerca, por fuera y por dentro, a ese tipo humano brasileño, poco conocido, pero no por eso menos interesante: el «gaúcho», quien, al dar a los demás la hospitalidad de su corazón, se contenta con quedarse para él, para su vida, con su caballo y la pampa.

banco f. munhoz s. a.

banco f. munhoz s. a.

banco f. munhoz s. a.

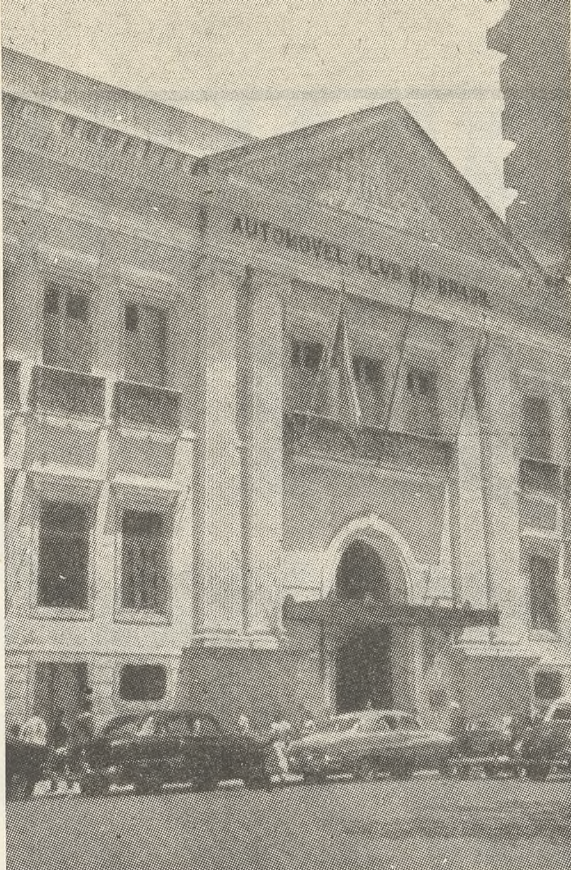

BOAS FESTAS
FELIZ ANO NOVO
CINEAC


BOAS FESTAS
FELIZ ANO NOVO
CINEAC

AUTOMOVIL CLUB DEL BRASIL

A ENTIDADE MÁXIMA DO AUTOMOBILISMO NACIONAL FICOU MAIS VELHA EM SETEMBRO

QUASI MEIO SÉCULO DE LUTAS E GLÓRIAS PELO PROGRESSO DO BRASIL



Em meio a justas comemorações, aliadas ao regozijo de todos os automobilistas do país, o Automóvel Club do Brasil viu passar, a 27 de setembro, o transcurso de seu 49.º aniversário.

Fazendo êste grato registro, «Carro à Vista» associa-se ás manifestações de júbilo dos Diretores e associados da tradicional entidade automobilística, aproveitando o ensejo para contar um pouco de sua história.

Em 1907, quando o automobilismo engatinhava no Brasil e o automóvel era considerado objeto de luxo, uma plêiade de desportistas, figuras de relêvo da sociedade brasileira, resolveu fundar uma associação que propugnasse pelo desenvolvimento automobilístico e proporcionasse diversões aos seus sócios e respectivas famílias. Dentro os seus fundadores, destacamos as personalidades de Luiz de Moraes Junior, Fernando Mendes de Almeida, Ernani Pinto, Candido Mendes de Almeida, almirante José Carlos de Carvalho e Gastão Ferreira de Almeida.

Obtendo em imediato grande número de entusiásticas adesões, a nova sociedade teve os seus estatutos aprovados em 1908, recebendo a denominação de «Automóvel Club do Brasil» quando foi instalada solenemente a sua séde na Práia de Botafogo, 308. Na ocasião, foi eleita a sua primeira Diretoria, sendo presidente o Dr. Aarão Reis.

Criado para desenvolver no país a prática do automobilismo e o estudo de tôdas as questões técnicas e econômicas relacionadas com essa atividade, o Automóvel Club do Brasil não tardou em pôr em prática as suas diretrizes e, em agosto de 1909, realizou a primeira corrida de automóveis —Circuito de São Gonçalo—no Estado do Rio, com a participação de volantes cariocas e paulistas, prova que alcançou enorme sucesso.

A medida que os anos foram passando, a entidade dos desportos motorizados soube projetar-se no cenário pátrio, lutando com denôdo e altivez em defesa dos interesses dos automobilistas, levando a cabo iniciativas de grande vulto, como, por exemplo, a realização de vários Congressos de Estradas de Rodagem, a construção da rodovia Rio-Petrópolis, a primeira grande Exposição de Automobilismo, Auto-propulsão e Estradas de Rodagem, a instituição do «Dia do Automóvel», a 13 de maio, o I Plano Rodoviário Nacional, trabalho de seu eminente Diretor, Eng.º Joaquim Catramby, além de incontáveis e valiosos serviços prestados ao país, através de sucessivos Govêrnos.

Atualmente, é presidido pelo desportista e brioso militar, Cel Sylvio Américo Santa Rosa, que vem exercendo uma das mais profícuas gestões. Conta commais de vinte mil associados, nas categorias turista, automobilista, efetivo e proprietário. Mantém sucursais nos Estados de São Paulo, Bahia e Pará, em franco progresso, notadamente neste último, cujos sócios, em menos de um ano, transformaram-na no Clube de maior projeção social do norte do país.

São seus filiados: Automóvel Club de Pernambuco, Automóvel Club Fluminense, Automóvel Club de Minas Gerais, Automóvel Club do Paraná, Automóvel Club do Rio Grande do Sul, Automóvel Club Sul Catarinense, existindo vários outros com processo de filiação em andamento.

Mantém, para perfeita assistência aos associados, os seguintes Departamentos e Seções: Automobilístico, Legal, Divulgação e Turismo, Técnico de Corridas, Internacional, Assistência Mecânica, Expansão Social, Contabilidade, Cobrança, Secretaria, Social, Arquivo, Almoxarifado, etc., além de garagem, postos de serviços, barbearia, restaurante, bar e *Revista Automóvel Club*, seu orgao oficial.

Tem representantes em quasi todos os Estados da União e nas principais cidades do universo.

O Automóvel Club do Brasil, em face ás suas múltiplas e importantes atividades, está filiado ás entidades: Federação Internacional do Automóvel (FIA), Federação Interamericana de Automóvel-Clubs (FIAC), Aliança Internacional de Turismo (AIT), Organização Mundial de Turismo e Automobilismo (OMTA), Organização de Turismo Automobilístico (OTA), Associação Internacional de Transportes Aéreos (IATA), Associação Internacional Permanente dos Congressos de Estradas de Rodagem e Organização das Entidades Não Governamentais do Brasil.

Colaborando com o Govêrno, está representado em diversas Comissões e Conselhos Oficiais, como segue: Comissão Nacional de Turismo, Comissão de Turismo do Ministério de Viação e Obras Públicas, Comissão de Assistência Turística nas Estradas de Rodagem, Comissão de Planejamento dos Transportes Coletivos do Rio de Janeiro, Comissão de Propaganda e Segurança do Trânsito na Cidade do Rio de Janeiro, Conselho Consultivo de Turismo da Prefeitura do Distrito Federal, Conselho Nacional de Trânsito e nos Conselhos Regionais de Trânsito dos Estados do Pará, Ceará, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná.

O Automóvel Club do Brasil é:

— Reconhecido de Utilidade Pública.
— Considerado Entidade Máxima do Automobilismo Nacional pelo Conselho Nacional de Desportos, em face ao Decreto-Ley 3.199.
— Membro nato do Conselho Nacional de Trânsito.
— Considerado Órgão Técnico e Consultivo do Govêrno.
— Acreditado oficialmente perante as autoridades municipais.
— Está autorizado oficialmente a emitir documentos internacionais, de acôrdo com os Decretos 18.323, 19.190 e 3.651.

O patrimônio do Automóvel Club do Brasil é incomensurável. De tradição, nem se fala. Em 1924, com a fusão da sociedade aristocrática que foi o Club dos Diários, sucessora do Cassino Fluminense, de tão brilhantes tradições, a entidade dos automobilistas recebeu um imenso legado nesse particular. Sua pinacoteca é famosa e os seus salões, dos mais suntuosos.

Entre as suas atividades atuais, é de se destacar a construção do Autódromo, velha e acalentada aspiração dos automobilistas cariocas. Este está localizado em Adrianópolis, Municipio de Nova Iguaçú, e os seus trabalhos estão sendo efetuados em marcha acelerada, no sentido de que no próximo ano, nos festejos do cinquentenário do Club, sejam realizadas as primeiras provas de caráter internacional.

Vê-se, portanto, que a existência do Automóvel Club do Brasil tem se constituido numa maravilhosa sequência de bons serviços prestados a Nação, motivo por que, ao comemorar o seu 49.º aniversário, é justo merecedor das manifestações de simpatia e aprêço que lhe têm sido tributadas.

DIRETORIA:

Presidente:
Cel. SYLVIO AMÉRICO SANTA ROSA

1.º Vice-Presidente:
Dr. FRANCISCO SOLNANO CARNEIRO DA CUNHA

2.º Vice-Presidente:
Dr. JOSÉ DE SEGADAS VIANA

3.º Vice-Presidente:
Dr. OSWALDO BRANDINO CORREA

4.º Vice-Presidente:
Dr. HERBAS DE CAMPOS ALMEIDA CARDOSO

Secretário general:
Dr. LUIZ RODOLPHO DE SOUZA DANTAS

1.º Secretário:
Dr. HENRIQUE SILVEIRA BULCÃO

2.º Secretário:
Sr. EDUARDO DE SOUZA ROMERO

1.º Tesoureiro:
Sr. SADY ALVES DA COSTA

2.º Tesoureiro:
Sr. ARTHUR FOMM

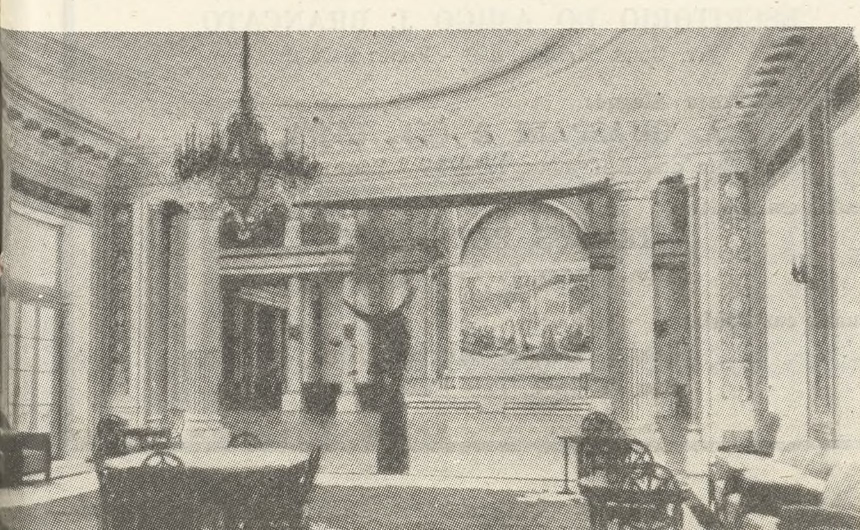
CONSELHO DELIBERATIVO

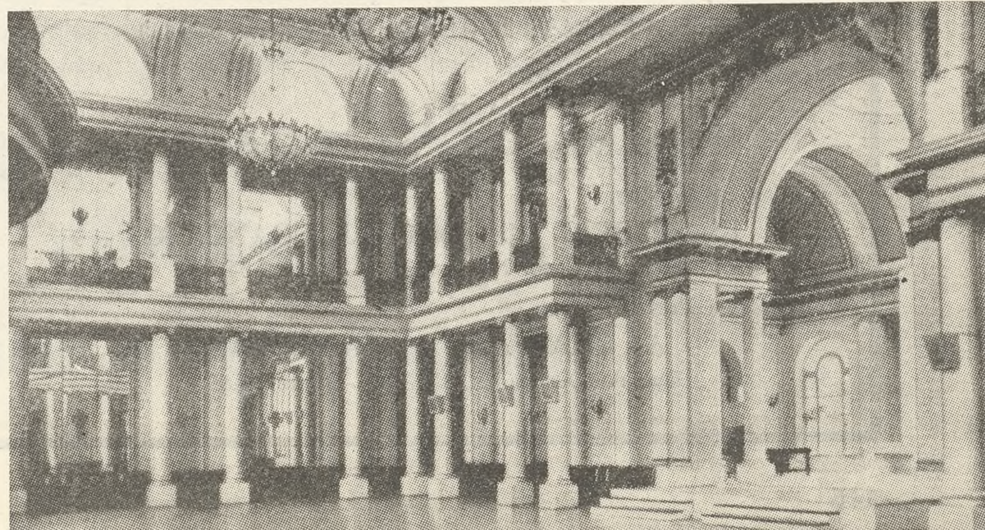
Presidente:
Dr. JUSTO RANGEL MENDES DE MORAES

Vice-Presidente:
Dr. CARLOS POVINA CAVALCANTI

COMISSÃO FISCAL

Dr. MANOEL SILVINO MONJARDIM
Sr. JEAN JARON
Cel. FERNANDO ALBERTO COELHO DE MAGALHÃES

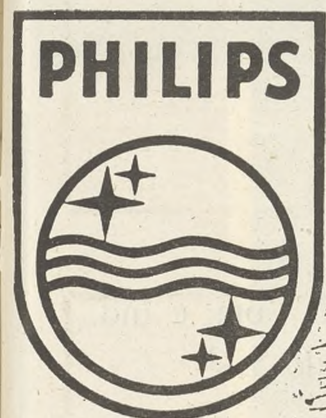




1ª MIL MILHAS BRASILEIRAS

A S.A. PHILIPS DO BRASIL

orgulha-se de ter contribuido com a iluminação especial do Autódromo de Interlagos para o brilhantismo da 1.ª Mil Milhas Brasileiras.



Aos organizadores dêsse certame, aos intrépidos volantes de todos os recantos do Brasil, a PHILIPS presta a sua homenagem, pela magnífica iniciativa, que elevará o nível esportivo do automobilismo brasileiro.

NA CORRIDA PELA QUALIDADE
PHILIPS É A VENCEDORA

rádios, radiofones e televisores

INSEPARABLES

La pareja... y el obsequio...



Varon Dandy

Dos productos perfectos, con el mismo perfume

Realzan la masculinidad.

...dejan una estela de gratos recuerdos...

PARERA